

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A PRAÇA DA FACULDADE: referência cultural do bairro do Prado e Maceió.

Jéssica de Cássia Silva Gonçalves

Maceió

2018

Jéssica de Cássia Silva Gonçalves

A PRAÇA DA FACULDADE: referência cultural do bairro do Prado e Maceió.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Josemary Omena Passos Ferrare

Maceió

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 - 661

G635p Gonçalves, Jéssica de Cássia Silva.
 A Praça da Faculdade: referência cultural do bairro do Prado e Maceió / Jéssica de Cássia Silva Gonçalves. – 2018.
 194 f. : il., fots.

Orientadora: Josemary Omena Passos Ferrare.
Tese(doutorado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 114-118.
Anexos: f. 119-170.
Anexos: 171-194.

1. Espaço público (Arquitetura). 2. Praças – Maceió (AL) – História. 3. Praça da Faculdade (Prado, Maceió (AL)). – Patrimônio cultural. 4. Bairros – Aspectos socioculturais. I. Título

CDU: 712.254(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

Jéssica de Cássia Silva Gonçalves

A PRAÇA DA FACULDADE: referência cultural do bairro do Prado e Maceió.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA em / /2018

BANCA EXAMINADORA

Josemary Omena Passos Ferrare
Prof^ª. Dr^ª. Josemary Omena Passos Ferrare
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

J. Michaello
Prof^ª. Dr^ª. Juliana Michaello Macedo Dias
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante
Prof^ª. Dr^ª. Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

Janaina Cardoso de Mello
Prof^ª. Dr^ª. Janaina Cardoso de Mello
Universidade Federal de Sergipe – UFS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Josilene e João.

Ao Hugo Cunha por todo apoio, companheirismo, contribuições e por sempre me inspirar a ser melhor.

À minha orientadora Josemary Ferrare, por todo conhecimento compartilhado, pela paciência e pelo encorajamento na área acadêmica. Agradeço pelo tempo e esforço dedicado a este trabalho.

Às professoras que compuseram minha banca examinadora: Juliana Michaello, Morgana Duarte e Janaina Cardoso por terem gentilmente aceito o convite e pelas contribuições ao trabalho.

Aos professores do DEHA pelos conhecimentos transmitidos.

Aos amigos que de forma atenciosa se dispuseram a me acompanhar nos momentos de pesquisa *in loco*. E aos que sempre me incentivaram e torceram pelo meu sucesso e pela conclusão de mais essa etapa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa no período de 2016 à 2017.

À todos que direta ou indiretamente, tornaram possível a realização deste trabalho.

RESUMO

A Praça da Faculdade, localizada no bairro do Prado em Maceió, surgiu no final do século XIX de um grande largo formado em frente ao Quartel do 33º Batalhão de Caçadores depois de terminada a obra do prédio. Recebeu alguns nomes até chegar à atual denominação, e assim como os nomes que recebeu, fisicamente, a Praça da Faculdade também passou por transformações. Foi cenário de importantes eventos cívicos e religiosos, e das famosas festas de Natal da capital entre as décadas de 1970 a 1980. Atualmente consiste em um espaço público urbano consolidado, dinâmico e que ainda cumpre o papel de palco principal para as atividades do Prado e da cidade como um lugar de confluência e de grande espacialidade. A Praça é carregada de símbolos e memórias que emanam da coletividade do bairro e da cidade, e que precisam ser reconhecidos. Em termo de relevância cultural, é importante ressaltar ainda que a Praça, incluindo-se o Panteão, e o prédio da antiga Faculdade de Medicina, localizado em frente ao espaço, constitui uma Unidade Especial de Preservação (UEP) através da Lei Municipal nº 5.486 de 2005 da instituição do Plano Diretor de Maceió. E apesar da gestão do patrimônio cultural de Maceió demonstrar concordar com os valores que reforçam a Praça como um espaço de relevância cultural para cidade pela sua inclusão nas UEPs, percebe-se a não implementação das diretrizes específicas para a preservação desse patrimônio, e principalmente a inexistência de ações que promovam o envolvimento da população no processo do reconhecimento das referências culturais que lhe validam a condição de ser Patrimônio Cultural. A discussão que permeia essa dissertação parte da premissa de que uma determinada realidade social constrói referências culturais que vem a constituir o aspecto simbólico de um espaço, nesse caso, a Praça da Faculdade. Dessa forma, o objetivo geral do trabalho consistiu em analisar as permanências, as rupturas e as relações do antigo com o novo através de uma narrativa da Praça da Faculdade para o reconhecimento de sua relevância como Patrimônio Cultural do bairro do Prado e Maceió. Para o alcance desse objetivo foram utilizadas fontes distintas, porém complementares: uma baseada nos documentos/arquivos oficiais e a outra nos depoimentos orais. Por fim, compreendeu-se que através do que ficou retido na memória dos usuários da Praça da Faculdade e pelo que ela ainda representa para a comunidade detentora, é que se torna um espaço de relevância cultural para o bairro do Prado e Maceió. Contudo, somente a partir da incorporação da produção material e simbólica da população às políticas preservacionistas é que a Praça se manterá como um patrimônio cultural.

Palavras-chave: Praça da Faculdade; Referência Cultural; Prado; Maceió.

ABSTRACT

The square, named Praça da Faculdade, located in the Prado neighborhood in Maceió city, emerged at the end of the 19th century from a large square in front of the Barracks of the 33rd Batalhão de Caçadores after the construction of the building was finished. It received some names until arriving at the current denomination, and just like the names that received, physically, the Praça da Faculdade also underwent transformations. It was the scene of important civic and religious events and the famous Christmas celebrations of the capital from the 1970s to the 1980s. Today it consists of a consolidated urban public space, dynamic and still fulfilling the role of the main stage for the activities of the Prado and the city as a place of confluence and great spatiality. The Square is loaded with symbols and memories that emanate from the collective of the neighborhood and the city, and that needs to be recognized. In terms of cultural relevance, it is important to emphasize that the Square, including the Pantheon, and the former building of the Faculty of Medicine, located in front of the space, constitute a Unidade Especial de Preservação (UEP) through Municipal Law 5.486 2005 of the institution of the Master Plan of Maceió. And despite the fact that Maceió's cultural heritage management demonstrates agreement with the values that reinforce the Square as a space of cultural relevance for the city by its inclusion in the UEPs, one notices the non-implementation of the specific guidelines for the preservation of this patrimony, lack of actions that promote the involvement of the population in the process of recognition of cultural references that validate the condition of being Cultural Heritage. The discussion that permeates this dissertation starts from the premise that a certain social reality constructs cultural references that come to constitute the symbolic aspect of a space, in this case, the Praça da Faculdade. In this way, the general objective of the work was to analyze the permanent, ruptures, and relations of the old and the new through a narrative of the Praça da Faculdade to the recognition of its relevance as Cultural Heritage of the Prado and Maceió. To achieve this objective, different but complementary sources were used: one based on the official documents/files and the other on the oral statements. Finally, it was understood that through what was retained in the memory of the users of the Praça da Faculdade and what it still represents for the community that holds it, it becomes a space of cultural relevance for the Prado and Maceió. Although, only from the incorporation of the material and symbolic production of the population to the preservationist policies will the Square be maintained as a cultural heritage.

Keywords: Praça da Faculdade; Cultural Reference; Prado; Maceió.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Planta da vila de Maceió produzida pelo engenheiro Carlos de Monay em 1841, a partir da planta elaborada por José da Silva Pinto em 1820. Fonte: CAVALCANTI, 1998. Trabalhado pela autora..... 18
- Figura 2** – Praça D. Pedro II no Centro de Maceió. Ao fundo Catedral Metropolitana de Maceió e à direita a Assembleia Legislativa que utiliza uma área da Praça cercada para estacionamento. A Praça foi fotografada em um domingo, praticamente vazia exibe uma dinâmica diferente dos dias de segunda a sábado em que a Praça tem um fluxo mais intenso de transeuntes devido ao funcionamento do comércio da área Fonte: Acervo pessoal, 2018. 20
- Figura 3** – Praça Marechal Deodoro da Fonseca no Centro de Maceió. Ao fundo o Teatro Deodoro e do lado esquerdo o Tribunal de Justiça. Assim como a Praça D; Pedro II, essa foi fotografada em um domingo, exibindo uma dinâmica diferente dos dias de segunda a sábado em que a Praça também possui um fluxo mais intenso de transeuntes devido ao funcionamento do comércio da área. Fonte: Acervo pessoal, 2018. 21
- Figura 4** – Praça Marechal Floriano Peixoto no Centro de Maceió. Ao fundo o Museu do Palácio Floriano Peixoto. O fluxo da Praça geralmente é bastante intenso nos dias de segunda-feira a sábado durante o dia devido ao funcionamento do comércio da área, assim como as outras Praças localizadas no Centro. No domingo a Praça fica deserta, sendo encontradas no local apenas algumas pessoas em situação de rua. Fonte: Acervo pessoal, 2018. 22
- Figura 5** – Praça Dois Leões no Jaraguá, em Maceió. Ao fundo, a Igreja de Nossa Senhora Mãe do Povo e a Praça Bom Jesus dos Navegantes (à esquerda). Devido ao ângulo de captura da foto não foi possível visualizar as estátuas (por trás das palmeiras). Fonte: Acervo pessoal, 2018. 23
- Figura 6** – Praça Lucena Maranhão e ao fundo a Paróquia de Santo Antônio de Pádua. Fonte: Acervo pessoal, 2018. 24
- Figura 7** – Praça Visconde de Sinimbu. Vê-se ao fundo a Casa de Jorge de Lima (à esquerda), o prédio da antiga Faculdade de Engenharia e atual Espaço Cultural (à direita) e o prédio da antiga Residência Universitária (à direita). Imagem com distorção pelo ângulo da foto em modo panorâmico. Fonte: Acervo pessoal, 2018. 25
- Figura 8** – Mapa esquemático ilustrando a localização do bairro do Prado em Maceió (à esquerda) e seu limite em destaque na imagem (à direita), e os bairros do Centro, Trapiche da Barra e Levada em volta. Destaque para a Praça da Faculdade (em verde) à direita.

Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió e Google Earth, 2017. Trabalhado pela autora.	39
Figura 9 – Fotografia da fachada do Cemitério Nossa Senhora da Piedade no final do século XIX. Fonte: Desconhecido. Disponível em: < http://www.historiadealagoas.com.br/cemiterio-de-n-s-da-piedade-completa-160-de-historias.html#comment-1593 >.....	39
Figura 10 - Fachada do prédio onde funcionava o Instituto Médico Legal Estácio de Lima, atualmente desocupado. Similar à fachada do prédio da antiga Faculdade de Medicina, mais à frente, na Figura 18. Fonte: Acervo pessoal, 2017.....	41
Figura 11 - Edifícios residenciais Ômega, Antares, Vega e Maison Chateaubriand, implantados onde se localizava o terreno do antigo asilo Santa Leopoldina. Fonte: Acervo pessoal, 2017.	42
Figura 12 – Fachada principal do cemitério São José no Prado. Fonte: Acervo pessoal, 2017.	42
Figura 13 – Fachada principal do cemitério Nossa Senhora da Piedade no Prado e Avenida Siqueira Campos. Fonte: Acervo pessoal, 2017.	43
Figura 14 - Da direita para a esquerda, o Quartel do 33º Batalhão de Caçadores (Quartel de Linha), o espaço descampado à sua frente e o Asilo Santa Leopoldina. Início da paisagem urbana do bairro do Prado, primeiras edificações no entorno do espaço que viria a ser a Praça da Faculdade. Fonte: Acervo digital do Museu de Imagem e Som de Alagoas – MISA, s/d.....	44
Figura 15 – Fotografia do momento de chegada das forças revolucionárias em frente ao Quartel, outubro de 1930. Nota-se ao fundo o prédio do Asilo Santa Leopoldina (centro da imagem) e algumas residências já em volta da Praça. Fotografia capturada do ângulo de onde atualmente é a Avenida Siqueira Campos. Fonte: Acervo digital do Museu de Imagem e Som de Alagoas – MISA, data na fotografia.....	44
Figura 16 – Fotografia do desfile militar na Praça da Faculdade, década de 1940. Vê-se ao fundo o adensamento de edificações em volta da Praça e a elevação em alvenaria com a escadaria voltada para a fachada do Quartel, mantendo a relação como espaço de atividades cívicas mencionadas no texto. Fonte: http://www.historiadealagoas.com.br/praca-da-faculdade.html . Acesso em 29 set. 2017.	45
Figura 17 - Registro do primeiro Congresso Eucarístico Provincial de Ação Católica em Maceió, em 1945. Vê-se ao fundo do lado direito da fotografia, o elevação em alvenaria	

mencionado na Figura 16, e do lado esquerdo o cemitério N ^o Sra. da Piedade. Fonte: Acervo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Maceió, 1945.	45
Figura 18 – Fotografia da fachada do prédio do antigo Quartel, reformado para abrigar a Faculdade de Medicina de Alagoas. Fonte: Acervo digital do Museu de Imagem e Som de Alagoas – MISA, s/d.	46
Figura 19 – Fotografia do Panteão instalado na Praça da Faculdade atualmente. Ao lado recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	47
Figura 20 – Fotografia de um recorte do Jornal Gazeta de Alagoas de 2 de setembro de 1952, em que destaca a aprovação da emenda que autoriza a construção, em Maceió, do Panteão a Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e a Tavares Bastos. Fonte: Arquivo Público de Alagoas – APA.	48
Figura 21 – Fotografia de autoridades acadêmicas e políticas (Presidente do Brasil – Castelo Branco) na rampa de acesso à portaria do prédio da Faculdade de Medicina. Ao fundo o Panteão e trecho do casario da Av. Siqueira Campos, predominantemente com platibanda; década de 1960. Fonte: Acervo UFAL.	48
Figura 22 – Sobre a fotografia, a moradora Maria Sarmento descreve que a grade ao fundo era a grade que cercava a Praça da Faculdade. Fonte: Acervo pessoal de moradora antiga do bairro do Prado digitalizado, s/d.	50
Figura 23 - Recorte de imagem de satélite enquadrando a Praça da Faculdade e o prédio da antiga Faculdade de Medicina. Destaque para o alinhamento existente entre a fachada sul do Panteão e a fachada principal do prédio da antiga Faculdade. Fonte: Google Earth, 2017. Trabalhado pela autora.	51
Figura 24 – Panteão (à esquerda, encoberto pela arborização) em alinhamento com a portada principal do prédio da antiga Faculdade de Medicina (à direita). Imagem com distorção pelo ângulo da foto em modo panorâmico. Ao canto inferior direito recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.	51
Figura 25 – Fotografia do pórtico na Praça da Faculdade marcando a tradicional festa natalina realizada no espaço, provavelmente em um dos anos de rodízio do espaço com a Praça do Pirulito (ver nota Erro! Indicador não definido.). Observam-se as datas no pórtico, 1955 (lado esquerdo da imagem) e 1956 (lado direito da imagem), e desejos de feliz	

natal e ano novo. Fonte: Página do Facebook: Maceió Antiga. Sem registro dos direitos da foto postada. Acesso em: 01 out. 2017.....	53
Figura 26 - Registro fotográfico da Praça da Faculdade com a instalação dos Parques para a tradicional festa de fim de ano. Fonte: Acervo digital do Museu de Imagem e Som de Alagoas.....	54
Figura 27 – Fotografia do portal de entrada da Praça como decoração para as tradicionais festas natalinas. Nota-se ao fundo o Panteão, já implantado na Praça. Fonte: Acervo UFAL, s/d.....	54
Figura 28 – Registro do parque instalado na Praça da Faculdade em dezembro de 2013, permaneceu instalado no local até janeiro de 2014. Fonte: Acervo pessoal, 2014.	56
Figura 29 - Registro de caminhão estacionado nos limites da Praça junto ao lixo acumulado. Fonte: Acervo pessoal, 2014.	57
Figura 30 – Registro de equipamento urbano da Praça depredado. Fonte: Acervo pessoal, 2014.	57
Figura 31 – Registro da Praça da Faculdade em estado de abandono, Panteão ao centro. Fonte: Acervo pessoal, 2014.	58
Figura 32 – Registro da Praça da Faculdade em processo de reforma. Panteão ao fundo já dado início à vedação da entrada com alvenaria. Fonte: Acervo pessoal, 2016.	58
Figura 33 – Fotografia com imagem parcial da Praça meses após a conclusão da obra de revitalização. Ao fundo o Panteão, do lado esquerdo os equipamentos de ginástica, do lado direito as quadras esportivas e a vista dos prédios residenciais. Observa-se: o Panteão ainda degradado; o passeio da Praça com problemas de escoamento; descuido com a vegetação da Praça. Ao canto inferior direito recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.	59
Figura 34 – Fotografia com imagem parcial da Praça alguns meses após a conclusão da obra de revitalização. Observam-se os equipamentos de ginástica sendo utilizados; a pista para skate pichada; e descuido com a vegetação da Praça. Ao canto inferior esquerdo recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.	60
Figura 35 – Funcionamento da área destinada à praça de alimentação no espaço da Praça da Faculdade no início da noite. Observa-se ao fundo, à esquerda, a instalação de dois banheiros químicos no espaço que foram retirados posteriormente. Ao canto inferior esquerdo recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia.	

Fonte: Acervo pessoal, 2017. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.	60
Figura 36 – Fotografia da Praça da Faculdade. Sofá colocado na área de grama da Praça utilizado pela população em situação de rua que se encontram na Praça. Ao canto inferior direito recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.	61
Figura 37 – Foto da fachada de entrada do Panteão após a revitalização que ocorreu na Praça da Faculdade em 2016. Observa-se a falta da peça de mármore acima da entrada e o bloqueio da entrada com alvenaria. Ao canto superior direito recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2016. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.	62
Figura 38 – Foto da fachada de entrada do Panteão, oposta à da Figura 37, após a revitalização em 2016. Observa-se o bloqueio da entrada com alvenaria e a instalação de modo improvisado da porta de madeira. Ao canto superior esquerdo recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2016. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.	62
Figura 39 – Foto da fachada de entrada do Panteão, oposta à da Figura 37, após a revitalização em 2016. Observa-se o bloqueio da entrada com alvenaria e o complemento do bloqueio substituindo a porta de madeira. Fonte: Ao canto superior direito recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2017. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.	63
Figura 40 – Registro da 18ª Feira da Reforma Agrária ocorrida em setembro de 2017 na Praça da Faculdade. A feira desde sua primeira edição se instala na Praça. Fonte: Acervo pessoal, 2017.	64
Figura 41 – Preparação para a 26ª edição da Feira Camponesa na Praça da Faculdade. Destaque para o palco onde ocorrem os eventos culturais (shows e apresentação de folgedos) durante a comercialização dos alimentos no espaço. Fonte: Acervo pessoal, 2017.	64
Figura 42 – Arrumação para a 1ª Feira das Margaridas na Praça da Faculdade. Destaque para o palco onde ocorrem os eventos culturais (shows e apresentação de folgedos) durante a comercialização dos alimentos no espaço. Fonte: Acervo pessoal, 2017.	65
Figura 43 – As bordas da Praça da Faculdade ocupadas por ambulantes para a venda de milho. Fonte: Acervo pessoal, 2018.	65

Figura 44 – Iluminação temática para decoração natalina na Praça da Faculdade. Fonte: Acervo pessoal, 2016.	66
Figura 45 – Apresentação de show musical com artistas regionais ocorrido na Praça da Faculdade no Mês das Tradições Populares que acontece em agosto. Fonte: Acervo pessoal, 2016.	67
Figura 46 – Registro do evento Lazer itinerante na Praça da Faculdade. Fonte: disponível em: < http://www.maceio.al.gov.br/galeria/lazerpracaacademia/ >. Acesso em: set. 2018.	67
Figura 47 – Recorte de imagem de satélite enquadrando a Praça da Faculdade e a Praça Almirante Custódio. Observa-se a grande diferença entre as Praças em termos de dimensão. Fonte: Google Earth, 2018. Trabalhado pela autora.	69
Figura 48 – Praça Almirante Custódio de Melo no Prado. Fonte: Acervo pessoal, 2017.	70
Figura 49 – Mapa de uso e ocupação (atividades ligadas à morte) do Prado evidenciando a Avenida Siqueira Campos e o entorno imediato da Praça da Faculdade a partir de um recorte do mapa do bairro. Abaixo o mapa do Prado, sem escala, evidenciando o recorte que feito. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	71
Figura 50 – Croqui do atual traçado da Praça da Faculdade destacando os principais pontos de referência do espaço e do seu entorno. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	73
Figura 51 – Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da tarde, de acordo com a descrição para o dia 29 de novembro de 2016. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	74
Figura 52 – Croqui de localização de ângulo das fotografias capturadas no dia 12 de abril de 2017. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	74
Figura 53 - Registro do local onde se situava o terminal rodoviário visto da Praça da Faculdade, por volta das 8 horas da manhã. Nota-se o considerável fluxo de transportes, tanto na Av. Siqueira Campos (à esquerda) como na congruente que tangencia o local do antigo terminal. Fonte: Acervo pessoal, 2017.	75
Figura 54 - Registro da Praça da Faculdade por volta de um pouco mais das 9 horas da manhã. Poucos locais sombreados e a Praça vazia. Fonte: Acervo pessoal, 2017.	75

Figura 55 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da manhã, de acordo com a descrição para o dia 12 de abril de 2017. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	76
Figura 56 - Registro da Praça da Faculdade por volta das 18h vista do espaço do antigo terminal rodoviário. Fonte: Acervo pessoal, 2017.	77
Figura 57 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da tarde, de acordo com a descrição para o dia 12 de abril de 2017. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	77
Figura 58 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da noite, de acordo com a descrição para o dia 12 de abril de 2017. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	79
Figura 59 - Croqui de localização de ângulo das fotografias capturadas no dia 01 de março de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	79
Figura 60 - Registro da Praça da Faculdade por volta das 14h. Observar mala e outros pertences dos moradores da Praça colocados debaixo do banco. Fonte: Acervo pessoal, 2018.	80
Figura 61 - Registro da Praça da Faculdade por volta das 15h. Momento em que começa a instalação do parque e ambulantes. Fonte: Acervo pessoal, 2018.	80
Figura 62 - Registro da Praça da Faculdade por volta das 19h. Parquinho e os ambulantes. Fonte: Acervo pessoal, 2017.	81
Figura 63 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da tarde, de acordo com a descrição para o dia 01 de março de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	81
Figura 64 - Registro da Praça da Faculdade por volta das 18h. Morador da Praça na grama antes de começar a chover. Fonte: Acervo pessoal, 2018.	82
Figura 65 – Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da noite, de acordo com a descrição para o dia 01 de março de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	82
Figura 66 - Croqui de localização de ângulo das fotografias capturadas no dia 30 de junho de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	83
Figura 67 – Ao fundo (à esquerda) as tendas montadas para a venda de milho no mês de junho na Praça da Faculdade. Fonte: Acervo pessoal, 2018.	84

Figura 68 – Registro do momento em que a criança utiliza o parquinho da Praça acompanhada da mãe. Observa-se ao lado direito da imagem a formação de poças de água. Fonte: Acervo pessoal, 2018.....	84
Figura 69 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da manhã, de acordo com a descrição para o dia 30 de junho de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	85
Figura 70 - Croqui de localização de ângulo das fotografias capturadas no dia 08 de julho de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	85
Figura 71 – Vista parcial da Praça e da Avenida Siqueira Campos. Observam-se os taxistas e moto taxistas ao fundo. Fonte: Acervo pessoal, 2018.	86
Figura 72 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da manhã, de acordo com a descrição para o dia 08 de julho de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	87
Figura 73 – Praça da Faculdade vista parcialmente do ponto de ônibus na Siqueira Campos. Registro de um dos períodos durante a ocorrência de chuva; e as pessoas (que estavam na Praça ou passando por ela) se abrigando em locais cobertos no espaço. Algumas se abrigaram do outro lado, na calçada onde existe um beiral em que se situa uns dos pontos de ônibus municipal. Fonte: Acervo pessoal, 2018.	88
Figura 74 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da tarde, de acordo com a descrição para o dia 08 de junho de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	89
Figura 75 – Gráfico de intensidades das atividades (passadas e presentes) relacionadas por década na Praça da Faculdade. Fonte: Produzido pela autora, 2018.	102
Figura 76 – Croqui síntese do traçado da Praça da Faculdade e pontos de referência identificando as áreas de ocupação classificadas em alta, média e baixa permanência. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evolução das funções das praças brasileiras.....	15
Quadro 2 - Diagrama de Estratégias Combinadas e fontes de dados.	34
Quadro 3 – Evolução das funções da Praça da Faculdade.....	68
Quadro 4 – Histórico de atividades da Praça da Faculdade em função da década (1960-2010) e a intensidade de ocorrência.	101

LISTA DE SIGLAS

UEP – Unidade Especial de Preservação

TFG – Trabalho Final de Graduação

APA – Arquivo Público de Alagoas

MISA – Museu de Imagem e Som de Alagoas

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

PPGAU – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo

UFAL– Universidade Federal de Alagoas

MUPA – Museu do Palácio Floriano Peixoto

INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais

SEMPPLA – Secretária de Planejamento e Desenvolvimento

MST – Movimento sem Terra

CPT – Comissão Pastoral da Terra

Iteral – Instituto de Terras das Margaridas do Crédito Fundiário

VLT – Veículo Leve Sobre Trilhos

Semds – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Sustentável

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. AS PRAÇAS DO PASSADO AO PRESENTE.....	6
1.1. As praças em uma breve revisão histórica.....	7
1.2. As praças no Brasil	9
1.3. As praças em Maceió: da origem a outros espaços públicos	16
2. PRAÇAS E MEMÓRIA.....	26
2.1. Praça como símbolo sociocultural.....	26
2.2. Memória coletiva, patrimônio e o espaço das praças	27
3. A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA SOBRE A PRAÇA DA FACULDADE	33
3.1. O objeto de estudo.....	33
3.2. Procedimentos metodológicos	33
3.3. Pesquisa histórico-interpretativa e pesquisa qualitativa.....	34
4. A PRAÇA DA FACULDADE	38
4.1. O Prado e a Praça da Faculdade	38
4.2. O ontem e o hoje da Praça	43
4.3. Entorno: o que está em volta da Praça	68
5. O QUE ACONTECE NA PRAÇA DA FACULDADE	72
5.1. O que se vê.....	72
5.2. O que as pessoas veem: uma análise das entrevistas	89
5.3. A Praça da Faculdade e seu lugar praticado.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS	114
ANEXO.....	119
APÊNDICE	171

INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado **A PRAÇA DA FACULDADE: referência cultural do bairro do Prado e Maceió** busca, através de uma narrativa, compreender a importância simbólica e de natureza subjetiva que o espaço da Praça possui entre a população do bairro e da cidade, em geral, procurando alertar para o reconhecimento de sua relevância e, ainda, contribuir nas discussões acerca da perspectiva de conservação e preservação desse Patrimônio.

A escolha do objeto de estudo, foi motivada pelo contato da autora com a Praça da Faculdade nos trajetos entre as cidades de São Miguel dos Campos e Maceió que eram realizados para se chegar à Ufal, durante a graduação em Arquitetura e Urbanismo (2009 - 2014), nos dias e horários extras em que não era possível utilizar o ônibus que a prefeitura do município disponibilizava aos estudantes. Então, entre as chegadas e as partidas, que ocorriam primeiramente¹ no Terminal Rodoviário que se localizava em frente à Praça da Faculdade, era quase impossível não observá-la, e o mais curioso, era a edificação localizada no seu centro.

Quando surgiu a necessidade da escolha do tema para o Trabalho Final de Graduação – TFG (2009), considerando a relação que a autora já tinha com a área do patrimônio devido à participação em projetos de Iniciação Científica² com temas relacionados às ações preservacionistas, logo se despertou o interesse em trabalhar a edificação da Praça da Faculdade. Assim sendo, para o Trabalho Final de Graduação³ foi elaborado um anteprojeto de restauro do monumento situado no eixo central da Praça da Faculdade, - o Panteão.

Após a conclusão do trabalho final da graduação, e, ao decidir cursar o mestrado (2016), a escolha do objeto de estudo se desenvolveu através da necessidade de se investigar além do monumento e, explorar a Praça como um todo, ao observar durante as visitas *in loco* e pesquisas em que envolviam o tema do TFG, que o espaço da Praça é carregado de símbolos e memórias que emanam da coletividade do bairro e da cidade, e que precisavam ser reconhecidos.

¹ O transporte com o trecho S. Miguel – Maceió, na época, chegava até o Terminal Rodoviário da Praça da Faculdade e de lá retornavam. Então do terminal era necessário outro transporte para se chegar à universidade.

² O primeiro projeto, intitulado: O Neocolonial: revisão conceitual-estilística e identificação de exemplares para preservação arquitetônica em Maceió (2012 – 2013), que tinha por objetivo analisar a ocorrência de edificações no estilo Neocolonial em Maceió e inventariar as que ainda apresentavam esse repertório estilístico, a fim de que fossem incluídas no elenco de UEPs da cidade.

O segundo projeto, intitulado: O olhar preservacionista das UEPs no Plano Diretor de Maceió sobre a arquitetura modernista: uma revisão e análise de valores arquitetônicos e patrimoniais de unidades protegidas (2013 – 2014), que teve por objetivo refletir sobre a visão preservacionista da gestão municipal em Maceió na inclusão de exemplares modernistas no elenco das UEPs, analisando os valores arquitetônicos individualizados e a representatividade patrimonial dos exemplares no contexto urbano local.

³ **Reafirmando o Monumento na PRAÇA:** projeto de restauro do PANTEÃO para a revitalização da "Praça da Faculdade" em Maceió (2014).

Dessa forma, o objeto de estudo desta pesquisa corresponde à Praça da Faculdade, situada no bairro do Prado em Maceió. E sendo importante ressaltar ainda que, o prédio da antiga Faculdade de Medicina, pano de fundo desta, constitui com ela própria e o Panteão uma Unidade Especial de Preservação (UEP) através da Lei Municipal nº 5.486 de 2005 da instituição do Plano Diretor de Maceió. E apesar da gestão do patrimônio cultural de Maceió demonstrar concordar com os valores que reforçam a Praça como um espaço de relevância cultural para cidade, pela sua inclusão nas UEPs, detecta-se uma dicotomia entre essa ação de escolha e o descaso em que a Praça esteve por tantos anos e não sendo, também, muito diferente após a revitalização de 2015. Prossegue-se percebendo a não implementação do próprio discurso do município que define critérios norteadores para a preservação do patrimônio cultural da cidade através diretrizes específicas previstas nos Artigos 64 e 65 da referida lei, e, principalmente a inexistência de ações que promovam o envolvimento da população no processo do reconhecimento das referências culturais que lhe validam a condição de ser patrimônio cultural.

O patrimônio cultural, de acordo com uma das definições apresentadas na Declaração do México (1985), pode ser entendido como o conjunto de valores que dão sentido à vida. E, conforme exposto no Art. 216 da Constituição Federal do Brasil de 1988, o patrimônio cultural brasileiro, seja ele de natureza material ou imaterial, deve ser representativo da identidade e memória de um grupo, e, por esse grupo ser reconhecido.

Entende-se que a identidade, na concepção sociológica, é formada na interação entre o eu e a sociedade (HALL, 2004), são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socioambientais de onde emergem os sentimentos de pertencimento (CANDAU, 2011).

Sobre a memória pertencente a um grupo, trata-se da memória coletiva, que como um fenômeno coletivo e social, configura-se como a memória afetiva capaz de atribuir a um espaço vivido uma conotação simbólica, construída nas relações, reações e interações entre esses vários indivíduos, e que por sua vez limitam-se no espaço e no tempo (HALBWACHS, 1990). No entanto, o tempo aqui importa somente na medida em que permite conservar e lembrar os acontecimentos que se produziram, levando à questão que coloca a história como um campo distinto da memória, visto que o tempo histórico não é o tempo vivido (MONTENEGRO, 2001), mas que, no entanto são inseparáveis compreendendo a história como uma construção que resgata o passado; e a respeito do espaço, entende-se que todas as ações de um grupo podem se traduzir em termos espaciais (HALBWACHS, 1990). É nesse contexto, que se insere a relação entre a memória e o patrimônio cultural no que diz respeito à institucionalização de um espaço através de símbolos mnemônicos.

Portanto, a Praça como um local de interação, em que o conjunto de práticas e permanências a atribuem um caráter simbólico e cultural, atua como o meio material onde a memória coletiva se conserva e pode ser evocada. Considerando ainda que quando um grupo está “inserido numa parte do espaço, ele o transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem” (HALBWACHS, 1990, p. 133).

E partindo do entendimento de que o valor não anuncia o objeto em si, mas a mensagem que ele comunica, foi adotada para a realização desta pesquisa a metodologia baseada na Estratégia Combinada (GROAT e WANG, 2013), que associa a pesquisa histórico-interpretativa à pesquisa qualitativa.

A pesquisa histórico-interpretativa foi conduzida através de revisão da literatura relativo ao tema, realizada em livros, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, a fim de constituir um repertório conceitual que desse contorno a: formação histórica das praças em geral, bem como as praças no contexto social, e sua relação com a memória e patrimônio; rastreamento documental a partir de arquivos e fotografia (a partir da década de 1890) em fontes primárias dos acervos do Arquivo Público de Alagoas (jornais, documentos e livros) e Museu de Imagem e Som de Alagoas (coleção de fotografias antigas de Maceió); além de outras fontes (acervo pessoal e páginas da internet) referentes ao processo histórico da Praça da Faculdade e fatos corriqueiros inerentes ao contexto em que está inserida.

A pesquisa aplicada à população e que serviu de substrato para a avaliação qualitativa se desenvolveu a partir de visitas à Praça da Faculdade, em que foi escolhido de forma aleatória para a análise dias durante a semana e nos finais de semana nos meses de novembro (2016), abril (2017), março (2018), junho (2018) e julho (2018) nos horários da manhã, tarde e noite, possibilitando a observação e participação do cotidiano do local, além dos registros fotográficos realizados *in loco*; e a aplicação de entrevistas semiestruturadas, após a submissão do roteiro da entrevista aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas sob o número de CAAE 68731817.0.0000.5013.

Para a realização das entrevistas, foram escolhidos dois tipos de perfis de pessoas: antigos usuários da Praça, que consiste em pessoas com lembranças de vivências que possam fazer parte de uma memória coletiva do bairro, sendo que para isso seja “necessário [...] que não tenham cessado de concordar com suas memórias e que [...] a lembrança que se recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum” (HALBWACHS, 1990, p. 34); e atuais usuários da Praça, que são pessoas que frequentam o espaço atualmente, verificando no presente as relações cotidianas que estes possuem com

o lugar. Esses usuários compreendem os praticantes ordinários da cidade, os caminhantes, pedestres que tornam o espaço vivido através das relações e cruzamentos dos mesmos que se entrelaçam (CERTEAU, 1994), e interessam para essa pesquisa as práticas no espaço delimitado da Praça da Faculdade. A definição da amostra dos entrevistados (cinco pessoas com o perfil de antigos usuários da Praça e dez pessoas com o perfil de atuais usuários da Praça) foi de dez pessoas foi de forma subjetiva e definida por acessibilidade do pesquisador ao entrevistado, não sendo utilizado um procedimento estatístico específico, porém considerando se a amostra selecionada era representativa para o trabalho em relação ao universo dos dois perfis escolhidos. Para todas as pessoas convidadas a participar da entrevista, foi solicitada a permissão para que ocorresse, conforme expressam os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os resultados alcançados, após análise, irão compor um banco de dados com as entrevistas digitalizadas e gravadas que ficarão disponíveis para futuras consultas e pesquisas relacionadas à Praça da Faculdade como parte do elenco de UEPs.

Portanto, o objetivo geral do trabalho consiste em analisar as permanências, as rupturas e as relações do antigo com o novo através de uma narrativa da Praça da Faculdade para o reconhecimento de sua relevância como Patrimônio Cultural do bairro do Prado e Maceió. E os objetivos específicos são:

- Conhecer o quadro histórico, o registro da memória e a forma que atua em relação à Praça da Faculdade, o cotidiano da população no uso atual e as marcas referenciais percebidas no presente;
- Compreender como uma determinada realidade social constrói referências culturais que vem a constituir o aspecto simbólico da Praça;
- Contribuir para as discussões acerca da perspectiva de conservação e preservação da Praça da Faculdade como Patrimônio Cultural do bairro do Prado e Maceió.

O conteúdo levantado e analisado e que passou a compor o trabalho em pauta está estruturado em cinco capítulos que de modo individual tecem um tipo de abordagem dentro dos seguintes termos:

O primeiro capítulo (Capítulo 1), buscando compreender a evolução das praças como um espaço público urbano, formaliza uma breve revisão histórica a partir das diferentes significações que assumiram em determinado momento da história e como refletiu nos seus usos, a fim de compreender a importância desses espaços na atualidade. Estabelece-se uma linha temporal que aborda aspectos acerca desses espaços desde a Antiguidade Clássica (civilizações de Grécia e Roma) e Idade Média (séculos V a XV), caracterizados basicamente como um espaço público para atividades públicas, mas não era

um espaço pensado, partindo para o Renascimento (séculos XV a XVI), onde se inicia a preocupação com esses espaços, até suas mudanças no século XX; e finalmente, as praças no Brasil e Maceió.

O segundo capítulo (Capítulo 2) tem por objetivo compreender a relação das praças com a memória no contexto social, bem como apontar os conceitos que serão tomados como base no decorrer da pesquisa.

O terceiro capítulo (Capítulo 3) explicita o objeto de estudo – Praça da Faculdade –, os procedimentos metodológicos da pesquisa procurando pontuar as principais fontes empíricas de dados levantados e que foram vitais para a compreensão do processo de formação espacializado da Praça, bem como dos usos e práticas diversas que ocorre no espaço procedente da população, conforme o capítulo 5 explora em pormenorizações, apoiado na fala de usuários entrevistados.

O quarto capítulo (Capítulo 4) focaliza o objeto de pesquisa, compreendendo um estudo quanto a constituição do espaço onde está inserida a Praça, a construção do seu quadro histórico a partir de fontes oficiais e popular, e a composição do seu entorno.

O último capítulo (Capítulo 5) analisa a Praça da Faculdade em suas relações significativas e construção de símbolos mnemônicos referenciados. Buscou a partir do contato direto com o objeto de estudo e com as pessoas que atuam nele, observar essas relações e os elementos que conduzem para a compreensão da Praça no tempo presente como um patrimônio cultural. Decorrente da análise empreendida, mais amiúde neste capítulo, levantam-se questões sobre o reconhecimento da relevância da Praça da Faculdade para que se motivem a aplicação de ações que de fato afirmem a Praça da Faculdade como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Ao final do trabalho serão feitas as considerações sobre o caminho percorrido assim como os resultados alcançados a partir do que se propõe como objetivo principal.

1. AS PRAÇAS DO PASSADO AO PRESENTE

Em cada época, com uma diferente linguagem, construtores, artistas, arquitetos, e artesãos elaboraram formas-ideia capazes de valorizar este peculiar espaço urbano, interpretando os modelos de organização da própria comunidade que fez da praça o espelho de sua identidade. (CHIAVARI, 1996)

As praças se configuram como espaço público urbano e, embora tenham passado por várias transformações ao longo do tempo, principalmente quanto às mudanças de significado no espaço da cidade, desempenham desde sua origem um papel fundamental no contexto das relações sociais.

Manuel Teixeira (2001, p. 139) define a praça, na categoria de espaço livre público, como uma área não construída no meio urbano, lugar onde coexistem variados usos e atividades que “assim como seus significados, suas formas e suas imagens se alteram ao longo do tempo”. Para Choay (1988, *apud* TEIXEIRA, 2001, p. 140), a praça é pautada pela história da urbanização e do poder, e assume diferentes significados e papéis conforme as culturas e as épocas, e de como se davam a intensidade da vida pública. Caldeira (2007, p. 14) afirma que a praça “representa uma espécie de espaço camaleônico, capaz de se modificar e se adaptar às transformações das cidades, possibilitando apropriações diversas”, por isso esse espaço adquire, historicamente, “uma diversidade de formas e funções, sem perder sua essência como espaço coletivo”.

Já Lamas (1992, p. 100-102), em uma visão menos generalizada, distingue a praça de outros espaços, que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados, tanto pela organização espacial quanto pela intencionalidade de desenho, o autor entende que a praça pressupõe a existência do desenho e o programa da mesma, e a caracteriza como “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”.

A definição de Lamas (1992) é a que mais se aproxima do que se entende por praça como parte de um conjunto urbano preexistente, se relacionando assim às praças atuais, ou seja, a praça não é a origem ou o principal espaço público da formação urbana como a Ágora grega ou o Fórum romano, mas faz parte dela. Contudo, para se pensar a praça, de maneira específica, é necessária uma breve revisão histórica da evolução destes espaços a partir das diferentes significações que assumiram em determinado momento da história e como refletiu nos seus usos, objetivando compreender a importância desses espaços na atualidade.

1.1. As praças em uma breve revisão histórica

Desde as cidades antigas – considerando aqui as sociedades da Grécia antiga à cidade Medieval –, os espaços livres na cidade representavam o espaço das relações sociais, visto “que ali tinha lugar uma grande parte da vida pública” (SITTE, 1992, p.17), mesmo que ainda não qualificado como praça. Assim como definem alguns autores, a *Ágora*, na Grécia se configura como um dos primeiros espaços públicos urbanos na cidade. Mumford (1998, p. 166) descrevia a *Ágora* como “o centro dinâmico da cidade” onde aconteciam as reuniões, podendo ser descrito como “um espaço aberto de propriedade pública, que pode ser ocupado por finalidades públicas”, e, Guimarães (2004, p. 18) a define como além de um local público, “o núcleo, o coração vivo da cidade e o foco da atividade cívica”. E assim como na Grécia, os romanos tinham no Fórum sua vida pública, cultural, econômica e religiosa desempenhando um papel central na cidade.

Já na Idade Média, o espaço público se estruturava na cidade de forma variada, surgiam as praças, que de acordo com Zucker (1959, *apud* SEGAWA, 1996, p. 32) existiam as: “praças de mercado, praças de entrada da cidade, praça como centro da cidade, adro de igreja e praças agrupadas (praças distintas como a do mercado e a da igreja, especialmente relacionadas na trama urbana)”. Camillo Sitte (1992) descrevendo as praças medievais pontua também a distinção em relação aos espaços gregos e romanos:

[...] o orgulho e a alegria de toda cidade independente; aqui, concentrava-se o movimento, tinham lugar as festas públicas, organizavam-se as exposições, empreendiam-se as cerimônias oficiais, anunciavam-se as leis, e se realizava todo tipo de eventos semelhantes. De acordo com o tamanho de cada comunidade ou o tipo de sua administração, **serviam a essas necessidades práticas duas ou três das praças principais, raramente uma só, pois as praças também eram manifestação da diferença entre autoridade secular e autoridade eclesiástica, distinção que a Antiguidade não fazia da mesma maneira.** (SITTE, 1992, p. 25, grifo nosso)

A praça que se tinha até aqui se caracterizava basicamente como um espaço público para atividades públicas, mas não era um espaço pensado, é a partir do Renascimento que se inicia a preocupação com esses espaços. A cidade medieval, então conhecida pelo seu desordenamento e suas ruas longas e tortuosas, precisou se reordenar dentro dos novos princípios urbanísticos. A “unidade formal é uma das características marcantes da cidade ideal renascentista” e “a cidade real, aqui e acolá, recebia tratamentos condizentes com esse ideal” (SEGAWA, 1996). Logo, a praça que começa a fazer parte da remodelação urbanística, é entendida como um “recinto [...] e não apenas um vazio na estrutura urbana” (LAMAS, 2004, p.176), passando a ter maior tratamento estético e seus espaços sendo destinados às artes, à vegetação, ao passeio e à contemplação. A praça renascentista, como descreve Lamas (2004),

adquire valor funcional e político-social, e também o máximo valor simbólico e artístico [...] Eram lugares de cenário urbano e decoração, suporte e enquadramento

de monumentos (obeliscos, estátuas ou fontes), e também lugares de vida social e de manifestações do poder. Tinham por vezes razões meramente estéticas [...] (LAMAS, 2004, p. 176)

O crescimento urbano e o desenvolvimento mercantil e burguês que acarretaram novas atitudes em relação ao espaço da cidade reestruturou o modo de vida social. Da praça pública medieval que, como descreve Segawa (1996, p. 48) “espaço popular da espontaneidade, da festa, do escárnio”, à disciplina e harmonização do período renascentista, se inicia no espaço público urbano uma fase de transição da Idade Medieval para a Era Moderna e, “o jardim público, a partir do século 17, foi a grande passarela dessas transformações” (SEGAWA, 1996, p. 48). Nesses espaços as manifestações de vida cotidiana se reduziram a passeios ajardinados em que o importante era ver e ser visto cumprindo um papel público baseado no teatro. Sennett (1988, p. 88), sobre essas novas relações no espaço público, afirma que “um dos modos pelos quais a sociedade urbana do século XVIII tornou os encontros sociais significativos foi por intermédio de códigos de credibilidade que funcionavam tanto no teatro quanto na vida cotidiana”.

O espaço público se tornava hierárquico e a divisão social urbana correspondia ao lugar das atividades culturais que cada um ocupava. Refletindo nas praças, de certa forma, o idealismo que se exerceu no Renascimento, com suas ações de melhorias ao espaço, engessou a dinâmica que havia nesses locais favorecendo a dominação da burguesia urbana (GUIMARÃES, 2004).

No final do século XIX com o início do desenvolvimento industrial, o avanço tecnológico e, conseqüentemente, o êxodo rural, as cidades passaram por um crescimento acelerado gerando condições insalubres nas áreas urbanizadas. Dessa forma, os conceitos urbanísticos estavam relacionados ao ordenamento, saneamento e embelezamento das cidades. Iniciam-se assim as intervenções urbanas em grande escala através da abertura das vias, da organização e limpeza das cidades. A cidade começou a se desenvolver através dos grandes eixos, com seus *boulevares* e suas *avenues*, a configuração urbana passou a priorizar o sistema viário, e a praça tornou-se parte desse sistema cumprindo o papel de local de passagem. Esse processo de remodelação urbana se consolidou no século XX, com os planos viários e complexos sistemas de circulação. Um dos exemplos marcantes da estruturação de uma grande cidade foi o plano de Haussmann em 1853, para Paris, que se concentrou na circulação, na abertura de grandes avenidas, boulevares e parques.

O espaço público urbano, como já se anunciava, transformou-se em um espaço vazio e ausente das atividades que aconteciam nas praças que, na cidade moderna, já não eram mais vinculadas com o seu entorno imediato. Dessa forma, a praça moderna se torna um espaço morto, que na descrição de Sennett é a “supressão do espaço público vivo”,

desprovido de sentido e “contingente às custas [sic] do movimento” (SENNETT, 1988, p. 28).

Porém, a praça que cumpria até o momento o papel de grande vazio, novamente passa por mudanças ressurgindo como protagonista dos espaços públicos a partir de um novo ideário e concepção de espaço como parte das ações de resgate de qualidade urbana. Baseado na Carta de Antenas⁴ (1993), o urbanismo moderno apresenta como principais pontos definidores: a habitação, o lazer, o trabalho e a circulação. No que diz respeito ao lazer, é sugerida na Carta a criação de espaços livres para suprir a necessidade de um espaço de descanso à sociedade, favorecendo a saúde pública. As praças então classificadas como lazer, passam a constituir um espaço dedicado à recreação, ao esporte e à cultura, esquecendo as atividades de comércio e mercado que existiam na praça clássica, medieval e renascentista.

A intensificação da globalização⁵ no final do século XX introduz o imediatismo da cidade contemporânea que traz como principal característica, em relação às propostas urbanas, a negação ao padrão arquitetônico e urbanístico modernista. O espaço público contemporâneo se configura como multifuncional e adaptável aos diversos usos, mantém os usos modernistas, que consistiam nos equipamentos destinados à recreação, esporte e cultura, e integra o mercado e o comércio novamente ao espaço da praça. São inseridos também equipamentos públicos atendendo ao fluxo contínuo de pessoas nesses espaços, derivado do modo de vida intensa capitalista. Entretanto, a praça contemporânea não se mantém como principal espaço público de convívio social e passa a ser evitado o seu uso devido o surgimento da violência. Nesse contexto de insegurança, as ruas, as calçadas, as praças, etc., foram traduzidos para dentro de ambientes climatizados e protegidos que procuram reproduzir os espaços públicos ao tentarem traduzi-los como parte de sua ambientação interna, surgindo assim os *shoppings centers*, museus e hipermercados como novos espaços do convívio e de atração, ligados intrinsecamente à ideia do consumo, seja ele cultural ou de produtos industrializados de massa (DIAS, 2005).

1.2. As praças no Brasil

No contexto brasileiro, a praça como espaço público urbano surge a partir da implantação de vilas e cidades no início do processo de colonização, após a descoberta do território pelos portugueses no século XV. Outros termos também eram usados para esse espaço como: largo, terreiro, rossio e adro. Geradores dos primeiros espaços livres públicos

⁴ Documento elaborado pelo 4º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), que busca a formulação da visão do Urbanismo Racionalista ou Urbanismo Funcionalista na época.

⁵ Como sintetiza Stuart Hall (2004), globalização é o complexo de processos e forças de mudança que atuam numa escala global.

na cidade colonial, eram locais de interação de todos os elementos da sociedade, onde em um mesmo lugar poderia acontecer atividades religiosas e profanas, civis e militares.

Predominavam inicialmente, as praças das igrejas, decorrente da presença das diversas ordens religiosas que se faziam importantes no processo de colonização do Brasil. Conforme Murillo Marx (1980, p. 49) afirma, equivaliam a “logradouro público por excelência” e,

[devia] **sua existência, sobretudo, aos adros das nossas igrejas.** Se tradicionalmente essa dívida é válida, mais recentemente a praça tem sido confundida com jardim. **A praça como tal, para reunião de gente e para exercício de um sem-número de atividades diferentes, surgiu entre nós, de maneira marcante e típica, diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas.** Destacava, aqui e ali, na paisagem urbana estes estabelecimentos de prestígio social. (MARX, 1980, p. 49-50, grifo nosso)

O edifício religioso e o adro (espaço situado em frente às igrejas) compunham, então, a paisagem tradicional da cidade colonial, e assim como afirma Marx (1980, p. 54) sobre a regra geral das primeiras vilas e cidades: “uma igreja, uma praça”.

Mais tarde, quando os pequenos núcleos coloniais começaram a se desenvolver em termos de população e, conseqüentemente, no sistema administrativo e na infraestrutura, as praças apareceram no espaço urbano como locais de articulação urbanística e arquitetônica, reunindo as principais estruturas institucionais da cidade: a Igreja, a casa de Câmara e Cadeia, e o Pelourinho. Segundo Caldeira (2007, p. 73), a “configuração desses conjuntos urbanos consolidou um padrão urbanístico que se implantou na maioria das cidades brasileiras: espaços distintos de caráter cívico, religioso e comercial”.

São exemplos dos primeiros espaços públicos da cidade colonial: a Praça Municipal e o Terreiro de Jesus, em Salvador; o Largo do Carmo, no Rio de Janeiro; a Praça da Sé, em São Paulo; e a Praça da Liberdade, em Belo Horizonte.

Morfologicamente, as praças brasileiras que em um primeiro momento foram estruturadas a partir de uma composição orgânica do espaço, assumem gradualmente a forma racional e geométrica, e passam ao longo do século XIX, por intervenções no espaço urbano que consolidaram um modelo de praça formal e regular. A representação do poder civil e do poder eclesiástico dessas praças permaneceu durante todo o período colonial, porém uma nova composição de praça se introduziu a partir das transformações no espaço público em função da valorização do verde na paisagem, perdendo algumas das suas peculiaridades como largo, pátio e terreiro.

Então, os jardins que eram raros nas cidades coloniais e resumiam-se às propriedades religiosas ou áreas privadas, foi introduzido no Brasil no final do século XVIII com a implantação do Passeio Público do Rio de Janeiro, esse que teve sua construção motivada pelas novas ideias que surgiram na Europa que correspondiam à criação de

espaços ao ar livre, voltados principalmente para burguesia, constituindo um local de passeio e de encontro da população urbana. Entretanto, no Brasil ainda não existia uma classe burguesa que necessitasse desse tipo de espaço, que na época disputava com a multiplicidade de usos dos largos e praças coloniais. Logo, o Passeio Público do Rio de Janeiro entrou em decadência, poucos anos depois da abertura, e, retornou só em meados do século XIX. É certo que as reformas ocorridas na Europa influenciaram as políticas urbanas implementadas no Brasil no período inicial da República, entretanto, no Brasil a “transformação respondia à implantação de políticas sanitárias, com a instalação de infraestrutura [sic] e embelezamento urbano” (CALDEIRA, 2007, p. 128), diferente da Europa que introduzia “modificações no espaço urbano das cidades congestionadas” (CALDEIRA, 2007, p. 128). Logo, algumas cidades começaram a ser transformadas, e a estrutura urbana modificada em relação aos usos e costumes refletindo na paisagem: “a rua transformou-se no espaço do deslocamento, da velocidade, da circulação de pessoas, de mercadoria e de notícias; mercados, quiosques, e ambulantes passaram a disputar com lojas e galerias, a concorrência comercial” (CALDEIRA, 2007, p. 128). O espaço era aos poucos transformado pelos planos de embelezamento e reformas urbanas com a intenção de modernizar o país, e, na transição do modelo de urbanização colonial para a cidade bela e higiênica é que surge a tipologia de praça ajardinada. Era a junção das duas tradições anteriores: da praça e do jardim.

Para Robba e Macedo (2002), o surgimento da praça ajardinada marca a história dos espaços livres brasileiros, alterando a função da praça na cidade. O mercado da praça colonial é transferido para edificações destinadas a atividades comerciais e as demonstrações militares de poder deslocam-se para as grandes avenidas.

Assim, a praça-jardim deixa de ser – como eram, no período colonial, o largo, o terreiro e o adro da igreja – o palco da vida mundana e religiosa, civil e militar da cidade. A praça agora é um belo cenário ajardinado destinado às atividades de recreação e voltado para o lazer contemplativo, a convivência da população e o passeio [...] Até então, a praça ou largo eram um espaço livre, configurado pelas edificações de seu entorno [...] (ROBBA; MACEDO, 2002, p. 29)

Nesse contexto é que as praças mais importantes da cidade começam a receber tratamento paisagístico seguindo o estilo Eclético, em decorrência do padrão arquitetônico da época. A praça ajardinada se consolidou no momento de valorização do verde a fim de amenizar os efeitos da urbanização, sendo encontrados poucos espaços livres no Brasil que não fizessem uso da vegetação. Um exemplo é a Praça XV de Novembro no Rio de Janeiro, antigo Largo do Carmo.

Conforme se pode acompanhar, o processo de mudança desde os espaços do colonial aos espaços produzidos no período eclético no Brasil alterou o desenho das cidades de forma perceptível. Acompanhando essas transformações, as praças assumem

uma nova estrutura sendo introduzido o modernismo que se consolida a partir da realização do concurso nacional para o Plano Piloto de Brasília, no qual Caldeira (2007, p. 286) afirma que “foi também com a realização do concurso que o elemento urbano praça pôde se fazer representar em toda a sua modernidade, esboçando padrões e configurações inéditas”. O projeto vencedor do concurso, do arquiteto Lúcio Costa, tinha como proposta os ideais que refletiam o conceito de cidade funcional, criada a partir da definição de dois eixos, sua concepção se baseava no zoneamento e setorização com base nos princípios da Carta de Atenas: circular, habitar, trabalhar e recrear. O resultado desse zoneamento foi a hierarquização de escala entre os espaços públicos projetados definido pela função a ser desempenhada. A praça, na proposta do arquiteto, aparece nas diferentes escalas, cada uma com um conceito diferente, e apesar da mudança morfológica se baseiam na dinâmica dos espaços públicos tradicionais:

Se no eixo Monumental a praça assume proporções de Acrópole, formando grandes cenários urbanos, na escala gregária a função de acolhimento produz espaços de proporções reduzidas, típicos de praças tradicionais, capazes de distribuir e acolher o fluxo de pedestres. Já na escala residencial, o espaço da praça praticamente desaparece na trama da superquadra, substituído pelo conceito modernista de espaço livre, voltado para a realização de atividades de lazer dos moradores, com parques infantis e quadras de esportes. A proposta de Lúcio Costa tencionava possibilitar novas experiências urbanas, buscando modificar relações sociais e espaciais arraigadas ao uso tradicional da cidade em função de uma estética inovadora. Nesse sentido, **as praças idealizadas no projeto continham o germe de espaços tradicionais materializados em uma nova morfologia.** (CALDEIRA, 2007, p. 340, grifo nosso)

O plano piloto de Lúcio Costa marcou a fase de transformação do urbanismo brasileiro, assim como do espaço da praça na história.

Acompanhando essas mudanças, morfologicamente, a praça segue duas tendências de concepção: a primeira é a adequação dos espaços públicos urbanos ao livre deslocamento; e a segunda se baseia na elaboração de novos espaços ajardinados, rompendo com a rigidez paisagística do Ecletismo e mantendo uma maior espontaneidade no desenho da praça. De tal modo, a praça da cidade moderna adquire outros significados no espaço urbano. Contudo, o lazer contemplativo continua presente nesses espaços.

Nesse sentido, iniciava-se no Brasil uma linha de projeto paisagístico, diretamente ligada ao movimento artístico e arquitetônico da época, o modernismo. Nesse período, Roberto Burle Marx (1909-1994) foi destaque como paisagista brasileiro moderno. Seus projetos para os jardins do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, e o conjunto de praças desenhadas para a Prefeitura do Recife, na década de 1930, são considerados os primeiros exemplos de espaços livres que não seguem mais as tradicionais linhas de projeto do Ecletismo.

Na segunda metade do século XX as cidades começam a se adensar, até os espaços livres informais, como as várzeas, os campos e arrabaldes, passam a abrigar

edificações, e com a diminuição da quantidade de espaços livres na malha urbana, se valorizam ainda mais os remanescentes. Os espaços públicos se tornam uma das opções mais significativas de área de lazer urbano, alterando seu uso e conseqüentemente o seu projeto. Logo surgem nesses espaços equipamentos como: quadras para prática esportiva, *playgrounds* e pistas para caminhada. Robba e Macedo (2002, p. 98) esclarecem que “na praça moderna [de maneira geral], os espaços são criados para permanência dos frequentadores, ao passo que, na praça eclética, os espaços eram concebidos como trajetos e caminhos para passar ou passear”. A orla ou calçadão à beira mar, nas cidades litorâneas também se tornam opção de espaço para o lazer na cidade. O lazer ativo começa a fazer parte dos parques e das praças, especialmente as atividades esportivas e a recreação infantil. A partir dos anos 1970, através de ações por parte do poder público, a pedestrianização de alguns trechos da cidade surge como solução para o congestionamento das áreas centrais urbana, mais especificamente o conflito entre pedestres e veículos, consolidando os espaços denominados como ruas para pedestres ou calçadões. Curitiba foi a primeira cidade brasileira na implantação de um calçadão, em 1972, na Rua XV de Novembro. “As ruas de pedestres foram um marco nas cidades brasileiras nos anos 1970 e 1980” (ROBBA E MACEDO, 2002, p. 136) e tornaram-se um símbolo de modernidade para a época. Assim sendo, a praça moderna ia se adaptando à dinâmica da cidade, se diversificando em relação ao programa, como, por exemplo, o lazer cultural, com a implantação de museus, pavilhões de exposição, anfiteatros e conchas acústicas. A localização na cidade é que influenciaria na concepção do programa de cada praça e a praça seria capaz de se modificar e se adaptar às transformações da cidade.

Dessa forma, frente ao quadro urbano que se apresentava no final do século XX no Brasil, refletido na espacialidade das relações sociais na transição do mundo moderno ao contemporâneo, os espaços livres públicos da cidade começam a ser concebidos com maior liberdade em relação ao seu programa de atividades, sendo essa liberdade reproduzida tanto na estética quanto no que diz respeito às funções. Segundo Carlos (2001) “constata-se, hoje, a tendência segundo a qual cada vez mais os espaços são destinados à troca, o que significa que a apropriação e os modos de uso tendem a se subordinar cada vez mais ao mercado” (CARLOS, 2001, p. 64). Diante da tendência de o espaço se produzir fundado nas relações de troca material, o espaço público volta, então, a integrar atividades como comércio e serviços, lembrando os que existiam no largo colonial e nas praças medievais, e que foram excluídas pelas políticas sanitaristas do final do século XIX com a introdução da praça ajardinada. Por outro lado, Marx (1980, p. 57) afirma que “o mercado, a feira, o negócio ambulante tiveram e têm nas praças o lugar, espacial e historicamente, próprio para a sua prática”.

Dessa forma, atualmente, começam a fazer parte da concepção do projeto de praça os espaços de mercados, lanchonetes, lojas e instituições públicas. Em alguns casos, os projetos, também viriam a oficializar a ocupação informal do espaço público proveniente da instalação de feiras livres ou camelôs na praça, a partir de camelódromos e edificações destinadas a abrigar feiras e mercados. Ao mesmo tempo em que acontecia a revisão em relação aos usos das praças, propostas de áreas de passagens na cidade também se inseriam em alguns projetos, visando assim a absorver o intenso fluxo de pedestres da área urbana. Essas áreas, criadas por paisagistas, consistiam em grandes pisos e esplanadas de circulação. Essa multiplicidade do programa dos espaços livres aliada às correntes formais de vanguarda dos projetos de desenho urbano caracterizou a praça contemporânea. Na descrição de Robba e Macedo (2002):

O desenho dos projetos denominados contemporâneos transita livremente entre os traçados geométricos, gráficos, rígidos e mais irreverentes formas pós-modernas, passando também por propostas que valorizam cenicamente o projeto. Liberdade e irreverência são as palavras mais adequadas para definir essa linha de projeto em formação. (ROBBA e MACEDO, 2002, p. 42)

A praça novamente se transforma, e apesar de não trazer inovação em relação ao uso, apresenta uma abordagem que se desprende de regras e dogmas estabelecendo a liberdade da praça contemporânea, caracteriza-se como um espaço multifuncional e adaptável interpretando as exigências da sociedade atual.

Com efeito, a praça brasileira, desde sua origem colonial à cidade contemporânea, passou por diversas transformações, tanto formal, a partir do desenvolvimento do seu papel no contexto urbano, quanto funcional associado ao seu caráter simbólico. Analisando o espaço da praça a partir de Robba e Macedo (2002) pelo aspecto funcional, em uma breve linha do tempo, se tem como ponto de partida, nas cidades já ocupadas pelos portugueses, o largo colonial, como local que integrava as várias funções da cidade, sobreposto pela função contemplativa do Jardim Eclético no final do século XIX, e que ao longo do século XX se incluiu usos destinados ao lazer recreativo, alterando sua função e caracterizando assim a praça do Modernismo, e finalmente o Contemporâneo, englobando todas as funções de uso do Ecletismo e Modernismo e retomando os usos comerciais e de trânsito de pedestres, comum nos antigos largos coloniais. O quadro abaixo (Quadro 1) ilustra a descrição da linha do tempo das funções das praças brasileiras dos tempos coloniais até o fim do século XX.

Período	Colonial	Eclético	Moderno	Contemporâneo
Função social das praças	Convívio social Uso religioso Uso militar Comércio e feira Circulação Recreação	Contemplação Passeio Convívio social Cenário	Contemplação Recreação Lazer esportivo Lazer cultural Convívio social Cenário	Contemplação Recreação Lazer esportivo Lazer cultural Convívio social Comércio Serviços Circulação Cenário

Quadro 1 - Evolução das funções das praças brasileiras.

Fonte: ROBBA e MACEDO, 2002.

Nota: Simplificado pela autora e reproduzido nesse trabalho apenas na versão em português.

Conforme se pode constatar, as praças sofreram significativas transformações em relação ao que as definem, sobretudo as suas funções, usos e concepções, no entanto, se sustentaram no contexto urbano como principal espaço público de uso coletivo.

Para uma percepção mais detalhada das constâncias e modificações processadas, a partir do quadro acima, passa-se a pontuar as funções que mais se mantiveram constante, até a atualidade, e contribuíram para consolidar as praças como espaços essenciais ao cotidiano das cidades, e torná-las portadoras de uma história e parte de um conjunto urbano preñado das práticas coletivas.

- O convívio social foi a função que permaneceu durante toda a trajetória das praças brasileiras, observadas nos períodos acima referenciados. Evidencia-se assim, o espaço da praça como o espaço de sociabilidade favorável ao encontro e ao convívio;

- A contemplação foi a função que se manteve constante a partir do período eclético, com a introdução do paisagismo nos espaços públicos, até o contemporâneo. Dava-se início à uma ideia de espaço de encontro social em que se priorizava a vegetação e a circulação;

- Assim como a contemplação, o cenário permaneceu a partir do período eclético até o contemporâneo. Também em decorrência da valorização do paisagismo nesses espaços;

- A recreação se manteve nos períodos colonial, modernista e contemporâneo. Com exceção do período eclético, as cidades sempre tiveram o espaço das praças como palco para o entretenimento da sociedade urbana, sobretudo os espaços modernistas e contemporâneos com a valorização do esporte como atividade recreativa. Sendo comum a instalação de quadras ou outras áreas e equipamentos destinados ao esporte nas praças, se associado assim ao lazer esportivo.

Vale destacar que os usos de cunho religioso, militar, de comércio e feira compõem no período colonial refletindo a ascendência da vinculação político-religiosa inerente ao contexto administrativo e da convergência de funções abastecedoras ao cerne “religioso” das cidades, o que gradativamente se modifica a partir do processo de laicização ocorrido, conforme tão bem analisa Marx (2003):

A utilização do espaço urbano público brasileiro revela de maneira candente sua lenta [sic] mas progressiva laicização. De um lado, seus acontecimentos preponderantes ao longo de séculos – direta ou indiretamente de cunho religioso – foram perdendo sua participação relativa na vida comum ou se transformando em algo cada vez mais mundano. De outro, as atividades eminentemente laicas, tão pobres e acanhadas de início, foram ganhando corpo até superarem as outras e se tornarem dominantes. (MARX, 2003, p. 59)

Quanto às outras atividades, nota-se que o período colonial e o período contemporâneo têm em comum a função de circulação, isso se explica devido a necessidade de espaço para absorver o fluxo de pessoas em trânsito na cidade em ambos os períodos, um pelos hábitos da vida social que se passava na rua, e no outro pelo crescente número de pessoas na grande cidade, a praça passa então a atender a essa exigência como espaço de circulação. O passaio no período eclético é derivado do tratamento paisagístico nas praças, se tornando agradável caminhar nestes espaços. O lazer cultural se introduz no período modernista atendendo a exigência no novo urbanismo que insere a qualidade de vida nos espaços públicos e a ideia permanece nos espaços contemporâneos. Além de todo quadro de funções que a praça contemporânea abrange, o serviço é uma das funções que só vem aparecer nesse período.

1.3. As praças em Maceió: da origem a outros espaços públicos

Em Maceió, assim como na maioria das cidades brasileiras, o primeiro espaço público e também núcleo central da povoação, se originou do espaço livre deixado em frente à igreja. A partir de referências bibliográficas, tem-se conhecimento que esse primeiro espaço público, da atual capital Alagoana, situava-se onde atualmente se localiza a Praça D. Pedro II e está relacionado a um engenho de açúcar que existia no local, o engenho Maçayó, e à antiga Capela de São Gonçalo, que atualmente dá lugar à Catedral de Nossa Senhora dos Prazeres. Este espaço frontal à Capela de São Gonçalo era denominado como o Pátio da Capela (COSTA, 1981; LEÃO, 2010).

O povoado que viria a ser a capital de Alagoas, a partir do seu desenvolvimento econômico e demográfico, foi elevado à vila em 1815, sendo necessária a construção do Pelourinho, a Cadeia, a Casa de Câmara e outras edificações que representassem a autonomia administrativa da vila, que foram inseridos no entorno do Pátio da Capela que, como relata Costa (1981), passou então a se chamar Largo do Pelourinho.

Ao longo do século XIX, no entorno do largo foram implantadas as edificações que hoje constituem a paisagem do lugar, como a Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, o Palacete da Assembleia Legislativa e o sobrado do Barão de Jaraguá. A essa conformação, se observa que as funções religiosa e administrativa dividiam o mesmo espaço, e como a vila dependia do funcionamento dessas edificações, o Largo era relevante na paisagem desta.

Em 1840, se iniciou a construção da igreja Matriz (atual) após a demolição da capela existente no Largo e, depois de ter tido a obra paralisada retomando só em 1849, foi finalmente inaugurada em 31 de dezembro de 1859 com a presença do Imperador D. Pedro II, sua esposa e comitiva, nesse momento o espaço passou a ser conhecido como Praça da Matriz.

Posteriormente, com a inauguração do monumento em homenagem à Dom Pedro II, em 31 de dezembro de 1861, a Praça da Matriz passa a ser denominada Praça Dom Pedro II. O espaço físico assim como a vida social da Praça, em toda sua dinamicidade e multiplicidade de nomes de acordo com o prédio que era inserido, assumiu o lugar de coração da vila, conforme descreve Costa (1981):

O pátio da Capela, depois largo do Pelourinho, praça da Matriz e, por fim, praça D. Pedro II, era o centro social, o coração da vila, primazia que lhe vinha, por direito de nascimento, do antigo engenho de açúcar que a substituíra. No largo, no sobrado destinado à câmara, se aboletaria o ouvidor. No largo teria lugar, pois, o grande acontecimento inaugural da vila. (COSTA, 1981, p. 28-29)

Até então, os espaços públicos de Maceió eram os largos. Os principais, e que já faziam parte do contexto urbano, eram: o Largo do Pelourinho, o Largo da Contiguiba e o Largo dos Martírios (Figura 1), que mais tarde passaram a ser chamados: Praça D. Pedro II, Praça Mal. Deodoro da Fonseca e Praça Mal. Floriano Peixoto, respectivamente (CASTELO BRANCO, 1993).

Após o advento da República em 1889, Maceió alavancou no seu crescimento. Começou a apresentar um aumento demográfico decorrente do desenvolvimento econômico da cidade em virtude dos benefícios que o regime republicano oferecia, deixando de depender dos governos provinciais, tendo a autonomia de uma república federalista. Com o progresso, a cidade precisava romper com o passado, se reconstruir.

Foi o que se deu em Maceió. A partir de 90 [década de 1990] o surto progressista acentua-se numa curva ascendente. Desdobram-se os orçamentos; as finanças; com renda própria os governos municipais oferecem à cidade possibilidades de progresso. A vida amplia-se em todos os seus limites convencionais; a população goza novo ambiente fisiográfico para desenvolver-se [...] Começam os trabalhos e realizações [...] O necessário era fazer a cidade; urbanizá-la como que para lhe tirar os ares passadistas que tinha. Abrem-se e alargam-se ruas; constroem-se praças [...] Os bairros e arrabaldes agitam-se na renovação. São os mesmos, aliás, dos tempos imperiais [...] Em cada um, porém, aparece sempre um sinal de atividade; ruas novas, palacetes que se constroem casas que se edificam, praças que aparecem tendo nas extremidades estátuas de animais, de homens lutando com bichos [...] os deuses mitológicos enche-nas [...] **As praças surgem também neste período, com mais importância; o contexto com a rua não é privativo dos moleques, dos negros, dos vagabundos [...]. As famílias já procuram as ruas, já vão às praças, já assistem a festejos públicos [...]** (DIÉGUES JÚNIOR, 1939 In: COSTA, 1981: Apêndice, grifo nosso)

É nesse contexto que as praças começaram a ganhar espaço na cidade se tornando parte da paisagem urbana, e como aponta Diégues Júnior (1939), a aproximação que se começou a ter da rua é que tornava a frequência às praças mais assídua, era a oportunidade para o contato coletivo na intenção de se mostrar os vestidos, os chapéus e os sapatos. Além disso, para essa aproximação muito contavam as festas de igrejas.

As primeiras praças de Maceió se situavam no núcleo inicial da cidade, no centro e Jaraguá, e enquanto a cidade desenvolvia seu território, novas praças foram sendo criadas. Dentre essas praças, vale descrever brevemente, de forma individual, as mais antigas e as que estão situadas mais próximas à Praça da Faculdade, objeto dessa pesquisa e a Praça Lucena Maranhão no Bebedouro, que foi sede da popular festa natalina de Maceió antes de essa chegar à Praça da Faculdade.

Praça D. Pedro II

Conforme já mencionado, a Praça D. Pedro II foi o marco inicial da cidade de Maceió. Sua primeira denominação, segundo Costa (1981), era como o Pátio da Capela, isso quando era ainda apenas um espaço livre na frente da capela de São Gonçalo, sendo delimitado pelas edificações que estavam no seu entorno, sem mobiliário urbano e vegetação e que provavelmente era destinado às manifestações religiosas. No momento em que Maceió foi elevada à vila, em 1815, o Pátio passa a ser chamado de Largo do Pelourinho e logo depois, com a implantação da Matriz, passa a ser a Praça da Matriz. E finalmente, a partir da inauguração do monumento em homenagem à Dom Pedro II, em 31 de dezembro de 1861, a Praça localizada no Centro de Maceió foi nomeada como Praça D.

Pedro II, atual denominação. No seu entorno destacam-se os prédios da Assembleia Legislativa, Biblioteca e Arquivos Públicos Estaduais (antiga casa do Barão de Jaraguá), a Catedral e a Delegacia do Ministério da Fazenda. Hoje a Praça tem parte do seu espaço cedido para o estacionamento da Assembleia Legislativa e o seu espaço remanescente é ocupado por pessoas em situação de rua, sendo pouco utilizado para outras funções que envolvam a permanência no espaço.



Figura 2 – Praça D. Pedro II no Centro de Maceió. Ao fundo Catedral Metropolitana de Maceió e à direita a Assembleia Legislativa que utiliza uma área da Praça cercada para estacionamento. A Praça foi fotografada em um domingo, praticamente vazia exibe uma dinâmica diferente dos dias de segunda a sábado em que a Praça tem um fluxo mais intenso de transeuntes devido ao funcionamento do comércio da área Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Praça Marechal Deodoro da Fonseca

A Praça Marechal Deodoro da Fonseca, conhecida apenas por Praça Deodoro, compreendia o Largo do Contiguiba que fazia parte do início da povoação que daria origem à cidade de Maceió. Segundo Costa (1981, p. 34), o Largo era apenas uma rua, a Rua da Contiguiba com “meia dúzia de casas” e que foi alargada e transformada em Praça. Consta do Indicador Geral do Estado (1902), que o espaço também recebeu o nome de Largo das Princesas, antes de receber o nome atual em homenagem ao Marechal alagoano Deodoro da Fonseca. Localizada no bairro do Centro, constitui uma das praças relevantes na história da cidade, e destacam-se no seu entorno o prédio do Tribunal de Justiça e o Teatro Deodoro, ambos apresentando arquitetura eclética. Esse espaço exerce basicamente a função de circulação, por se localizar em uma área comercial existe um fluxo diário de pessoas que a utilizam como passagem, existem também alguns ambulantes que se instalam no local.



Figura 3 – Praça Marechal Deodoro da Fonseca no Centro de Maceió. Ao fundo o Teatro Deodoro e do lado esquerdo o Tribunal de Justiça. Assim como a Praça D; Pedro II, essa foi fotografada em um domingo, exibindo uma dinâmica diferente dos dias de segunda a sábado em que a Praça também possui um fluxo mais intenso de transeuntes devido ao funcionamento do comércio da área. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Praça Marechal Floriano Peixoto

A origem da Praça se deu a partir do antigo Largo dos Martírios, localizado no bairro do Centro em Maceió, e que ficou conhecido por esse nome por estar situada no seu entorno a capela de Bom Jesus dos Martírios (1836), substituída posteriormente, pela Igreja Bom Jesus dos Martírios (1881). Também apresenta grande relevância histórica para a cidade por ter sido um dos principais Largos no período de formação do povoado. A Praça Marechal Floriano Peixoto recebeu essa denominação após ser construído no logradouro um monumento em homenagem ao Mal. Floriano Peixoto (1908). Atualmente mais conhecida como Praça dos Martírios ou Praça do Palácio, tem como principais edificações no seu entorno: a Igreja Bom Jesus dos Martírios, Museu do Palácio Floriano Peixoto (MUPA)⁶, o atual prédio do Palácio do Governo e prédio da Intendência Municipal⁷. Constitui mais uma praça situada em uma área comercial e que exerce a principal função (fluxo diário) de circulação. Além disso, exerce a função de passeio em função de o espaço ser integrado ao MUPA.

⁶ Antigo prédio do Palácio Floriano Peixoto, foi instituído museu desde 2006 e, é parte integrante do “conjunto arquitetônico dos Martírios”, tombado pelo Patrimônio Estadual, através do Decreto n° 38309, de 09 de março de 2000.

⁷ O prédio encontra-se atualmente abandonado.



Figura 4 – Praça Marechal Floriano Peixoto no Centro de Maceió. Ao fundo o Museu do Palácio Floriano Peixoto. O fluxo da Praça geralmente é bastante intenso nos dias de segunda-feira a sábado durante o dia devido ao funcionamento do comércio da área, assim como as outras Praças localizadas no Centro. No domingo a Praça fica deserta, sendo encontradas no local apenas algumas pessoas em situação de rua. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Praça Dois Leões

A Praça Dois Leões, localizada no bairro histórico de Jaraguá, teve sua origem no espaço livre que se situava quase e frente à Igreja de Nossa Senhora Mãe do Povo que existia no local que hoje dá lugar à Praça Bom Jesus dos Navegantes, sendo reerguida no terreno em frente à Praça. Segundo o Relatório da Província de 1870, foi iniciada uma reforma no local em 1869 para a instalação de um Jardim no espaço que ficou conhecido como Jardim do Jaraguá. No início do século XX a Praça recebeu mais uma reforma e passou a ser a Praça General Lavenère Wanderley, que dentre alguns equipamentos urbanos que recebeu, incluíam-se dois leões em bronze (um leão e uma leoa), o que levou ao atual nome popularizado da Praça. No seu entorno estão o prédio do Museu da Imagem e do Som de Alagoas e a Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo. A Praça localizada no bairro histórico de Jaraguá tem um fluxo diurno de pessoas que estão no local, à noite fica praticamente deserta.



Figura 5 – Praça Dois Leões no Jaraguá, em Maceió. Ao fundo, a Igreja de Nossa Senhora Mãe do Povo e a Praça Bom Jesus dos Navegantes (à esquerda). Devido ao ângulo de captura da foto não foi possível visualizar as estátuas (por trás das palmeiras). Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Parque Rodolfo Lins

No começo do século XX, o espaço era conhecido como Rua do Bom Conselho, depois denominado como Parque Rodolfo Lins, em homenagem a um conhecido político de Maceió: o advogado Rodolfo Lins, assassinado em 1935 por questões políticas com os irmãos Góes Monteiro, porém é mais conhecido entre os maceioenses como Praça do Pirulito. Antes de ser transferida para a Praça da Faculdade, a partir da década de 1970, era na Praça do Pirulito que aconteciam os festejos natalinos da capital.

No seu entorno estão o Mercado da Produção e o trilho do VLT. A Praça do Pirulito hoje se tornou um espaço integrado ao fluxo que faz parte do Mercado da Produção.

Praça Lucena Maranhão

Localizada no Bebedouro, um dos bairros mais antigos da cidade, a Praça Lucena Maranhão, no início do século XX, era o antigo Largo da Igreja de Santo Antônio, que recebeu depois o nome de Praça da Liberdade até chegar à denominação atual através da Lei Municipal nº 520 de 15 de outubro de 1956. A Praça era o ponto de convergência da população do bairro, onde eram promovidas festas populares, como carnaval e natal, sobretudo esta, pelo major Bonifácio da Silveira.

[...] o major Bonifácio era o animador do Natal de Bebedouro, Natal que se tornou uma tradição na vida da cidade, de modo a transformar aquele arrabalde no ponto de chique da temporada de dezembro. Já não iam mais os maceioenses para

Taperaçuá⁸: iam para o Bebedouro. Foi assim até pouco depois de 1930, quando quase (sic) instantaneamente, desaparece o Natal do major Bonifácio (COSTA, 1981, p. 205).

Mesmo sem as tradicionais festas há muitas décadas, a Praça ainda continua sendo o principal ponto de encontro do bairro. No seu entorno destacam-se os prédios da Paróquia de Santo Antônio de Pádua, o Solar Nunes Leite e o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho.



Figura 6 – Praça Lucena Maranhão e ao fundo a Paróquia de Santo Antônio de Pádua. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Praça Visconde de Sinimbu

A Praça Visconde de Sinimbu foi implantada no ano de 1908 no bairro do Centro, e antes de receber esse nome era denominada como Praça da Redenção (1892) e depois Euclides Malta (1912). Constitui um dos logradouros que mais sofreu alteração na sua paisagem, incluindo a sua extensão que era menor, ampliando-se a partir do aterramento do Riacho Salgadinho (1941). O espaço passou por várias reformas até chegar à configuração atual em que a Praça é dividida em duas partes. Dentre essas reformas, o que permanece na Praça são os monumentos de fundamental importância em seu contexto histórico, como estátua de Visconde de Sinimbu e o painel de azulejos, e alguns mobiliários acrescentados na reforma implementada pelo prefeito Sandoval Caju na década de 1960.

Além dos arranjos em azulejos, uma outra marca sempre esteve presente foi a grafia de um S, espalhado em bancos, nos brinquedos, no piso, etc. sob a justificativa oficial de que o “S” lembraria o epíteto “Cidade Sorriso”, mas a voz popular não tem dúvida de que se trata da letra inicial do nome do prefeito, preocupado em ver a obra definitivamente ligada à sua pessoa (SILVA, 1991, p. 246).

No seu entorno os prédios que se destacam são: o prédio da antiga Residência Universitária, o prédio da antiga Faculdade de Engenharia (atual Espaço Cultural) e a Casa de Jorge de Lima. A Praça Sinimbu possui um considerável fluxo de pessoas devido ao funcionamento das aulas no Espaço Cultural e das atividades nos prédios próximos à Praça,

⁸ Em Taperaçuá, na cidade de Marechal Deodoro, ocorriam festas muito animadas em homenagem ao Senhor do Bomfim que iniciavam no final do mês de dezembro até o dia 06 de janeiro – Dia de Reis – com vários acontecimentos de diversão, como a Cavalhada, Pau de Sebo, queima da fogueira de Reis e a Procissão do Bonfim (Sobre isto ver FERRARE, 2013, P. 333 – 334).

além dos pontos de ônibus movimentados. Porém o espaço é pouco frequentado para permanência, a não ser quando se instalam na Praça a população integrante do Movimento Sem Terra.



Figura 7 – Praça Visconde de Sinimbu. Vê-se ao fundo a Casa de Jorge de Lima (à esquerda), o prédio da antiga Faculdade de Engenharia e atual Espaço Cultural (à direita) e o prédio da antiga Residência Universitária (à direita). Imagem com distorção pelo ângulo da foto em modo panorâmico. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Neste primeiro capítulo apresentou-se uma breve revisão histórica da evolução do espaço urbano público definido como praça, considerando uma linha temporal desde a Antiguidade Clássica (civilizações de Grécia e Roma) e Idade Média (séculos V a XV), passando pelo Renascimento (séculos XV a XVI) até o século XX e XXI, o que permitiu o entendimento do presente a partir do passado, as origens, as mudanças e a importância que esses espaços tinham no contexto urbano e social.

A partir da também revisão histórica compreendendo a área em que o objeto de estudo está localizado foi possível ter conhecimento de forma mais específica da relevância que o espaço definido como praça tem até os dias atuais para Maceió. Essas primeiras praças em Maceió surgiram dentro do contexto brasileiro colonial, em que se erguia uma igreja e a sua extensão se tornava uma praça, e depois outras surgiram a partir dos largos pelo desenho urbano que ia se configurando na cidade. Eram os principais locais de convívio social até ser direcionado na década de 1980 para a orla litorânea, contudo, ainda ocupa na cidade o papel de principal local das variadas manifestações públicas.

2. PRAÇAS E MEMÓRIA

Este capítulo tem por objetivo compreender a relação das praças com a memória no contexto social, bem como apontar os conceitos que serão tomados como base no decorrer da pesquisa.

2.1. Praça como símbolo sociocultural

O espaço público, nas diferentes formas e funções que este adquiriu nas distintas civilizações, sempre esteve presente no desenho da cidade e na sua estrutura organizacional. “É a expressão de um tempo, da essência de seus habitantes” (JUNIOR, 2007, p. 111). E de maneira generalizada, o espaço “é condição essencial e primordial para a existência humana”, “produto e criação do homem, já que nasce de suas ações sociais, de sua necessidade de perpetuar a vida, com seu cotidiano” (Id., 2007, p. 111). Logo, a praça como um espaço público urbano, constitui um importante lugar de uso coletivo, local de encontro, onde se produzem as relações sociais, as práticas coletivas e formadoras da identidade. A forma e a natureza que apresenta, é resultado da sua trajetória, “o que foi construído, subtraído, superposto à sua volta” (CHIAVARI, 1996, p. 381). E o que determina o seu ambiente e clima, em diferentes momentos e nas diferentes horas do dia, são os costumes e o que nela acontece. Nesse sentido, Chiavari (1996, p. 381) acredita que “a especificidade de um povo encontra-se no ambiente e na vivência de suas praças”, lugares esses que são “palco das principais comemorações: das procissões às execuções, das insurreições às repressões, das festas aos funerais, das reuniões políticas às manifestações populares”. Consiste em um espaço que representa a dimensão cultural e histórica da cidade, dotada de significados, marco na paisagem urbana, lugar de concentração e dispersão. Em síntese, assim como observa Saldanha (1993, p. 15), a praça corresponde a um significado social que está correlacionado à cidade onde se insere.

Refletir sobre esses espaços de propriedade pública, através das experiências individuais e coletivas, consiste em entender que as praças adquirem significado na construção das práticas sociais que se estabelecem ao longo do tempo e se tornam referenciais para o determinado grupo.

Nesse sentido, cabe colocar que confere a essas práticas o sentido de cultura, definida na Declaração do México (1985) como:

[...] o conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Concorde também que a cultura dá ao homem a capacidade de refletir sobre si mesmo. É ela que faz de nós seres especificamente humanos, racionais, críticos, e eticamente comprometidos. Através dela discernimos os valores e efetuamos opções.

Através dela o homem se expressa, toma consciência de si mesmo, se reconhece como um projeto inacabado, põe em questão as suas próprias realizações, procura incansavelmente novas significações e cria obras que o transcendem. (DECLARAÇÃO DO MÉXICO, 1985, grifo nosso)

Entretanto, as práticas sociais historicamente construídas são modificadas pelos interesses da sociedade de cada época que, por sua vez, resignificam os espaços públicos de praças. Diante disso, entende-se que suas transformações envolvem tanto o seu espaço físico quanto os acontecimentos que nelas ocorrem, como as praças que conhecemos hoje que possuem leitura diferente das praças das antigas civilizações, que eram locais insubstituíveis para que se dessem as relações sociais.

Atualmente as praças não possuem uma função específica, exercendo assim diversas funções no âmbito social como: reunião, festa, trabalho, mercado, justiça, religião, música, celebração, etc., e são resultado das transformações urbanas, que determinaram novas características a esses espaços configurando novos tipos de cultura, no que se refere às formas de ocupação do local, mas não modificando a noção de espaço público. Entretanto, se tornou palco para as exigências da contemporaneidade como um artigo de consumo, visto que a valorização desses espaços, seja através iniciativa pública ou da iniciativa privada, está ligada mais à construção de uma imagem urbana atraente do que ao que o espaço representa para sociedade.

Levando-se em conta a dinamicidade da sociedade contemporânea e dos valores a ela atrelados, ora esquecidos, ora recriados nos espaços da cidade, reconhecidos por Meira (2004, p. 13) como locais “onde se manifestam as permanências, as rupturas, as continuidades, as relações do antigo com o novo”, é através das expressões do lugar, pelo que fica retido na memória, que é possível identificar as particularidades, os elementos e as características que permanecem no espaço construído. Considerando aqui as permanências, correspondem aos eventos que constituem o passado, acessados através da memória coletiva de um grupo em determinado espaço e tempo, e que são repassados e recebidos possibilitando continuar fazer parte de uma mesma sociedade.

2.2. Memória coletiva, patrimônio e o espaço das praças

A memória, entendida *a priori* como um fenômeno individual foi, em meados dos anos 1920-1930, introduzida por Maurice Halbwachs também como um fenômeno coletivo e social, assim, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. Bolle (1984), em seu texto baseado na obra de Walter Benjamin⁹ observa que o autor descreve a memória em três tipos: a memória voluntária, involuntária e memória afetiva. A memória voluntária pode ser acessada através dos meios comuns

⁹ Aforismos e fragmentos em que Walter Benjamin parte de temas pouco convencionais, como sonhos pessoais, cartazes, monumentos, praças, galerias, etc. no livro *Rua de mão única: infância berlinesse: 1900*.

utilizados na era da reprodutibilidade técnica¹⁰, enquanto que a memória involuntária se dá através dos cultos e festas; e o terceiro tipo de memória, a afetiva é ligada à memória involuntária, sendo a mais importante para a preservação da identidade, individual ou coletiva, núcleo de sua personalidade. Essa última pode ser definida a partir da mesma concepção de memória presente da infância berlinense de Benjamin, como uma memória corporal e fisionômica, uma memória da percepção de um espaço. Lugares e objetos são evocados como sinais topográficos e vasos recipientes da história da sensibilidade e da formação das emoções.

Candau (2011) classifica as diferentes manifestações da memória como: a memória de baixo nível, denominada como protomemória, que ocorre sem tomada de consciência, considerada uma memória gestual adquirida por uma transmissão social desde a infância; a memória propriamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças próprias ou pertencentes a uma memória relacionada às várias áreas da atividade e do saber como as crenças, sensações, sentimentos, entre outros; e a metamemória, que é tanto a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, como o que diz dela, uma memória reivindicada.

De acordo com o que pode ser entendido até aqui sobre memória, é a memória afetiva de um grupo, manifestada no seu alto nível como uma metamemória, que pode atribuir a um espaço vivido uma conotação simbólica, construída nas relações, reações e interações entre esses vários indivíduos, configurando a memória coletiva. Sendo então, a memória coletiva, uma representação, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo.

Segundo o que apresenta Maurice Halbwachs (1990), essa forma de pensar a memória em uma dimensão que ultrapassa o plano individual, considera que a memória do indivíduo sempre está relacionada à sociedade. E é importante ressaltar que, sobre a construção da memória, a coletiva não exclui a memória individual, ainda conforme o autor citado:

[...] a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. (HALBWACHS, 1990, p. 14)

Logo, a memória individual faz parte da formação da memória coletiva, entretanto, a construção da memória de uma coletividade não se baseia apenas na soma das memórias

¹⁰ Do ensaio de Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, publicado pela primeira vez em 1936. O autor aborda questões sobre a noção de autenticidade, o valor de culto e a unicidade na obra de arte diante do surgimento do cinema e da fotografia.

individuais constituídas de uma mesma lembrança, é também, indispensável a condição de que a lembrança seja representativa a todos os membros do grupo e, “é necessário ainda que não tenham cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que se recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum” (HALBWACHS, 1990, p. 34). De tal modo, no caso da praça, espaço intrinsecamente coletivo, é necessário que se considere a coletividade do grupo com base em cada indivíduo participante deste.

Portanto, a memória coletiva deve ser consensual por meio das relações que se estabelecem entre os indivíduos de um grupo, caso a lembrança individual tenha sido suprimida e necessita de auxílio a partir da memória de outros indivíduos, Halbwachs (1990) acredita que então é porque não existe mais ligação ao grupo em que a memória a ele se conservava. Ao que foi dito, ainda de acordo com o autor, considera essa condição como a necessidade de uma comunidade afetiva para que a memória coletiva de fato exista, e, para que essa possa ser representativa de um determinado espaço.

Quando se compreende o conceito de memória coletiva, se entende primeiro que as lembranças para que permaneçam vivas precisam ter por suporte um grupo e segundo, que logicamente existem vários grupos e assim muitas memórias coletivas. Nos termos que coloca Halbwachs (1990), a existência de várias memórias coletivas é um dos fatos que diferencia a memória da história. No caso, é que diferente da multiplicidade de memórias coletivas, “podemos dizer que não há senão uma história. Isto é o que entendemos por ela” (Id., 1990, p. 85). Outro fato que coloca como uma diferença entre memória e história, é que a história acontece se colocando fora dos grupos e acima deles, enquanto que a memória coletiva constitui uma ligação afetiva entre o passado e o presente.

A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. [...] A história divide a sequência dos séculos em períodos, como se distribui o conteúdo de uma tragédia em atos. Porém enquanto que numa peça, de um ato para outro, a mesma ação prossegue com os mesmos personagens, que permanecem até o desenlace de acordo com seus papéis, e cujos sentimentos e paixões progridem num movimento ininterrupto, na história se tem a impressão de que, de um período a outro, tudo é renovado, interesses em jogo, orientação dos espíritos, maneiras de ver os homens e os acontecimentos, tradições também e perspectivas para o futuro, e que se, aparentemente reaparecem os mesmos grupos, é porque as divisões exteriores, que resultam dos lugares, dos nomes e também da natureza geral das sociedades, subsistem. (HALBWACHS, 1990, p. 81-82)

Dessa forma, entende-se que para o referido autor, trata-se então de dois campos diferentes. Montenegro (2001, p. 10) traz essa questão ao afirmar que o tempo histórico não é o tempo vivido, visto que a história escrita, documentada, distingue-se do acontecido. No

entanto, ao tempo em que o autor concorda com Halbwachs (1990) na distinção entre memória e história, afirma que são inseparáveis¹¹,

afinal, compreendemos a história como uma construção que, ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro. Este operar, próprio do fazer histórico na sociedade, encontraria em cada indivíduo um processo interior semelhante (passado, presente e futuro) através da memória. (MONTENEGRO, 2001, p. 17)

Portanto, a memória coletiva, assim como afirma Halbwachs (1990, p. 86), necessita de um grupo, e que por sua vez esse grupo limita-se no espaço e no tempo, entendendo-se que o tempo importa na medida em que permite conservar e lembrar os acontecimentos que se produziram; e a respeito do espaço, é o lugar onde ocorrem as ações de um grupo:

Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável. (HALBWACHS, 1990, p. 133)

Quando se pensa nas formações coletivas, dificilmente se afasta a imagem espacial associada a elas. É no meio material que as impressões permanecem, considerando ainda o fato de que quando um grupo está “inserido numa parte do espaço, ele o transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem” (HALBWACHS, 1990, p. 133).

Cabe destacar que a importância do que foi abordado até o momento sobre memória, é para que se possa compreender a relação entre a memória e o patrimônio cultural no que diz respeito à institucionalização de um espaço através de símbolos mnemônicos.

Por conseguinte, a partir do que chama Le Goff (1990) de revolução documental¹², que “a memória coletiva valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural” (Id., 1990, p. 542). O documento passa a ser “tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (Ibid., 1990, p. 540). E a memória coletiva se apoia nesse instrumento possibilitando a transmissão de significados, levando em consideração sua construção até chegar ao presente. Analisado sob este contexto, o patrimônio cultural, pode vir a significar a rememoração ou a lembrança da própria ação humana em diferentes tempos e lugares, produto de uma sociedade que transmite às gerações futuras um conhecimento seletivo dos

¹¹ Montenegro (2001) baseia-se na leitura de Le Goff (1984, p. 47):

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória colectiva sirva para a libertação e não para servidão dos homens.

¹² Jacques Le Goff usa o termo revolução documental para identificar a ampliação da noção de documento a partir da década de 1960.

referenciais passados. Assim, o patrimônio cultural pode ser entendido como uma dimensão da memória.

O patrimônio cultural pode ser ainda entendido como o conjunto de valores que dão sentido à vida, assim como é apresentado em uma das suas definições na Declaração do México (1985). E o patrimônio cultural brasileiro, seja ele de natureza material ou imaterial, como exposto no Art. 216 da Constituição Federal do Brasil de 1988, deve ser representativo da identidade e memória de um grupo, e, por esse grupo ser reconhecido. O grupo de que se fala corresponde às pessoas que se “reconhecem como membros de uma comunidade e participantes da construção da história coletiva, como prolongamento das próprias vidas individuais” (SORIANO, 2006). Consequentemente, pode o direito ao patrimônio cultural decorrer das permanências, através do que fica retido na memória.

Nora (1992, *apud* Candau, 2011) diz que se identidade, memória e patrimônio são “as três palavras-chave da consciência contemporânea”, é a memória que fortalece a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo, afirmando assim que não existe busca identitária sem memória, como também, toda busca memorial acompanha um sentimento de identidade. Nos termos que coloca Hall (2004), essa identidade pode ser definida através da concepção sociológica, em que esta é formada na interação entre o eu e a sociedade. Para Candau (2011, p. 26), essas identidades “não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de ‘traços culturais’”, elas “são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socioambientais [...] de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de ‘visões de mundo’ identitárias ou étnicas”.

Assim, ainda com base no que se enuncia pela constituição, o reconhecimento do bem por parte desse grupo também é essencial. Consequentemente,

se a memória é “geradora” de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a “incorporar” certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais [...] (CANDAU, 2011, p.19)

Logo, se eleger como patrimônio cultural não todo um passado ou tudo que é história, mas somente aquilo que é memorável e que se tenha intenção de um futuro para o grupo. De modo decorrente, o patrimônio cultural está essencialmente associado à identificação, à conscientização e ao reconhecimento de valores sociais pela comunidade detentora dos testemunhos materiais e imateriais, designados como suporte de memória de uma coletividade.

As praças como lugar de significados e ressignificações, representam um patrimônio cultural em que a valoração dos objetos, dos monumentos e da cultura próprios a esse espaço construído se ancoram e se desenvolvem através da memória coletiva de um ou

mais grupos, e essa memória é construída nas relações, reações e interações entre os membros desses grupos.

Esses núcleos que se estruturam espacialmente e simbolicamente, construídos nas realizações e relações sociais entre vários indivíduos podem ser compreendidos e determinados pela sua dinâmica. Dessa forma, é a partir da abordagem de Certeau (1994) sobre as práticas espaciais que se tem uma das definições que faz parte do processo para se compreender a praça.

Para Certeau (1994, p. 201-202), um lugar é a ordem, independente de qual seja, “segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência [...] cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto [...] implica uma indicação de estabilidade”. Augé (2005, p. 68-69) baseia-se em Certeau (1994) ao referir-se ao lugar “como conjunto de elementos coexistindo numa certa ordem” e acrescenta que este pode se definir como identitário, relacional e histórico. A prática desse lugar produz o espaço e, “existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis” (CERTEAU, 194, p. 202). Sendo assim, de acordo com o referido autor, o espaço é um lugar praticado. Nesse sentido, é possível afirmar que a maioria das práticas sociais é espacial visto que “o espaço é condição, meio e produto da realização da sociedade humana em toda sua multiplicidade”, assim como coloca Carlos (2001, p. 11). Logo, a praça como lugar identitário, relacional e histórico é transformada em espaço pelos seus usuários.

Portanto, neste capítulo foi possível concluir que as praças como um elemento característico na paisagem da cidade, enquanto espaço público urbano no qual qualquer indivíduo pode ter acesso, sendo por isso o *lócus* onde determinados grupos estabelecem uma vivência mais espontânea, sob menos amarras sociais, o seu conjunto de práticas e permanências atribuem a esse espaço um caráter simbólico e cultural, atuando como o meio material onde a memória se conserva e pode ser evocada.

3. A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA SOBRE A PRAÇA DA FACULDADE

Neste capítulo serão identificados: o objeto de estudo, os procedimentos metodológicos da pesquisa procurando pontuar as principais fontes empíricas de dados levantados e que foram vitais para a compreensão do processo de formação espacializado da Praça, bem como dos usos e práticas diversas que ocorre no espaço.

3.1. O objeto de estudo

O primeiro passo antes de iniciar a pesquisa, foi a escolha do objeto de estudo, que se deu através da continuidade da pesquisa iniciada no Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, e que se tratou da elaboração de um anteprojeto de restauro do monumento central da Praça da Faculdade, o Panteão. Posteriormente, para a pesquisa de mestrado sentiu-se a importância de se trabalhar toda a extensão da Praça. Observa-se que além do monumento que ele abriga e considerando o aspecto simbólico do seu espaço físico, indica ser relevante como um patrimônio cultural para o bairro do Padro e para Maceió.

Dessa forma, o presente objeto de estudo desta pesquisa trata-se da Praça da Faculdade, situada no Prado em Maceió. É importante ressaltar em termo de relevância cultural que a Praça, incluindo-se o Panteão, e o prédio da antiga Faculdade de Medicina, localizado em frente ao espaço, constitui uma Unidade Especial de Preservação (UEP) através da Lei Municipal nº 5.486 de 2005 da instituição do Plano Diretor de Maceió, que são definidas de acordo com o Art. 61 da referida lei como:

[...] imóveis ou espaços urbanos, públicos ou privados, de relevante interesse cultural no Município de Maceió por constituírem:

I – expressão arquitetônica ou histórica do patrimônio cultural edificado de Maceió, composta por uma ou mais de uma edificação isolada;

II – suporte físico de manifestações culturais e de tradições populares do Município, especialmente a música e a dança folclórica, a culinária e o artesanato.

3.2. Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada para a realização desta pesquisa se baseia na Estratégia Combinada (GROAT e WANG, 2013), que associa a pesquisa histórico-interpretativa à pesquisa qualitativa. Centrado no viés associativo, o trabalho se desenvolve a partir da aplicação de recursos metodológicos trabalhados em duas estratégias, simultaneamente baseados na intrínseca relação: estratégia-fonte de dado.

Estratégias	Táticas: fonte de dados
Histórico-interpretativa	Revisão de literatura Pesquisa documental nos órgãos municipais e outras fontes Acervo fotográfico
Qualitativa	Análise empírica (vivência e observação do espaço) Registro fotográfico Entrevistas semiestruturadas

Quadro 2 - Diagrama de Estratégias Combinadas e fontes de dados.

Fonte: GROAT e WANG, 2013.

Nota: Adaptado pela autora. Coluna de táticas modificada de acordo com a pesquisa da autora.

3.3. Pesquisa histórico-interpretativa e pesquisa qualitativa

Sobre a pesquisa histórico-interpretativa, corresponde ao aporte teórico-conceitual que foi escolhido para embasar as análises pertinentes à Praça da Faculdade. Essa etapa dividiu-se em duas etapas.

A primeira consistiu na revisão da literatura existente sobre o tema (livros, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado), a fim de constituir um repertório conceitual que desse contorno a: formação histórica das praças em geral, desde a antiguidade clássica até os dias atuais e mais especificamente no Brasil; bem como as praças, no contexto social, e sua relação com a memória e patrimônio.

A segunda etapa, para pesquisa documental, consistiu no rastreamento em arquivos e fotografias da Praça da Faculdade (a partir da década de 1890)¹³ em fontes primárias de acervos públicos, tais como: o Arquivo Público de Alagoas – APA (jornais, documentos antigos e livros) e o Museu de Imagem e Som de Alagoas – MISA (coleção de fotografias antigas de Maceió); e outras fontes (acervo pessoal e páginas da internet) referentes ao processo histórico da Praça da Faculdade e fatos sobre o contexto em que está inserida. Sobre as fotografias utilizadas como fonte documental para a pesquisa, em seus determinados momentos históricos forneceram um testemunho visual dos fatos ocorridos (KOSSOY, 2001, p. 36), onde a investigação se ateve na leitura da imagem dentro do contexto que envolve as dimensões de espaço e tempo de sua produção.

Quanto à pesquisa qualitativa, se teve como finalidade a análise empírica do espaço (a partir da observação comum do local e como participante dele), a produção de imagens (registros fotográficos da Praça) e a aplicação de entrevistas semiestruturadas. A pesquisa qualitativa também se desenvolveu em duas etapas.

¹³ Década em que foi instalado o prédio do Quartel dando início à conformação da Praça da Faculdade.

A primeira etapa foi referente às visitas à Praça da Faculdade, em que foi escolhido de forma aleatória para a análise dias durante a semana e nos finais de semana nos meses de novembro (2016), abril (2017), março (2018), junho (2018) e julho (2018) nos horários da manhã, tarde e noite, possibilitando a observação e participação do cotidiano do local, além dos registros fotográficos que foram feitos a partir dessas visitas. Durante a permanência no local, foram feitas anotações sobre as atividades que estavam sendo realizadas e o horário que ocorriam essas atividades, o perfil de maneira geral dos usuários do espaço, e ainda, a dinâmica da Avenida Siqueira Campos, que tangencia a Praça e constitui a principal e mais movimentada do bairro, e do espaço referente ao antigo Terminal Rodoviário que exerce ainda atividades de bordo e transbordo.

A segunda etapa referiu-se à aplicação de entrevistas semiestruturadas em que foi elaborado um roteiro para as perguntas e previamente submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas - CEP, através do projeto de pesquisa que gerou o número de CAAE 68731817.0.0000.5013, e obteve parecer positivo do coordenador do CEP para início em 01 de agosto de 2017. Para a realização das entrevistas, foram escolhidos dois tipos de perfis de pessoas: antigos usuários da Praça, que consiste em pessoas que a frequentaram e possuem lembranças de vivências que possam fazer parte de uma memória coletiva do bairro; e atuais usuários da Praça, que são pessoas que frequentam o espaço atualmente, verificando no presente as relações cotidianas que estes possuem com o lugar. Esses usuários podem ser definidos a partir de como coloca Certeau (1994, p. 171): os praticantes ordinários da cidade, caminhantes, pedestres que tornam o espaço vivido através das relações e cruzamentos dos mesmos que se entrelaçam, e interessam para essa pesquisa as práticas no espaço delimitado da Praça da Faculdade. A intenção da realização das entrevistas constituiu em entender qual a memória que os entrevistados detêm em relação à Praça da Faculdade, qual a relação atual com a referida Praça, e o quanto conhece esse patrimônio.

A definição da amostra dos entrevistados foi de caráter subjetivo e definida por acessibilidade do pesquisador ao entrevistado, não sendo utilizado um procedimento estatístico específico, porém considerando se a amostra selecionada era significativa para o trabalho em relação ao universo dos dois perfis escolhidos e ao que se propõe como objetivo. O critério para que fosse realizada a entrevista foi: para os antigos usuários da Praça, pessoas com faixa etária de no mínimo 30 anos, moradoras ou não da região, e que tenha vivido as transformações da Praça no tempo até os dias atuais; para os atuais usuários da Praça, pessoas que estavam utilizando o espaço no momento da entrevista, maiores de 18 anos de idade e não necessariamente moradores da região.

Dessa forma, foram escolhidos cinco antigos usuários da Praça e para os atuais usuários da Praça a amostra foi de dez pessoas. A identificação de pessoas enquadradas como antigos moradores do bairro do Prado e que pudessem responder às perguntas ocorreu através de especulação a partir de conversas com pessoas que se encontravam na Praça da Faculdade, e após a identificação, essas pessoas foram convidadas a participar sendo solicitada, conforme expressam os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido Livre e Esclarecido (TCLE), a permissão para a entrevista ocorresse. Já com os atuais usuários da Praça, o convite, de maneira individual, aconteceu no momento de uso do espaço, também com consentimento de cada entrevistado, conforme expresso no TCLE. A estrutura das entrevistas foi distinta para cada perfil de entrevistados de acordo com o que se esperava obter de informação em relação ao objeto de estudo. Dessa forma, para os antigos usuários da Praça da Faculdade, foi produzido um roteiro de entrevista que resultou em 13 perguntas semiestruturadas (APÊNDICE 01) e para o segundo grupo, os usuários atuais da Praça, o roteiro de entrevista produzido resultou em 11 perguntas semiestruturadas (APÊNDICE 02).

Após a abordagem inicial do possível entrevistado, era sempre solicitada a permissão para gravação da entrevista, preservando a imagem da pessoa. Depois de digitalizadas, as entrevistas foram analisadas contrastando as diferentes visões dos antigos usuários e atuais usuários em relação à Praça. Não foi adotado um método rigoroso para a validação das entrevistas, porém se manteve o mínimo de critérios que pudessem ampliar o debate acerca da pesquisa.

O resultado que se deseja alcançar com a aplicação das metodologias mencionadas é o mapeamento de práticas e valores de um determinado grupo para a construção de uma narrativa da Praça da Faculdade a partir: do seu quadro histórico, o registro da memória e a forma que atua em relação a esse espaço, o cotidiano da população no uso atual e as marcas referenciais percebidas no presente, no propósito de identificar como uma determinada realidade social constrói referências culturais que vem a constituir o aspecto simbólico da Praça.

Embora a metodologia utilizada compreenda fontes distintas – em que uma se baseia nos documentos/arquivos oficiais e a outra através dos depoimentos orais –, neste trabalho, são complementares.

Após a análise, é prevista a disponibilização de um banco de dados com as entrevistas digitalizadas e gravadas ao PPGAU (Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) – FAU – UFAL e ao Grupo de Pesquisa Representação do Lugar

(RELU) vinculado ao PPGAU para futuras consultas e pesquisas relacionadas à Praça da Faculdade como parte do elenco de UEPs.

Para que se pudesse chegar à metodologia utilizada, além do aporte teórico, foi realizada uma análise empírica a partir das visitas e observação ao objeto de estudo se chegando à conclusão de que somente o olhar do observador não seria suficiente aos questionamentos sobre o espaço que se construiu, e que então deveria se considerar o depoimento das pessoas que praticam e as que praticaram esse espaço para que se pudessem entender as questões colocadas e que se pudessem levantar novas questões.

A forma como foi abordado o depoimento através das entrevistas foi sendo moldado no decorrer da escrita, em razão de que foi percebido que o trabalho era o conjunto dessas informações e não as informações que viriam a compor o trabalho. A abordagem quantitativa das informações não foi significativa, principalmente após ter sido observado ao que o conteúdo correspondia, sendo então as falas das pessoas a principal expressão da pesquisa. Dessa forma, foi trabalhada a narrativa da Praça da Faculdade a partir de trechos de falas dos entrevistados correspondendo ao passado e ao presente.

4. A PRAÇA DA FACULDADE

Ela está na chegada e na saída, quando se chega ela é uma e quando se sai já é outra. Em um único quadrante ela acontece de várias formas e embebida das suas bordas vai se transformando nas vinte e quatro horas que dão a ela repetidas vezes, acabando esse número, ela se reinicia. Se repetindo ela começa a existir. E quando ela existe de uma maneira diferente e sempre existe alguém nela também com seus números repetidos e outras com números novos que talvez também venham se repetir, talvez não.

A autora

Pretende-se aqui focalizar o objeto de pesquisa, - a Praça da Faculdade. Para tanto, buscou-se compreender a constituição do espaço onde está inserida, a construção do seu quadro histórico a partir de fontes oficiais e popular, e a composição do seu entorno.

4.1. O Prado e a Praça da Faculdade

A Praça da Faculdade está localizada no bairro do Prado, que sempre foi um dos bairros mais tradicionais de Maceió. Faz divisa com os bairros do Centro, Levada e Trapiche da Barra (Figura 8). Não se tem uma data precisa da definição do Prado, no entanto, no século XIX o bairro já abrigava o cemitério Nossa Senhora da Piedade (1850), que segundo Lima Júnior (1983, p. 61) foi o primeiro oficialmente registrado em Maceió de acordo com o parágrafo 8º do artigo 1º da Lei nº 130 de 6 de julho de 1850 e que foi somente inaugurado em 1855 (Figura 9), o prédio que sediava o Quartel do 33º Batalhão de Caçadores (1891) e o terreno descampado formado à sua frente, que após a obra do prédio ficou conhecido como a Praça do Quartel de Linha, antes de vir a ser a Praça da Faculdade, e o Asilo Santa Leopoldina (1891) (Cf. exibido na Figura 14). A respeito da povoação do bairro, Lima Júnior (2001) quando descreve Maceió após alguns anos que fora elevada à cidade e capital da província¹⁴ deixa evidente o deserto que ainda era o Prado:

sendo muito reduzida a população, Jaraguá era uma *biboca*, como diziam [...] [o bairro do] Farol, um deserto [e] em direção ao canal e à lagoa não se estendera a cadeia¹⁵ senão um pouco além do Quartel de Linha. (LIMA JÚNIOR, 2001, p. 51)

¹⁴ Maceió veio a se tornar a capital da Província das Alagoas em 1839, pela lei ou resolução provincial nº 11, de 09 de dezembro de 1839.

¹⁵ Conforme relata Lima Júnior (2001, p. 50), a antiga Penitenciária ou cadeia era, até então, localizada no bairro do centro, vizinho ao Prado, foi construída em 1847 e demolida em 1970.



Figura 8 – Mapa esquemático ilustrando a localização do bairro do Prado em Maceió (à esquerda) e seu limite em destaque na imagem (à direita), e os bairros do Centro, Trapiche da Barra e Levada em volta. Destaque para a Praça da Faculdade (em verde) à direita. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió e Google Earth, 2017. Trabalhado pela autora.



Figura 9 – Fotografia da fachada do Cemitério Nossa Senhora da Piedade no final do século XIX. Fonte: Desconhecido. Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/cemiterio-de-n-s-da-piedade-completa-160-de-historias.html#comment-1593>>.

Na metade do século XIX, mais precisamente na década de 1850, ano de instalação do Cemitério Nossa Senhora da Piedade, o bairro do Prado era tido como um lugar afastado da cidade, “o areal à margem da estrada que conduzia ao Trapiche e ao Pontal da Barra, então deserto, coberto de cajueiros bravos [...] entre o canal grande, o mar e o centro da cidade (LIMA JÚNIOR, 1983, p. 61)”, escolhido então para suprir a necessidade de se construir na cidade um cemitério extramuros.

Através do Relatório da Província de 5 de junho de 1850 escrito pelo Presidente da Província de Alagoas Dr. José Bento da Cunha e Figueiredo (Visconde do Bom Conselho) para o Vice-Presidente Dr. Manuel Sobral Pinto, se tem conhecimento de que foram escolhidos dois locais para serem analisados quanto ao mais apropriado para a implantação do cemitério, considerando a direção dos ventos e a natureza do solo, bem como a posição

topográfica do terreno e dos lugares adjacentes. Ou seja, por questões higienistas. No Relatório, é descrito o cuidado que se teve ao escolher o local para a implantação do cemitério, e que foram convidados médicos e engenheiros existentes na cidade, o Presidente do Conselho de Obras Públicas e o Presidente da Câmara Municipal.

Um destes lugares é a chapada da parte da montanha, que fica em frente (pouco mais ou menos) ao sítio de D. Anna Magna, na Cambona, e o outro é a parte do terreno, que é adjacente à margem direita da estrada que vai desta Cidade, pelo lado de O., para o Trapiche da Barra. (Relatório da Província, 1850)

A conclusão que se chegou após os estudos, neste mesmo relatório, é de que não há um lugar inteiramente conveniente para a construção de um cemitério; o local da Cambona não é apropriado; e o local da estrada do Trapiche da Barra encerrava menos circunstâncias desfavoráveis, que podem ser extraordinariamente modificadas, mediante esforços (Relatório da Província, 1850).

Ainda não estando concluído o referido cemitério, o afastado bairro do Prado recebeu em 1855 o cemitério dos Coléricos, um dos cemitérios dentre os que foram construídos às pressas devido às epidemias da época, a febre amarela em 1851 e “depois, em novembro de 1855, a da cólera mor bus, ambas fazendo numerosas vítimas” (LIMA JÚNIOR, 1983, p. 32), sendo posteriormente abandonado e extinto. Em uma das Fallas dirigida à Assembleia Legislativa da Província das Alagoas (1855) sobre o emprego de medidas sanitaristas devido à cólera, deduz-se que o seguinte trecho seja referente ao cemitério dos Coléricos:

Não se achando concluído o Cemiterio Publico, para o que é ainda necessario algum tempo, e devendo premunir-me de tudo, mandei erigir em lugar conveniente um Cemiterio provisório, obra ligeira e de estacas somente, o qual já está prompto. Era minha intenção derivar para ahi uma parte dos enterramentos, que do costume se fazem nos templos, logo que me chegasse um carro funebre que mandei ver em Pernambuco por intermédio do Agente das Rendas Provinciaes. (Falla dirigida à Assembleia Legislativa da Província das Alagoas, 1855)

Ao final do século XIX, segundo Lima Júnior (1983, p. 107) um cemitério foi construído no bairro, esse para as vítimas da varíola, conhecido como o cemitério dos Variolosos ou do Prado, localizado próximo à atual Avenida Amazonas, com uma capela ainda de pau-a-pique e portão de madeira, abandonado em meados 1925.

Na primeira metade do século XX, o Prado era ainda quase um arrabalde. E nessa época era inaugurado mais um cemitério, uma das instalações do bairro que marcou a sua paisagem, o cemitério São José (1920)¹⁶, construído em frente ao improvisado cemitério dos Coléricos. Pode-se dizer então, que a origem do bairro é marcada pelos cemitérios que foram construídos no local por ter sido uma área que mantinha uma distância da concentração urbana e, que estes acabaram determinando o eixo de expansão do Prado em

¹⁶ Apenas em 1921 foram construídos o muro e a capela do cemitério São José.

direção ao bairro do Trapiche, e o espaço em frente ao Quartel foi um dos espaços no início desse eixo.

Ainda durante o século XX, a paisagem e a dinâmica do bairro viriam a se transformar, já que o prédio em que se instalava o 33º Batalhão de Caçadores e que depois foi substituído pelo 20º Batalhão de Caçadores (1917) ocupado até 1944 foi doado pelo Ministério do Exército para receber a Faculdade de Medicina de Alagoas, em 1950 (Ver Figura 18) sendo reformado a partir de fevereiro de 1951 pelo arquiteto Jofre Saint-Yves-Simon o transformando do estilo Neoclássico para Neocolonial e adaptando-o ao novo programa de necessidades da Faculdade de Medicina, e logo depois foi instalado na mesma quadra para servir de apoio à própria unidade acadêmica, o prédio do Instituto Médico Legal Estácio de Lima (1953) baseado no mesmo estilo arquitetônico utilizado na Faculdade (Figura 10).



Figura 10 - Fachada do prédio onde funcionava o Instituto Médico Legal Estácio de Lima, atualmente desocupado. Similar à fachada do prédio da antiga Faculdade de Medicina, mais à frente, na Figura 18. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

A demolição do prédio do Asilo Santa Leopoldina na segunda metade do século XX, que permaneceu em uso até o início da década de 1960, também fez parte desse processo de transformação da paisagem do bairro. O Hospital Portugal Ramalho, no bairro do Farol, passou a oferecer a estrutura adequada necessária ao tratamento psiquiátrico que não pode ter sido dado pelo Santa Leopoldina.

No final do século XX, a construção de residências modernistas, adensou a ocupação ao longo da Avenida Siqueira Campos, conforme se pode verificar nas Figura 17 e Figura 21, e de forma gradativa o bairro do Prado continuava se modificar. A sua principal avenida e ruas mais próximas se tornaram, posteriormente, uma área comercial devido à sua proximidade ao bairro do Centro e a necessidade de suprir as carências locais. No terreno onde existia o antigo Asilo, foram construídos três edifícios residenciais: o Ômega, Antares, Vega e Maison Chateaubriand, dando início ao crescimento vertical do bairro (Figura 11).



Figura 11 - Edifícios residenciais Ômega, Antares, Vega e Maison Chateaubriand, implantados onde se localizava o terreno do antigo asilo Santa Leopoldina. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Sobre a paisagem do bairro atualmente, duas das edificações que foram marcantes ainda permanecem desde a sua origem, a exemplo, o prédio da antiga Faculdade de Medicina¹⁷, que funciona como Museu de História Natural em concomitância ao funcionamento ainda remanescente das aulas de anatomia do curso de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, e o prédio do Instituto Médico Legal Estácio de Lima (Ver Figura 10), que está desocupado e faz parte do conjunto do prédio do Museu de História Natural.

A Avenida Siqueira Campos mantém-se como a principal avenida do bairro, ocorrendo nela o maior fluxo de comércio e serviço. Em decorrência, as casas antigas que margeavam a avenida transformaram-se em pontos comerciais e de serviços, além dos inúmeros desdobramentos do comércio funerário em virtude de no bairro se localizar os dois mais conhecidos e utilizados cemitérios públicos da cidade: o cemitério São José (Figura 12) e o cemitério Nossa Senhora da Piedade (Figura 13).



Figura 12 – Fachada principal do cemitério São José no Prado. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

¹⁷ Funcionou ainda como núcleos de estudos e pesquisas nas áreas de Biologia e Saúde da UFAL: o CCBI (Centro de Ciências Biológicas) e posteriormente abrigou o ICBS (Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde). Atualmente, em virtude de ainda pertencer à UFAL, está abrigando em parte do seu espaço, o Museu de História Natural.



Figura 13 – Fachada principal do cemitério Nossa Senhora da Piedade no Prado e Avenida Siqueira Campos. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

4.2. O ontem e o hoje da Praça

Surgiu no final do século XIX de um grande largo formado em frente ao Quartel do 33º Batalhão de Caçadores depois de terminada a obra do prédio, no bairro do Prado localizado em Maceió. De acordo com Costa (1981), foi denominada inicialmente como Praça do Quartel de Linha (1891), coincidente com a implantação do prédio do Quartel do 33º Batalhão de Caçadores mandado construir pelo governo federal, em 1891, na administração do Dr. Gabino Besouro situado em terreno arenoso em frente ao cemitério público e com planta do engenheiro militar Carlos Jorge Calheiros de Lima (INDICADOR GERAL DO ESTADO DE ALAGOAS, 1902, p. 280), que junto ao prédio do Asilo Santa Leopoldina, este oficialmente inaugurado¹⁸ a 28 de junho de 1891 (VASCONCELOS, 1985, p. 40), começava a fazer parte da paisagem urbana do bairro (Figura 14). Depois disso, a Praça do Quartel, “[...] muito vasta e era assim chamada por nella estar situado o quartel da guarnição federal [,] em dias de Janeiro de 1903 uma comissão popular pediu ao Concelho Municipal desse-lhe o nome daquelle heroíco portocalvense, como uma homenagem a memoria desse martyr, sendo atendida” (INDICADOR GERAL DO ESTADO DE ALAGOAS, 1902, p. 222) e passou a ser a Praça Calabar (1903), e a seguir foi renomeada como Praça Siqueira Campos, homenageando a um dos heróis dos movimentos armados de 1922 que ficou conhecido como os 18 de Copacabana¹⁹, no Rio de Janeiro. Os nomes que a Praça recebeu até meados do século XX comprovam a função cívica que o espaço exercia até então, e que provavelmente pela proximidade, servia de extensão para as atividades do prédio do Quartel.

¹⁸ Constava na Ata de Inauguração, escrita pelo secretário interino do governo, Aureliano H. Tolentino da Costa, a presença do vice-governador Manuel de Araujo Goes, o senador Pedro Paulino da Fonseca, o chefe de polícia, o engenheiro construtor, o diretor do asilo, magistrados, funcionários públicos, oficiais da força pública, pessoas gradas e gente do povo. Antes a antiga Penitenciária da capital é que abrigava “os loucos, coitados, mantidos acorrentados”, segundo relato de Lima Júnior (2001).

¹⁹ Revolta ocorrida no Rio de Janeiro em 5 de julho de 1922, capital do Brasil na época, contra a República Velha.



Quartel de Linha e Asylo de S. Leopoldina. Maceió.

Figura 14 - Da direita para a esquerda, o Quartel do 33º Batalhão de Caçadores (Quartel de Linha), o espaço descampado à sua frente e o Asilo Santa Leopoldina. Início da paisagem urbana do bairro do Prado, primeiras edificações no entorno do espaço que viria a ser a Praça da Faculdade. Fonte: Acervo digital do Museu de Imagem e Som de Alagoas – MISA, s/d.

Conseqüentemente, o espaço foi palco de importantes eventos cívicos (Figura 15, Figura 16). E, pela importância que já apresentava para Maceió, também foi palco de eventos religiosos, a exemplo, o primeiro Congresso Eucarístico Provincial de Ação Católica (Figura 17) que aconteceu na cidade no ano de 1945, que foi aberto com uma procissão iniciada na Catedral e percorreu as ruas de Maceió até o Prado, na Praça, onde o evento se formalizou.



Figura 15 – Fotografia do momento de chegada das forças revolucionárias em frente ao Quartel, outubro de 1930. Nota-se ao fundo o prédio do Asilo Santa Leopoldina (centro da imagem) e algumas residências já em volta da Praça. Fotografia capturada do ângulo de onde atualmente é a Avenida Siqueira Campos. Fonte: Acervo digital do Museu de Imagem e Som de Alagoas – MISA, data na fotografia.

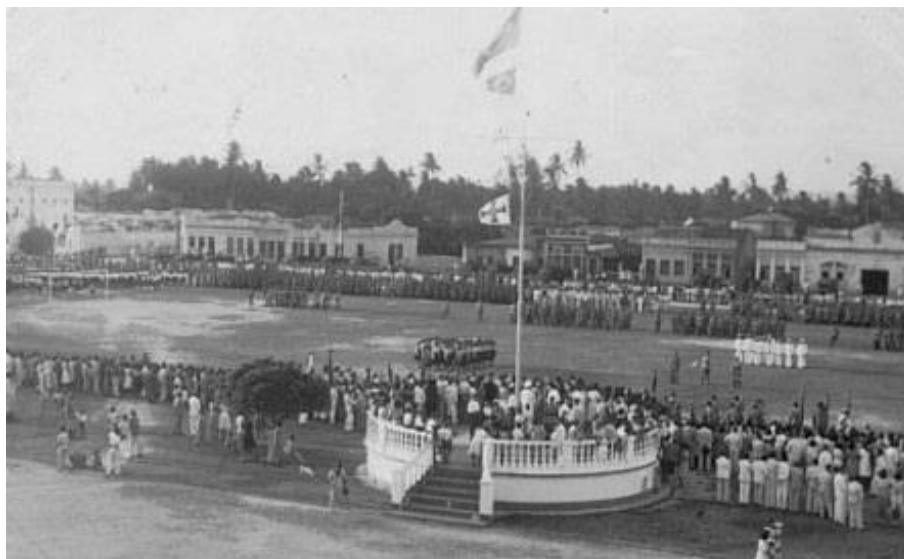


Figura 16 – Fotografia do desfile militar na Praça da Faculdade, década de 1940. Vê-se ao fundo o adensamento de edificações em volta da Praça e a elevação em alvenaria com a escadaria voltada para a fachada do Quartel, mantendo a relação como espaço de atividades cívicas mencionadas no texto. Fonte: <http://www.historiadealagoas.com.br/praca-da-faculdade.html>. Acesso em 29 set. 2017.



Figura 17 - Registro do primeiro Congresso Eucarístico Provincial de Ação Católica em Maceió, em 1945. Vê-se ao fundo do lado direito da fotografia, o elevação em alvenaria mencionado na Figura 16, e do lado esquerdo o cemitério N^o Sra. da Piedade. Fonte: Acervo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Maceió, 1945.

Já na década de 1950, a Praça recebeu o nome de Praça Dr. Afrânio Jorge, em homenagem ao médico Afrânio Augusto de Araújo Jorge, alagoano que na época se destacou na política como deputado estadual e secretário de Estado, e essa nomeação foi regulamentada através da ANEXO A – Lei Municipal nº 248 de 1952, assim, de acordo com o Art. 1º da Lei 248 de 1952: passam a denominar-se Dr. Afrânio Jorge a atual Praça Siqueira Campos e Siqueira Campos a atual Av. 5 de Julho, no distrito do Prado.

A denominação não fixou na memória da população maceioense, e acabou ficando mais conhecida como a Praça da Faculdade, pela vinculação que faziam a ela por se localizar em frente ao imponente prédio da Faculdade de Medicina de Alagoas (1950)

(Figura 18), que se instalou no prédio onde havia sido o Quartel, e também pela posse que os estudantes da faculdade faziam do espaço. Ali ficavam antes e depois das aulas ou mesmo durante os repetidos intervalos de descanso durante várias horas de permanências extras nas salas de estudo de anatomia que ultrapassavam os turnos regulares de ensino, extrapolando até alta noite²⁰.



Figura 18 – Fotografia da fachada do prédio do antigo Quartel, reformado para abrigar a Faculdade de Medicina de Alagoas. Fonte: Acervo digital do Museu de Imagem e Som de Alagoas – MISA, s/d.

Assim como os nomes que recebeu, fisicamente a Praça da Faculdade também sofreu algumas modificações. Porém, não existe muita informação sobre a evolução da formação da Praça em relação à sua materialidade em termos dos arranjos de agenciamentos feitos e exatamente quando assim foram implantados. Portanto, por meio das fontes que foram encontradas, que não exclusivamente a de tradição escrita (relatos em trechos de livros e jornais, depoimentos orais) foi também através de fotografias antigas²¹, considerando que “toda fotografia é resíduo do passado” (KOSSOY, 2001, p. 45), que se obteve conhecimento sobre a trajetória desse espaço até chegar à configuração atual. Desse modo, através da fotografia (Ver Figura 16) na ocorrência do desfile militar na Praça da Faculdade na década de 1940, se vê que já houvera a implantação de uma elevação de alvenaria em forma circular com guarda corpo e pequena escadaria no eixo central do espaço, configurando, provavelmente, o primeiro equipamento urbano no amplo terreno vazio, que posteriormente daria lugar a outros. Do mesmo modo, se pode deduzir a partir do registro fotográfico (ver Figura 18) que enquadra o prédio do antigo Quartel, adaptado para instalar a Faculdade de Medicina (1950), que já havia um assento de concreto

²⁰ Informação obtida a partir de conversa informal com antiga moradora do bairro do Prado.

²¹ Acervo digital do Museu de Imagem e Som de Alagoas – MISA, acervo da Universidade Federal de Alagoas, acervo do Arquivo Público de Alagoas – APA e páginas da internet com imagens relacionadas à Praça da Faculdade.

(provavelmente existiam outros, mas que não foram incluídos no ângulo da fotografia) e alguns postes de iluminação pública instalados na Praça em frente ao prédio.

Contudo, a sua função cívica ainda permanecia enraizada, e a Praça já consolidada como espaço público urbano de Maceió e carregada de significados, recebeu entre as décadas de 1950 e 1960 um monumento que constituía em uma pequena réplica de um templo greco romano (Figura 19), o Pantheon ou Panteão²², “monumento destinado a homenagear três dos mais notáveis alagoanos de projeção no cenário alagoano e nacional” (GAZETA DE ALAGOAS, 1952) (Figura 20), Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e a Tavares Bastos²³. Não se conhece a data exata da sua construção²⁴, assim como do autor do projeto do monumento, e em registro fala-se apenas de uma placa indicativa não datada e sem se fazer referência explícita ao monumento, exibindo o seguinte texto: “Parque Afrânio Jorge construído na administração do prefeito Abelardo Pontes Lima e reformado na administração do prefeito Divaldo Suruagy” (VASSALO FILHO, 2000-2001). Essa placa atualmente não se encontra mais no local, mas a partir da informação da gestão do prefeito que vem corroborar com a informação do jornal aproximando a assertiva que tenha sido construído entre os anos 1952 e 1960, em um dos períodos da administração do prefeito Abelardo Pontes de Lima.²⁵



Figura 19 – Fotografia do Panteão instalado na Praça da Faculdade atualmente. Ao lado recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

²² Em algumas referências encontra-se como “Phanteon” e em outras, normalmente as mais atuais, como Panteão.

²³ Os alagoanos a quem se intencionava homenagear: Deodoro da Fonseca (1827-1892), o proclamador da República e Floriano Peixoto (1839-1895), consolidador da República, e primeiros presidentes da República Federativa do Brasil; Tavares Bastos (1839-1875), deputado e preceptor político e ideológico de questões relativas à reformas no Estado imperial.

²⁴ Muito embora, conforme se localizou na matéria do jornal acima citado, o monumento veio a ser erigido após o ano de 1952.

²⁵ Segundo Barros (2005), Abelardo Pontes Lima foi vereador em Maceió, de 1951 a 1955, tendo ocupado, interinamente, o cargo de prefeito da capital de 1 de junho de 1952 a 3 de outubro de 1953. Elegendo-se novamente e assumindo a prefeitura de Maceió em 24 de novembro de 1955, permanecendo no cargo até 2 de dezembro de 1960.



Figura 20 – Fotografia de um recorte do Jornal Gazeta de Alagoas de 2 de setembro de 1952, em que destaca a aprovação da emenda que autoriza a construção, em Maceió, do Panteão a Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e a Tavares Bastos. Fonte: Arquivo Público de Alagoas – APA.

Na fotografia (Figura 21) do momento em que o Presidente do Brasil General Castelo Branco e algumas autoridades acadêmicas estão subindo a rampa de acesso à portaria do prédio da Faculdade de Medicina em 1960, já se vê ao fundo o Panteão.



Figura 21 – Fotografia de autoridades acadêmicas e políticas (Presidente do Brasil – Castelo Branco) na rampa de acesso à portaria do prédio da Faculdade de Medicina. Ao fundo o Panteão e trecho do casario da Av. Siqueira Campos, predominantemente com platibanda; década de 1960. Fonte: Acervo UFAL.

Segundo a maioria das referências que se encontra em matérias de jornais e livros, o monumento teria sido construído com a finalidade de ser mausoléu para restos mortais dos célebres marechais alagoanos, Deodoro da Fonseca (1827-1892) e o Floriano Peixoto (1839-1895), os primeiros presidentes da República Federativa do Brasil. No entanto, na nota (Ver Figura 20) encontrada em pesquisa aos jornais da época, o então deputado de Alagoas, Medeiros Neto havia aprovado a construção de um Pantheon em Maceió destinado a homenagear três alagoanos: os já citados marechais e o precursor do federalismo no Brasil, Tavares Bastos (1839-1875).

Levando em consideração o arrefecimento dos ícones nacionalistas em todo o contexto político, mesmo o Panteão reforçando a função cívica que a Praça concentrava, uma função mais modernizadora foi se instalando na Praça da Faculdade, como espaço de permanência, que no decorrer dos anos sofreu ainda algumas reformas: “[...] vinha um prefeito, fazia uma renovação... Sandoval Caju... Fazia os bancos redondos, depois vinha outro e desmanchava pra aparecer, né?” (informação verbal)²⁶.

O prefeito Sandoval Caju, citado pela moradora da fala anterior, foi eleito prefeito de Maceió em 1960, assumindo a prefeitura no dia 2 de fevereiro de 1961 até 1 de maio de 1964. O pouco tempo que esteve à frente da administração da cidade remodelou 22 praças e parques, e dentre esses espaços, a Praça da Faculdade, em Maceió, ficando conhecido como o “Prefeito das Praças” (BARROS, 2005, p. 191). Sua marca registrada era o “S” azulejado que decorava os bancos, os brinquedos e monumentos nas praças que ele reformava, além dos passeios e canteiros sinuosos e bancos circulares. Evidencia-se na fala da moradora o tipo de reforma que ele teria feito também na Praça da Faculdade inserindo “bancos redondos”.

Somou-se a esse processo de modernização que a Praça enfrentou a transferência definitiva das festas natalinas para lá na década de 1960, que a consagraria para gerações sucessivas a Praça referência deste lado cultural forte à época: hoje lembradas como “festas de Natal da Praça da Faculdade”.

E em outro momento, mais precisamente na década de 1990, no período de mandato do prefeito Pedro Vieira a Praça da Faculdade, segundo os moradores antigos do bairro, enfrentou um momento diferenciado quando se fechou à demanda do público e chegou a ser cercada por uma grade de ferro, que segundo a moradora Marlene Silva, antiga usuária da Praça, circundava toda a sua extensão (Figura 24). A Praça da Faculdade não foi a única a ser cercada, nessa época o prefeito Pedro Vieira ficou bastante conhecido

²⁶ Entrevista concedida por SILVA, Marlene Ferreira da. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (00 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

por colocar grades nas praças da capital sendo até matéria da Gazetaweb, onde esclareceu que a intenção era de preservar o espaço e garantir a segurança. As grades das praças foram retiradas na administração da prefeita Kátia Born (1998 – 2002). Em entrevista com um dos atuais usuários da Praça, também se pode obter mais informações sobre o momento em que a Praça foi gradeada:

Entrevistado: [...] Tinha uma feira de carro livre, era aqui. Isso acabou quando um prefeito interino, com o nome de Pedro Vieira, vocês vão procurar, foi prefeito de... Daqui de Maceió, porque o prefeito na época teve um problema de saúde e terminou o mandato com esse aí. Então veja só, quando ele assumiu a prefeitura, ele decretou um sistema aí que todas as Praças da cidade era cercada. Acabou a feira de carro aí. Essa Praça, ela era cercada, todinha, não só aqui como todas.

Entrevistadora: O senhor lembra em que momento foi isso... Em que ano?

Entrevistado: Olha, se não me falhe a memória, foi em noventa e um. Aí foi onde acabou a feira de carros e essa Praça era cercada, e foi onde... Eh... Perpetuou esse... Essa cerca na Praça até o primeiro mandato de Kátia Born. Ele veio... O... Ronaldo Lessa tirou quatro anos, Katia Born entrou depois do Ronaldo Lessa e no segundo mandato ela não fez a manutenção... Retirou as grades (informação verbal)²⁷.



Figura 22 – Sobre a fotografia, a moradora Maria Sarmiento descreve que a grade ao fundo era a grade que cercava a Praça da Faculdade. Fonte: Acervo pessoal de moradora antiga do bairro do Prado digitalizado, s/d.

Voltando a reflexão para o Panteão, quanto à sua localização na Praça, evidencia-se que o monumento foi implantado no eixo central de forma que se mantivesse uma relação de enquadramento com o prédio da Faculdade de Medicina que se alinha perpendicularmente à portada de entrada (Figura 23).

²⁷ Entrevista concedida por LEITE, Luis Josias. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

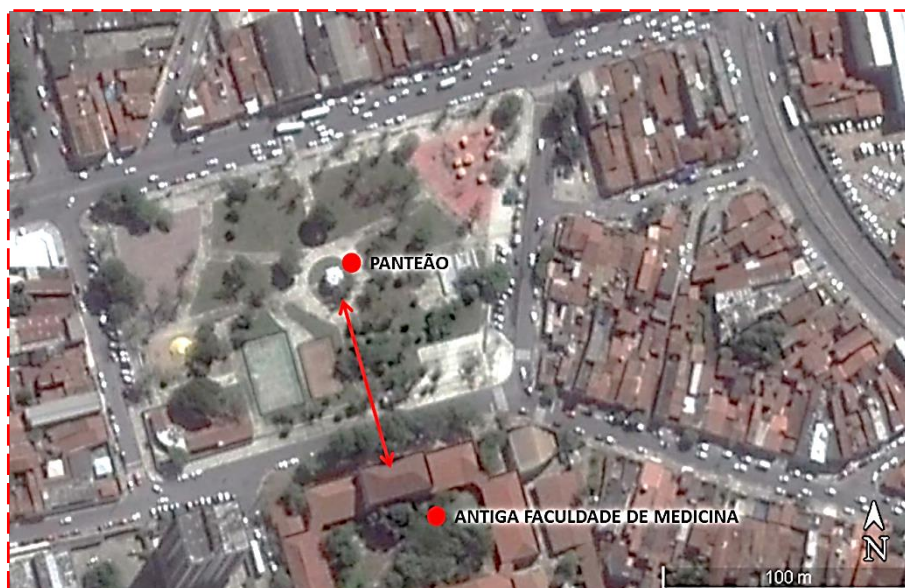


Figura 23 - Recorte de imagem de satélite enquadrando a Praça da Faculdade e o prédio da antiga Faculdade de Medicina. Destaque para o alinhamento existente entre a fachada sul do Panteão e a fachada principal do prédio da antiga Faculdade. Fonte: Google Earth, 2017. Trabalhado pela autora.



Figura 24 – Panteão (à esquerda, encoberto pela arborização) em alinhamento com a portada principal do prédio da antiga Faculdade de Medicina (à direita). Imagem com distorção pelo ângulo da foto em modo panorâmico. Ao canto inferior direito recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.

Embora o Panteão nunca tenha exercido a função para o qual foi destinado, de acordo com alguns relatos das pessoas que vivenciaram ou tem lembranças da sobre o monumento, sabe-se que desempenhou outros papéis, como o de *lôcus* de exposições dos concorridos concursos de lapinhas (ou presépios) natalinos organizados pela prefeitura do município nas tradicionais festas de fim de ano realizadas na Praça, muito frequentadas durante as décadas de 1960-1980, entre outras breves apropriações pela população. O jornalista alagoano Alexandre Câmara em um artigo para o site *Alagoas 24 horas*, descreve que:

O famoso Panteão, localizado no meio da praça, e feito para acolher os restos mortais dos dois primeiros presidentes da República, os alagoanos Deodoro da

Fonseca e Floriano Peixoto, virou elefante branco e terminou servindo de lapinha nos finais de ano, porque os seus descendentes não acataram a idéia. Era tradição; cada ano a lapinha tinha que ser mais bonita que a do ano anterior. Tudo isso passou. (CÂMARA, Alexandre. Praça da Faculdade: à espera de um conceito multicultural. **Alagoas 24 horas**, Alagoas, 21 out. 2011)

Basicamente durante duas décadas, a Praça exerceu a função de lazer de modo bem marcado.

As comemorações natalinas da capital ocorriam no amplo espaço da Praça. Mas antes de se mudar definitivamente para a Praça da Faculdade, as festas de Natal ocorriam na Praça do Pirulito (Parque Rodolfo Lins) no Centro de Maceió. Comenta-se ainda, que entre as décadas de 1950 e 1960, havia um rodízio entre as duas Praças, sendo um ano em uma, e, outro ano na outra. Foi transferida para a Praça da Faculdade pela dimensão que a festa alcançou necessitando de mais espaço. Iniciava no mês de dezembro, permanecendo até o dia 6 de janeiro, Dia de Reis, quando ocorria a grande noite do encerramento desta festa, sempre tão concorrida:

O encerramento do Dia de Reis, de Reis né? Cinco de janeiro, quando termina o natal... O natal, o ano novo que vem o dia... Aí era aqui né... Na frente da Faculdade. Vinha os cavaleiros de Viçosa... [...] vinham de vermelho, os homens uns com correia vermelha e uns com correia azul (informação verbal)²⁸.

Vale ressaltar ainda, que as festas de Natal da capital, como descreve Costa (1981, p. 204), “constituíam a diversão máxima da sociedade maceioense”, eram “festejos animados [...] no Poço, em Bebedouro [...] as festas, mais profanas do que religiosas, passam o Natal e atravessam o Ano-Novo. Terminam quase sempre no dia de Reis[...]”.

No período das festas natalinas a Praça ganhava uma decoração temática (Figura 25) para receber a população vinda de todos os outros bairros da cidade e até de outros municípios vizinhos.

²⁸ Entrevista concedida por SILVA, Maria Lúcia Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (14:11 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

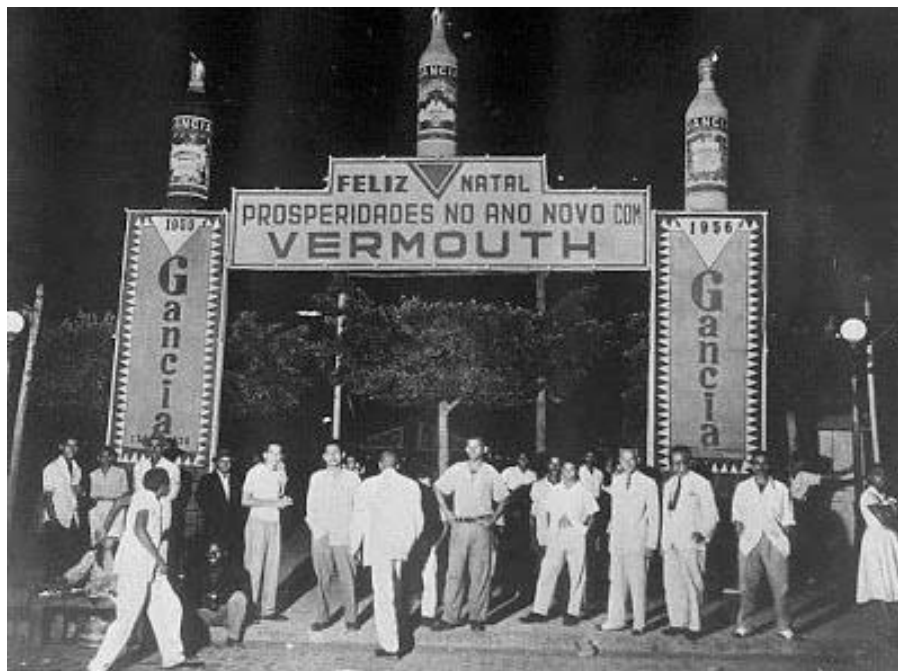


Figura 25 – Fotografia do pórtico na Praça da Faculdade marcando a tradicional festa natalina realizada no espaço, provavelmente em um dos anos de rodízio do espaço com a Praça do Pirulito (ver nota **Erro! Indicador não definido.**). Observam-se as datas no pórtico, 1955 (lado esquerdo da imagem) e 1956 (lado direito da imagem), e desejos de feliz natal e ano novo. Fonte: Página do Facebook: Maceió Antiga. Sem registro dos direitos da foto postada. Acesso em: 01 out. 2017.

Sobre o relato de Alexandre Câmara, descreve ainda como eram as festas nos anos 70 e o seu espaço:

[...] as ruas da Praça da Faculdade eram de barro e os postes, de madeira. Isso era nos anos 70, época em que ali se realizavam as grandes festas de Natal em Maceió com brinquedos como roda gigante, trem fantasma, polvo, valsa, tira prosa e tobogã. Local onde se valorizavam, em períodos natalinos, os folguedos populares como Pastoril, Chegança, Reisado... E claro, todo parque que se preze, tem seu sistema de som. 'Essa música, sucesso absoluto de Roberto Carlos, vai para Cícera dos Santos. Quem oferece é seu amado, José da Barbearia'. Nem era preciso comprar o disco do Roberto. No dia 6 de janeiro, final das festividades, já sabíamos cantar todas as músicas do seu mais novo LP – lançado em dezembro (CÂMARA, Alexandre. Praça da Faculdade: à espera de um conceito multicultural. **Alagoas 24 horas**, Alagoas, 21 out. 2011).

Eram também comuns as apresentações de folguedos, como o pastoril, guerreiros, cheganças e marujadas durante o período das festas, além da instalação dos tradicionais parques de diversão (Figura 26 e Figura 27) que foram se modernizando com o passar do tempo, mas sempre sendo parte importante da festa.



Figura 26 - Registro fotográfico da Praça da Faculdade com a instalação dos Parques para a tradicional festa de fim de ano. Fonte: Acervo digital do Museu de Imagem e Som de Alagoas



Figura 27 – Fotografia do portal de entrada da Praça como decoração para as tradicionais festas natalinas. Nota-se ao fundo o Panteão, já implantado na Praça. Fonte: Acervo UFAL, s/d.

Segundo Josemary Ferrare, antiga usuária da Praça da Faculdade, as tradicionais comemorações natalinas na Praça eram o marco das festas de natal até, aproximadamente, a década de 1980 quando, de forma gradativa, foi decaindo a organização da mesma.

A “Festa” foi “minguando” e hoje, resta apenas um parque de brinquedos para crianças, do antigo *glamour* que marcou gerações de maceioenses, e porque não dizer, de alagoanos, que aguardavam com expectativa e ansiedade a sua montagem (informação verbal)²⁹.

Além das tradicionais festas natalinas, o espaço da Praça da Faculdade também tinha destaque com os festejos juninos, porém não foi possível encontrar informações sobre os anos de ocorrência da festa e se sua organização era de iniciativa popular ou da administração pública da cidade. Continuando o relato do Jornalista:

[...] com palhoções e concursos de quadrilhas. As ruas ficavam lotadas de carros de pessoas advindas de outros bairros para viver o período junino. Como minha família sempre morou de frente à praça, recebíamos, todo final de ano, tios e primos do Rio de Janeiro e Recife que vinham passar as férias aqui. A exemplo da família Câmara, todas as outras (os Athayde, os Barbosa, os Tenório Cavalcante, os Carvalho) colocavam cadeiras nas portas de casa – os mais velhos, claro. Os jovens, iam para a praça andar nos brinquedos, torcer pelo azul ou pelo encarnado (Pastoril), ou iam passear, paquerar, namorar, dar os primeiros beijos na boca... (CÂMARA, Alexandre. Praça da Faculdade: à espera de um conceito multicultural. **Alagoas 24 horas**, Alagoas, 21 out. 2011).

No período que antecede a gradativa desvalorização das tradições das festas natalinas, a Praça da Faculdade, de espaço cívico se tornou espaço de lazer cultural e convívio social do bairro do Prado. E pouco, ou quase não comentado, é que a Praça passa a ser oficialmente denominada como Praça da Faculdade, através da Lei Municipal nº 4.067 de 1991³⁰ que passa de Praça Afrânio Jorge para a sua denominação original de Praça da Faculdade no bairro do Prado, comprovando o quanto essa denominação já tinha se fixado no imaginário da população.

Porém, com o crescimento da cidade as festas foram descentralizadas, e o progressivo abandono às tradições deu início ao processo de “ausência de grandes memórias organizadoras”, em consequência “cada indivíduo toma seu próprio caminho e isso resulta em memórias fragmentadas” (CANDAU, 2011, p. 184). Decorrente disso tornou-se frágil a principal referência cultural da Praça da Faculdade, expondo a tradição, que até então mantinha o espaço vivo, ao desaparecimento.

Nos anos seguintes, a Praça contava apenas com a presença do parque de diversões (Figura 28) que se instalava no mês de outubro, em decorrência da comemoração ao mês das crianças, e no mês de dezembro, próximo ao período natalino, e ainda algumas barracas de lanche, longe de parecer com a grande festa que existia, representando o que restou das tradições que marcaram a vivência social do bairro. Outras atividades que ainda

²⁹ Conversa informal com Josemary Ferrare, antiga usuária da Praça da Faculdade.

³⁰ Lei Municipal nº 4.067 de 1991 que revoga a Lei Municipal nº 248/1952 de 20 de outubro de 1952.

ocorriam na Praça eram as feiras agrárias – essa que ocorre até hoje – a instalação do circo no espaço da Praça, a venda de milho verde no mês de junho com as celebrações de São João, bem como venda de flores nos dias que antecedem o Dia de Finados pela proximidade do espaço com os cemitérios do bairro, sobre esse costume os moradores chegam a comentar que “[...] no Dia de Finados, o bairro fica muito animado e parece mesmo festivo com a venda de flores na frente do Cemitério e da esquina da Praça da Faculdade” (Y. S., morador do bairro em entrevista ao INRC, 2016).



Figura 28 – Registro do parque instalado na Praça da Faculdade em dezembro de 2013, permaneceu instalado no local até janeiro de 2014. Fonte: Acervo pessoal, 2014.

Ainda que a Praça da Faculdade se fizesse cenário para tradições remanescentes, mesmo que já não tão significativas, como nas décadas que antecedem os anos de 1980, gradativamente sendo vítima da degradação física e sem nenhuma atenção do poder público, passou a perder a expressiva movimentação por parte da comunidade que a frequentava. Começou a se desvalorizar e deixando de ter qualidade de espaço público bem frequentado, não sendo mais seguro até como local de permanência ou passeio. Sem mais as festas natalinas, o parque ou qualquer atividade que a movimentasse, permaneceu sob este perfil durante alguns anos³¹ até atingir a situação de abandono total, adquirindo a imagem de um logradouro esvaziado, degradado e assolado pela violência, problema que não se restringe apenas à referida Praça, mas também a outros espaços públicos da cidade. Foi ainda subutilizado como estacionamento para automóveis de pequeno e grande porte (Figura 29), teve também seu espaço ocupado por ambulantes sem nenhuma organização, apresentando acúmulos de lixos e com a iluminação pública precária, assim como os

³¹ Supõe-se com base nas pesquisas documentais e relatos orais que o período mais precário da Praça tenha sido entre o início da década de 2000 e meados da década de 2010.

equipamentos urbanos (Figura 30), destruídos pelo vandalismo, incluindo o Panteão, maior alvo da depredação física (Figura 31).



Figura 29 - Registro de caminhão estacionado nos limites da Praça junto ao lixo acumulado. Fonte: Acervo pessoal, 2014.



Figura 30 – Registro de equipamento urbano da Praça depredado. Fonte: Acervo pessoal, 2014.



Figura 31 – Registro da Praça da Faculdade em estado de abandono, Panteão ao centro. Fonte: Acervo pessoal, 2014.

Mesmo sendo *locus* de extrema degradação física e relativo esvaziamento que chega a afugentar e intimidar a população residente no entorno e adjacências, a Praça esteve ignorada pelo poder público por muito tempo. Contudo, em 2011 foi elaborado um projeto para revitalização do espaço pela Secretária de Planejamento e Desenvolvimento – SEMPLA³² de Maceió. No entanto, somente em 2013, com a aprovação da Lei Municipal nº 6.286/13, instituidora do projeto “Adote uma Área Pública”, que objetivava executar, a expensas da iniciativa privada, melhorias urbanísticas, paisagísticas e a manutenção de áreas públicas no Município de Maceió, foi possível o município conduzir o projeto. O projeto datado de 2011 passou por uma revisão em 2013 e foi iniciado somente no segundo semestre de 2015 (Figura 32).



Figura 32 – Registro da Praça da Faculdade em processo de reforma. Panteão ao fundo já dado início à vedação da entrada com alvenaria. Fonte: Acervo pessoal, 2016.

³² Atual Secretaria Municipal de Desenvolvimento Sustentável (Semds), órgão criado a partir da Lei Nº 6.593, de 30 de dezembro de 2016, que instituiu a reforma administrativa da Prefeitura de Maceió.

Nas obras para a recuperação física da Praça, concluída no ano de 2016, foram mantidos equipamentos já existentes, como a banca de revista em frente ao prédio da antiga Faculdade de Medicina, o Centro Municipal de Educação Infantil, o monumento Panteão e o cuscuz³³, sendo executada a mudança no agenciamento da Praça, instalação de novos equipamentos de lazer, como áreas de jardim e área de *playground*, mobiliário urbano esportivo que inclui quadra de vôlei de praia, quadra poliesportiva e área para prática de esporte com skate, piso tátil, rampas de acessibilidade, bicicletários, espaço destinado à praça de alimentação e espaço reservado para feiras e exposições.

Contudo, as obras da Praça chegaram a ser questionadas pelos usuários devido à sua fragilidade ao uso e também quanto à proteção do espaço contra ao vandalismo. Nos registros abaixo é possível observar algumas ocorrências provenientes do descuido em relação ao espaço da Praça em pouco tempo de reformado.



Figura 33 – Fotografia com imagem parcial da Praça meses após a conclusão da obra de revitalização. Ao fundo o Panteão, do lado esquerdo os equipamentos de ginástica, do lado direito as quadras esportivas e a vista dos prédios residenciais. Observa-se: o Panteão ainda degradado; o passeio da Praça com problemas de escoamento; descuido com a vegetação da Praça. Ao canto inferior direito recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.

³³ Construção em concreto e cimento destinada à brincadeira de escorregar, seu formato referencia o cuscuz, alimento muito consumido no nordeste.



Figura 34 – Fotografia com imagem parcial da Praça alguns meses após a conclusão da obra de revitalização. Observam-se os equipamentos de ginástica sendo utilizados; a pista para skate pichada; e descuido com a vegetação da Praça. Ao canto inferior esquerdo recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.

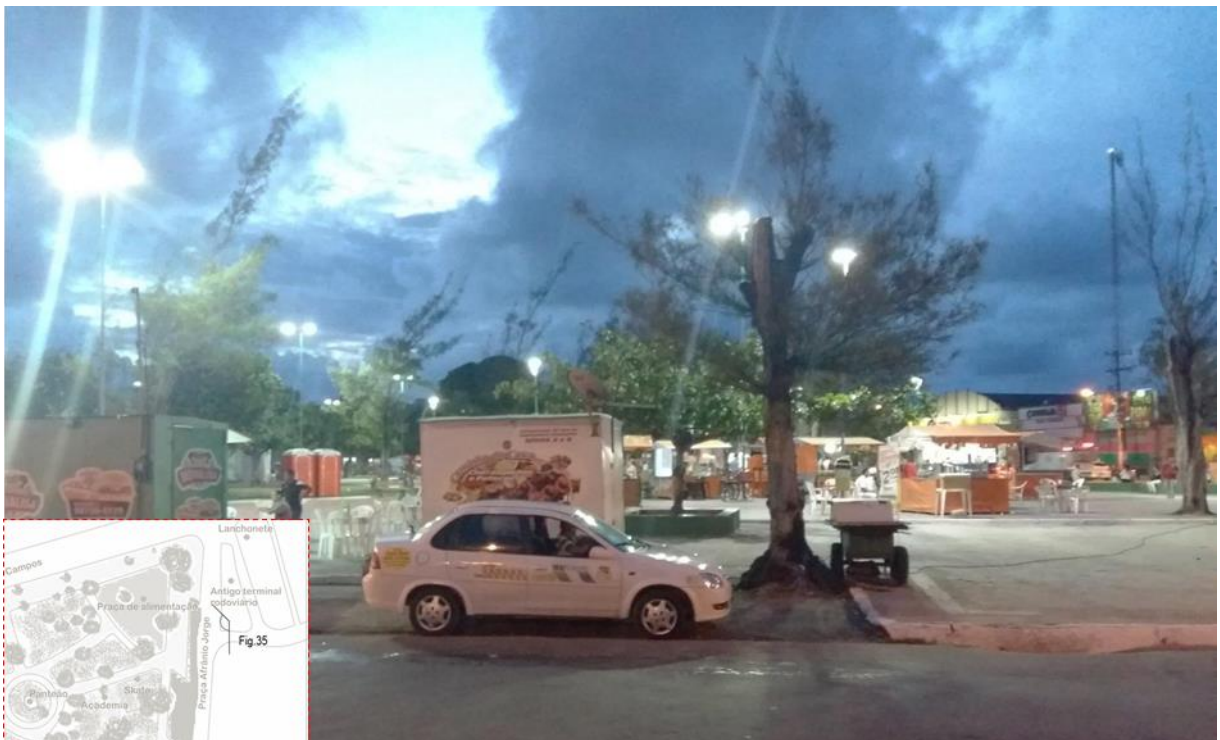


Figura 35 – Funcionamento da área destinada à praça de alimentação no espaço da Praça da Faculdade no início da noite. Observa-se ao fundo, à esquerda, a instalação de dois banheiros químicos no espaço que foram retirados posteriormente. Ao canto inferior esquerdo recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2017. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.



Figura 36 – Fotografia da Praça da Faculdade. Sofá colocado na área de grama da Praça utilizado pela população em situação de rua que se encontram na Praça. Ao canto inferior direito recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.

Quanto ao Panteão que marca a paisagem da Praça, foi executado apenas a limpeza das fachadas. Porém, não foram feitas obras completas de reintegração do mármore que reveste toda a parte interna e externa do monumento, além do bloqueio das entradas com alvenaria, sem nenhum interesse em manter uma relação visual com o monumento, agredindo a sua integridade física e estética e impossibilitando qualquer forma de especulação visual do seu interior pelos transeuntes (Figura 37).

Este tipo de tratamento superficial dado nega o usufruto do espaço interior do monumento, que mesmo não tendo cumprido o uso ao qual foi destinado, como monumento erguido para abrigar os restos mortais dos ilustres alagoanos Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e a Tavares Bastos, não o destituiu de ser caracterizado como um monumento funerário. Sobre isso, vale destacar a peculiaridade de uma edificação com uso relacionado à morte no centro de uma praça, e mesmo que não tenha se cumprido a função, foi divulgado a tal ponto que ficou marcado no imaginário da população, intrigando e despertando uma curiosidade sobre o que continha o interior do monumento. Em algumas entrevistas chegou até ser mencionado como um lugar em que eram veladas as pessoas mais conceituadas de Alagoas: “Que os antigos... Eh... As pessoas mais conceituadas aqui no estado velavam seus parentes aí” (informação verbal)³⁴. Além de se diferenciar pelo fato de consistir em um monumento funerário implantando em uma praça, também se peculiariza pela condição de ser mais que uma escultura em volume, mas uma obra arquitetônica, que é intrínseco ao abrigo dos diferentes tipos de atividades humanas.

³⁴ Entrevista concedida por SILVA, Marcos Rocha da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [nov. 2017]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2017. 1 arquivo .mp3 (5:13 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

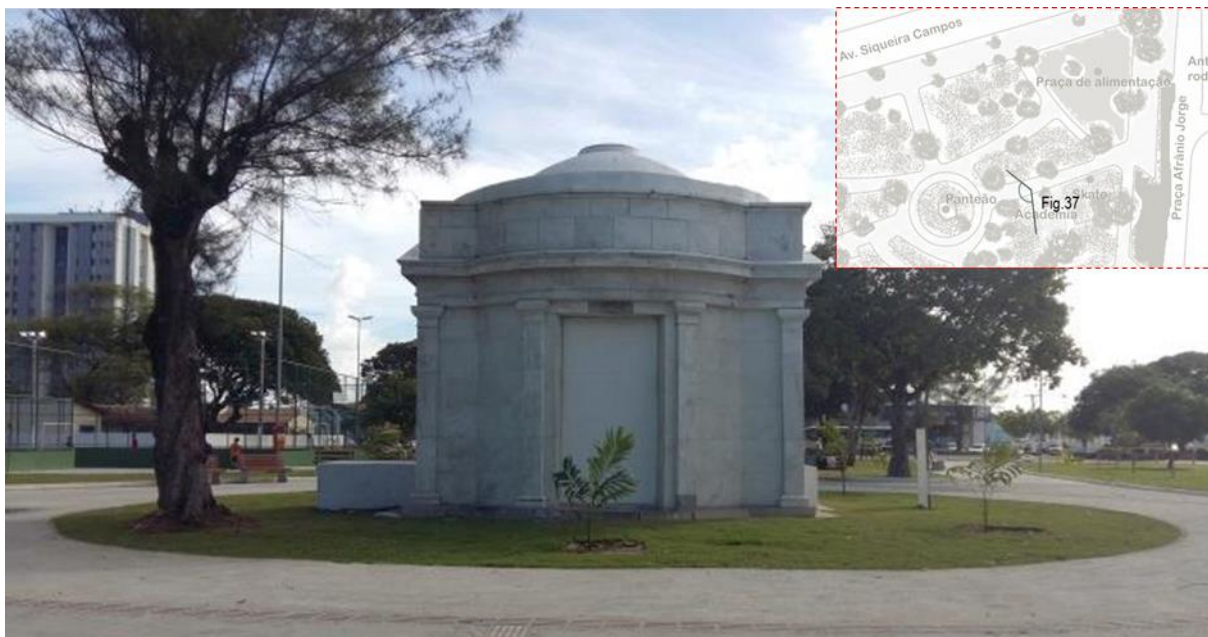


Figura 37 – Foto da fachada de entrada do Panteão após a revitalização que ocorreu na Praça da Faculdade em 2016. Observa-se a falta da peça de mármore acima da entrada e o bloqueio da entrada com alvenaria. Ao canto superior direito recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2016. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.



Figura 38 – Foto da fachada de entrada do Panteão, oposta à da Figura 37, após a revitalização em 2016. Observa-se o bloqueio da entrada com alvenaria e a instalação de modo improvisado da porta de madeira. Ao canto superior esquerdo recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2016. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.



Figura 39 – Foto da fachada de entrada do Panteão, oposta à da Figura 37, após a revitalização em 2016. Observa-se o bloqueio da entrada com alvenaria e o complemento do bloqueio substituindo a porta de madeira. Fonte: Ao canto superior direito recorte do croqui geral da Praça com indicação do ângulo de captura da fotografia. Fonte: Acervo pessoal, 2017. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió. Trabalhado pela autora.

Atualmente, as atividades permanentes que ocorrem na Praça são:

- As feiras agrárias (Figura 40; Figura 41; Figura 42), que se instalam no espaço desde a década de 2000, constituem a comercialização de alimentos agrícolas e ocorrem anualmente: a Feira da Reforma Agrária, em setembro, organizada pelo Movimento sem Terra - MST; a Feira Camponesa, em junho e em outubro, organizada pela Comissão Pastoral da Terra - CPT; E a Feira das Margaridas do Crédito Fundiário, em agosto, em sua primeira edição promovida pelo Instituto de Terras das Margaridas do Crédito Fundiário – Iteral. Simultâneo à ocorrência das feiras, é organizada pelos coordenadores uma programação cultural, como show de artistas locais e debates abertos ao público;
- A venda de milho (Figura 43), que ocorre anualmente, durante o mês de junho em decorrência das comemorações juninas. A Praça, atualmente, entra no clima dos festejos juninos pela venda de milho e o som típico do São João que é tocado nas caixas de som durante a comercialização do produto. A estrutura é basicamente a instalação de algumas tendas nas bordas da Praça, facilitando o acesso das pessoas que vão comprar, e as espigas de milho ficam empilhadas no chão. Não se obtiveram informações sobre o início dessa atividade, mas a Praça da Faculdade é considerada pelos

maceioenses como um dos pontos tradicionais de venda milho (verde e seco);

- A venda de flores, que também ocorre anualmente, no dia de finados (02 de novembro, de acordo com o calendário nacional). São instaladas tendas na Praça para a comercialização de flores em decorrência da tradição de muitas pessoas visitarem cemitérios e enfeitarem os túmulos de familiares. A proximidade da Praça da Faculdade com os cemitérios do bairro se tornou um ponto favorável para essa atividade no espaço da Praça;
- No mês de dezembro, apesar de não se ter mais a tradicional festa natalina e as exposições de presépio, ou mesmo a instalação do parque de diversões, algo da essência natalina da Praça parece vir à tona através da instalação de iluminação especial (Figura 44) e apresentações culturais promovidas pela prefeitura, como apresentações de Baianas, Fandango e Guerreiro, em uma tentativa de resgatar para a festa os tradicionais folguedos natalinos.



Figura 40 – Registro da 18ª Feira da Reforma Agrária ocorrida em setembro de 2017 na Praça da Faculdade. A feira desde sua primeira edição se instala na Praça. Fonte: Acervo pessoal, 2017.



Figura 41 – Preparação para a 26ª edição da Feira Camponesa na Praça da Faculdade. Destaque para o palco onde ocorrem os eventos culturais (shows e apresentação de folguedos) durante a comercialização dos alimentos no espaço. Fonte: Acervo pessoal, 2017.



Figura 42 – Arrumação para a 1ª Feira das Margaridas na Praça da Faculdade. Destaque para o palco onde ocorrem os eventos culturais (shows e apresentação de folguedos) durante a comercialização dos alimentos no espaço. Fonte: Acervo pessoal, 2017.



Figura 43 – As bordas da Praça da Faculdade ocupadas por ambulantes para a venda de milho. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 44 – Iluminação temática para decoração natalina na Praça da Faculdade. Fonte: Acervo pessoal, 2016.

E ainda algumas atividades esporádicas ou programadas, como:

- Eventos culturais promovidos pela prefeitura, com apresentações de cultura popular (Baianas do Pontal, Fandango, Pastoril, Guerreiro, entre outros) e shows de música com artistas locais, a exemplo, os eventos no mês de agosto, quando é comemorado o Mês das Tradições Populares (Figura 45) que em 2016 aconteceu na Praça da Faculdade;
- No mesmo ano (2016) o espaço também sediou a primeira edição do Lazer Itinerante promovido pelo município, e que se trata da ocupação de um espaço público da cidade através de atividades lúdicas e esportivas;
- Devido ao amplo espaço, a Praça também é apropriada por grupos que praticam capoeira, dança e outras atividades físicas e ainda ações de campanhas de saúde, à exemplo, o Maceió Rosa que ocorreu em 2017, também na Praça.



Figura 45 – Apresentação de show musical com artistas regionais ocorrido na Praça da Faculdade no Mês das Tradições Populares que acontece em agosto. Fonte: Acervo pessoal, 2016.



Figura 46 – Registro do evento Lazer itinerante na Praça da Faculdade. Fonte: disponível em: <<http://www.maceio.al.gov.br/galeria/lazerpracafaculdade/>>. Acesso em: set. 2018.

Abaixo, a partir do Quadro 3, ilustra-se de forma simplificada uma linha do tempo das funções da Praça da Faculdade desde a década de 1890 até a década atual.

Dec.	1890	1900	1950	1960	2000
Função social Praça da Faculdade	Uso cívico	Uso cívico Uso religioso	Uso cívico Uso religioso Convívio social	Uso religioso Convívio social Lazer cultural	Convívio social Lazer cultural Lazer esportivo Recreação Comércio

Quadro 3 – Evolução das funções da Praça da Faculdade.

Fonte: ROBBA e MACEDO, 2002.

Nota: Adaptado pela autora compatibilizando as funções do objeto de estudo deste trabalho.

4.3. Entorno: o que está em volta da Praça

O entorno de que se fala aqui compreende não só o que está imediatamente em volta da Praça, mas também o seu raio de influência, que define a paisagem e a função urbanística que o espaço irá exercer.

A Praça da Faculdade ocupa uma quadra inteira do bairro do Prado e possui uma área total de quase 20.000m². Limita-se a oeste pela Avenida Siqueira Campos, a principal do bairro, ao sul pela Travessa Calabar, e a leste pela Avenida Amazonas, a qual tangencia a fachada do prédio da antiga Faculdade de Medicina, que como já mencionado, é ocupado parcialmente pelo Museu de História Natural, que constitui atualmente o equipamento cultural mais próximo da Praça. Vale ressaltar que o prédio da antiga Faculdade de Medicina além de ser protegido, em 2005, a nível municipal como UEP, foi protegido a nível estadual, em 2010, através do Decreto nº 8.843, de 11 de Novembro de 2010:

Art. 1º - Fica tombado e integrado ao Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Estado de Alagoas, de que trata a Lei nº 4.741, de 17 de dezembro de 1985, o prédio do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde - ICBS/UFAL, antiga Faculdade de Medicina de Alagoas, e a Praça Afrânio Jorge, com seu entorno imediato, situado à Praça Afrânio Jorge, s/n, Prado, Maceió/AL.

Ao norte, ainda existe o espaço remanescente onde era localizado o Terminal Urbano de Transporte Rodoviário, embora demolido no início do ano de 2017, mas que continua responsável indiretamente por parte do fluxo diário de pedestres na ambiência da Praça, mesmo sem estrutura permanente, contando apenas como área descoberta para bordo e transbordo intermunicipal de passageiros, e ocupada por alguns ambulantes. Em relação ao terminal, a Prefeitura de Maceió, responsável pela demolição, por meio da Secretaria Municipal de Infraestrutura e Urbanização (Seminfra), com apoio das superintendências municipais de Controle e Convívio Urbano (SMCCU), e de Transporte e Trânsito (SMTT) justifica a ação pelo risco que a estrutura em estado precário oferecia para

os usuários e, ainda devido a falta de uso por parte dos rodoviários municipais. Apenas ônibus intermunicipais e da Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de Alagoas (Arsal) utilizavam o terminal, não cabendo mais aos órgãos municipais a responsabilidade pelo local.

Cabe destacar que próximo à Praça da Faculdade existe ainda outra praça (Figura 47) que também possui certa relação com o bairro, a Praça Almirante Custódio de Melo (Figura 48), denominada apenas como Custódio de Melo pela população local e apresenta uma menor escala comparada à Praça da Faculdade, e possui significativa ocupação por parte dos moradores do bairro do Prado. Por seu entorno imediato ser todo residencial, a Praça se torna um local mais íntimo para as reuniões, festas, formalização de bloco carnavalesco do bairro, etc., e utiliza o espaço da Praça como a extensão da calçada das residências, um pátio coletivo. Segundo Félix Lima (1983, p. 107), no local teria sido construído, no final do século XIX, o cemitério para as vítimas da varíola conforme descrito no item 4.1.



Figura 47 – Recorte de imagem de satélite enquadrando a Praça da Faculdade e a Praça Almirante Custódio. Observa-se a grande diferença entre as Praças em termos de dimensão. Fonte: Google Earth, 2018. Trabalho pela autora.



Figura 48 – Praça Almirante Custódio de Melo no Prado. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Outros equipamentos já existentes e consolidados no bairro do Prado a qual se pode fazer referência são: o Estádio Rei Pelé³⁵, popularmente conhecido como Trapichão, que movimenta a Avenida Siqueira Campos nos dias de jogo, ocorrência que canaliza na Praça da Faculdade, para lanches ou até apenas de passagem. Também o Parque da Pecuária, nos dias de evento e de exposições, gera uma significativa movimentação do local. Além das paradas de pessoas para lanches nos dias de programações do Trapichão e Pecuária, há sempre uma frequência considerável de pessoas, cotidianamente, na já tradicional lanchonete instalada nas proximidades da Praça desde 1995.

O entorno imediato da Praça é constituído majoritariamente por edificações que abrigam atividades comerciais e de serviço. Nota-se que o funcionamento das atividades comerciais e de serviço do entorno da Praça da Faculdade é de forma evidente, ligado à morte como: funerárias, central de velórios e planos funerários, floricultura, hospitais (Santa Casa de Misericórdia de Maceió e o Hospital Geral do Estado), marmoraria e outros (Figura 49). Sobre esse fato, é clara a influência que existe no Prado até os dias atuais, pelo pensamento que foi direcionado a ele estigmatizado pelos cemitérios que foram implantados na área, origem da sua conformação urbana. A Praça possui de certa forma também esse estigma considerando a implantação do Panteão, como um monumento funerário, no seu centro.

³⁵ Localizado no Trapiche, mas ainda na Avenida Siqueira Campos.



LEGENDA:

	CEMITÉRIO		FLORICULTURA
	PRAÇAS		PLANO FUNERÁRIO
	PANTEÃO		CENTRAL DE VELÓRIO
	FARMÁCIAS		FUNERÁRIA
	ANTIGA FACULDADE DE MEDICINA / IML		CONSULTÓRIO MÉDICO



Figura 49 – Mapa de uso e ocupação (atividades ligadas à morte) do Prado evidenciando a Avenida Siqueira Campos e o entorno imediato da Praça da Faculdade a partir de um recorte do mapa do bairro. Abaixo o mapa do Prado, sem escala, evidenciando o recorte que foi feito. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Ao que foi posto neste capítulo, é perceptível que a Praça da Faculdade consiste em um espaço público urbano consolidado no bairro do Prado, dinâmico marcado por funções que variam com as épocas comemorativas do calendário anual (festas juninas, dia de finados, Natal, etc.) e eventos esporádicos (jogos no Trapichão, shows no Ginásio do SESI, shows e exposições no Parque da Agropecuária, etc.). Percebe-se assim que a Praça sempre cumpriu, e ainda cumpre o papel de palco principal para as atividades do Prado e da cidade como um lugar de confluência e de grande espacialidade, sobretudo em suas bordas.

5. O QUE ACONTECE NA PRAÇA DA FACULDADE

É quase que impossível andar pela cidade <andar pela cidade?> sem perceber o vão que se abre entre as edificações. Um espaço aberto, sendo um estar fora dentro da cidade. Local de fluxos, sons, cores, pessoas, bicicletas, animais... As coisas acontecem aqui ou aqui deixam de acontecer. É quente pra quem passa e frio pra quem dorme. Em um momento a gente lembra e em outro a gente esquece. Mas ainda está lá o vão, o espaço aberto. Será um vestígio de lembrança? Lembrança da Praça?³⁶

A autora

Este capítulo tem por objetivo a análise da Praça da Faculdade em suas relações significativas e construção de símbolos mnemônicos. Dessa forma, buscou-se a partir do contato direto com o objeto de estudo – observação *in loco* – e com as pessoas que atuam nele – entrevistas semiestruturadas –, observar essas relações e os elementos que conduzem para a compreensão da Praça no tempo presente como um patrimônio cultural.

5.1. O que se vê³⁷

Para que se possa compreender de que forma o espaço se torna parte integrante de uma realidade significativa para determinado grupo social é importante que, além de se reconhecer o processo histórico de formação desse espaço, se conheça também em que condições ele se encontra atualmente e como vem sendo moldado, podendo ser narrado através das suas práticas espaciais ou atitudes cotidianas a partir de um equilíbrio variável entre repetição e criação, redundância e invenção (LEFEBVRE *apud* JUNIOR, 2007). Para tanto, optou-se por fazer um registro dessas práticas presente no espaço da Praça, a partir das atividades que ocorrem, a frequência dessas atividades e a intensidade das atividades em relação ao horário. Sejam como gestos habituais ou rituais, procurou-se observar e registrar o ambiente, porém sem a pretensão de reduzir ao traçado gráfico a diversidade das práticas que “variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes” (CERTEAU, 1994, p. 179), mas capturar o recorte temporal e o fluxo de ocupação (pessoas e veículos) no momento que foi observado e apreendido, ou seja, identificar em um dado instante a espacialização que se criou através das relações e cruzamentos no processo de caminhar.

³⁶ Narrativa produzida pela autora na disciplina de Cidades e suas Representações ofertada pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Fau/Ufal).

³⁷ Anotações das observações feitas através das visitas à Praça da Faculdade.



Figura 50 – Croqui do atual traçado da Praça da Faculdade destacando os principais pontos de referência do espaço e do seu entorno. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Praça da Faculdade, quarta-feira, 29 de novembro de 2016.

Por volta das 16h. As bordas da Praça tem um fluxo maior que o centro dela. O terminal de transporte rodoviário parece ser parte responsável por esse fluxo. As pessoas passam pela Praça quando descem dos ônibus e vans, ou, passam em direção ao terminal. Lá o fluxo é intenso. As barracas de lanche estão funcionando, uma ou outra com clientes. Os meninos estão jogando na quadra.

Às 16h30. As pessoas estão passando pela Praça, agora passam mais pelo centro. Algumas estão parando e sentando nos bancos.

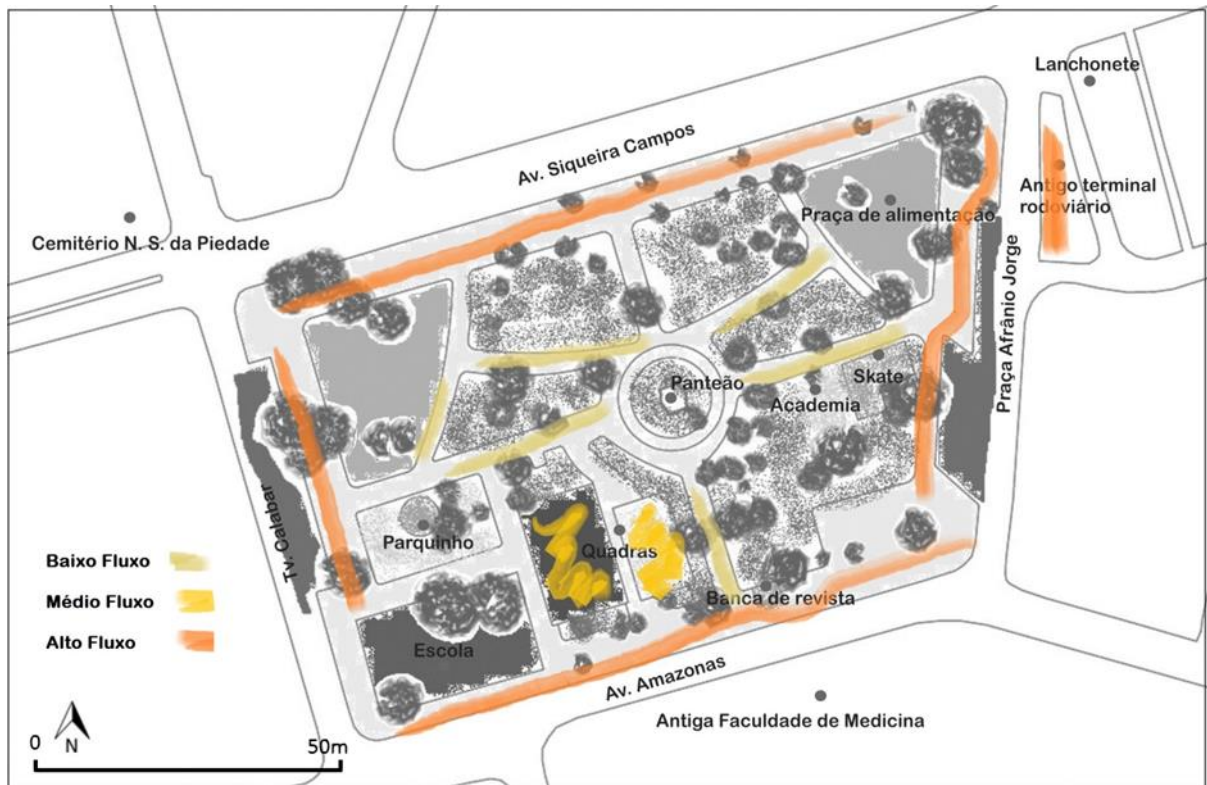


Figura 51 – Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da tarde, de acordo com a descrição para o dia 29 de novembro de 2016. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Praça da Faculdade, quarta-feira, 12 de abril de 2017.



Figura 52 – Croqui de localização de ângulo das fotografias capturadas no dia 12 de abril de 2017. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Às 8h. A Praça já acordou há um tempo, mas ainda se percebe o movimento das pessoas chegando e das pessoas indo. O fluxo mais intenso se verifica no local onde era o terminal rodoviário, que agora é um espaço aberto, mas que ainda compreende a função de

embarque e desembarque de passageiros. O trânsito na Avenida Siqueira Campos é de um dia de semana normal em Maceió, os carros em fileiras esperando passagem e depois seguindo em direção ao seu destino final. Quase ninguém permanece por aqui pela Praça nesse horário além das pessoas que fazem dela sua casa (pessoas em situação de rua) e as pessoas que fazem do espaço da Praça o seu local de trabalho, que são os mototaxistas³⁸, os ambulantes e quem trabalha nas barracas de lanche. Os sons são um pouco altos. Não muito, mas o suficiente para que se saiba que a Praça já está acordada.



Figura 53 - Registro do local onde se situava o terminal rodoviário visto da Praça da Faculdade, por volta das 8 horas da manhã. Nota-se o considerável fluxo de transportes, tanto na Av. Siqueira Campos (à esquerda) como na congruente que tangencia o local do antigo terminal. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Às 9h20. A Siqueira Campos está menos movimentada e quase ninguém ainda pela Praça. O espaço não está muito favorável para a permanência, pois as sombras nos bancos são contadas e a sensação é de insegurança (impressão pessoal).



Figura 54 - Registro da Praça da Faculdade por volta de um pouco mais das 9 horas da manhã. Poucos locais sombreados e a Praça vazia. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Às 10h35. Sem trânsito na Siqueira Campos, quase não tem sombra na Praça e o embarque e desembarque continua.

Das 11h10 às 11h30. Alguns estudantes das escolas próximas se encontram na Praça, procuram uma sombra e se juntam em grupo, passam algum tempo. São umas das poucas pessoas que se encontram na Praça ensolarada. Nesse momento algumas pessoas também estão passando, mas não ficam.

Às 11h55. Já é quase horário de almoço e a Praça agora está vazia, mas na Avenida Siqueira Campos o trânsito se intensifica um pouco.

³⁸ Pessoa que presta serviço de transporte individual de passageiros em motocicletas.



Figura 55 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da manhã, de acordo com a descrição para o dia 12 de abril de 2017. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Depois do almoço, por volta das 13h30 é quando parece fazer um pouco mais de sombra no espaço da Praça, quase nada, mas o suficiente para perceber que já existem algumas pessoas permanecendo no espaço. Estão por aqui as pessoas sentadas nos bancos (os que possuem sombra), as pessoas que moram na Praça, sentadas ou deitadas na grama ocupando a sombra debaixo das árvores, vendedores ambulantes passando com seu carrinho (pulseira e picolé) e as bicicletas, que também passam pela Praça. Já a rua que quase não tem automóveis.

Às 14h30. Os espaços começam a ser apropriados. Os bancos, o equipamento de ginástica, o gramado embaixo das árvores e até mesmo os degraus do Panteão. O passeio com as crianças começa nesse horário, assim como também com os animais de estimação. Os sons são de sirene (ambulâncias e viaturas), de latidos dos cachorros, dos gritos das crianças correndo e dos ambulantes passando, “Olha o picolé!”.

Das 15h20 às 15h55. Mais vendedores ambulantes passam pela Praça. Mais pais com seus filhos também começam a aparecer. As crianças ocupam o parquinho e os espaços livres enquanto crianças mais velhas e adolescentes ocupam as quadras. O espaço começa a ficar agradável para caminhada e aos casais que ainda se encontram na

Praça. O espaço é para todos ou deveria. Uma moça fala³⁹: “a polícia sempre vem aqui e expulsa esse povo (os que moram na Praça)”. No entanto eles estão sempre ocupando os espaços da Praça.

Às 17h15. O local de embarque e desembarque agora parece mais movimentado, assim como as barracas de lanche, o espaço da Praça e o trânsito na Siqueira Campos. As barracas que estavam fechadas, vão abrindo uma a uma, as pessoas vão chegando, fazendo seus pedidos enquanto outras pessoas vão embora.



Figura 56 - Registro da Praça da Faculdade por volta das 18h vista do espaço do antigo terminal rodoviário. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

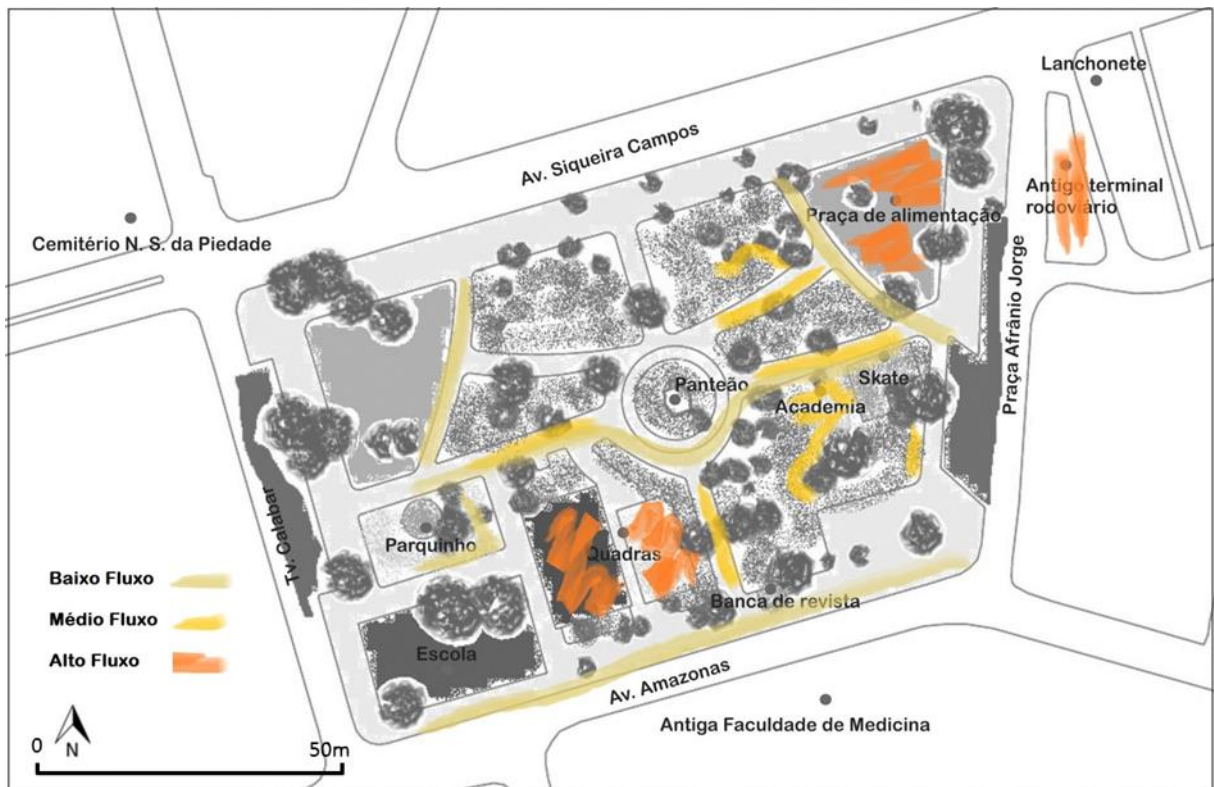


Figura 57 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da tarde, de acordo com a descrição para o dia 12 de abril de 2017. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

³⁹ Fala de uma conversa informal com moradora do bairro do Prado enquanto observava a dinâmica da Praça.

Praça da Faculdade, terça-feira, 18 de abril de 2017.

Às 19h10. Os policiais militares estão pela Praça, sobem com cavalos, fazem a ronda e vão embora. Voltam apenas mais tarde com umas viaturas vigiando o lugar. As quadras estão cheias, assim como alguns espaços livres. Tem um grupo de pessoas, a maioria mulheres, que estão praticando ginástica funcional em um dos espaços. As barracas de lanche têm um movimento menos intenso. As ruas em volta têm pouco movimento de veículos.

Às 19h45. Começa a aula de dança com as pessoas que estavam praticando ginástica. Ficam lá por um tempo.

Às 20h20. Os sons são de sirene, os gritos das crianças que estão brincando e a música que toca no churrasquinho da Praça de alimentação. As quadras ainda estão cheias. As pessoas vêm chegando para caminhar pela Praça. O embarque e desembarque, onde era o terminal rodoviário, já não tem mais movimento a essa altura.

Às 21h05. As pessoas começam a desaparecer da Praça, mas ainda ficam algumas pelos bancos, uns grupos que parecem estar bem à vontade. O som agora que se ouve são dos ônibus da linha municipal, cada parada sobe mais passageiro do que desce.

Às 21h40. As pessoas continuam a ir embora e a Praça fica cada vez mais vazia, apenas com algumas famílias passeando. O jogo na quadra acabou. O trânsito começa a ficar mais intenso e os ônibus disputam espaço com os carros e motos.

A partir das 22h. Praticamente um deserto, a Praça começa a se apresentar insegura. O policiamento na área agora é constante. Alguns estudantes ainda permanecem no espaço conversando e parecem estar despreocupados. O churrasquinho quase mingando ainda permanece. Um pouco mais de tempo e a viatura faz sua ronda por dentro da Praça. Isso, a viatura sobe no espaço da Praça, porém, os policiais não descem dela para circulá-la. Não tem praticamente ninguém e o comércio em volta já está fechando.

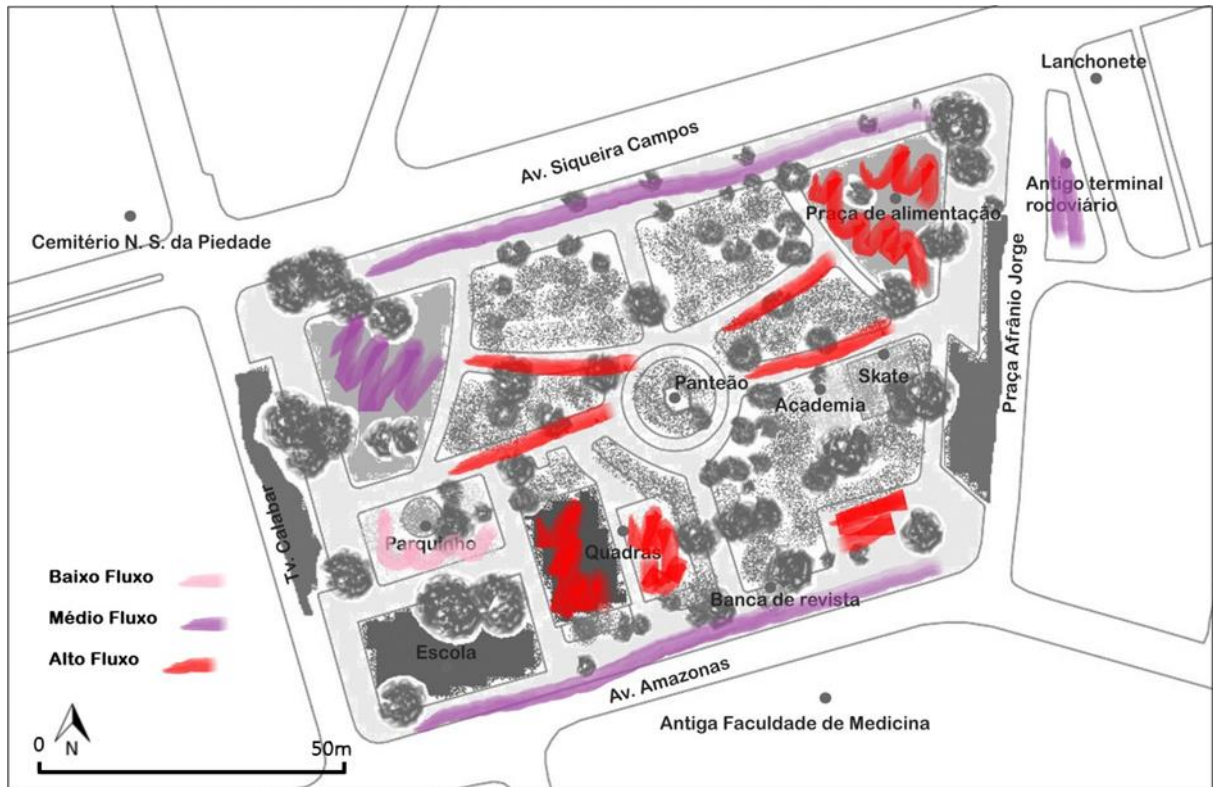


Figura 58 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da noite, de acordo com a descrição para o dia 12 de abril de 2017. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Praça da Faculdade, terça-feira, 01 de março de 2018.

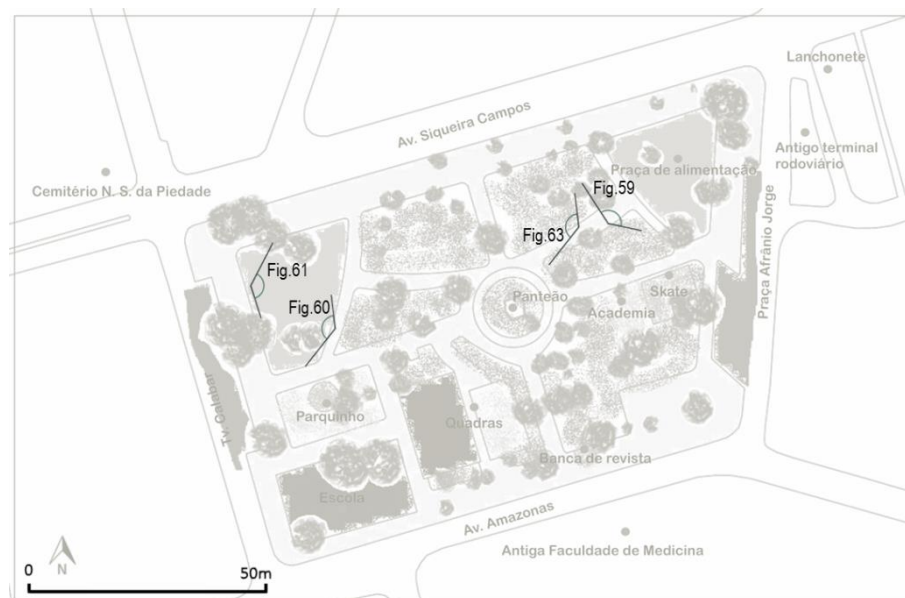


Figura 59 - Croqui de localização de ângulo das fotografias capturadas no dia 01 de março de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Às 13h53. Poucas pessoas nas sombras das árvores na Praça. A grama da Praça está sendo aparada. Não existe muito movimento além do que se vê na Siqueira Campos. Sentada aqui se ouve bem o som do VLT passando. O trilho fica a uma quadra de

distância em direção ao Centro. Os moradores da Praça⁴⁰ trouxeram as suas malas e ocupam cada espaço que podem. Os bancos se tornaram armários.



Figura 60 - Registro da Praça da Faculdade por volta das 14h. Observar mala e outros pertences dos moradores da Praça colocados debaixo do banco. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Às 15h22. No espaço destinado às apresentações e às feiras, eles⁴¹ montam o parquinho. Tem uma cama elástica e alguns ambulantes que vendem refrigerantes, água, pipoca, algodão doce e balões.



Figura 61 - Registro da Praça da Faculdade por volta das 15h. Momento em que começa a instalação do parque e ambulantes. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

⁴⁰ Termo alusivo às pessoas em situação de rua que permanecem na Praça da Faculdade.

⁴¹ Pessoas que trabalham com parque infantil na Praça.



Figura 62 - Registro da Praça da Faculdade por volta das 19h. Parquinho e os ambulantes. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

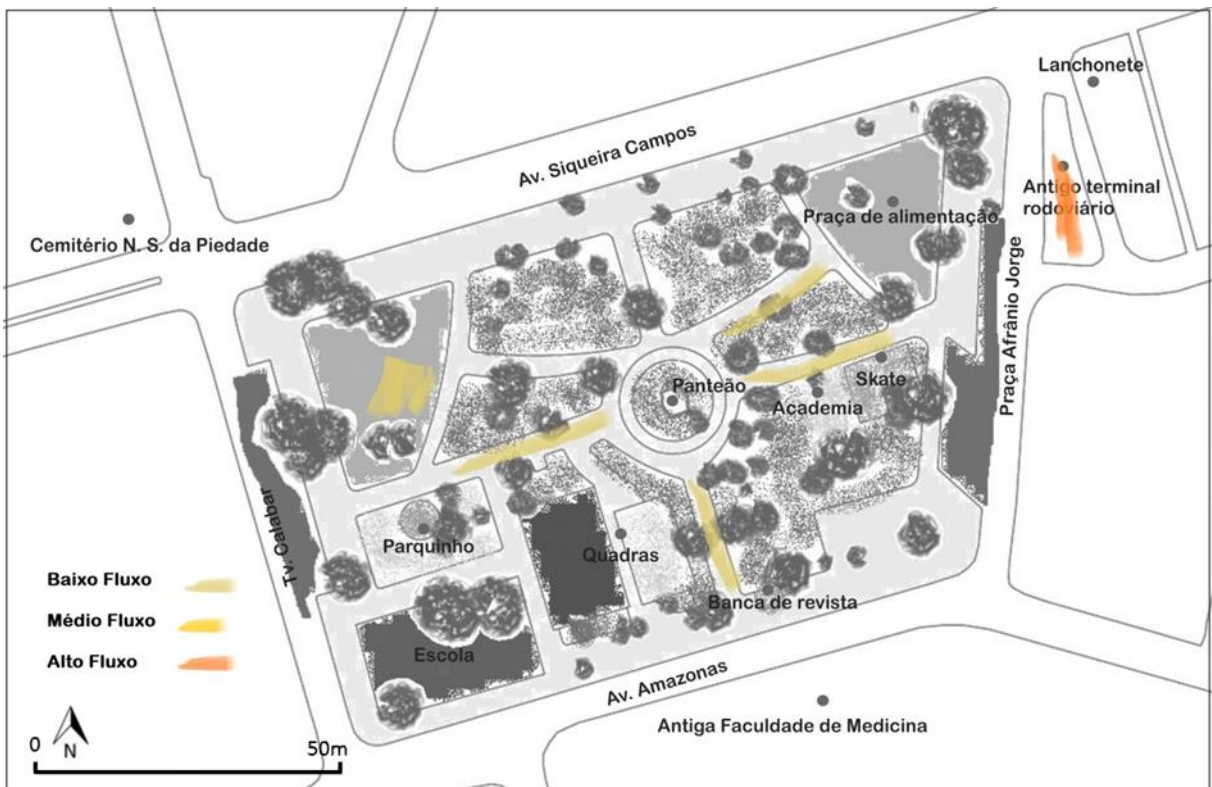


Figura 63 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da tarde, de acordo com a descrição para o dia 01 de março de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Após às 18h. Começou a chover. As poucas pessoas que estavam na Praça estão correndo, se abrindo da chuva. As barracas de lanche permanecem e as pessoas se protegem contra a chuva no pouco tamanho de beiral que fica da coberta das barracas, outras vão embora e outras vão para os lugares fechados próximos à Praça.



Figura 64 - Registro da Praça da Faculdade por volta das 18h. Morador da Praça na grama antes de começar a chover. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

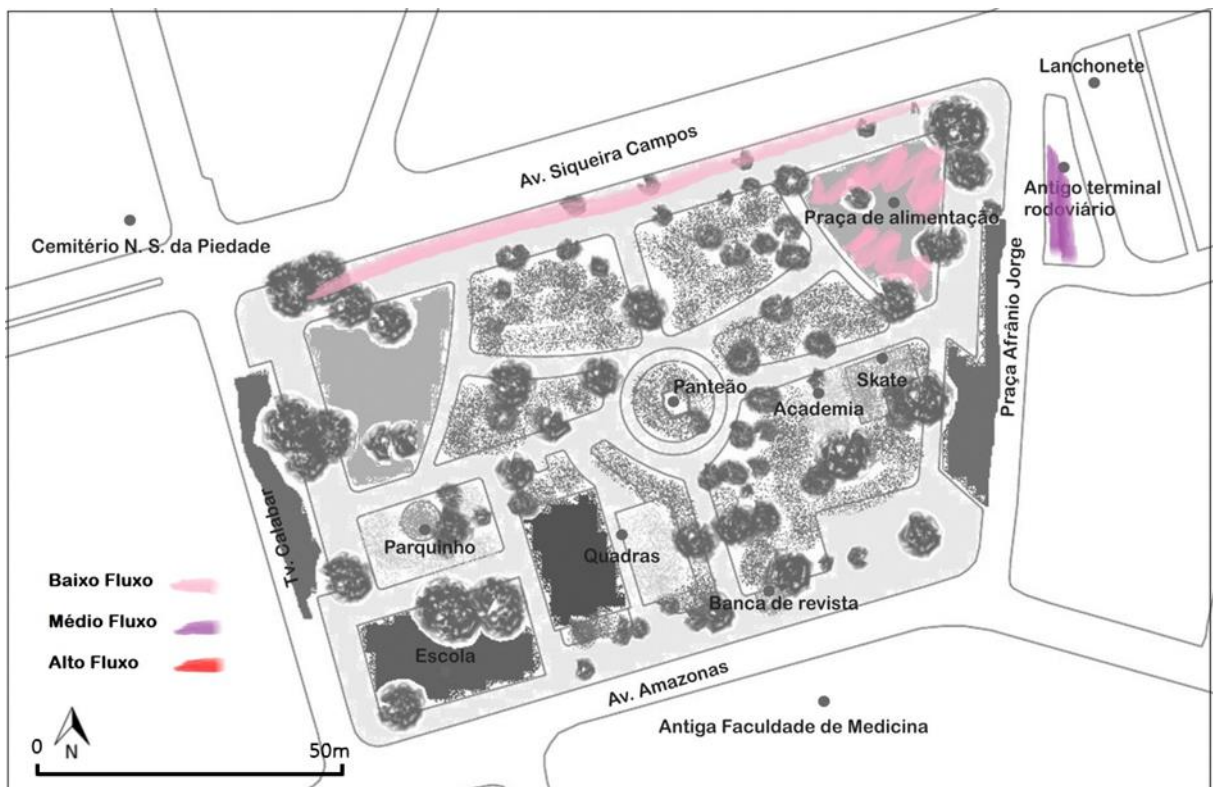


Figura 65 – Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da noite, de acordo com a descrição para o dia 01 de março de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Praça da Faculdade, sábado, 30 de junho de 2018.

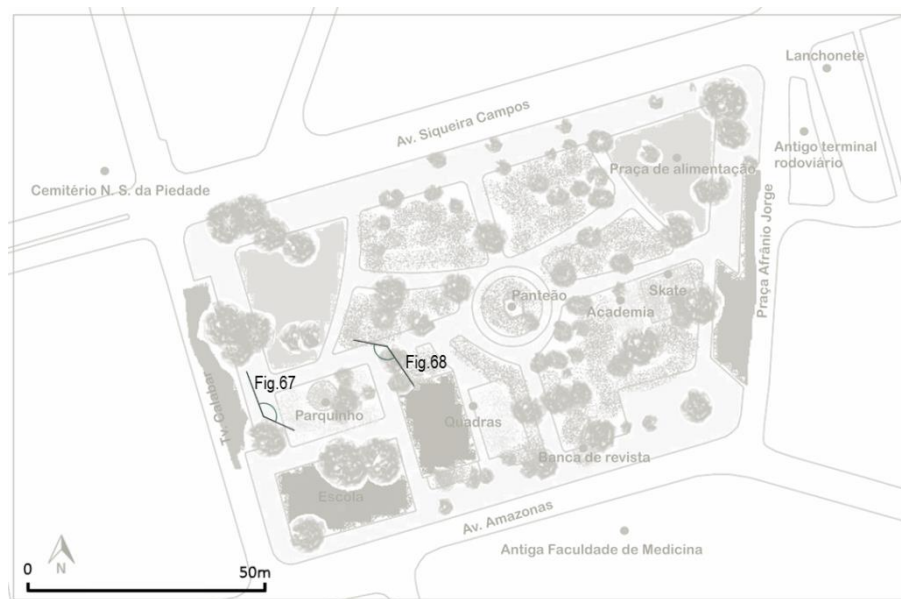


Figura 66 - Croqui de localização de ângulo das fotografias capturadas no dia 30 de junho de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Às 10h32. A Praça parece um pouco mais silenciosa. Alguns meninos estão jogando futebol na quadra e são, praticamente, as únicas pessoas na Praça nesse horário, praticamente o único som que se ouve nesse horário. As barracas de lanche estão quase todas fechadas, exceto uma, duas no máximo. A Praça está quase deserta, está nublado e além dos meninos da quadra, algumas pessoas em grupo aparecem, mas somente de passagem. A imagem da Praça não favorece o passeio. Tem alguns lixos acumulados, poças d'água em boa parte do agenciamento do espaço e mobiliário destruído pelo vandalismo. As tendas com os milhos empilhados ainda estão na Praça. O movimento de carros é moderado e a maior parte dos veículos é de transporte público, contando com os municipais e intermunicipais.



Figura 67 – Ao fundo (à esquerda) as tendas montadas para a venda de milho no mês de junho na Praça da Faculdade. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Às 10h50. A Praça agora um pouco ensolarada tem mais sons. É o sino do carrinho de picolé, é o som da buzina do VLT e ainda o som das conversas dos meninos jogando futebol na quadra.

Às 11h07. O som de sirene se mistura ao som dos carros na Avenida Siqueira Campos.

Às 11h25. Algumas crianças estão brincando na Praça, acompanhadas com os seus pais. O tempo com o sol se mantém.

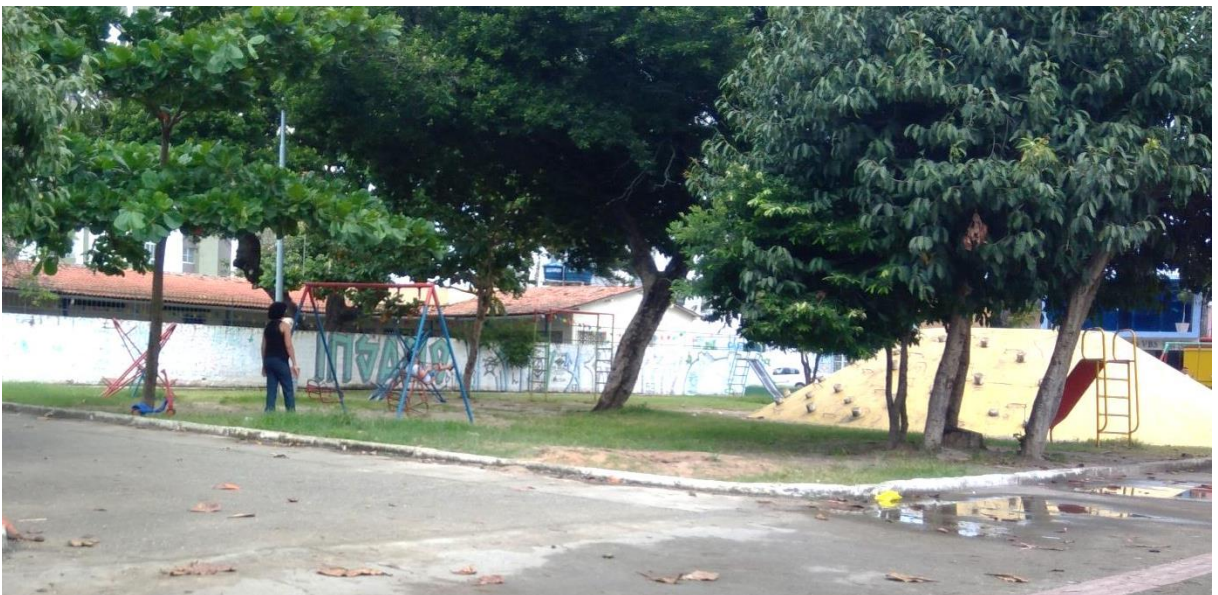


Figura 68 – Registro do momento em que a criança utiliza o parquinho da Praça acompanhada da mãe. Observa-se ao lado direito da imagem a formação de poças de água. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Às 11h43. E os meninos da quadra ainda estão lá...

Às 12h10. As sombras na Praça são poucas. As pessoas que estão passando pela Praça, preferem as bordas e as que passam pelo meio é apenas para cortar caminho para outro destino. Os meninos da quadra foram embora.

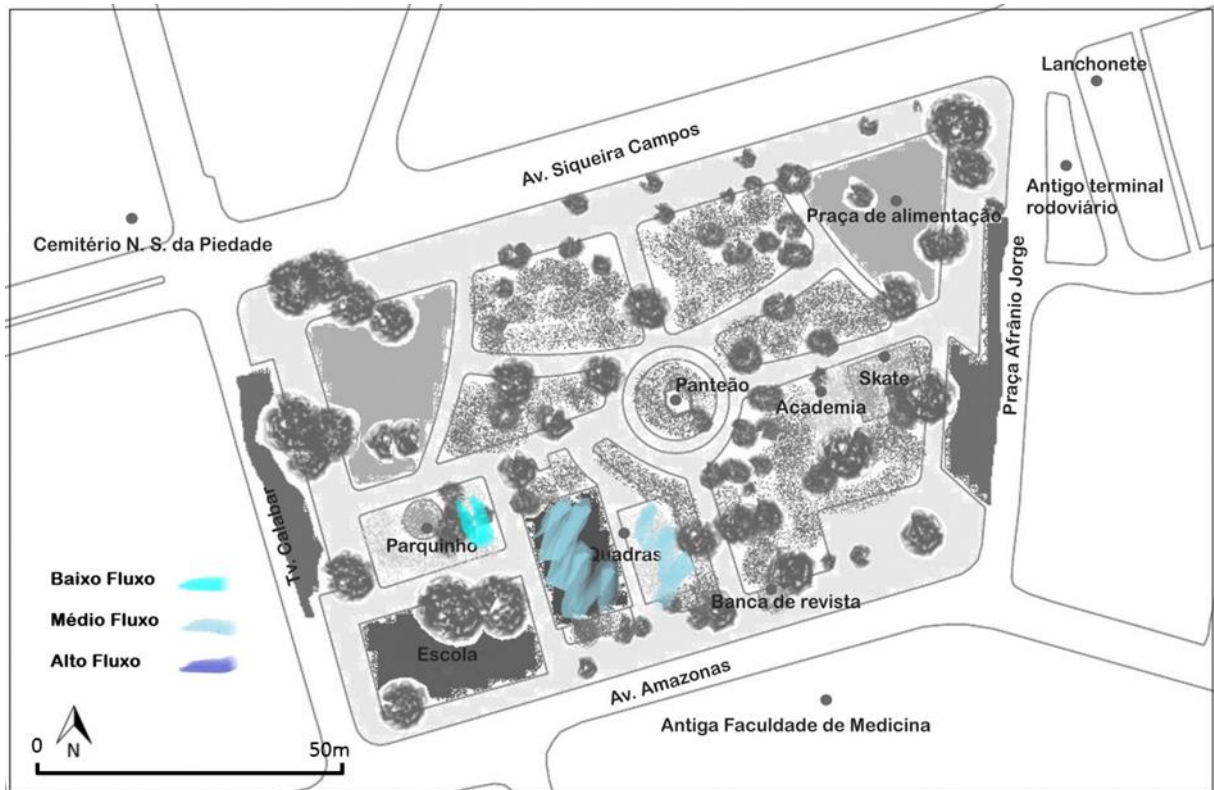


Figura 69 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da manhã, de acordo com a descrição para o dia 30 de junho de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Praça da Faculdade, domingo, 08 de julho de 2018.

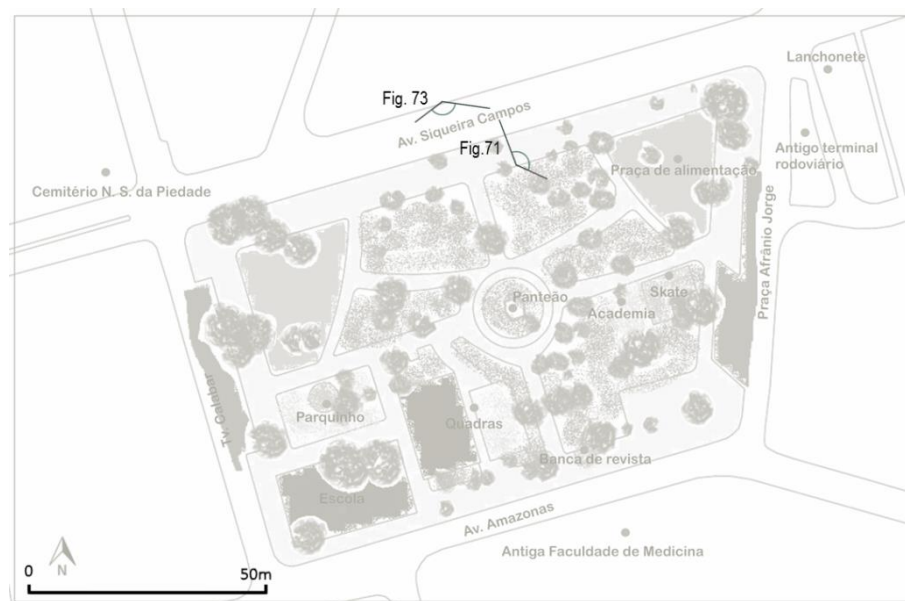


Figura 70 - Croqui de localização de ângulo das fotografias capturadas no dia 08 de julho de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Às 11h24. É um dia chuvoso e os bancos na Praça estão molhados. Agora está nublado e só existem algumas pessoas passando, uma pessoa se exercitando, os taxistas na borda que tangencia a Siqueira Campos e um ou dois moto taxistas. O movimento de carros é quase inexistente, a não ser pelos ônibus.

Às 11h30. Aos poucos o dia começa a ficar ensolarado. A lanchonete da esquina está aberta e umas duas barracas de lanche. Na Praça se vê os pombos e as pessoas que estão de passagem, a pé e de bicicleta.



Figura 71 – Vista parcial da Praça e da Avenida Siqueira Campos. Observam-se os taxistas e moto taxistas ao fundo. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Às 11h53. A chuva (passageira) começa e as pessoas que estão na Praça saem em busca de abrigo.

Às 12h. Horário do almoço, e agora a vista da Praça é parcial, sentada em uma mesa da lanchonete da esquina que ao mesmo tempo é abrigo para a chuva que voltou. Um poucas pessoas estão no terminal, a chuva pára, mas ainda está nublado. As pessoas estão passando, os sons são de buzina dos carros.

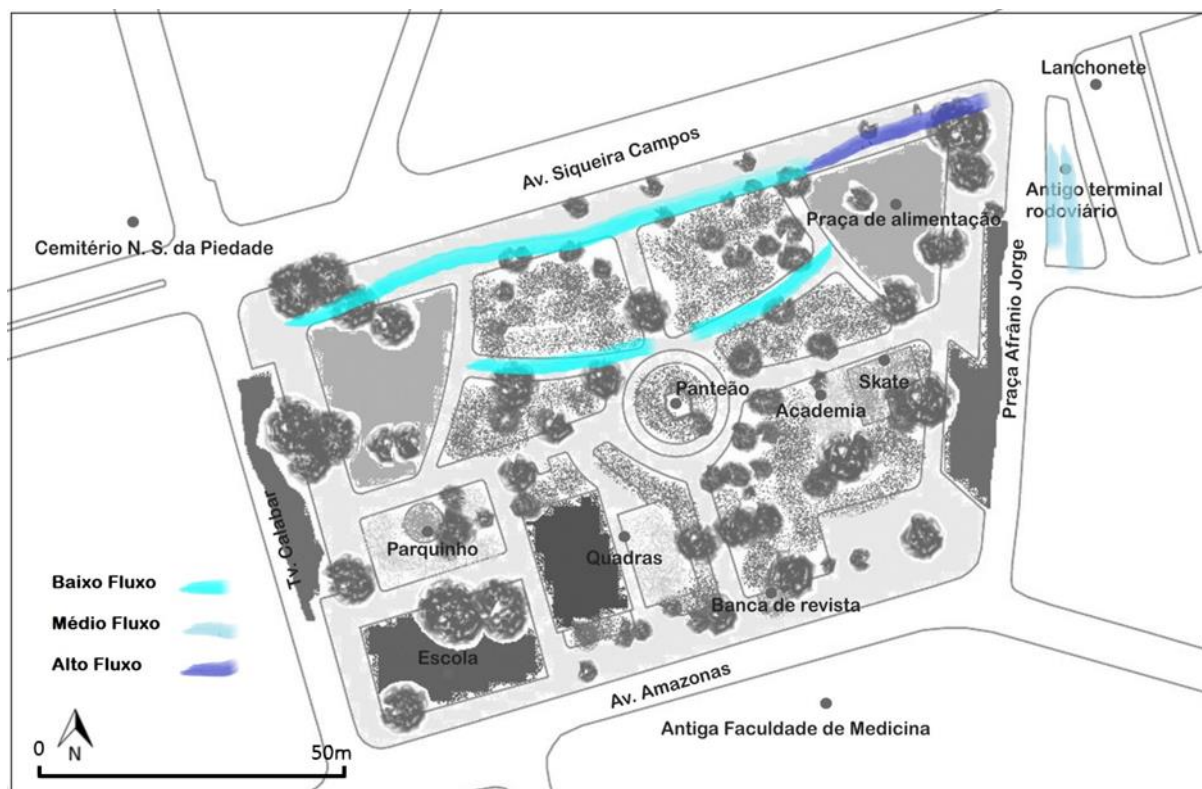


Figura 72 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da manhã, de acordo com a descrição para o dia 08 de julho de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Às 12h30. O trânsito na Siqueira Campos está mais movimentado. Olhando para as bordas se vê que as tendas com as pilhas de milho não estão mais lá.

Às 12h45. A Siqueira Campos começa a ficar mais movimentada ainda.

Às 13h09. Agora na Praça novamente. Um grupo de jovens no canto do lado de fora da quadra é abordado por três policiais de moto. Mesmo visto de longe, quase certo que eram três homens e uma mulher, a polícia chegou e logo eles se colocaram na posição de revista, como se já soubessem o que fazer. Enquanto isso a Praça é quase uma extensão da sala de velório. Amigos, família ou conhecidos acabam se sentando no banco que fica na borda da Praça enquanto esperam o velório do lado de dentro da central em frente. O grupo no canto da quadra, os policiais, as pessoas do velório... Eram basicamente as pessoas que estavam na Praça.

Às 13h15. As bordas da Praça estão mais movimentadas por passantes.

Às 13h18. Os policiais sobem nas motos estacionadas ao lado deles, em cima da Praça e vão embora. Logo depois o grupo que estava lá também vai.

Às 13h29. Os bancos da Praça estão vazios. Ao fundo o som de sirene, muito provável estar passando pela Siqueira Campos.

Às 13h47. Todas as barraquinhas de lanches estão fechadas. Até mesmo os *trailers* do outro lado, na borda da Praça.

13h55. A chuva agora começa e as pessoas que estavam na Praça se abrigam debaixo das tendas ou correm para o outro lado da rua para algum comércio local aberto.

Às 14h06. E mais uma vez a chuva vai embora, continua nublado. As pessoas estão ainda passando pela Praça em diagonal, como se estivessem cortando caminho. As barraquinhas de lanche continuam fechadas.

Às 14h12. O grupo que estava no canto da Praça volta para o mesmo lugar e logo depois se muda. Uma das barracas agora está aberta.

Às 14h17. A chuva recomeça e agora fica difícil se abrigar debaixo do guarda-chuva. A Praça passa ser observada do ponto de ônibus que fica em frente à farmácia da Siqueira Campos e que ainda faz parte da cobertura da farmácia.



Figura 73 – Praça da Faculdade vista parcialmente do ponto de ônibus na Siqueira Campos. Registro de um dos períodos durante a ocorrência de chuva; e as pessoas (que estavam na Praça ou passando por ela) se abrigando em locais cobertos no espaço. Algumas se abrigaram do outro lado, na calçada onde existe um beiral em que se situa uns dos pontos de ônibus municipal. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Às 14h35. E o tempo continua mudando de dia de chuva, dia nublado para dia ensolarado, porém agora não tem ninguém na Praça além dos meninos que foram jogar futebol na quadra. Alguns deles ignoram a porta de entrada da quadra e entram pelo rasgo feito na rede de proteção que envolve a quadra. O rasgo já estava lá. A cabine de coleta de lixo seletivo novamente está na Praça e agora em outro lugar do espaço e com outra formatação (já existiu uma cabine de coleta na área livre da Praça, mas foi retirada há um tempo) e uma pessoa está entrando na cabine, parece ser uma pessoa em situação de rua,

ele coloca um apoio na porta para a cabine não fechar enquanto ele estiver dentro. Ele ainda não saiu, talvez permaneça mais um tempo.

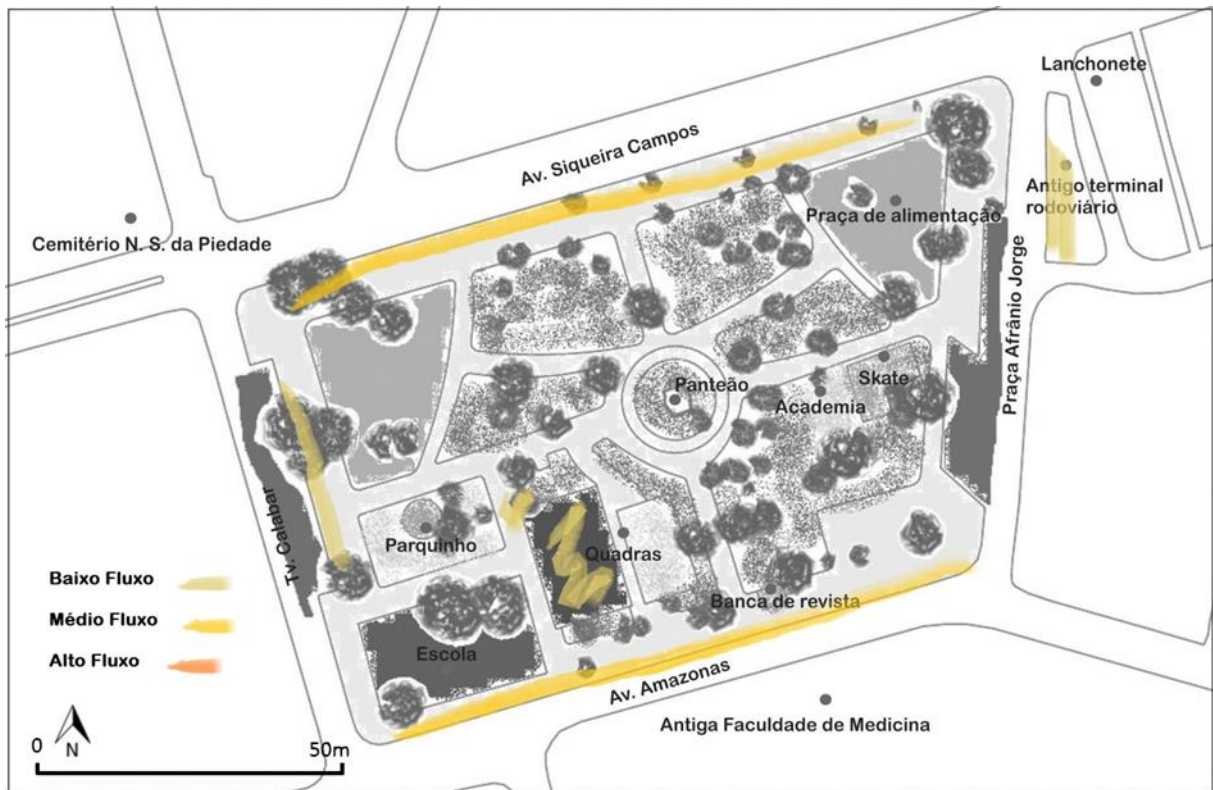


Figura 74 - Croqui da Praça da Faculdade identificando os fluxos e intensidade desses fluxos no período da tarde, de acordo com a descrição para o dia 08 de junho de 2018. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalhado pela autora.

Os croquis apresentados nesse item do capítulo representaram como se desenvolveu a dinâmica no espaço da Praça da Faculdade nos dias e horários em que foi observado. Considerando que a maioria dos dias se tratou de dias em que não havia evento no local, foi possível perceber que ainda assim havia atividade em todos os espaços (mas nem sempre de forma simultânea) e que o fluxo é bastante variável de acordo com o horário e clima.

5.2. O que as pessoas veem: uma análise das entrevistas

Pelo o que foi apresentado até aqui, entende-se que a Praça da Faculdade, desde sua origem até os dias atuais, passou por inúmeras transformações na sua paisagem e usos, da mesma forma que foi modificando a relação das pessoas com esse espaço. Com a finalidade de se chegar a um resultado mais aproximado da realidade dessas transformações, foi realizada, além das observações *in loco*, a análise das entrevistas com antigos e atuais usuários da Praça.

A fim de situar geograficamente as pessoas que foram entrevistadas, tem-se que a maioria dos antigos usuários da Praça da Faculdade é residente do bairro do Prado, onde se situa o espaço, enquanto que aos entrevistados que corresponde aos atuais usuários, a metade é residente do bairro e outra metade não reside no bairro, porém tem residência em Maceió ou em municípios próximos. Visto isso, é possível afirmar que a maioria dos usuários da Praça mora no bairro em que ela está localizada, ressaltando que a qualidade de morador do bairro não foi uma condição para o perfil do entrevistado.

Em relação à faixa etária das pessoas entrevistadas (antigos e atuais usuários), constam idades desde 26 a 76 anos, o que permitiu obter uma percepção variada em relação ao espaço da Praça. Apenas dois dos entrevistados optaram por não expor a idade.

Da amostra total de entrevistados notou-se que alguns não se sentiram à vontade em revelar informações como escolaridade e ocupação. Os dados obtidos a partir dos entrevistados que não se opuseram a responder são que o nível de escolaridade varia de fundamental completo à superior completo; sobre a ocupação, as omissões partiram de entrevistados do perfil de antigos usuários, enquanto que dos atuais usuários todos informaram a ocupação, revelando que a maioria atua no comércio local. No que se refere à omissão de informações por parte dos antigos usuários, se observou um padrão de comportamento em que a entrevista se desenvolveu mais como uma conversa de maneira informal, sendo um obstáculo o seu prosseguimento na condição da obtenção de dados pessoais.

Com foco na Praça da Faculdade, nas entrevistas os antigos usuários relataram não frequentar mais a Praça, mas apesar disso os que moram no Prado ainda possuem uma relação de convívio com o espaço e acompanham as transformações que nele ocorrem (e ocorreram) em cada época. Já a relação que os atuais usuários possuem com o espaço demonstra ser mais participativa por pertencerem à dinâmica do local considerando os diferentes motivos pelos quais frequentam, ainda que alguns não morem no Prado. Sobre a frequência que estão na Praça, relatam os usuários:

“Todos os dias... É que na verdade eu não sou frequentador da Praça né... Eu trabalho e vou pra casa” (informação verbal)⁴².

“Tô aqui de segunda à sexta” (informação verbal)⁴³

“[...] umas duas vezes por semana, eu vinha mais, né...” (informação verbal)⁴⁴

⁴² Entrevista concedida por LEITE, Luis Josias. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁴³ Entrevista concedida por SILVA, Adriana Venâncio da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [ago. 2017]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2017. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

“Tem vez que é toda semana, tem vez que eu passo mais de um mês pra vir” (informação verbal)⁴⁵

Em relação aos motivos, verifica-se que as pessoas que frequentam a Praça da Faculdade nos dias atuais o frequentam diariamente porque trabalham no espaço. Os que frequentam de maneira esporádica se constatou ser por motivos de lazer com as crianças. E ainda existem os usuários que frequentam a Praça no período de espera do transporte intermunicipal, que faz bordo e transbordo em frente à Praça (espaço do antigo terminal rodoviário).

“Eu trabalho aqui, chego de manhã e saio à noite. Inclusive no domingo, não o dia inteiro, mas até dia de domingo eu venho aqui” (informação verbal)⁴⁶.

“Quase toda semana eu trago ele pra bater bola [...] Porque ele gosta de bola aí eu venho à tarde, venho à noite...” (informação verbal)⁴⁷.

E quanto aos antigos usuários, deixaram de frequentar o espaço em maioria pela sensação de insegurança de estar no espaço.

“Hoje não, que eu tenho medo de comer bala aí” (informação verbal)⁴⁸

Com base nas informações acima, se nota que a Praça da Faculdade atualmente frequentada pelas pessoas que trabalham no local (como já mencionado), as pessoas que utilizam o espaço para o lazer e as pessoas que estão somente de passagem. Além desses usuários existe a população em situação de rua que também frequentam e/ou permanecem na Praça.

Sobre a denominação atribuída à Praça pelos usuários entrevistados, compreende a evocação da narrativa que envolve uma das práticas do lugar⁴⁹, e que se fixou na memória da coletividade maceioense e assim é passada a outras gerações. A partir dessa concepção, é conhecida como Praça da Faculdade pelos antigos usuários apesar de também serem citados nomes como Afrânio Jorge, e ainda, Praça Siqueira Campos e Doutor Afrânio Jorge. E dos atuais usuários, é também de forma absoluta conhecida como

⁴⁴ Entrevista concedida por BARBOSA, Mônica da Silva. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mai. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (4:34 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁴⁵ Entrevista concedida por SILVA, Maria do Socorro Tenório da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (13:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁴⁶ Entrevista concedida por LEITE, Luis Josias. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁴⁷ Entrevista concedida por LESSA, Simone. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (3:52 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁴⁸ Entrevista concedida por SILVA, Lúcia. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (14:23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁴⁹ Ver item 4.2 em que aborda os usos e função da Praça nas últimas décadas.

Praça da Faculdade, embora alguns afirmem que o nome oficial da Praça seja Afrânio Jorge.

Dessa forma, compreende-se que a Praça da Faculdade é por essa denominação conhecida por todos os usuários, mesmo pelos antigos usuários os quais mencionaram no momento da entrevista as denominações anteriores que o espaço recebeu, mas se referenciam a ela pelo nome que ficou retido na memória da população.

ENTREVISTADORA: Por quais nomes a senhora conhece?

ENTREVISTADO: Praça Afrânio Jorge e Praça Siqueira Campos... Doutor Afrânio Jorge e... Praça Siqueira Campos (informação verbal)⁵⁰

“Toda a minha vida ela foi Afrânio Jorge [...] sempre o povo conhecia pela Praça da Faculdade [...]” (informação verbal)⁵¹

Entende-se então o vínculo que o prédio da antiga Faculdade de Medicina tem com a Praça, sendo o principal ponto de referência responsável por alguns dos nomes⁵² que recebeu: quando era o Quartel do 33º Batalhão, era Praça do Quartel; e quando foi substituído pela Faculdade de Medicina na década de 1950 ficou conhecida como a Praça da Faculdade. Apesar de ser comum aos usuários a denominação “Praça da Faculdade”, de acordo com as entrevistas foi possível identificar que a maioria dessas pessoas não tem conhecimento de que a Lei⁵³ de 1952 que determinou o espaço como Praça Dr. Afrânio Jorge foi revogada em 1991, pela Lei nº 4.067, que determinou que passasse a ser denominada originalmente como Praça da Faculdade.

“[...] Praça da Faculdade. Mas eu sei que o nome da Praça não é esse. É Praça... E... Afrânio Jorge... É se você disser isso pra... Poucas pessoas vão... Conhece por esse nome, mas se você colocar no Google você vai achar por esse nome [...]” (informação verbal)⁵⁴.

Voltando à forte relação que a Praça possui com o prédio da antiga Faculdade de Medicina – ou Quartel como alguns ainda o chamam –, é também notável através das entrevistas com os antigos usuários que dentre as referências citadas ao falar da Praça (tanto da época que frequentavam o espaço, que ainda existem e os que não existem mais, quanto como novas referências) o prédio da antiga Faculdade foi citado pela maioria.

⁵⁰ Entrevista concedida por SARMENTO, Maria Meire Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁵¹ Entrevista concedida por SILVA, Maria Lúcia Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (14:11 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁵² Sobre isso ver item 4.2.

⁵³ Ver nota **Erro! Indicador não definido.**

⁵⁴ Entrevista concedida por LEITE, Luis Josias. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

“Ah, mas o **quartel** eu não alcancei assim não... Ali sempre foi a Faculdade de Medicina” (informação verbal)⁵⁵.

“Ela sabe dessa Praça do tempo que não era Praça, era o **Quartel**. Que aqui não era... Hoje é a Faculdade, né? Hoje é o resto da Faculdade. Né, o resto que tá... Tá acabada. Mas antes era o Quartel do vinte ali”

“O natal, o ano novo que vem o dia... Aí era aqui né... Na frente da **Faculdade**” (informação verbal)⁵⁶.

“A gente ficava debaixo daquelas árvores da **Faculdade**...” (informação verbal)⁵⁷.

À respeito dessas referências, são elas os objetos que compõem a narrativa do espaço, no que diz respeito à ordem das coisas e o cotidiano, “todo relato é um relato de viagem - uma prática do espaço” (CERTEAU, 1994, p. 200).

Além do prédio da antiga Faculdade, algumas referências citadas pelos antigos usuários foram (não existentes, ainda existentes e novas) os bancos/assentos em forma circular, a pista de *bicicross*, a grade de ferro, o Panteão, o antigo Asilo Santa Leopoldina, o Cemitério N. S. da Piedade, a Capela do cemitério N. S. da Piedade, o Centro Municipal de Educação Infantil Padre Silvestre Vredegoor, o antigo Terminal rodoviário, os bancos de madeira e os postes de ferro que junto aos bancos circulares marcaram a reforma do Prefeito Sandoval Caju em uma época da Praça.

Sobre essas outras referências, um dos entrevistados lembra:

E encostado ao Quartel, Quartel militar... En... Encostado ao Quartel, que hoje é aqueles prédio ali... Ali era o asilo dos doidos [...] Ali era o **Portugal Ramalho** (risos), ia num ia sempre fugia um doido... (risos)... Uma hora era doido, atirando pedra... Chega, fecha as porta que a polícia vem ali! E o doido, nu, nu gritando aí na Praça (informação verbal)⁵⁸

Em outra entrevista, se destaca o cemitério N. S. da Piedade em relação à denominação de cemitério velho: “eu morava próximo ao **cemitério velho**, na Rua do Ceará, aí sempre eu passava por lá. ia pras festas quando tinha alguma coisa lá na Praça, os eventos que aconteciam lá no final de ano” (informação verbal)⁵⁹.

⁵⁵ Entrevista concedida por SILVA, Marlene Ferreira da. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁵⁶ Entrevista concedida por SARMENTO, Maria Meire Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁵⁷ Entrevista concedida por SILVA, Maria Lúcia Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (14:11 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁵⁸ Idem nota 56.

⁵⁹ Entrevista concedida por FARIAS, Célia Maria. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [set. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (10:41 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Para os atuais usuários da Praça, as referências mencionadas foram na maioria resultado da revitalização ocorrida em 2015, como o parquinho infantil, o pergolado, as barracas de churrasco e a área de alimentação na Praça. O Panteão foi a exceção dentre as referências para os atuais usuários, sendo também citado pela maioria e por alguns conhecido por coreto.

ENTREVISTADO: [...] ali no coreto e era escura né? No caso eles quebravam as lâmpadas pra ficar escuro né?

ENTREVISTADORA: Onde é esse coreto que a senhora fala?

ENTREVISTADO: É aquele. A gente chama aquilo ali de coreto. Esse negócio branco.

ENTREVISTADORA: O Panteão?

ENTREVISTADO: É. A gente chama de coreto. É conhecido como coreto né?" (informação verbal)⁶⁰.

O Panteão, instalado na Praça desde a década de 1950, ainda que no presente o monumento não desempenhe qualquer função, ou ao menos se apresente em um bom estado de conservação física, ainda é retido no imaginário da população como um ícone edificado no espaço. Entretanto, nas falas dos entrevistados nota-se a rejeição dessas pessoas em relação à pequena réplica do templo greco-romano, devido ao que ele foi exposto nos últimos anos.

“[...] O cara fez a reforma e botou uma porta [...] **antes de inaugurar os maloqueiros já tinham quebrado e já tava fazendo local de usuário de maconha**, até que não tinha jeito e arrancaram a porta e vedaram de alvenaria. Você vê que tá lá, é até do lado de lá” (informação verbal)⁶¹.

“Que eu saiba aqui na Praça tem o... A área de lazer, né... Do pessoal do Prado, né? E do pessoal do Trapiche [...] inclusive tem **aquele negócio ali que eu esqueci até o nome** [...] Que os antigos... [...] As pessoas mais conceituadas aqui no estado velavam seus parentes aí” (informação verbal)⁶².

É evidente, e vale ainda reforçar, que o prédio da antiga Faculdade de Medicina e o Panteão como referências são reconhecidos como parte integrante da paisagem da Praça da Faculdade, consolidada no imaginário dos usuários do espaço.

Associadas, também, à construção histórica desse espaço estão as festas e eventos que nele ocorriam. Principalmente as festas natalinas, que se estendiam não só à população do Prado, mas de todo território de Maceió.

⁶⁰ Entrevista concedida por SOUZA, Luciana. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (5 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁶¹ Entrevista concedida por LEITE, Luis Josias. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁶² Entrevista concedida por SILVA, Marcos Rocha da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [nov. 2017]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2017. 1 arquivo .mp3 (5:13 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

Na entrevista com os antigos usuários da Praça, foi possível constatar a importância que as festas de Natal tinham para a população da cidade, e que já era tradição em outros espaços da capital e que passou a acontecer, a partir da década de 1970, na Praça da Faculdade. Quando perguntados sobre as lembranças que tinham em relação a esse espaço, foi recorrente ser mencionada as festas de Natal e as atrações do evento como o pastoril, reisado e chegada e como era bastante animado. Foram mencionadas também, mas com menos destaque, as festas de São João, o carnaval e os blocos carnavalescos vindos do Trapiche e que passavam pela Praça, e ainda, o circo que se instalava eventualmente no local.

“[...] Era tão bom, menino era tão bom... Oia, **as festas natalina era a coisa mais linda do mundo!** Tinha barca, tinha chegada, guerreiro, fandango, pastoril, tudo tinha...” (informação verbal)⁶³.

“Era animada né... Tinha os festejos juninos, **o natal**, pastoril, chegada, reisado, guerreiro... Tudo tinha né?” (informação verbal)⁶⁴.

“Mas antigamente... Era um sussego essa Praça... Né? [...] **Época de natal, muita festa... Vinha de tudo, palanque de reisado, de... De... De tudo. Pastoril, guerreiro...**” (informação verbal)⁶⁵.

“Anteriormente era chamada, conhecida Praça da Faculdade. **Onde acontecia as festas natalinas**, sempre assim... Armavam o parque, de novembro pra dezembro e acontecia as festas lá, no fim de ano” (informação verbal)⁶⁶.

Ainda relativo às festas, foi mencionada a ocorrência das lapinhas que compunham o cenário de Natal utilizando o interior do Panteão:

ENTREVISTADO: **No meio da Praça. Tem uma parte lá fechada assim, um monumento lá, era no meio.** Aí hoje eu não sei dizer se... Antes eles interditaram né? Não tava mais acontecendo né... Eles armarem o presépio.

ENTREVISTADORA: Entendi. A senhora chegou a ver esse presépio?

ENTREVISTADO: Sim... Era o auge! Tem... **Eles chamavam a lapinha né...** Eles **ajeitavam, todo dia ornamentava**, botava toda aquelas coisas bem bonita, os santinhos, o... O... O... O... O presépio mesmo né, o menino Jesus, Na. Sra., São José, os carneirinhos... Eles armavam, era muito bonitinho” (informação verbal)⁶⁷.

Entre os atuais usuários, a festa de Natal também foi citada pela maioria, porém com menos entusiasmo comparado aos antigos usuários. Esse grupo citou a festa como uma

⁶³ Entrevista concedida por SILVA, Marlene Ferreira da. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade.** [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁶⁴ Entrevista concedida por SARMENTO, Maria Meire Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade.** [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁶⁵ Entrevista concedida por SILVA, Maria Lúcia Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade.** [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (14:11 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁶⁶ Entrevista concedida por FARIAS, Célia Maria. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade.** [set. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (10:41 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁶⁷ Entrevista concedida por FARIAS, Célia Maria. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade.** [set. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (10:41 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

lembrança de quando era criança ou algo de que alguém havia lhe contado, além de ter citado o parque que se instalava durante as festas e o concurso de lapinha que utilizava o interior do Panteão para exposição. Sobre as lapinhas, apenas uma pessoa, além do entrevistado do grupo de antigo usuário, citou o fato mesmo não tendo muita lembrança de detalhes, apenas lembrava que ocorria. Por outro lado, a feira agrária, também citada pela maioria, se apresentou mais presente entre os atuais usuários por ainda fazer parte do cotidiano da Praça, portanto das suas práticas atuais. Outros eventos citados foram a feira de carro livre (no início dos da década de 1990), as manifestações do MST que ocorreram na Praça também durante um tempo, eventos improvisados na Praça como aulas de dança que ocorriam semanalmente no espaço e as apresentações musicais regionais que ocorrem durante a realização das feiras agrárias.

[...] as pessoas dizia antes que ela era muito movimentada, chegava muito parque e aqui era a melhor Praça da... Da cidade de Maceió. Era parque de diversão... Depois que renovou a Praça, já tem dois anos que o parque... Antes de renovar a Praça ela já tinha anos que o parque não vinha. O parque de diversões. E depois que renovou, já... Já não veio mais. Só vem a feira da... A feira da... [...] (informação verbal)⁶⁸.

“A história que eu sei é que antes tinha muitas festas aqui, mas eu não alcancei esse tempo” (informação verbal)⁶⁹.

Quando eu era pequenininha eles diziam que me traziam praqui que tinha uma festa de natal que era muito assim... Famosa, mas eu não lembro porque eu era pequenininha demais. Aí eles diziam que até esse centro aí né? Faziam uma lapinha... Assim... Era bem animado.

[...] dois pontos fortes: o parque, quando vem pra cá, e... Eh... A feira né? A feira agrícola (informação verbal)⁷⁰.

Observa-se que entre os eventos citados, as festas natalinas mesmo com informações vagas, se apresentou mais popular na fala dos atuais usuários, sendo assim uma referência na narrativa da Praça da Faculdade.

No que se refere ao espaço físico e social da Praça da Faculdade, é notória, a partir das entrevistas, a insatisfação quanto ao espaço público coletivo. Para a maioria dos antigos usuários a Praça do passado era melhor do que a Praça do presente – termos que fazem referência ao espaço à época passada e à época presente –, pelo fato de que antes a Praça era tranquila e as festas eram bastante frequentes, sempre tinha movimento no espaço, e que hoje a coisa boa da Praça é apenas a melhora na infraestrutura, à exemplo, a iluminação.

⁶⁸ Entrevista concedida por SANTOS, Zoraide. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mai. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (7:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁶⁹ Entrevista concedida por LEITE, Luis Josias. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁷⁰ Entrevista concedida por SILVA, Maria do Socorro Tenório da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (13:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

“Era tranquila, a gente podia brin... Oia, passear, sentar, brincar com as crianças [...] Nunca parou não sem nada aí, tinha sempre movimento. Era muito movimento” (informação verbal)⁷¹.

“Mas antigamente... Era um *sussego* essa Praça... Né? Antes ela era escura e hoje ela é bem clara, né?” (informação verbal)⁷².

Já para os atuais usuários, que constituem os praticantes da Praça do presente, a reforma que houve no espaço foi positiva e que apesar de não ter sido adequada, como os próprios usuários comentam, melhorou a situação em que o espaço se encontrava em relação à estrutura física e quanto à inclusão de equipamentos urbanos como as quadras, a academia, o parquinho e iluminação. Outro ponto positivo citado foi o espaço que ela possui, e que favorece a prática de atividades físicas, como as caminhadas.

“A reforma em si, melhorou, em uma parte. Mas assim, na estrutura da Praça [...] então com a reforma melhorou estruturalmente porque a Praça tava abandonada [...]” (informação verbal)⁷³.

“A reforma que foi feita foi boa, poderia ter sido melhor” (informação verbal)⁷⁴.

[...] é que ela é espaçosa, né? Tem as quadras... Às vezes ele brinca ali nas quadras de bola, aqui tem o gramado que às vezes ele brinca com os coleguinhas [...] ela é um bem público e ela deveria ser mais conservada, mais preservada. Porque faz parte da nossa história daqui de Alagoas. Eu acho que é uma das mais antigas aqui das mais tradicionais (informação verbal)⁷⁵.

O que ocorre nas distintas opiniões dos antigos usuários e atuais usuários quando abordam questões sobre o espaço físico e social da Praça, corresponde às diferentes práticas de cada grupo em relação a esse espaço: aqueles que o praticam atribuindo significado e aqueles que o praticam nas suas interações; um grupo pertence ao passado e outro grupo pertence ao presente, ou seja, os antigos usuários avaliam com base na memória afetiva que tem da Praça e os atuais usuários avaliam a atual qualidade do espaço.

Já em relação aos pontos negativos observados na Praça, praticamente todos os entrevistados responderam algo relacionado à violência, à presença de drogas, à marginalização e à falta de segurança que esses fatores geram para o espaço. Também

⁷¹ Entrevista concedida por SILVA, Marlene Ferreira da. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁷² Entrevista concedida por SARMENTO, Maria Meire Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁷³ Entrevista concedida por LEITE, Luis Josias. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁷⁴ Entrevista concedida por SILVA, Adriana Venâncio da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [ago. 2017]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2017. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁷⁵ Entrevista concedida por SOUZA, Luciana. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (5 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

foram citados pontos negativos em relação à estrutura física da Praça, como a formação de poças de água, a falta de banheiros públicos e a falta organização, um dos entrevistados chegou a comentar que o espaço está sendo esquecido:

[...] ela aos poucos está sendo esquecida e quem tá tomando conta são as pessoas que usam droga, as que usam bebida alcóolicas [...]

Depois, chegou um determinado tempo que não tinha mais festa, não tinha mais parque, não tinha mais nada, né? Aí foi se desenrolando, ficando tudo errado, né? Maloqueiro aí tomaram conta da Praça, tudo... Eh... Esqueceram né? Deram um bom tempo que esqueceram (informação verbal)⁷⁶.

Mas ao passar do tempo, né... A falta de segurança e a droga que tem no mundo, as pessoas se desviaram né? Ninguém quer vir mais à Praça [...] ela foi reformada, mas ela ainda falta muita coisa assim, por exemplo, quando chove a estrutura da Praça é encher tudo de água e aqui fica inundado de água (informação verbal)⁷⁷.

Vale ressaltar que conforme comentado no item 4.1, não só nessa Praça, mas é significativo o índice de violência que vem atingindo também outros espaços públicos de uso coletivo. Logo, a violência não é uma particularidade somente da Praça da Faculdade, mas nesse espaço é o aspecto entre os dois perfis de usuários, que é mais preocupante.

Os aspectos físicos, políticos e conseqüentemente sociais, que contribuem para a degradação da Praça enquanto espaço de relevância cultural para cidade, demonstram o descaso por parte da gestão do patrimônio cultural de Maceió em relação a um espaço que foi pelo próprio município instituído como uma UEP. A respeito desse instrumento de proteção, quando perguntado ao final das entrevistas se o usuário entrevistado tinha conhecimento de que a Praça da Faculdade foi instituída como uma Unidade Especial de Preservação, todos (antigos e atuais usuários) responderam que não tinham conhecimento, além do desconhecimento ao termo Unidade Especial de Preservação, mas se interessaram em saber o que significa e concordaram com a afirmação do patrimônio. Alguns dos usuários entrevistados ainda chegaram a se expressar em relação à instituição das UEPs:

ENTREVISTADORA: [...] Algum prédio que seja importante historicamente para o município e o município tenha a obrigação de cuidar dele. Entendeu? É protegido pelo município, então a praça, esse prédio...

ENTREVISTADO: Protegido pela gente...

ENTREVISTADORA: É, também... Pelos moradores, pelo governo...

ENTREVISTADORA: A senhora sabia que a Praça é uma unidade especial de Preservação?

ENTREVISTADO: Todas praça é. [Não foi possível identificar trecho] mas os maloqueiros aqui não deixam. É! A praça quando é boa, é mesmo que ser uma casa da gente [...] (informação verbal)⁷⁸.

⁷⁶ Entrevista concedida por SARMENTO, Maria Meire Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁷⁷ Entrevista concedida por SANTOS, Zoraide. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mai. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (7:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁷⁸ Entrevista concedida por SILVA, Lúcia. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (14:23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

“Ah, aqui pelo... Pela... Pelo tempo que a Praça existe assim, né? Pela... Muita gente frequentou até hoje... Deveria ser. Aqui né, uma Unidade...” (informação verbal)⁷⁹.

Observa-se, a partir da amostra de atuais e antigos usuários entrevistados, que as pessoas em sua maioria são alheias ao próprio patrimônio, ao mesmo tempo, é evidente a importância desses para a comunidade detentora, no caso específico desse trabalho, a Praça da Faculdade para Maceió. No entanto, esse espaço é tratado (pelos órgãos responsáveis) sem a inclusão da população envolvida, tanto no que diz respeito às decisões sobre seu aspecto físico e social, quanto no que se refere à inexistência de um processo educativo para a construção coletiva do conhecimento com foco no patrimônio cultural, possibilitando a compreensão de forma sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de contribuir para seu reconhecimento, sua valorização e preservação.

É perceptível que somente a institucionalização do espaço como uma Unidade Especial de Preservação não garante a sua proteção, mesmo considerando as diretrizes específicas e o estímulo à conservação dessas UEPs previstas nos Artigos 64 e 65 da Lei Municipal nº 5486 de 2005. E sobre isso, Carvalho (2017) aponta em seu trabalho, como um dos pontos a serem incluídos no conjunto de ações que possam ser mais eficazes para a preservação desses exemplares que apesar de que a tentativa de proteção das UEPs estar conseguindo impedir a demolição dos exemplares:

[...] ainda é necessário investir e reforçar em alguns pontos para alcançar resultados mais satisfatórios e uma proteção mais eficaz. Defende-se aqui que ações como revisão da legislação, criação de uma legislação específica das UEPs que trate de suas especificidades, treinamento dos fiscais, **inclusão da população desde o processo de escolha até as intervenções e fiscalização são emergentes** (CARVALHO, 2017, p. 143, grifo nosso).

Nota-se que é fundamental a participação efetiva da comunidade detentora e produtora das referências culturais em todo o processo de patrimonialização, tendo em vista a preservação por meio do reconhecimento, valorização e apropriação dos bens.

5.3. A Praça da Faculdade e seu lugar praticado

Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (CERTEAU, 1994, p. 202)

A partir do que se compreende da praça em geral como um espaço público urbano, importante local de uso coletivo e de encontros, onde se produzem as relações sociais, é através do seu lugar praticado que se torna possível para este trabalho a análise da Praça

⁷⁹ Entrevista concedida por SOUZA, Luciana. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (5 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

da Faculdade compreendendo a importância simbólica e de natureza subjetiva que o espaço possui para a população do bairro do Prado e de Maceió.

Deste modo, foi percebido que a relação entre a Praça e as atividades que nela ocorreram e que ainda ocorrem é proeminente quando se trata da descrição do espaço, seja de forma oral (entrevistas) ou em pesquisas (em arquivo, livros, internet, etc.), “os relatos efetuam [...] um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares” (CERTEAU, 1994, p. 203).

Considerando as transformações na sua paisagem e usos, ao tratar aquilo que além de intangível é dinâmico, como a própria cultura, foi necessário se obter a percepção das práticas sociais e manifestações culturais que se processam na Praça e que indicam a existência de permanências ou de inovações que agora caracterizam o espaço. Foram consideradas para essa análise então, as atividades (a partir da década de 1960) que vieram a consolidar a Praça da Faculdade, antes cívica, como um espaço de lazer.

Com base nos dados obtidos através das entrevistas e pesquisa histórico-documental foram levantadas as atividades desde a década de 1960 até a atual década, para a elaboração de um quadro (Quadro 4) que expõe o histórico de atividades dividindo-se em: atividades passadas (que compreendem as atividades da dec. 1960 à dec. 2000) e atividades presentes (que constituem as atividades da dec. 2000 à dec. 2010); e a intensidade de cada atividade de acordo com a década no intervalo adotado (dec. 1960 – dec. 2010), classificadas em alta, média e baixa intensidade, e se ainda se encontram ativas.

A classificação qualitativa foi feita de forma subjetiva onde foram estabelecidos três indicadores: i) ocorrência ou não do evento; ii) popularidade aparente em função dos relatos; iii) popularidade aparente em função de pesquisas históricas. Sobre a ocorrência, trata-se de um indicador binário, sendo atribuída ao caso de ocorrência de atividade na década de análise, a nota 10, e caso não ocorra, a nota zero; o indicador popularidade aparente em função dos relatos, se baseiam nas impressões da autora a partir das entrevistas realizadas, em que as atividades foram frequentemente citadas, sendo atribuída a nota 10 no caso de percepção de popularidade da atividade, e quando se entendeu que não houve uma popularidade, porém foi relatado, a nota atribuída correspondeu a 5, e quando não relatado a nota foi zero; para o indicador iii) popularidade aparente em função de pesquisas históricas, foi adotado o mesmo critério do indicador anterior, porém baseada nos resultados das pesquisas em arquivo, livros e internet.

A partir desses critérios, foi estabelecida uma média dos 3 indicadores (soma dos indicadores dividido por 3) gerando um valor de 0,0 à 1,0 para cada década. Foi classificado





como baixa intensidade valores entre 0 e 0,50, valores maiores que 0,50 e menores ou iguais a 0,70 foram classificados como média intensidade, e valores maiores a 0,70 de alta intensidade.

O Quadro 4 (a seguir), ilustra a multiplicidade de atividades da Praça da Faculdade ao longo das décadas até o momento atual, e a partir desse quadro foi gerado um gráfico que permite a análise de forma mais comparativa dessas atividades em relação à sua intensidade e a época de ocorrência, contribuindo para a compreensão da dinâmica do espaço. E no gráfico da Figura 75 (abaixo), estão representadas as atividades passadas como elementos não preenchidos e as atividades presentes como elementos preenchidos.

As informações obtidas a partir do gráfico (Figura 75), baseadas em dados empíricos (comemorações, narrativas e documentos) com indicação subjetiva, possibilita esboçar a relação entre as atividades ocorridas e que ainda ocorrem na Praça da Faculdade e a coletividade participante da construção histórica e social desse espaço. Vale ressaltar que como observado por Candau (2011),

[...] a consciência do passado não é a consciência da duração; e se nos lembrarmos de acontecimentos passados, não temos a memória da sua dinâmica temporal, do fluxo do tempo cuja percepção, como sabemos, é extremamente variável em função da densidade dos acontecimentos. (CANDAU, 2011, p. 87-88)

HISTÓRICO DE ATIVIDADES - PRAÇA DA FACULDADE						
	Atividades	Mês	1960	1970	1980	1990 2000 2010
Presentes	Feira Camponesa *	Jun / Out				Alta intensidade
	Feira da Reforma Agrária *	Set				Alta intensidade
	Feira das Margaridas *	Ago				Média Intensidade
	Venda de Milho *	Jun				Alta intensidade
	Venda de Flores *	Nov				Alta intensidade
	Comemorações Natalinas *	Dez				Alta intensidade
Passadas	Festa Natalina	Dez - 06 Jan	Média Intensidade	Alta intensidade	Média Intensidade	Média Intensidade
	São João	Jun			Média Intensidade	
	Carnaval	Fev / Mar		Média Intensidade		
	Circo	Esporádico				Média Intensidade
	Parque	Out / Dez		Média Intensidade	Alta intensidade	Média Intensidade
	Feira de Carro	Esporádico				Média Intensidade

	Alta intensidade
	Média Intensidade
	Baixa Intensidade
	Sem ocorrência de atividade
*	Atividades ativas

Quadro 4 – Histórico de atividades da Praça da Faculdade em função da década (1960-2010) e a intensidade de ocorrência.

Fonte: Produzido pela autora, 2018.

Com base no Quadro 4, foi possível observar que as atividades presentes têm início a partir de 2000 e que se destacam as décadas de 1970, 1980, 2000 e 2010 para a ocorrência atividades com alta intensidade. A descrição dessas atividades e em relação à ocorrência e intensidade serão expostas em seguida a partir do gráfico abaixo.

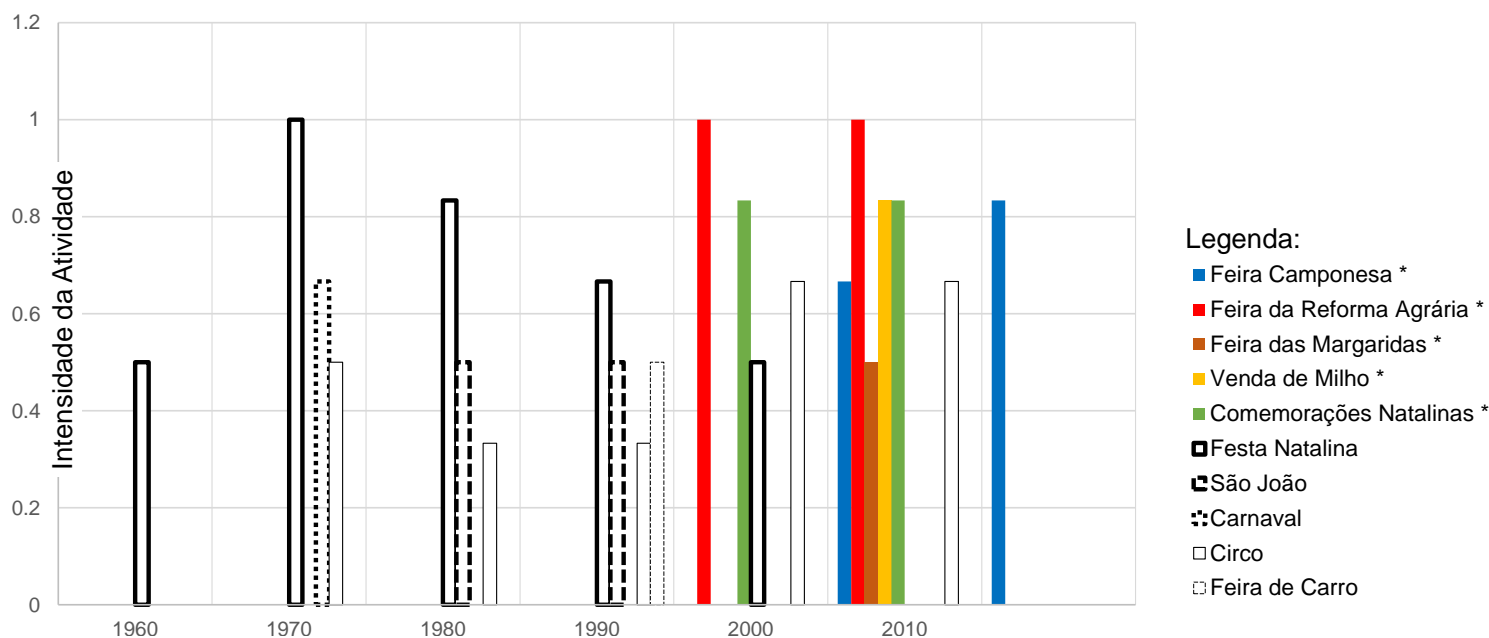


Figura 75 – Gráfico de intensidades das atividades (passadas e presentes) relacionadas por década na Praça da Faculdade. Fonte: Produzido pela autora, 2018.

Conforme pode ser observado através do gráfico da Figura 75, o número de atividades agrupadas em uma mesma década foi maior para o intervalo de atividades classificadas como presentes comparado ao intervalo de atividades classificadas como passadas, o que nos leva a pensar que sobre o conjunto de lembranças transmitidas, pode ser aquilo que realmente foi ou somente aquilo que ficou retido pela coletividade. Nesse caso, considerando os dados empíricos, é possível afirmar que as atividades presentes tinham mais dados verificáveis em relação às atividades passadas, sendo assim, entende-se que as atividades passadas descritas são as que ficaram retidas na memória coletiva por terem sido mais representativas e conseqüentemente transmitidas.

Em relação à intensidade das atividades, nota-se que na década de 1980 e 1990 foi decrescendo, o que pode ser atribuído, em Maceió, a fatores como direcionamento da gestão para novos bairros em função da urbanização da cidade nessa época:

[...] destaca-se, no início dos anos 80 a continuidade das obras de “urbanização” da beira-mar, desta vez estendendo-se ao longo das praias de Ponta Verde e Jatiúca, até o encontro do Hotel Jatiúca, no cruzamento da Avenida Álvaro Otacílio com a João Davino em Mangabeiras. No mesmo período ocorre a pavimentação da Via Leste Oeste que, partindo do Trapiche da Barra e margeando a lagoa Mundaú, atravessa os bairros do Farol e Jacintinho, indo ao encontro do bairro de Mangabeiras. [...] um novo modo de morar em Maceió, alinhado a ideário modernista desenvolvido em cidades litorâneas como Rio de Janeiro e Recife, o apartamento na orla, a instalação dos hotéis Alteza Jatiúca, em 1979, e Ponta Verde, 1980,

inauguram uma nova fase de usufruto da orla maceioense como espaço de turismo e lazer. (NORMANDE, 2000, p.108)

E, vale lembrar que na década de 1990 foi instalada uma grade de ferro em volta da Praça (sobre isso ver item 4.1) o que pode ter contribuído para essa baixa.

A partir da década de 2000, mais especificamente até o que parece no ano de 2014 (em 2015 a Praça encontrava-se em reforma), permaneceram na Praça as festas natalinas (não na mesma dimensão que se apresentava nas décadas de 1950 a 1980) apenas com a instalação do parque e a instalação do circo esporadicamente, além das novas atividades que começaram a ocorrer na Praça, como as feiras de comercialização de alimentos agrícolas (Feiras Agrárias), a comercialização de flores no dia de finados (02 de novembro) e a comercialização de milho verde em junho.

Em síntese, a relação do que ocorre no espaço e o que se torna referência para o grupo pertencente a esse espaço pode ser entendida como a “memória coletiva” ou “memória social” (CANDAU, 2001, p. 31), onde se discute uma realidade deduzida da existência de atos de memória, verificável com a ajuda dos dados empíricos.

Portanto, compreende-se que das atividades passadas e presentes, as mais relevantes foram e são as comemorações na época de Natal (representadas no gráfico como festa natalina e comemoração natalina) – considerando as transformações na dinâmica e amplitude da festa – e também as feiras agrárias que ainda fazem parte da dinâmica do espaço. É importante acrescentar que nos últimos anos da atual década, após a revitalização (2016 – 2018), outras atividades de caráter esporádico (eventos organizados pela prefeitura, sobre isso ver item 4.2) também começaram a ser realizadas no espaço.

Quanto às práticas espaciais do cotidiano, essas vão concebendo o espaço no presente, fazendo entender que o lugar está em um constante processo de continuidade (CERTEAU, 1994). A espacialidade da Praça, definida por meio das “operações” ou “maneiras de fazer” (Id., 1994), faz parte do processo de continuidade do espaço, e para descrever essa espacialidade foi elaborado um croqui síntese⁸⁰ (Figura 76) do traçado da Praça da Faculdade identificando as áreas de permanência e circulação a partir da construção visual da autora através da experiência *in loco*. Não é a intenção nesse trabalho apresentar um estudo sobre as formas de apropriação dos espaços públicos⁸¹, mas se considera aqui a leitura da dinâmica de uso e práticas diversas do espaço em questão, - a Praça da Faculdade, observando de maneira geral sem que se estabeleça a classificação desses e suas variáveis.

⁸⁰ A partir do estudo em que foi feito um registro das práticas diversas presente no espaço da Praça. Item 5.1.

⁸¹ No que se refere ao estudo urbanístico que relaciona a vida urbana à estrutura física presente no uso do espaço.



Figura 76 – Croqui síntese do traçado da Praça da Faculdade e pontos de referência identificando as áreas de ocupação classificadas em alta, média e baixa permanência. Fonte: Base cartográfica da Prefeitura de Maceió, 2018. Trabalho pela autora.

Foram considerados para a elaboração do croqui síntese (Figura 76) não só os pontos de referência contidos na Praça, mas também do entorno que pelas suas características (tipo de uso, densidade, etc.) pode influenciar a intensidade de uso e contribuir para a atração de usuários. Nesse caso, além da proximidade com o Centro e atividades de predominância comercial, se tem no entorno imediato a Avenida Siqueira Campos, a área referente ao antigo Terminal Rodoviário, a lanchonete próxima à Praça e a antiga Faculdade de Medicina (atual Museu de História Natural) que são atualmente principais canalizadores de fluxo para a Praça.

Através do croqui da Figura 76, nota-se que dentro do limite da Praça as áreas de alta permanência são as quadras de esportes e a praça de alimentação, comprovando a tendência dos grandes atrativos de lazer típicos dos espaços públicos contemporâneos como: locais destinados à prática de esportes e locais destinados ao consumo. Incluem-se também nas áreas de alta permanência, o antigo terminal rodoviário, onde ocorre o embarque e desembarque de passageiros que utilizam o transporte intermunicipal; e o prédio da antiga Faculdade de Medicina, que atualmente além do funcionamento de aulas de anatomia do curso de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, abriga o Museu de História Natural que é um equipamento cultural que promove o entretenimento e em consequência influencia o fluxo de transeuntes na Praça.

As áreas de média permanência na Praça são: o local onde se situam *trailers* de lanche, sobretudo no intervalo do final da tarde ao final da noite; o parquinho infantil, onde as crianças acompanhadas dos pais permanecem com mais recorrência no período da tarde; a escola, frequentada pelos alunos nos horários de funcionamento; a área verde onde se situam a academia e a pista de *skate*, que possui uma dinâmica diferente das outras (além desses equipamentos que já funcionam como um atrativo), é mais arborizada e por esta razão é a escolha tanto para os grupos que se encontram à tarde na Praça e que procuram locais sombreados, quanto para a população em situação de rua que escolhe a área mais favorável para permanência; e o local definido como ponto de apoio para os taxistas e mototaxistas. Nas adjacências pode ser considerado como local de média permanência uma das tradicionais lanchonetes de Maceió que possui um fluxo considerável, em geral nos horários da tarde e noite, e vem a ser parte da dinâmica da área que envolve a Praça.

Em relação às áreas de baixa permanência, é importante ressaltar que compreendem os locais onde existe atividade esporádica, de curto período ou manifestações informais, como a pista de *skate*, a área livre e o local das mesinhas. A pista de *skate* não é muito utilizada e recebe poucos usuários, constitui um dos equipamentos alvo de vandalismo. Quanto à área livre, é utilizada de forma esporádica para eventos

programados, sendo mais frequente seu uso (não havendo dias específicos) para a instalação dos parques infantis, como o pula-pula e o parquinho inflável, além dos carrinhos de pipoca. No local das mesinhas, onde antes também existia o pergolado (sobre isso ver item 5.2), é utilizado em ocasiões em grupos de dança, atividade funcional e até grupos de capoeira se deslocam para a Praça para praticar suas atividades.

As demais áreas da Praça, assim como as vias que a tangenciam, no cotidiano se caracterizam como áreas de circulação, variando a intensidade conforme horários, atividades ocorrentes e dias da semana.

Embora a Praça da Faculdade possua uma grande área de superfície, notou-se que as atividades não se aglomeram, existindo atuação através do uso em toda a sua extensão. E ainda que exista a negação ao espaço por parte de alguns usuários, em razão da sensação de insegurança e entre outras condições que venham a definir a atratividade do lugar, o esvaziamento das praças em geral não é um fato que predomina, pois se entende que existem variáveis que influenciam a intensidade de uso.

Neste item, foi tratado de forma mais específica as práticas que ocorrem na Praça da Faculdade a partir da compreensão sobre o que se vê no espaço (observador) e sobre o que as pessoas veem (os praticantes), além da pesquisa histórica realizada.

As demarcações e os esquemas que moldam o espaço da Praça como relevante para a comunidade do bairro do Prado e para Maceió se tratou do objeto para a compreensão dos valores impostos a esse espaço. Notou-se que são as atividades que ocorrem na Praça que marcam o espaço cruzando os usos cotidianos com a memória, compreendendo a ele uma importância imaterial, e é por esse viés que se implementou o objetivo geral do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que se propôs como objetivo principal para este trabalho – a análise das permanências, das rupturas e das relações do antigo com o novo através de uma narrativa da Praça da Faculdade para o reconhecimento de sua relevância como patrimônio cultural do bairro do Prado e Maceió –, se ressalta que os resultados obtidos são um indicativo para que se possa comunicar essa relevância do referido objeto.

Em uma primeira etapa, para o alcance do objetivo foi necessário a abordagem que corresponde ao aporte teórico-conceitual escolhido para embasar as análises pertinentes à Praça da Faculdade. Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura existente sobre a temática de praças, memória coletiva e patrimônio no contexto social e histórico (livros, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado), necessário para a articulação do trabalho, assim como foi realizada também uma pesquisa documental estabelecida no rastreamento em arquivos e fotografias da Praça da Faculdade, e fatos sobre o contexto em que está inserida (a partir da década de 1890) em fontes primárias de acervos públicos e acervo pessoal.

A revisão de literatura e pesquisa documental realizada tornou-se essencial para a construção da narrativa que compõe o trabalho, após a sistematização e análise da forma que os processos histórico-sociais atribuíram significação à Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado e influenciaram a vida dos moradores do seu entorno e adjacências.

Nesse panorama, compreendeu-se que as praças como um espaço público urbano, de maneira geral constituem um importante lugar de uso coletivo onde se produzem e se modificam as relações, reações e interações socioambientais. É a partir dessas relações que se emergem os sentimentos de pertencimento e que corresponde a um significado social correlacionado à cidade onde se insere. Em consequência, a partir dessa percepção, se procurou entender o significado que a Praça da Faculdade adquiriu, através das experiências individuais e coletivas, na construção das práticas sociais que se estabeleceram ao longo do tempo e se tornaram referenciais para o local em que se insere. Recorreu-se às definições sobre a memória coletiva que, na condição de memória afetiva de um grupo, pode atribuir a um espaço vivido uma conotação simbólica; e definições do que vem a ser o patrimônio cultural nesse contexto. Os conceitos discutidos foram cabíveis acerca da relação entre a memória coletiva e o patrimônio cultural no que diz respeito à institucionalização do espaço da Praça através de símbolos mnemônicos.

Apesar da inclusão da Praça nas UEPs, como marco referencial na paisagem do Prado e como parte da formação dos espaços públicos urbanos de Maceió, a Praça da

Faculdade pouco foi explorada historicamente, limitando-se a ser objeto secundário nas pesquisas com temática que se refere ao traçado urbano da cidade ou preservação patrimonial urbana. Diante disso, foi através de fontes oficiais (história) e populares (memória) que se deu a construção do seu quadro histórico.

A segunda etapa do trabalho se iniciou a partir do entendimento prévio de que as histórias da população têm, de forma consciente preservada em sua memória, fundamental importância nas questões intrínsecas, assim como as formas que as memórias atuam na determinação da compreensão do presente. Assim, tratou-se de uma pesquisa qualitativa a partir do contato direto com o objeto de estudo – observação *in loco* – e com as pessoas que atuam nele – entrevistas semiestruturadas –; observaram-se as relações e os elementos que conduziram para a compreensão da Praça no tempo presente como um patrimônio cultural.

A construção da narrativa da Praça da Faculdade resulta descrita ao longo do último capítulo através das escolhas metodológicas realizadas, a partir do registro das práticas presentes no espaço da Praça, das atividades que ocorrem, a frequência dessas atividades e a intensidade das atividades em relação ao horário; e da análise das entrevistas com antigos e atuais usuários da Praça.

As observações feitas através das visitas à Praça da Faculdade, além de uma experiência empírica no qual foi possível uma maior aproximação com o espaço que se discute neste trabalho, resultaram também em registros das práticas espaciais no cotidiano, com base no conhecimento da abordagem do historiador Michel de Certeau (1925-1986) quanto ao espaço. A interpretação do ambiente se deu pelo recorte temporal e o fluxo de ocupação dos gestos habituais ou rituais, identificando em um dado momento a espacialização que se criou através das relações e cruzamentos no processo de caminhar. Na descrição das práticas espaciais da Praça da Faculdade, reconheceu-se que definida como lugar identitário, relacional e histórico ela é transformada em espaço pela população através do uso. Sem entrar no mérito da questão que envolve os termos identidade ou história, a Praça tem sua identidade no momento em que foi identificado um grupo que se reconhece no espaço, se relaciona a ele; e a respeito da sua história correspondeu à que foi contada (memória), por ter sido parte de um passado vivido e que com outros significados ainda está em continuidade.

As análises das entrevistas foram feitas de maneira individualizada para cada perfil e também da amostra como um todo. Foram abordados aspectos em relação ao uso do espaço, se existe ou não, e se sim qual a frequência e a motivação; o modo pelo qual se referem à Praça também constitui um aspecto importante, considerando um espaço que

recebeu diferentes nomes desde a sua formação até hoje, do mesmo modo, fizeram parte dos questionamentos que estruturaram as entrevistas os objetos referenciais que mantêm relação com a Praça da Faculdade e os eventos que se mantiveram e ainda se mantêm no imaginário da população; a visão dos usuários em relação ao que se encontrava de negativo e de positivo no espaço foi um ponto que levou a uma discussão sobre a problemática que interfere diretamente no uso. Ao final das entrevistas, foi inserida a discussão acerca da preservação da Praça, em relação a sua institucionalização como uma UEP e se havia concordância com essa ação. As entrevistas foram realizadas de modo informal, e o formato (entrevistas semiestruturadas) em que se processaram viabilizou certa liberdade das respostas, a externalização do conhecimento, de sentimentos e de vontades.

Do que ficou marcado de forma remanescente ou fragmentado, o trabalho identificou que a relação entre a Praça e as atividades que nela ocorreram e que ainda ocorrem foi proeminente quando se tratou da descrição do espaço, seja de forma oral (entrevistas) ou em pesquisas (em arquivo, livros, internet, etc.). Não é então o espaço em si, mas a projeção que a memória coletiva tem nele. A tradução do espaço se deu em parte pelo conhecimento das permanências ou inovações que agora o caracterizam, dada essas atividades. Foi realizada uma classificação qualitativa das atividades distinguidas como passadas e presentes (através das informações obtidas sobre a época de ocorrência) que direcionou para o reconhecimento das comemorações próprias da época de Natal (que não ocorre mais na mesma amplitude da festa processada até a década de 1980) como de alta relevância e referencial no que compreende à dinâmica da Praça. Sobre seu desenvolvimento no contexto atual, além das atividades programadas que nela ocorrem por ser palco principal para as atividades do Prado como um lugar de confluência e de grande espacialidade, consiste também no uso cotidiano e que conforme foi compreendido, demonstra ser de forma generalizada no espaço. Embora, haja ainda a negação a esse espaço por parte de alguns usuários em razão da sensação de insegurança e entre outras condições que definiram e que virão a definir a atratividade do lugar.

É dessa maneira, pelo que ficou retido na memória dos usuários e pelo que a Praça da Faculdade ainda representa para a comunidade detentora, que se torna um espaço de relevância cultural para o bairro do Prado e Maceió. É então a materialidade das dimensões possíveis da existência.

Algumas das falas que reforçam essa constatação foram: dos antigos usuários, mais voltadas para as festas que ocorriam na Praça, principalmente as festas de Natal; e dos atuais usuários, de lembranças repassadas e de vivências e impressões perceptíveis no presente sobre o espaço, conforme alguns dos recortes de falas revelam:

“Muito bom, muita brincadeira, festa de natal, São João... Era divertido. Era tão bom, menino era tão bom... oia, **as festas natalina era a coisa mais linda do mundo! Tinha barca, tinha chegada, guerreiro, fandango, pastoril, tudo tinha... Baiana**” (informação verbal)⁸².

“**Era animada** né... Tinha os festejos juninos, o natal, pastoril, chegada, reisado, guerreiro... **Tudo tinha né?**”

[...] **a gente encontrou essa Praça... Uma Praça, né?** A gente ficava debaixo daquelas árvores da Faculdade... De tarde assim a gente brincava ali tudo, passeava muito [...] a época melhor que a gente teve foi quase nos últimos anos **que aí vinha parque diferente, parque de fora**” (informação verbal)⁸³.

“**O natal... Tudo era aí**, rapaz... Tudinho. Maior paz era aí... O natal era aí” (informação verbal)⁸⁴.

[...] Armavam o parque, de novembro pra dezembro e acontecia as festas lá, no fim de ano [...] **As lembranças são boas, quem mora aqui em Maceió e perguntar sobre a Praça vai ter muita recordação**” (informação verbal)⁸⁵.

O espaço da Praça se mostrou ter sido palco para a construção cultural da cidade como um todo, no que se refere tanto ao lazer e momentos de descontração quanto pelas atrações, a exemplo as apresentações de folguedos (o pastoril, guerreiros, cheganças e marujadas) durante o período das festas.

Os atuais usuários também compartilham dessas memórias (a memória coletiva), além das que lhe são próprias:

[...] **era uma Praça famosa**. Mas eu vou dizer o que eu presenciei, porque eu já conheço as histórias antes disso, mas não foi da minha” (informação verbal)⁸⁶

“Eu só sei que as pessoas dizia antes que ela era muito movimentada, **chegava muito parque e aqui era a melhor Praça da... Da cidade de Maceió**” (informação verbal)⁸⁷.

⁸² Entrevista concedida por SILVA, Marlene Ferreira da. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (00 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁸³ Entrevista concedida por SARMENTO, Maria Meire Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁸⁴ Entrevista concedida por SILVA, Lúcia. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (14:23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁸⁵ Entrevista concedida por FARIAS, Célia Maria. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [set. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (10:41 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁸⁶ Idem nota 84.

⁸⁷ Entrevista concedida por SILVA, Adriana Venâncio da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [ago. 2017]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2017. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

“[...] aqui na Praça tem o... A área de lazer, né... Do pessoal do Prado, né? E do pessoal do Trapiche. **Se reunia muito aqui**, inclusive tem aquele negócio ali que eu esqueci até o nome” (informação verbal)⁸⁸.

“[...] antes tinha muitas festas aqui, mas eu não alcancei esse tempo. **Logo que reformaram, eu pensei que ia voltar essa época** [...] A Praça da Faculdade, eh... Eu acho que era pra ser tombada. **É uma praça histórica**. Pode chegar em qualquer local aqui em Maceió ou fora mesmo, e perguntar: ‘é na Praça da Faculdade?’ **Não é tão valorizada como ela deveria ser, como ela é conhecida**” (informação verbal)⁸⁹.

“**É uma Praça que eu sei que ant... Antes né... Ainda tem às vezes, vem muito parque né?** As pessoas sempre vinham pra cá no fim de ano [...] **Aqui de bom... É que depois da reforma né? Ficou um local melhor** [...]” (informação verbal)⁹⁰.

“[...] **a história que meus pais me contaram que ela é bem antiga**. Quando eu era pequenininha eles diziam que me traziam praqui que **tinha uma festa de natal que era muito assim... Famosa**, mas eu não lembro porque eu era pequenininha demais. Aí eles diziam que até esse centro aí né? **Faziam uma lapinha...** Assim... Era bem animado [...] **ela é bem antiga, é tradicional aqui** [...] **faz parte da nossa história daqui de Alagoas**” (informação verbal)⁹¹.

“[...] Dois pontos fortes: **o parque, quando vem pra cá, e... Eh... A feira né?** A feira agrícola” (informação verbal)⁹².

Além da memória coletiva que foi compartilhada, ao trabalhar com essas falas foi possível resgatar um sentimento de pertencimento derivado do passado que se revelou bastante presente e significativo para os entrevistados. E mesmo os que não frequentavam mais a Praça, ainda possuíam algum tipo de relação com ela: os antigos usuários que moram no Prado, uma relação de convívio com o espaço acompanhando as transformações que nele ocorrem e ocorreram; os antigos usuários que não moram no Prado, mas possuem lembranças próprias referentes ao espaço; e os atuais usuários, participando do cotidiano por constituir a dinâmica do local.

⁸⁸ Entrevista concedida por SILVA, Marcos Rocha da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [nov. 2017]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2017. 1 arquivo .mp3 (5:13 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁸⁹ Entrevista concedida por SILVA, Maria do Socorro Tenório da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (13:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁹⁰ Entrevista concedida por LESSA, Simone. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (3:52 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁹¹ Entrevista concedida por BARRETO, Solange. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (00 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁹² Entrevista concedida por SANTOS, Ivanildo Antônio da Silva. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (10:24 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

Durante os relatos, as pessoas se referiram na maior parte do tempo aos eventos passados que ocorriam na Praça (as atividades, com destaque, as festas de Natal), e quando se transportavam para o presente eram os aspectos físicos (estrutura da Praça, principalmente no que se refere após a reforma de 2015) que conduziam a descrição. Essa recorrência ao passado comunicou a posição e os interesses do grupo a qual a memória pertence e que constitui o objeto principal na formação dos valores instituídos ao espaço.

Investigar sobre o que permaneceu e o que se rompeu, além do conhecimento do passado, levou ao conhecimento também sobre o que hoje constitui o espaço. E assim, o desenvolvimento da dissertação baseou-se na questão sobre como uma determinada realidade social construiu referências culturais que vieram a constituir o aspecto simbólico do objeto de estudo – a Praça da Faculdade – e dessa forma estabelecer uma memória coletiva. Nesse sentido, foi a partir do trabalho com essa memória coletiva, propiciando situações de contato na intenção de se obter um discurso mais ou menos livre, mas que pudesse atender aos objetivos desta pesquisa foi uma forma de se obter uma experiência sobre como tratar do espaço construído por uma perspectiva do imaterial.

Dessa forma, a narrativa da Praça construída a partir do processo metodológico adotado foi uma maneira de contribuir para o reconhecimento, a valorização e a preservação da Praça. Esse contributo permitiu ainda a confirmação do conhecimento de que esse espaço tem sua continuidade sob os cuidados dos órgãos públicos responsáveis sem a inclusão da população envolvida, tornando a comunidade detentora do bem alheia ao próprio patrimônio, tanto no que diz respeito às decisões sobre seu aspecto físico e social, quanto no que se refere à inexistência de um processo educativo para a construção coletiva do conhecimento com foco no patrimônio cultural.

ENTREVISTADORA: A senhora sabia que essa Praça aqui é uma Unidade Especial de Preservação?

ENTREVISTADO: Sabia não. (risos)

ENTREVISTADORA: Mas a senhora sabe o que é uma Unidade Especial de Preservação?

ENTREVISTADO: Sabia não também. (risos) [...]

O prédio mais simpático que tinha era o Portugal Ramalho que hoje tem aquele prédio ali... (informação verbal)⁹³.

ENTREVISTADORA: O senhor sabia que a Praça da Faculdade é uma Unidade Especial de Preservação?

ENTREVISTADO: Não. Aí é novidade pra mim.

ENTREVISTADORA: Pois é. O senhor sabe o que é uma unidade especial de preservação?

⁹³ Entrevista concedida por SARMENTO, Maria Meire Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

ENTREVISTADO: Mas você tá se referindo a quê? Eu sei que isso aqui foi tombado (referindo-se ao prédio da antiga Faculdade de Medicina) (informação verbal)⁹⁴.

É certo então que não há uma comunicação efetiva entre o setor preservacionista atuante em Maceió e a população da cidade, sendo administrados de forma unilateral os bens que constituem o patrimônio da capital. Mesmo com a explicação ao final das entrevistas para as pessoas sobre o que se tratava a implementação das Ueps notou-se o desconhecimento sobre o que isso traz positivamente à eles e como poderiam se envolver como contribuição para que fosse de fato concretizado.

Assim, ressalta-se por fim, que a Praça da Faculdade como um espaço institucionalizado pelo município (UEP) através de ações preservacionistas não tem garantia ainda que seja protegido a quem lhe interessa. As diretrizes específicas e o estímulo à conservação dessas UEPs previstas nos Artigos 64 e 65 da Lei Municipal nº 5486 de 2005 não incluem políticas públicas que visem a integração da população. Chama-se atenção, ainda, para o que se afirma na Declaração do México (1985), em que só se pode atingir um desenvolvimento equilibrado mediante a integração dos fatores culturais nas estratégias para alcançá-lo considerando a dimensão histórica, social e cultural de cada sociedade e conhecendo melhor as preferências, opções e necessidades em matéria de cultura. É fundamental, então, que se multipliquem as oportunidades de diálogo entre a população e os organismos culturais, além do estímulo à parceria entre os órgãos públicos e a universidade através de trabalhos de extensão com os alunos. Outras ações como a implementação de projetos que divulguem o valor da Praça da Faculdade no próprio espaço através de meios físico ou oral também podem ser eficaz no processo de patrimonialização conjunta.

Somente assim, a produção material e simbólica da população na Praça da Faculdade, e por extensão as formas de relação com a sociedade a sua volta, compreendidas e explicadas a partir de valores instituídos pelo próprio grupo podem e devem ser incorporados às políticas preservacionistas para que se mantenha como um patrimônio cultural.

⁹⁴ Entrevista concedida por LEITE, Luis Josias. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade**. [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Decreto nº 8.843, de 11 de Novembro de 2010. **Diário Oficial**, Maceió, AL, 12 nov. 2010. p. 5.

ARAÚJO, T. V.; GALVÃO, O. E. de A. **Compilação das leis provinciais das Alagoas de 1835 a 1870**. Maceió, 1870.

AUGÉ, Marc. **NÃO-LUGARES**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Trad. De Miguel Serras Pereira. 1ª edição (reimpressão). Lisboa: 90 Graus Editora, 2005.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas. Brasília, DF: Senado federal, Conselho Editorial, 2005. v.2 (A-F).

_____. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas. Brasília, DF: Senado federal, Conselho Editorial, 2005. v.2 (G-Z).

BENJAMIN, Walter (1892 - 1940). **Rua de mão única**: Infância berlinense 1900. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BOLLE, Willi. Cultura, patrimônio, preservação. In: A. Arantes (org.). **Produzindo o passado**: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 11-23.

BRASIL. Constituição Federal Do Brasil (1988). Artigo 216. Brasília: Senado. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 24 set. 2017.

_____. Constituição Federal Do Brasil (1937). Decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937. Ministério da Cultura. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm>. Acesso em: 25 set. 2017.

CALDEIRA, Junia Marques. **A praça brasileira**: trajetória de um espaço urbano - origem e modernidade. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2007.

CÂMARA, Alexandre. Praça da Faculdade: à espera de um conceito multicultural. **Alagoas 24 horas**, Alagoas, 21 out. 2011. Disponível em: <http://www.alagoas24horas.com.br/668148/praca-da-faculdade-a-espera-de-um-conceito-multicultural/>. Acesso em: 01 out. 2017.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Editora Contexto, 2001. 368p. ISBN: 85-7244-185-9.

CARVALHO, Rafaela Cristina dos Santos. **A proposta de salvaguarda dos das Unidades Especiais de Preservação (UEPs) de Maceió**: uma avaliação após 11 anos de instituição do instrumento urbanístico. 2017. Dissertação de Mestrado. Maceió: UFAL, 2017.

CASTELO BRANCO, Fabiana Rodrigues. **A Evolução e as realidades das Praças no Contexto Urbano de Maceió**. Monografia de Estágio Supervisionado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 1993.

CASTRO, Miquelina Rodrigues dos Santos. **Praça**: pressa por quê?. 1999. Trabalho de conclusão de curso - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 1999.

CAVALCANTE, Regina Barbosa Lopes. **A preservação do cemitério Nossa Senhora da Piedade como patrimônio para Maceió/AL**. 2013. Dissertação de Mestrado. Maceió: UFAL, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, Craveiro; CABRAL, Torquato, orgs. **Indicador geral do Estado de Alagoas**. Maceió: Typographia Commercial, 1902.

COSTA, Craveiro. **Maceió**. Maceió: Sergasa, 1981 (2^o edição).

DAMIANI, Amélia L.; CARLOS, Ana F. Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de L. (Orgs). **O espaço no fim de século**: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 2001.

DIAS, Fabiano. O desafio do espaço público nas cidades do século XXI. *Arquitextos*, São Paulo, ano 06, n. 061.05, **Vitruvius**, jun. 2005 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061/453>>. Acesso em: mai. 2018.

ESTRUTURA DE MADEIRA DESABA EM PRAÇA NO BAIRRO DO PRADO, EM MACEIÓ. *G1Alagoas*, Maceió, 5 set. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/estrutura-de-madeira-desaba-em-praca-no-bairro-do-prado-em-maceio.ghtml>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

FERRARE, Josemary Omena Passos. **A cidade Marechal Deodoro**: do projeto colonizador português à imagem do lugar do “lugar colonial”. Maceió: EDUFAL, 2013.

FERRARE, Josemary Omena Passos; LEÃO, Tharcila Maria Soares. **Jardim Público do Jaraguá, porta de entrada de Maceió no início do século XIX e XX**. In: Colóquio Ibero Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto – Desafios e Perspectiva, 3., Belo Horizonte, 2014.

FERRARE, Josemary et al. **Projeto de restauro da antiga Faculdade de Medicina**: Memorial UFAL 50 Anos. Maceió: FAU-UFAL, 2009.

FARIAS, F. O senhor das Praças. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 05 fev. 2012. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=196221>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

GONÇALVES, Jéssica. **Reafirmando o Monumento na PRAÇA**: projeto de restauro do PANTEÃO para a revitalização da "Praça da Faculdade" em Maceió. 2014. Trabalho Final de Graduação - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2014.

GONÇALVES, Jessica; FERARRE, JOSEMARY. O MONUMENTO FUNERÁRIO E A PRAÇA: DO PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO MUNICIPAL AOS DIAS ATUAIS NA 'PRAÇA DA FACULDADE' EM MACEIÓ... In: Anais do Simpósio Científico 2017 - ICOMOS BRASIL. **Anais...**Belo Horizonte(MG) Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2017. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/eventosicomos/59955-O-MONUMENTO-FUNERARIO-E-A-PRACA--DO-PROCESSO-DE-PATRIMONIALIZACAO-MUNICIPAL-AOS-DIAS-ATUAIS-NA-PRACA-DA--FACULDAD>>. Acesso em: 02/03/2018 14:33.

GROAT, Linda; WANG, David. **Architectural Research Methods**. John Wiley & Sons, 2013.

GUIMARÃES, Pedro Paulino. **Configuração Urbana**: Evolução, Avaliação, Planejamento e Urbanização. São Paulo, Prolivros, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad: Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Carta de Atenas**, Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. 1933. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

_____. **Declaração do México**. 1985. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20do%20Mexico%201985.pdf>. Acesso em: 17 set. 2018.

_____. **Inventário Nacional de Referências Culturais**: INRC, Manual de Aplicação. 2000. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

JUNIOR, Itamar R. Vieira. Do canto ao "canto": cidade e poesia em Caetano Veloso. In: PINEHIRO, Délio; SILVA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Imagens da cidade da Bahia**: um diálogo entre geografia e arte. Salvador: EDUFBA, 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAMAS, José M.R.G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEÃO, Tharcilla Mara Soares. **A História da Paisagem da Praça Dom Pedro II em Maceió-AL**. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA JÚNIOR, Félix. **Maceió de Outrora**: obra póstuma. Maceió: Edufal, 2001.

_____. **Cemitérios de Maceió**. Maceió, 1983.

MACEIÓ. Câmara Municipal de Maceió. Lei nº 248, de 20 de outubro de 1952. **Lex**: decretos legislativos, Maceió, 1952.

_____. Lei nº 4.067, de 29 de outubro de 1991, **Lex**: decretos legislativos, Maceió, 1991.

_____. Lei Municipal 5.486, de 30 de dezembro de 2005. **Plano Diretor de Maceió**.

MARX, Murilo. **Cidade brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

_____. **Nosso chão**: do sagrado ao profano. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. **O passado no futuro da cidade**: políticas públicas e participação dos cidadãos na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2001.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NORMANDE, Taís Bentes. **História de uma permanência**: A Jatiúca Velha – pobres e ricos na orla marítima de Maceió. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2000.

Relatório da Província, 1850.

ROBBA, Fábio; MACEDO, Silvio S. **Praças Brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, M. A. da. **Arquitetura Moderna** – a atitude alagoana (1950 – 1964). Maceió: SERGASA, 1991.

SITTE, Camillo. **A Construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo, Ática, 1992.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SORIANO, Ana Gabriela Wanderley. **O espaço público e a cidade contemporânea**: as praças de Salvador entre o discurso e a intervenção. 2006. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2006.

TEIXEIRA, Manuel (coord.). **A praça na cidade Portuguesa**. Colóquio Portugal-Brasil. Lisboa: Livros Horizontes, 2001.

VASCONCELOS, Agatângelo. **O Asilo Santa Leopoldina**: aspectos históricos e sociais. Maceió: SERGASA, 1985.

VASSALO FILHO, Miguel. Monumentos de Maceió (XV). Série de artigos. Maceió, **Jornal de Alagoas**, 2000-2001.

VIEIRA, Rafael L. A.; SOUZA, Hanilton R. de. Espaço público e cultura local na cidade contemporânea: um breve olhar sobre os espaços de arte e cultura na cidade de Santo Antônio de Jesus/BA. In: SIMPÓSIO CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS DA BAHIA, 5., 2016, Ilhéus-BA. **Anais eletrônicos...** Bahia: UESB, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/ascmpa/article/viewFile/5599/5348>>. Acesso em: 24 set. 2017

APÊNDICE

APÊNDICE A – Entrevista com antigos usuários da Praça da Faculdade no bairro do Prado em Maceió.

ROTEIRO DE ENTREVISTA 1: Antigos usuários da Praça da Faculdade do bairro do Prado em Maceió.Dados do entrevistado:

Nome:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Filiação:

Local da entrevista:

Ocupação:

Atividade profissional:

Formação:

- 1- Quanto tempo mora no bairro do Prado?
- 2- O Sr.(a) conhece a Praça Afrânio Jorge?
- 3- Por quais outros nomes o Sr.(a) conhece a Praça?
- 4- Quais suas lembranças em relação à Praça?
- 5- Qual a sua relação com a Praça?
- 6- Atualmente o Sr.(a) frequenta a Praça?
- 7- Se sim, com que frequência? Se não, por quê?
- 8- O que é bom na Praça?
- 9- O que é ruim na Praça?
- 10- Quando se fala na Praça da Faculdade qual imagem vem à cabeça?
- 11- O Sr.(a) sabia que a Praça é uma Unidade Especial de Preservação?
- 12- O Sr.(a) sabe o que é uma Unidade Especial de Preservação? Gostaria de conhecer sobre?
- 13- Gostaria de falar algo que não foi perguntado aqui?

SILVA, Marlene Ferreira da. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade.** [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Marlene Ferreira da Silva (M. F.)

Idade: não informou

Local de nascimento: não informou

Filiação: não informou

Local da entrevista: casa da Dona Marlene

Ocupação: não informou

Formação: não informou

J. G. Quanto tempo a senhora mora no bairro do Prado?

M. F. 70 anos.

J. G. A senhora conhece a Praça Afrânio Jorge?

M. F. Sim.

J. G. Por quais outros nomes a senhora conhece a Praça?

M. F. Afrânio Jorge e Praça da Faculdade.

J. G. Quais suas lembranças que a senhora tem da Praça?

M. F. Era tranquila, a gente podia brin⁹⁵... Oia⁹⁶, passear, sentar, brincar com as crianças, mas hoje em dia não... Era até...

PESSOA SENTADA NA PORTA - Mas ela tinha o quê antigamente?

M. F. Antigamente tinha uns bancos...

PESSOA SENTADA NA PORTA – Não, antes.

M. F. As festas natalinas...

PESSOA SENTADA NA PORTA – Não, antes... Antes não tinha quartel, não tinha tudo?

M. F. Ah, mas o quartel eu não alcancei assim não... Ali sempre foi a Faculdade de Medicina.

J. G. Quando a senhora chegou já era faculdade?

M. F. Já, quando eu morava aqui já, já era faculdade.

J. G. Como era o movimento da Praça nesse tempo?

M. F. Muito bom, muita brincadeira, festa de natal, São João... Era divertido. Era tão bom, menino era tão bom... oia, as festas natalina era a coisa mais linda do mundo! Tinha barca⁹⁷, tinha chegada⁹⁸, guerreiro⁹⁹, fandango¹⁰⁰, pastoril¹⁰¹, tudo tinha... baiana¹⁰².

⁹⁷ Brinquedo do parque de diversão.

⁹⁸ Auto de temática marítima, versando sobre temas vinculados à vida no mar, às dificuldades como tempestades, calmarias, contrabando, brigas entre marujos e ainda as lutas entre os cristãos e os mouros infiéis, seguidores de Maomé. Deriva-se das MOURISCADAS Peninsulares, ou das lutas e danças entre cristãos e mouros da Europa. Ou, ainda, é uma reinterpretação das Mouriscadas Europeias. (Folguedos e Danças de Alagoas - José Maria Tenório Rocha, Maceió - 1984). In: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco/es/mapeamento-cultural/cultura-popular/folguedos-dancas-e-tores/folguedos-natalinos/cheganca/>>.

⁹⁹ Auto popular, genuinamente alagoano, resultante da fusão de Reisados alagoanos, do antigo auto dos Caboclinhos, Chegança e Pastoril. (Folguedos e Danças de Alagoas - José Maria Tenório Rocha, Maceió - 1984). In: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco/es/mapeamento-cultural/cultura-popular/folguedos-dancas-e-tores/folguedos-natalinos/guerreiro/>>.

¹⁰⁰ Auto de assunto marítimo que corresponde à MARUJADA, BARCA e à NAU CATARINETA de outros estados brasileiros. Não confundir com os Fandangos do Sul do país, de origem espanhola. Naquela região, Fandango é sinônimo de danças ou sequência de danças. Em Alagoas, o Auto não possui um enredo ordenado ou lógico. É constituído por uma série de cantigas náuticas de diversas épocas e origens que retratam odisséias marítimas dos navegadores portugueses, lembrando os sofrimentos de uma nau perdida, o sofrer da tripulação pela calmaria, fome, desespero e a solidão do mar. Retrata ainda as lutas e o heroísmo dos marujos. (Folguedos e Danças de Alagoas - José Maria Tenório Rocha, Maceió - 1984). In: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco/es/mapeamento-cultural/cultura-popular/folguedos-dancas-e-tores/folguedos-natalinos/fandango/>>.

¹⁰¹ O Pastoril é o mais conhecido e difundido folguedo popular de Alagoas. É uma fragmentação do Presépio, sem os textos declamados e sem os diálogos. É constituído apenas por jornadas soltas, canções e danças religiosas ou profanas, de épocas e estilos variados. Como os Presépios, origina-se de autos portugueses antigos, guardando a estrutura dos Noéis de Provença (França). (Folguedos e Danças de Alagoas - José Maria Tenório Rocha, Maceió - 1984). In: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco/es/mapeamento->

⁹⁵ Brinc = brincar. Não completou a palavra

⁹⁶ Olha

J. G. A senhora participava?

M. F. Eu não, eu ia olhar.

A. C.¹⁰³ O que é fandango?

M. F. É uma dança... É... São aquelas dança de como baiana, sabe? Tinha tudo isso, tinha os marinheiro aí na barca. Mas marinheiro...

A. C. Só pra eu me situar um pouquinho, isso foi há quanto tempo mais ou menos?

M. F. Ah, isso foi há muito tempo. Agora tá com mais de vinte anos que não tem é nada, só tem maconha... (risos) muita droga e, mais nada.

J. G. Mas a senhora chegava a participar das festas?

M. F. Não, eu ia olhar com a minha mãe. É... Pequena né? Depois mocinha... O circo, tudo era aí.

J. G. Entendi. E o que a senhora lembra mais que acontecia? Depois dessa época foi mudando?

M. F. Foi mudando. Teve uma época que fecharam ela todinha... Vinha parque de diversão, tinha tudo isso. Agora não, tem mais nada! Só tem comida.

A. C. O que a senhora achou de fechar a Praça?

M. F. Horrível, a praça tem que ser livre. Não é?

J. G. E o circo, as festas... Quando acabaram?

M. F. Quando acabavam, chegava outro (riso). Nunca parou não sem nada aí, tinha sempre movimento. Era muito movimento. Tinha jogo, tinha campos pros meninos brincar, os pivetinhos tudinho assim, mas hoje em dia ninguém pode chegar aí.

J. G. Qual a sua relação da senhora com a Praça? Assim, a senhora era de frequentar, era só de olhar, namorava na Praça...

M. F. Mas é claro que namorava! (risos). Agarrava, beijava muito, ah! Coisa boa, tempo bom que não volta mais. (Risos). A gente era feliz e não sabia!

J. G. E atualmente a senhora frequenta a Praça?

M. F. Não. Vou lá uma vez perdida.

J. G. Mas por quê?

M. F. Porque quando tenho de ir na farmácia, vou porque tem de passar, né? Curto não mais não. Já passou o tempo... (risos).

A. C. A Praça antes da reforma, antigamente, ela era assim? Antigamente era do mesmo jeito? Eu lembro da Praça antes da reforma, que tinha aquela pista de bicicleta, vinha um circo às vezes...

M. F. É... Era...

A. C. Mas na época da senhora, há mais tempo atrás... Ela sempre foi desse jeito? Daquele jeito que era há...

M. F. Era... Não, vinha um prefeito, fazia uma renovação... Sandoval Cajú... (não foi possível identificar palavra)... Fazia os banco redondo, depois vinha outro e desmanchava pra aparecer, né? E assim... (risos)...

J. G. Qual foi a época assim que a senhora acha que mais marcou na Praça?

M. F. Era quando vinha o parque de diversão (pausa)... Tinha tudo...

cultural/cultura-popular/folguedos-dancas-e-tores/folguedos-natalinos/pastoril>.

¹⁰² Baiana = baianas. Grupo de dançadoras que, trajadas com as vestes convencionais de baianas, dançam e fazem evoluções ao som de instrumentos de percussão. Esse folguedo constitui uma modificação rural dos Maracatus pernambucanos ou é uma "alagoanização" dos maracatus, sem a corte real e sem a boneca, e mais elementos dos pastoris e dos cocos, mesclados com canções religiosas negras. Surgiu no sul de Pernambuco com a denominação de Samba de Matuto ou Baianal. (Folguedos e Danças de Alagoas - José Maria Tenório Rocha, Maceió - 1984). In: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoas/mapeamento-cultural/cultura-popular/folguedos-dancas-e-tores/folguedos-natalinos/baianas/?searchterm=baianas>.

¹⁰³ Augusto Hugo Cunha. Em acompanhamento à entrevistadora.

A. C. E era em que época mais ou menos?

M. F. Oh... Minino¹⁰⁴... Muitos anos atrás... Há uns trinta anos, eu era muito nova...

J. G. Sim, e hoje, o que a senhora acha? Poderia dizer que tem alguma coisa boa na Praça?

M. F. Nada, pra mim não tem nada né? Nada. Só ladrão, maconheiro... Essas barraca... Era...

J. G. E o que a senhora pode dizer: isso é ruim na Praça?

M. F. Muito barulho que tem minino, barulho... e quando bota um... Vem uns bêbo¹⁰⁵ por aí é um som... já sabe como é né?

J. G. Quando alguém fala para a senhora: “ah, a Praça da Faculdade”, que imagem vem à cabeça da senhora?

M. F. Todo mundo que passa e pergunta... A Praça já era (pausa). Entendeu? Oxe, o pessoal por aqui, oh... Tem ali a Dona Lúcia, da... Da casa amarela. A Praça de era a de antigamente, que eu on... Onde eu bebia, fazia minhas farra, dormia até na Praça, ninguém bulia¹⁰⁶ (risos).

A. C. Foi mesmo? (risos)

M. F. É... Se você quiser, você pode entrevistar ela. Ela mora nessa casa amarela.

A. C. Dona Lúcia...

M. F. É, é a sogra da Socorro.

A. C. Ah, e é?

M. F. Bata lá (palmas) e diga: “Dona Lúcia!”. Uma entrevistazinha ela le¹⁰⁷ dá na hora também, pode ir.

¹⁰⁴ Minino = menino.

¹⁰⁵ Bêbo = bêbado.

¹⁰⁶ Bulia = mexia.

¹⁰⁷ Le = lhe.

[...]

J. G. Só mais duas perguntas pra não tomar o tempo da senhora. Mas a senhora sabia que essa Praça é uma Unidade Especial de Preservação hoje?

M. F. Não.

J. G. Sabia não. A senhora sabe o que é uma Unidade Especial de Preservação?

M. F. Não.

J. G. A senhora gostaria de saber?

M. F. Perfeitamente.

J. G. Bom, bora lá. Uma Unidade de... Uma Unidade Especial de Preservação são uni... São prédios ou áreas abertas na cidade que a prefeitura... Eh... Listou para poder ser protegida pelo município. É como se fosse um prédio tombado, estão valorizando o espaço. Então essa Praça, junto com o prédio e o mausoléu ali no meio... Esses três é uma Unidade de Preservação Especial.

M. F. Deviam tombar ele... Não tem nada ali...

(Risos)

A. C. Tombar seria derrubar?

M. F. É claro.

(Risos)

M. F. É acabar com ele mesmo, minino... (falas simultâneas) Porque, olhe, à noite... Quando de madru... Quando a gente acorda de manhã isso aqui é banheiro sanitário.

A. C. Até aqui na rua da senhora, na calçada?

M. F. Ói¹⁰⁸... Ói... Mas é, é! É aqui só, meu filho? É nas portas tudinho. Eles bebem, num¹⁰⁹ tem um banheiro, num tem nada, eles vem pra porta.

¹⁰⁸ Ói = Olha.

¹⁰⁹ Num = não.

SARMENTO, Maria Meire Chagas.
Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade. [mar. 2018].
 Entrevistadora: Jéssica Gonçalves.
 Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:20 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Maria Meire Chagas Sarmento (M. S.)

Idade: 75 anos

Local de nascimento: Anadia - Alagoas

Filiação: não informou

Local da entrevista: casa da Dona Meire

Ocupação: não informou

Formação: não informou

J.G. Há quanto a senhora mora aqui?

M. S. 70 anos.

J.G. A senhora conhece a Praça Afrânio Jorge?

M. S. Conheço. (Ruído)

J.G. Por quais nomes a senhora conhece?

M. S. Praça Afrânio Jorge e Praça Siqueira Campos... Doutor Afrânio Jorge e... Praça Siqueira Campos.

J.G. Entendi. Quais são as lembranças da senhora em relação à Praça... Sobre a Praça?

M. S. Era animada né... Tinha os festejos juninos, o natal, pastoril, chegada, reisado, guerreiro... Tudo tinha né?

A. C. Chegança?

M. S. Chegança sim.

A. C. O quê que é chegada?

M. S. Chegança é uma dança que tem... É num navio (não foi possível identificar trecho) com as meninas faziam no Pontal e os marinheiro ali dançando (risos) né? (não foi possível identificar trecho) Fazia ali na Praça...

J.G. Isso há quanto tempo mais ou menos?

M. S. Ah, eu era menina! Deve tá com uns quarenta anos ou mais. Pastoril... Né? Todo ano tinha. Reisado né? Aqueles homão com os chapéus.... Cheio de fitas, né?

J.G. E a senhora participava?

M. S. Não, não. Só ia assistir. Assim... Meu pai era muito carrasco, a gente não saia não. Meu pai era da polícia, era muito carrasco. E... E... O encerramento de... O encerramento do Dia de Reis, de Reis né? Cinco de janeiro, quando termina o nata... O natal, o ano novo que vem o dia... Aí era aqui né... Na frente da Faculdade. Vinha os cavaleiros de Viçosa... [não foi possível identificar trecho] vinham de vermelho, os homens uns com correia vermelha e uns com correia azul.

A. C. Eram os cavaleiros de Viçosa é?

M. S. É. É, vinham todos convidados. Os cavalos viu?

A. C. Ah, os cava...

M. S. [não foi possível identificar trecho] e os homens também, tudo vestido com aqueles boné.

J.G. E esse natal? Como era esse natal na Praça?

M. S. Aí... Dia e noite minha fia¹¹⁰! Vinte e quatro hora (risos).

J.G. Quais são as épocas que a senhora se lembra da Praça? Quando o tempo foi passando e foi mudando...

M. S. Foi mudando tudo né? Foi acabando aos poucos. Hoje em dia [não foi possível identificar trecho].

J.G. Entendi.

¹¹⁰ Fia = filha.

M. S. Baiana né? Você não sabe o que é baiana?

A. C. Não...

M. S. Ô minino! Você é da onde hein?

(Risos)

A. C. Eu sou daqui de Maceió.

M. S. Baiana, aquelas mulheres vestidas com aquelas roupas compridas.

A. C. Ah, eu achei que era uma dança específica.

M. S. Não. Baiana... né?

A. C. Ah, são essas baiana?

M. S. É. Tudo tinha nessa Praça. Cada uma noite tinha um caminhão de gente ou um ônibus com eles (não foi possível identificar trecho). Professor Pedro Teixeira trazia muita gente de Viçosa, trazia pastoril, ele era folclorista né? Faleceu tá com uns anos... Eu fui criada por ele.

A. C. Pelo professor?

M. S. É, é pelo professor Pedro Teixeira.

J.G. E esse mausoléu da Praça?

M. S. Ali é o Pantheon.

J.G. Isso.

M. S. Fizeram pra... Pra trazer os ossos... Do marechal Deodoro Floriano Peixoto, mas num deixaram. A família não deixou... Botar numa coisa daquela... Gastaram uma fortuna, né?

J.G. Sim...

[Falas simultâneas]

M. S. É tudo de mármore...

J.G. E atualmente, a senhora frequenta a Praça?

M. S. Não.

J.G. Mas por quê?

M. S. Só vivo doente, os pés inchado, não aguento andar... (não foi possível identificar trecho).

J.G. E hoje, a senhora poderia dizer o que é bom na Praça?

M. S. Por enquanto não tô vendo nada bom mais... (risos).

J.G. Pra quem viveu na outra época...

M. S. A gente... A gente vê muita é... Bandadeira¹¹¹, crimes, né? Tá tão... (não foi possível identificar trecho).

J.G. Mas e quando fala na Praça da Faculdade vem o que na mente da senhora, assim... Na lembrança?

M. S. Tem umas passagens boas né?

[Filho da Dona Meire entrou]

M. S. Esse corria pouco na Praça. Era... E eu atrás. Eu deixava ele aqui e ia lavar roupa lá atrás. Quando eu botava a cabeça na porta não via mais onde tava ele. Gritava: Lairan! Venha pra cá seu peste! (risos) (falas simultâneas).

M. S. Quando chegava eu metia o sarrafo. Hoje em dia ninguém pode bater nos filhos, né? Antes a gente metia o cacete pra cima, dava-le... Ele ficava aqui na janela. Esse menino era uma bença¹¹², esse menino grande com dez, doze anos, quando eu olhava... Tô aqui mainha, tô jogando bola! Peste de bola menino!

(Risos)

J.G. Então, se eu chegasse pra senhora e perguntasse: Ah, Dona Meire, e a Praça da Faculdade? A primeira imagem que...

M. S. O tempo de São João, né? Tem... Tinha o farinheiro.

¹¹¹ Relativo à bandidagem.

¹¹² Bença = benção.

A. C. Farinheiro?

M. S. É, o farinheiro. É... É... Dança. Quando terminavam os festejos todos... O pessoal que vinha ia embora tudo. Aí tinha os forró tocava... Sanfoneiro... Sanfona, esse baguio¹¹³... Vinham tudo e iam tocar ali e iam dançar. Até meu pai ia dançar. Ele tinha direito de dançar e a gente só de olhar. (Risos). Era minha fia, ele era muito bruto... Muito bruto. Era horrível. Aí ele pegava uma senhora que tinha aqui na rua, Dona Rosa, e dizia assim: Lila fia da peste! Vamo dançar! E sabe como é... Ela é velhota também. Ela sabe tanta coisa, agora não sei se ela tá com a cabeça boa, mas ela sabe muita coisa. Ela sabe dessa Praça do tempo que não era Praça, era o Quartel. Que aqui não era... Hoje é a Faculdade, né? Hoje é o resto da Faculdade. Né, o resto que tá... Tá acabada. Mas antes era o Quartel do vinte ali.

A. C. Era o Quartel do vinte, era?

M. S. Era. E encostado ao Quartel, Quartel militar... En... Encostado ao Quartel, que hoje é aqueles prédio ali... Ali era o asilo dos doidos.

A. C. Sim, o asilo...

M. S. É. Aí depois mudou-se, né?

A. C. Então era onde são esses prédios aqui agora, né?

M. S. É.

J.G. Entendi. E quem é essa senhora?

M. S. Aí quando eu cheguei de Viçosa... A Lila. Aí quando eu cheguei de Viçosa, a mãe disse, não sei não que teu pai não quer ninguém na rua (não foi possível identificar trecho) eu metia o pé. Ah minina¹¹⁴! (Risos). Eu matutona¹¹⁵ né, do

interior [não foi possível identificar trecho] e ia embora.

A. C. A senhora é natural de Viçosa?

M. S. Eu nasci em Anadia, sou de Anadia.

A. C. Ah, Anadia. Tia Bernadete é de lá também.

M. S. E é? Bernadete de quê?

A. C. Agora eu não sei de cabeça... Ela é casada com meu tio na verdade. Esqueci o sobrenome dela.

M. S. E ele?

A. C. Perdigão.

M. S. Eu sou Fidelis. Gente boa (risos)... Aí, aí eu cheguei e digo: vou olhar... Aí eu as meninas: bora Meire! Mulher... Tô com medo do meu pai chegar. Nada! (risos) Aí eu ia olhar. Minino, quando eu cheguei lá não sabia... Pegava aqueles doido, pra botar nas ambulância tudo gritando, se rasgando, né? A pessoa sem... Sem noção né?

J.G. Sim...

M. S. Aí botavam nos carros pra levar lá pra cima... Eu tenho um filho que ele entende bem, ele sabe até o nome de como era o hospital, eu não sei o nome. Aí minina eu tive tanto medo no mundo que quase morro, numa carrêra¹¹⁶ só eu cheguei aqui em casa (risos).

J.G. Mas a senhora pegou a época do...

M. S. Eu fui olhar, mas eu era menina, tinha dez anos.

J.G. Ah sim...

¹¹³ Baguio = bagulho.

¹¹⁴ Minina = menina.

¹¹⁵ Relativo à matuta.

¹¹⁶ Carrêra = carreira.

M. S. Aí eu fui olhar a... A transferência né? Do asilo daqui pra o asilo que hoje é o Portugal Ramalho, né?

J.G. Ah sim...

[Falas simultâneas]

M. S. Ave Maria... Tive tanto medo no mundo... Eu devia tá em casa, nera¹¹⁷?

(Risos)

A. C. Teve pesadelo à noite... (riso)...

J.G. E a senhora sabia que a Praça hoje é uma Unidade Especial de Preservação?

M. S. Como assim?

J.G. A senhora não sabe o que é uma Unidade Especial de Preservação?

M. S. Não.

J.G. Mas a senhora quer que eu explique?

M. S. Quero.

J.G. Então... Unidade Especial de Preservação são alguns prédios ou alguns locais aqui em Maceió que a prefeitura escolheu...

[Vizinha falando na porta da casa da Dona Meire] – Você disse os meninos que a gente ficava até de madrugada na Praça, na porta e ninguém pegava a gente?

M. S. Ah, era, era...

[Falas simultâneas] [vizinha se despedindo]

M. S. Eu tenho meus meninos, tudo tinha insônia. Esse que saiu agora que é o mais velho e tem o outro que tá dormindo. Ele... eu passava a noite todinha com ele segurando pra ver se ele dormia... Eu botava no braço com uma fralda e ia

m'imbora¹¹⁸ e arrudiava¹¹⁹ essa Praça todinha.

A. C. De madrugada?

M. S. Era... Uma hora da manhã, duas... Eu ia sair lá na alvorada, minha fia, tá conseguindo ver?

J.G. Sim...

M. S. Nessa rua aqui que vai no cemitério direto?

J.G. Sim, sim, sim...

A. C. Da capa preta?

M. S. É minino... É...

(Risos)

M. S. Aí, mas aí... Eu com a minha mãe né? A gente arrudiava e chegava aqui na frente tinha uns postes bem grande e aqueles banco redondo assim, sabe? De marmorito¹²⁰. Aí eu me sentava ali com o Cristiano, que é esse que tá dormindo, ficava ali sentada muito tempo, sabe? E ele com uma insônia que ele teve paralisia, ficou seis anos sem andar. Aí quando tava ali sentava e quando dava umas horas, eu dizia: mãe, vamo pra ver se ele agora dorme. E meu pai andando também pela casa. E uns senhores jogando dominó, gamão, essas coisas... Jogando ali... Eu não tinha medo de nada, hoje em dia a gente não pode mais ficar na porta até onze horas, né? Não é?

J.G. É... Verdade...

M. S. Porque... A maldade é grande, né?

J.G. Verdade...

M. S. Que desgraça que ninguém pode fazer nada. Mas eu andava essa Praça

¹¹⁸ M'imbora = embora.

¹¹⁹ Arrudiava = rodeava.

¹²⁰ Marmorito = marmorite.

¹¹⁷ Nera = não era

todinha. Aí o povo dizia: mulé¹²¹, tu sôis¹²² doida? E tu não cria teu minino assim não, é? E eu vou ficar numa casa desse tamanho? Que só é isso, né? E nesse aperreio danado...

SILVA, Maria Lúcia Chagas. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade.** [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (14:11 min.)

Dados do entrevistado

Nome: Maria Lúcia Chagas Silva (M. C.)

Idade: 76 anos

Local de nascimento: Anadia - Alagoas

Filiação: não informou

Local da entrevista: casa da Dona Meire

Ocupação: não informou

Formação: não informou

J. G. Há quanto tempo que a senhora mora aqui?

M. C. Eu cheguei pra morar aqui eu tinha doze anos... Já tô com setenta e seis, né?

J. G. Uns sessenta anos, né?

[Falas simultâneas]

J. G. E a senhora conhece a Praça Afrânio Jorge?

M. C. Sim, sim.

J. G. Por quais nomes a senhora conhece? Quais os outros nomes que senhora conhece essa Praça?

M. C. Toda a minha vida ela foi Afrânio Jorge, né Meire?

J. G. Afrânio Jorge?

M. C. Sim. Sempre o povo conhecia pela Praça da Faculdade, né?

J. G. Ah, sim...

DONA MEIRE – Tem muito nome essa Praça. Praça Afrânio Jorge, Praça Doutor Afrânio Jorge, Praça Siqueira Campos...

M. C. É.

J. G. Quais são as lembranças que a senhora tem da Praça?

M. C. Lembrança que eu tenho da Praça, que eu passeava muito, eu namorava muito na Praça que a Praça era grande dava muito tempo eu correr pra namorar por causa do meu pai... (risos)...

DONA MEIRE – Meu pai era o capeta...

M. C. Eu terminei de namorar lá dentro do cemitério, por trás da igreja dentro do cemitério.

J. G. Foi mesmo?

M. C. Ah... Foi, que o véio não queria que a gente namorasse não. Ói, eu namorei com esse que foi meu marido... Dentro de seis meses eu namorei, noivei e casei... Foi...

J. G. Conheceu aqui na Praça?

M. C. Não. Ele trabalhava na rede ferroviária. Ele era Pernambu... Pernambuco. Aí ele chegou aqui, a gente começou a namorar, tudo... [não foi possível identificar trecho]

(Risos)

M. C. Pronto, aí começou logo a comprar as coisas, encheu logo a casa de móveis, arranjou uma casa ali...

J. G. E casou...

M. C. A gente casou... Vivi vinte e sete anos... Casada... Depois ele adoeceu com

¹²¹ Mulé = mulher.

¹²² Tu sôis = você é.

câncer... No pulmão e foi operado... Foi pra São Paulo... Sofri muito.

J. G. Entendi... Imagino.

M. C. E depois pra vencer o danado, né?

J. G. Entendi...

M. C. Mas... Aqui mesmo na Praça a gente teve muita... Que a gente sempre comentava, né? Que a gente encontrou essa Praça... Uma Praça, né? A gente ficava debaixo daquelas árvores da Faculdade... De tarde assim a gente brincava ali tudo, passeava muito que não tinha movimento de cheira cola, nem... Hoje é que a gente tá vendo que não tem... Não pode... Né?

J. G. Sim...

M. C. Mas antigamente... Era um sussego¹²³ essa Praça... Né? Sandoval Cajú fez uns banco aí... A gente sentava nos banco, aqueles banco que era redondo assim... Se juntava aquele pessoal tudo... Época de natal, muita festa... Vinha de tudo, palanque de reisado, de... De... De tudo. Pastoril, guerreiro...

J. G. E a senhora participava ou ia olhar?

M. C. Não, não. Só olhar.

J. G. A senhora só olhava né?

M. C. Só olhava é. Mas a gente passeava muito, né? Muito bom (não foi possível identificar trecho)... Se divertia muito assim nos brinquedos...

J. G. Qual a época que a senhora acha que foi a melhor na Praça?

M. C. Eu acho que... Assim, a época melhor que a gente teve foi quase nos

últimos anos que aí vinha parque diferente, parque de fora...

J. G. A senhora lembra que ano mais ou menos era isso?

M. C. Ah... Lembro não... Né Meire? Sessenta, sessenta e dois... Aqueles parque que vinha de fora, né? Tinha aqueles tira-prosa, né? Meu pai tomava umas duas (risos) se pendurava no tira-prosa...

J. G. O que era esse tira-prosa?

[Falas simultâneas]

M. C. O tira-prosa é... É... (risos) Tira-prosa é um brinquedo que vem nesses parques de fora. Como se fosse um barco. Um barco...

J. G. Ah, sim...

DONA MEIRE – Sabe o que barco de festa?

J. G. Sim, sim.

[Falas simultâneas]

[...]

DONA MEIRE – A minha mãe era costureira no interior... Aí ela dizia: vou entregar essas costuras aqui... Não sei o quê... Tá... Ela saía, eu corria pra Praça... Marinita, vamo andar no barco, vamo? Ela sentava de um lado e eu aqui, aí a gente pegava a corda e vra, vra, vra... O barco subia, subia, subia... Quando olha o barco tava lá no inferno... (risos)

A. C. As duas, as duas...

DONA MEIRE – E então... (não foi possível identificar trecho)

M. C. Ói... Ela fazia aqueles bolinhos de... Que hoje chamam bolinho de chuva, né? A gente botava meu irmão pra vender bolo na Praça, vai vender os... o... (Falas

¹²³ Sussego = sossego.

simultâneas). E na época de carnaval, aí é que era bom...

J. G. Tinha carnaval também na Praça?

M. C. Tinha Cavaleiro do Monte lá da Ponta Grossa... Vinha praqui¹²⁴ (falas simultâneas).

A. C. E o bloco passava aqui era?

M. C. E então...

DONA MEIRE – Lá do Trapiche pra cá. Cavaleiro do Monte.

M. C. É.

A. C. Cavaleiro do Monte?

M. C. É.

J. G. E a senhora ia também... no bloco?

M. C. A gente só ia até o pronto socorro se fosse mais pra lá... apanhava. Que o véio não deixava.

DONA MEIRE – Eu morava em Viçosa, na casa do professor Pedro Teixeira, aí eu vim já mocinha assim... Aí, aí a minha vizinha dizia assim: Meire, ali vem um bloco, é o Bota Fora, é... Vamo olhar de cima? E a gente ficava olhando de cima. O bloco foi passando... (risos) (não foi possível identificar trecho). Quando eu olhei... Marlene, onde a gente tá? Que eu não conhecia muito... Que eu vinha de Viçosa. Mulé oia, fábrica de prego... Tamo no Vergel... Vigi maria! Vamo simhora... (risos)

A. C. Sim, mas como é que é esse tira-prosa mesmo?

DONA MEIRE – Tira-prosa são duas peças enormes, dois barcos, né? Aí eles ficam assim no chão... Aí quando começam a movimentar, né? Aí eles vão

subindo. Não sobe os dois iguais não, né? Um vai assim e outro vai assim...

A. C. Um pra um lado, um pro outro.

J. G. Um pra um lado e o outro vai...

DONA MEIRE – Vai simhora... Fica na altura dessa cumieira¹²⁵ aí...

M. C. É...

J. G. Meu Deus!

DONA MEIRE – E o meu pai tomava cachaça, ficava doido... Aí foi um dia reuniu uma turma... Ele disse: quer quanto? Quer me dar uma grade pra você ver que eu subo nesse tira-prosa? Chagas, deixa de ser doido! É maluco... Vou...

M. C. Foi, ele subiu...

DONA MEIRE – Oia mulé! Aí foi...

M. C. Aí deixaram eles dois lá em cima...

(Falas simultâneas)

DONA MEIRE – Aí... (não foi possível identificar trecho) Desceu ói... Tranquilíssimo... Agora me dê a grade de cerveja que eu vou beber.

J. G. Corajoso viu...

M. C. Ele foi sessenta anos da polícia, polícia civil... Depois foi da assembleia...

J. G. E essas mudanças que houve na Praça, como a senhora descreve?

M. C. Depois, chegou um determinado tempo que não tinha mais festa, não tinha mais parque, não tinha mais nada, né? Aí foi se desenrolando, ficando tudo errado, né? Maloqueiro aí tomaram conta da Praça, tudo... Eh... Esqueceram né? Deram um bom tempo que esqueceram.

¹²⁴ Praqui = para aqui.

¹²⁵ Cumieira = cumeeira.

O povo dizia assim: o próximo prefeito que entrar vai fazer essa Praça vai arrumar essa Praça, vai num sei o quê... Aquele Pantheon ali era aberto, juntava um monte de maconheiro, um monte de ladrão, só via polícia...

DONA MEIRE – Oia, se a família deixasse trazer os osso, duma¹²⁶ pessoa que a pessoa, né? Querida, pra botar num ambiente desse. Se fosse bem conservado, bem zelado, sim, mas não é.

M. C. É nada!

J. G. Sim, entendi.

M. C. Depois construíram aquela escolinha (não foi possível identificar trecho). Mas, um bom tempo ela ficou abandonada, né? Aí depois foi que mudou...

J. G. A senhora lembra mais ou menos quando foi essa... essa...

M. C. Lembro não...

J. G. Essa escola?

M. C. Lembro não... Tenho lembrança não.

DONA MEIRE – De quê?

M. C. Da escola. Quando foi que começou aquela escola que a Helena trabalhava...

DONA MEIRE – A Patrícia estudou lá tinha três anos... A Patrícia é de... De setenta e dois... Setenta... Setenta e quatro.

A. C. Setenta e sete.

DONA MEIRE – Hein? Então foi de setenta e sete pra cá, né?

A. C. Ela começou a estuda lá quando a escola inaugurou?

DONA MEIRE – Com três anos.

M. C. Com três anos... sim...

A. C. E foi logo no começo da escola?

M. C. Sim.

A. C. Com três anos? Então foi logo no começo da escola...

J. G. E como foi essa reforma do prefeito Sandoval Cajú?

M. C. O Sandoval só fez banco.

DONA MEIRE – Oh mulher, mas não fale não um negócio desse. A Praça tava toda acabada e ele fez aqueles banco lindos, redondos de marmorito com aqueles poste no meio com as luzes assim, né? Foi bonito, ficou muito bonito, gramado bem feito e tudo. Mas o povo foi acabando.

J. G. Foi em que época mais ou menos essa reforma do Sandoval?

M. C. Que eu me casei e fui m'embora morar em outros canto, né? Ela foi quem ficou aqui. Ela nasceu aqui e se criou aqui (risos) (falas simultâneas)

DONA MEIRE – Ói o que o Rui fez, faz dois anos que ele fez essa Praça de novo, né? Refez ela... Repare, já tá acabada. No dia da inauguração dessa Praça, eu não fui, fiquei na calçada só olhando... Ele... O Rui falando, todo mundo falando, uma moça que é da rádio também, ela falando... E os maloqueiro andando de bicicleta em cima dos banco. Repare.

M. C. Esses banco, a maioria dos banco já tão tudo quebrado. Pode olhar.

DONA MEIRE – Uma penas, uns banco tudo de madeira boa...

M. C. Já roubaram até as tábua... As tábua. Os brinquedos... Oxe! Só tem uns três agora.

¹²⁶ Duma = de uma.

J. G. Mas hoje a senhora frequenta a Praça?

M. C. Eu? Mais não.

J. G. Não né? Mas por que a senhora não vai mais?

M. C. Ah sim, porque... De noite só tem muita gente, né? Andando por aí, que tem esse pessoal vendendo comida e tudo aí junta muita polícia... Às vezes tem muito cheira cola. E não é cheira cola mais, hoje é... Junta aquelas turma aquelas patotinha e começa a tocar violão a canta e beber e daí a pouco a polícia já tá por cima, né?

J. G. Entendi, mas e se a senhora fosse dizer alguma coisa boa da Praça hoje, a senhora teria alguma coisa a dizer?

M. C. Da minha infância, da minha juventude eu ainda alcancei muitas coisas boas, né?

J. G. Entendi.

M. C. A gente pode dizer que teve muitas coisas boas. Não é não, Meire?

DONA MEIRE – É...

M. C. Da nossa juventude aqui...

J. G. E hoje...

M. C. Hoje a gente não pode nem falar tão bem assim... Porque... Hoje nem tem cantos que preste mais (não foi possível identificar trecho). Porque as rua tão tudo sendo destruída pelos... Os vândalo.

J. G. Então a senhora acha que tem o quê de ruim na Praça?

M. C. Devia ter assim, mais... Policiamento... De primeiro, vinha a cavalaria todos os dias. Tinha polícia rondando, depois... Não tem mais. Ói, o que aborrece muita gente é nessas época que os sem terra vem. Que enche tudo, acaba com tudo.

J. G. A senhora fala da feira agrária?

M. C. Sim. Não dou um conto, não compro uma banana lá. Passo pra lá porque eu moro lá no Prado. Passo pra lá, passo pra cá num compro uma banana nessa feira.

J. G. É mesmo?

M. C. É. Gosto não. Porque tudo no mesmo preço do mercado, não tem carregador pra carregar. Aí eu prefiro no mercado, porque eu compro tudo e boto no carro e venho m'embora, né?

J. G. Ah, sim...

M. C. E aí não tem quem carregue nada né?

J. G. Ah, sim... Entendi. Quando a gente fala da Praça da Faculdade hoje, por exemplo, se eu chegar: ah, dona Lúcia, a Praça da Faculdade. Qual a imagem que vem à cabeça da senhora?

M. C. Agora?

J. G. É.

M. C. Ah, agora não tá... Assim... Tem muitas oportunidades das pessoas fazerem caminhada, né? Não tinha. Era escura. Antes ela era escura e hoje ela é bem clara, né? Mas tudo isso mudou, né?

A. C. Antes... Antes há muito tempo atrás era escura ou hoje?

M. C. Tinha uma velinha acesa em cada poste...

DONA MEIRE – Porque os... Os bancos de primeira das Praça, era assim redondo de ferro, né? E só aquela luzinha assim no meio.

M. C. Só um refletorzinho assim...

DONA MEIRE – Como a gente vê às vezes em novela, né? E hoje em dia...

M. C. Cada poste alto né?

J. G. Que era baixinho?

A. C. A gente tava falando de quê que eu já me perdi?

J. G. Qual imagem que vem à cabeça quando fala da Praça?

A. C. Ah, sim. Era mais iluminada né?

M. C. Agora é, né? Agora é um Maracanã. (Risos)

M. C. É. Agora aqui tinha um terminal, terminal de ônibus.

DONA MEIRE – Não me fale dessa desgraça!

M. C. Ela que mandou acabar com o terminal. (Risos)

J. G. Foi mesmo? Por quê?

DONA MEIRE – Porque era tanto maloqueiro, tanto maloqueiro. Houve não sei quantos crime aqui, no terminal rodoviário...

M. C. Oxe, mataram uns... Deixava aí na porta...

J. G. Então a senhora acha que melhorou ter derrubado?

M. C. Multiscíssimo!

DONA MEIRE – Não sei como agradecer a Deus.

M. C. Ela botou até o vereador pra correr (risos) daqui... Aquele vereador... Como é o nome do vereador, Meire? Um pobre (risos). Que é da Ponta Grossa (risos).

A. C. O Lobão? Ah... (risos).

M. C. (Risos) Conta, conta a história do Lobão pra eles... (risos). Pra eles se diverti um pouquinho.

DONA MEIRE – Meu genro entrou aqui eu tava lavando os pratos, já de noite, aí ele disse assim: minha sogra tá tendo reunião aí na porta. Aí eu disse assim: quem sou eu pra fazer reunião? Não, tem aí.

M. C. Porque a minha irmã é a pessoa mais velha dessa Praça.

DONA MEIRE – Aí eu saí, né?

M. C. Mulher... é...

DONA MEIRE – Quando eu olhei, não conheço o Lobão, não sei. Aí meu genro sabe que eu tô com as perna ruim, segurou o meu braço: quer ir até lá? Eu disse: quero. Aí fui. Subi esse meio fio... Boa tarde! Boa tarde. Só tava o Lobão, uma mulher gorda, diz que é a engenheira e uma moça vizinha que tava assistindo, né? Aí eu disse assim: boa tarde, gostaria de participar dessa palestra de vocês. Oia que véia enxerida. Aí ele disse: é um prazer. Com quem estamos falando? A senhora mora aqui? Moro. Mas faz tempo? Eu digo: não, eu sou novata (risos). Aí disse: nos estamos falando de no lugar do terminal e tal, nos colocarmos uns... uns sanitários, aí na Praça. Nos estávamos ouvindo muita reclamação, aí nos resolvemos outra coisa. Pra gente localizar bem aqui na frente havia um buraco, um cano pra gente fazer a ligação daqui dos banheiros e colocar uns quatro banheiros aqui nessa... Nessa pracinha aqui... Eu assistindo e disse: meu filho, você tem mãe? (risos) Tenho. Se fosse na porta da sua mãe você aceitaria isso? Não, mas é justo né? Aí eu disse: se fosse na porta da sua mãe você aceitaria isso? Não, não, eu digo... Meu filho não diga uma coisa dessa não! Eu tenho que usar com você um português claro. Meu filho faz trinta anos que vocês botaram uns banheiros aqui nessa Praça e esse terminal... Faz trinta anos que eu cheiro merda aqui. Porque os banheiro fedia de o povo botar [falas simultâneas].

M. C. Porque não lavavam.

[falas simultâneas]

DONA MEIRE – E como é que agora faz três meses que tiraram o terminal, você vem fazer uma ligação de... De banheiro na minha porta de novo é? Eu sou amaldiçoada é? Não, não... Eu prometo à senhora uma coisa olhe, prometo de todo meu coração, por isso a senhora não vai sofrer. Eu disse: e nem devo. Por isso eu não venho, eu não vou fazer isso aqui não. Mas eu vou chamar a engenheira pra falar com a senhora. Aquela mulherona assim... Que é meio mulher, meio homem, sei lá o que era aquilo... (risos). Dos brinco bem miudinho. Olha, essa é a... Engenheira, sei lá que veio à mando de um deputado aí. A senhora já conhecia ela? Eu disse: não... Nem conheço e nem quero conhecer (risos). Aí ele disse: é porque... Ela é que faz todo o movimento dos... Das ligação dos banheiros. Eu só sei que eu não quero ligação de merda na minha calçada. Faz trinta anos que eu cheiro merda...

J. G. Muito tempo...

DONA MEIRE – Mas né brincadeira?

J. G. Muito tempo...

DONA MEIRE – Ele disse: eu prometo a senhora. Aí eu fiquei tão doida, tão doida. Aí ela disse: e se a senhora tá dizendo uma coisa com eles aqui. E se houvesse uma, um trabalho que fosse feito com esses banheiros? Seria melhor pra vocês, porque não é vocês que tão cheirando merda... Mas não vai ser pior se usarem a sua calçada? Se usarem a minha calçada e eu ver, ele come. Aí ela apanhou o carrão e ele apanhou também, eu sei (falas simultâneas). É muito deboche! É muito deboche!

[...]

J. G. A senhora sabia que essa Praça aqui é uma Unidade Especial de Preservação?

DONA MEIRE – Sabia não.

(risos)

J. G. Mas a senhora sabe o que é uma Unidade Especial de Preservação?

DONA MEIRE – Sabia não também.

(risos)

J. G. A senhora quer que eu explique?

M. C. Sim, é bom.

J. G. Eu vou resumir pra senhora. Unidade Especial de Preservação são prédios ou espaços abertos como praças, qualquer espaço aberto, na cidade que Maceió elegeu...

M. C. O prédio mais simpático que tinha era o Portugal Ramalho¹²⁷ que hoje tem aquele prédio ali... (risos).

J. G. Ah, sim...

M. C. Ali era o Portugal Ramalho (risos), ia num ia sempre fugia um doido... (risos)... Uma hora era doido, atirando pedra... Chega, fecha as porta que a polícia vem ali! E o doido, nu, nu gritando aí na Praça.

J. G. É mesmo?

M. C. Era, era.

(som do trem)

M. C. Eles fugia, que quando dava uma oportunidade... Do mesmo jeito que tem os portões lá no Portugal Ramalho lá em cima, era aqui esse prédio. Aí quando tinha uma oportunidade de abrir uma porta daquela eles aqui, rua. Aí saía nu, de uma

¹²⁷ M. C. se referiu ao Asilo Santa Leopoldina.

rua a fora. Onde achasse uma porta aberta eles...

J. G. Entravam.

M. C. Oxe... Quando dizia: fugiu um doido... Todo mundo: fecha a porta, fecha a porta.

SILVA, Lúcia. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade.** [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (14:23 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Lúcia Silva (L.Si.)

Idade: não informou

Local de nascimento: não informou

Filiação: não informou

Local da entrevista: casa da Dona Lúcia

Ocupação: não informou

Formação: não informou

J.G. A senhora mora aqui em Maceió mesmo?

L.Si. É, aqui é nosso.

J.G. Há quanto tempo que a senhora mora aqui?

L.Si. Desde oitenta e cinco [falas simultâneas], mais de trinta anos.

[...]

J.G. A senhora conhece a Praça Afrânio Jorge?

L.Si. Conheço, conheço. Essa daí.

J.G. Por quais nomes a senhora conhece essa Praça?

L.Si. Eu chamo ela a Praça de bandido, rapaz... De droga...

[...]

L.Si. Agora essa Praça aí já foi boa, viu?

J.G. Quais são as lembranças da senhora em relação a essa Praça?

L.Si. O natal... Tudo era aí, rapaz... Tudinho. [Não foi possível identificar palavra]. Maior paz era aí... O natal era aí.

A.C. Foi em que época mais ou menos?

L.Si. Foi em que época Luciana?

Luciana, filha da Dona Lúcia. Eu já morava aqui.

[...]

J.G. Nessa época a senhora frequentava?

L.Si. Ia. Oxe!

J.G. Como era? A senhora dançava? Como era lá?

L.Si. Não. Eu tomava muitas cachaças. Eu era cachaceira (risos). Só sabia beber, sério mesmo. Só sabia beber. Reisado, chegada... Tudo era aí. O pastoril, tudo... Tranquilo. Aquela época que não tinha queimação [não foi possível identificar trecho].

[...]

J.G. Como a senhora se lembra da Praça? Como ela era?

L.Si. A Praça hoje tá um lixo!

A.C. E antigamente?

L.Si. Já foi Praça. Tinha banco, antigamente eu me deitava nos banco, fazia de cama [...] hoje eu não [não foi possível identificar trecho]. Aí já foi Praça, hoje... Era boa, tinha de tudo aí. Tinha som, tudo. Pastoril, chegada, tudo... Hoje faz medo essa Praça. Eu chamo: é Praça das drogas.

J.G. E esse mausoléu que tem no meio da Praça?

L.Si. Qual deles? O cuscuz já foi é bom.

Luciana, filha da Dona Lúcia. Aquele monumento de mármore.

L.Si. No meio da Praça? Eh... Qual é o nome que você chama?

J.G. Mausoléu, o Panteão né?

L.Si. Hoje é todo fechado né? Hoje é todo cheio de porcaria. Antigamente era uma Praça. Era uma Praça aqui.

J.G. O que foi que a senhora já viveu nessa Praça... Já passou...?

L.Si. Eu gostava da Praça, mal de que tinha as festas, tinha até missa, tudo.

J.G. Tinha missa na Praça?

L.Si. Tinha... De natal e ano? Missa (não foi possível identificar palavra).

J.G. E como era essa missa?

L.Si. Missa católica... Eh... Católica.

J.G. E atualmente a senhora frequenta a Praça?

L.Si. Quem?

J.G. A senhora.

J.G. Sim.

L.Si. Hoje? Hoje não, que eu tenho medo de comer bala aí.

[...]

J.G. Mas se a senhora fosse dizer algo de bom na Praça, a senhora teria alguma coisa pra dizer?

L.Si. Hoje eu não tenho é mais nada.

J.G. E de ruim?

L.Si. Isso mesmo. A Praça das drogas... Olha aí... Eu tenho setenta e sete anos...

J.G. Se eu falasse “a Praça da Faculdade” pra senhora, o que vem à cabeça?

L.Si. Pra mim?

J.G. É.

L.Si. Falando da Praça? Você falando pra mim ou eu falando pra você?

J.G. Quando se fala da Praça...

L.Si. Hoje ela não presta, já foi boa...

J.G. A senhora sabia que a Praça é uma unidade especial de Preservação?

L.Si. Todas praça é. [Não foi possível identificar trecho] mas os maloqueiros aqui não deixam. É! A praça quando é boa, é mesmo que ser uma casa da gente. Dá pra gente se divertir, curtir... Eh... A praça boa era uma casa, hoje que não é.

J.G. Mas assim, a senhora sabe o que a prefeitura hoje chama de Unidade Especial de Preservação?

L.Si. Não.

J.G. A senhora gostaria de saber?

L.Si. Claro, oxente!

J.G. Pronto, vou explicar.

L.Si. É pra eu espalhar até! (Risos)

J.G. Boa! Vou dizer à senhora mesmo pra a senhora espalhar. (Risos)

L.Si. Sou alagoana de Penedo! Terra do arroz.

J.G. Vou fazer um resumo pra senhora: As Unidades Especiais de Preservação aqui em Maceió são espaços os abertos ou os prédios... Algum prédio que seja importante historicamente para o município e o município tenha a obrigação de cuidar dele. Entendeu? É protegido

pelo município, então a praça, esse prédio...

L.Si. Protegido pela gente...

J.G. É, também... Pelos moradores, pelo governo...

L.Si. Entendeu? Oia... O lixo do vizinho tão tudo aí, oia. Tem esse... Todos os lixos oia... Pode olhar nas portas aqui... Que eu ajudo, o cara do lixo, os pobres... É só aqui pegar. Olha aí...

J.G. Mais fácil né?

L.Si. ..Tudo limpo... Mais fácil.

J.G. Pois é, então essa Praça...

L.Si. Tudo mundo que ficasse assim, Maceió é que não era, Maceió é que de lixeiro.

[Falas simultâneas]

J.G. Pronto... Essa Praça, o mausoléu e o prédio, são uma Unidade Especial de Preservação. Aqui no Prado tem essa e esses dois cemitérios, que também são.

L.Si. Minha casa... Aí é minha casa.

Filha da Dona Lúcia. Ninguém pode destruir, mãe.

L.Si. É, é, mas eu não. É bom que quem anda na Praça coma bala... Que pra mim é... [não foi possível identificar trecho].

A.C. E a senhora tem alguma memória da Praça antes de a senhora se mudar pra cá? A senhora frequentou aqui?

L.Si. Já, já. Aqui no natal...

[Falas simultâneas]

[...]

Vizinha da Dona Lúcia que estava passando pela porta. Olha, essa Praça depois.. Ela sempre foi uma Praça muito

bem vista por todas as pessoas que moravam aqui, as crianças brincavam, tinha antigamente um parquinho. Porque hoje não tem. Se você olhar não tem.

J.G. A senhora é moradora antiga daqui também?

Vizinha da Dona Lúcia que estava passando pela porta. Sou. Morei aqui nessa Rua da Dona Rosa da Fonseca. Você vai por aqui, dobrou e aí tem uma rua pequenininha que é Coronel Mendes da Fonseca. Porque tem a Dona Rosa, né? E tem esse pedacinho que a Coronel, onde eu moro. Porque antigamente aí tinha parquinho, tinha rela-rela¹²⁸...

L.Si. Só tinha coisa boa...

Vizinha da Dona Lúcia que estava passando pela porta. Então as crianças se divertiam... Como também hoje não existe mais a Praça Pirulito. A Praça Pirulito não era assim, era diferente. Então, eu mesma brinquei muito. Essa Praça daí, o que ela tá precisando é ter alguma coisa a mais para as crianças puderem se distrair, né? Pra puderem se distrair. Os pais irem, ficar numa barraquinha, tomando um guaraná, o filho tá ali, entendeu? Então... Ela melhorou muito depois que teve essa reforma, que não tá fazendo medo a gente ficar, entendeu? Mas eu creio que pras crianças precisa colocar mais brinquedos.

L.Si. Pois eu tenho medo dessa Praça hoje, a senhora não tem medo?

Vizinha da Dona Lúcia que estava passando pela porta. Não, tenho não.

L.Si. É a Maria Bonita mesmo... (Risos)

FARIAS, Célia Maria. **Entrevista com antigo usuário da Praça da Faculdade.** [set. 2018]. Entrevistadora: Jéssica

¹²⁸ Rela-rela=escorrega.

Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (10:41 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Célia Maria Farias (C. F.)

Idade: 61 anos

Local de nascimento: Maceió - Alagoas

Filiação: José e Amália

Local da entrevista: casa da Dona Célia

Ocupação: Funcionária Pública

Formação: Ensino superior completo

J.G. Qual o bairro e a cidade que a sra. mora e há quanto tempo?

C. F. A cidade é Maceió, o bairro atualmente é Jatiúca, eh... Mais de trinta anos.

J.G. A senhora conhece a Praça Afrânio Jorge?

C. F. Sim. Conheço.

J.G. Por quais outros nomes que a senhora conhece essa Praça?

C. F. É... Anteriormente era chamada, conhecida Praça da Faculdade. Onde acontecia as festas natalinas, sempre assim... Armavam o parque, de novembro pra dezembro e acontecia as festas lá, no fim de ano.

J.G. E atualmente a senhora frequenta essa Praça?

C. F. Não. Raramente. Só quando tem a feira... A feira orgânica e a do sem terras.

J.G. Entendi. E antigamente qual a frequência que a senhora ia?

C. F. Ah, antigamente era maior porque eu morava próximo ao cemitério velho¹²⁹,

na Rua do Ceará, aí sempre eu passava por lá. ia pras festas quando tinha alguma coisa lá na Praça, os eventos que aconteciam lá no final de ano.

J.G. E esse cemitério velho que a senhora fala, ele fica próximo à Praça?

C. F. Próximo. Na Rua Siqueira Campos. Muito próximo.

J.G. E qual a relação que a sra. mantém com a Praça hoje em dia?

C. F. Hoje em dia não tenho nenhuma. Só na lembrança. E quando tem a feira né, que eu vou lá...

J.G. E quais são essas lembranças que a sra. possui da Praça?

C. F. Ah... As lembranças são boas, quem mora aqui em Maceió e perguntar sobre a Praça vai ter muita recordação.

J.G. E como eram essas festas, esses encontros que a sra. ia à Praça?

C. F. Ah, a festa era boa, onde aconteciam as paqueras e tudo mais... (risos)

J.G. Então, esses encontros eram durante a festa ou a sra. também frequentava a Praça...

C. F. Não, não... Era mais pra ficar... Pra ficar... Como é o nome? Só pra ficar arrudi... Como é? Arrudiando¹³⁰, olhando, nas paqueras... Só isso mesmo. A finalidade era essa.

J.G. E a senhora sabe mais ou menos qual a época que houveram essas festas na Praça?

¹²⁹ Cemitério Nossa Senhora da Piedade.

¹³⁰ Arrudiando = Dando voltas.

C. F. Em oitenta e dois por aí. Foi em oitenta e dois por aí... Anterior à oitenta e dois já existia. Anterior à oitenta e dois.

J.G. E a sra. já frequentava?

C. F. Já. Que eu morava bem próximo.

J.G. Entendi...

C. F. Dá casa que eu morava dava pra ouvir todos os dias, eles colocavam a música do Roberto Carlos. Era o auge.

J.G. Entendi, e sobre essas festas, assim... Depois da década de oitenta a sra. viu ainda se acontecia, se...?

C. F. Teve um tempo que saiu de lá e acontecia na Praça do Pirulito. Era uma Praça próxima ali onde hoje é o trilho do trem. Trilho do trem aonde tem o ponto do ônibus ali no mercado, próximo ao mercado. Antes era ali.

J.G. Antes de ser na Praça da Faculdade?

C. F. Não sei se passou um tempo, se aconteceu na Praça da Faculdade... Eu também não lembro bem agora. E passou uns anos acontecendo também lá nessa Praça, também tinha essas festas lá.

J.G. A sra. chegou à ir nas festas na Praça do Pirulito?

C. F. Sim, mas aí, essa festa daí foi anterior... Quando aconteceu isso da Praça do Pirulito foi anterior à oitenta e dois.

J.G. Entendi. Então a sra. não chegou a ir nessas?

C. F. Ia na da Praça do Pirulito. E tinha o tobogã que eles armavam lá e tudo isso que acontecia isso lá.

J.G. E na Praça da Faculdade a sra. lembra quais eram... Se tinha parque já naquela época...

C. F. Tinha, já tinha o parque... Tinha. Tinha Parque [falas simultâneas] Tinha aqueles palanques, tinha o pastoril, essas músicas, folclore né... Que eles apresentavam. Acontecia lá na Praça Piruli... Da Faculdade. Todo final de ano tinha isso. Apresentação de pastoril, chegada... aquele negócio da...

J.G. E as lapinhas?

C. F. A lapinha, o presépio, aquele negócio da.. A... O... Aquele negócio da monga, da monga daquela mulher... Tatiana, que o nome da mulher era Tatiana (riso) Se transformava no... Como é o nome que chamava? A Bela e a Fera que chamava antigamente... Aí ela transformava na... Na... Monga, na macaca, na fera.

J.G. E hoje, a senhora acha que a Praça ela tem algum tipo de cultura?

C. F. Hoje eu não sei te dizer, mas diz que tá havendo porque houve uma reforma. Eu não fui ainda, mas diz que houve uma reforma, eles estão fazendo lá uma parte de... Sem ser ginástica, eles fazem uma parte física, não sei se é caminhada se é ginástica... Tem um professor que vai pra lá... A menina que mora próximo tava comentando. Como é nome daqueles

prédios? Aí acontecia isso, não sei se ainda acontece.

J.G. E o que a sra. poderia dizer que é rum na Praça?

C. F. Hoje?

J.G. É.

C. F. Não sei dizer nada.

J.G. Quando a sra. frequentava também.

C. F. Ah... Antigamente não tinha nada de ruim não. Depois foi que a Praça ficou esquecida, acabaram com essa parte do presépio, ninguém ligava mais pra isso, fecharam.

J.G. Onde é que funcionava esse presépio?

C. F. No meio da Praça. Tem uma parte lá fechada assim, um monumento lá, era no meio. Aí hoje eu não sei dizer se... Antes eles interditaram né? Não tava mais acontecendo né... Eles armarem o presépio.

J.G. Entendi. A senhora chegou a ver esse presépio?

C. F. Sim... Era o auge! Tem... Eles chamavam a lapinha né... Eles ajeitavam, todo dia ornamentava, botava toda aquelas coisas bem bonita, os santinhos, o... O... O... O presépio mesmo né, o menino Jesus, Na. Sra., São José, os carneirinhos... Eles armavam, era muito bonitinho.

J.G. E o que a sra. poderia dizer que considera de bom na Praça?

C. F. Hoje?

J.G. Hoje ou antigamente também.

C. F. Não... Antigamente era isso né. Que era onde acontecia esses eventos. E hoje eu não posso dizer nada assim com relação à... Só quando tem né? Eles ainda continuam. Hoje, hoje o... Como é que eu vou dizer... Esse órgão que é encarregado, o INCRA, né? Eu acho que é o INCRA. Eu não sei se é o INCRA ou se é o... É uma secretaria, não me lembro mais. Eu sei que eles promovem eventos lá. sempre tem eventos, tem essa feira, tem apresentação folclórica, sempre tem, eles acon... Eles fazem todo o ano.

J.G. E se fosse perguntar se a sra.... O que mais chama atenção na Praça pra sra.? Algum elemento que a sra.

C. F. A Praça em si ela é bonita. Ela estava mal cuidada. Hoje disseram que continua bonita depois que fizeram né... A reforma, mas só que o povo não cuida né... Destrói o que foi feito.

J.G. E como é que a sra. gostaria que fosse a Praça?

C. F. Aí chegou um período que houve também aquele que cercaram a Praça, que houve aquelas grades. Teve esse tempo em todas as Praças, aconteceu aqui de Maceió, eles inter... Botavam, cercavam com as grades. Nem lembro mais qual foi o governo que aconteceu isso daí. Nem me lembro.

J.G. E como funcionava o acesso pra entrar nas Praças?

C. F. Era péssimo, ninguém gostou disso não, foi péssimo até que retiraram isso daí em todas as Praças foram retiradas essas grades.

J.G. Essas grades eram altas, eram baixas...?

C. F. Não... Acho que não sei se era da altura da pessoa... Era na altura da pessoa assim. Era mais de um metro, por aí...Um metro e pouco.

J.G. A sra. considera a Praça um Patrimônio e que ela deveria ser protegida?

C. F. Claro! Tem que manter né... Sempre ela, como é o nome? Cuidada, né? Que ela é um Patrimônio Histórico, Cultural também.

J.G. A sra. sabia que a Praça é uma Unidade Especial de Preservação?

C. F. Se ela é?

J.G. A sra. sabia que ela é?

C. F. Não.

J.G. A sra. sabe o que é uma Unidade Especial de Preservação ou gostaria de saber?

C. F. Pelo que eu entendi de preservação ela é o quê... Ela tem que ser conside... Eh... Conservada por seu Patrimônio Histórico.

J.G. Isso, isso. Então... É justamente isso. Aqui em Maceió as Unidades Especiais de

Preservação são espaços públicos ou edificações que foram escolhidas para serem administradas pelo município pelo seu valor histórico-cultural... São patrimônios da cidade.

A sra. gostaria de acrescentar algo que não foi perguntado? Alguma outra lembrança...

C. F. Não... Hoje, assim... Passou um tempo que a Praça tava danificada e muito e também, assim... Devido ao crescimento da população tinha... A... Não sei se hoje também existe né... Começou a vir pessoas de rua né... É, negocio de droga, essas coisas, aí fazia medo você ir pra Praça... Até ir pra Praça, ficar lá conversando, cruzar a Praça pra ir pra outro lado da rua... Tudo isso o acesso era ruim. Não sei hoje se ainda continua assim. O povo dormindo na Praça, muito drogado... Eu não sei se ainda tem isso lá.

J.G. Hoje me dia esses são os motivos pelos quais a sra. não frequenta a Praça também?

C.F. Olhe... Também devido a distância, eu não moro mais lá, me mudei...

J.G. Mas se a sra. morasse lá?

C.F. Iria. Iria. Principalmente agora depois que reformaram, já que tem essa parte de... Dessas atividades né? Dessas ginásticas, essas coisas, aí... Iria, tranquilamente se tivesse lá.

APÊNDICE B – Entrevistas com atuais usuários da Praça da Faculdade no bairro do Prado em Maceió.

ROTEIRO DE ENTREVISTA 2: Atuais usuários da Praça da Faculdade no bairro do Prado em Maceió.

Dados do entrevistado:

Nome:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Filiação:

Local da entrevista:

Ocupação:

Atividade profissional:

Formação:

- 1- Mora em Maceió? Em qual bairro mora?
- 2- Quanto tempo mora nesse lugar?
- 3- Com que frequência vem à Praça? Motivo?
- 4- Por qual nome o Sr.(a) conhece a Praça?
- 5- O que o Sr.(a) sabe sobre a Praça?
- 6- O que é bom na Praça?
- O que é ruim na Praça?
- 8- Quando se fala na Praça da Faculdade qual imagem vem à cabeça?
- 9- O Sr.(a) sabia que a Praça é uma Unidade Especial de Preservação?
- 10- O Sr.(a) sabe o que é uma Unidade Especial de Preservação? Gostaria de conhecer sobre?
- 11- Gostaria de falar algo que não foi perguntado aqui?

SILVA, Adriana Venâncio da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade.** [ago. 2017]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2017. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Adriana Venâncio da Silva (A. S.)

Idade: 39 anos

Local de nascimento: Maceió - Alagoas

Filiação: Alcione Cardoso e Arthur Venâncio da Silva

Local da entrevista: barraca de lanche que é proprietária na Praça da Faculdade.

Ocupação: comerciante

Formação: ensino fundamental completo

J. G. A senhora mora em Maceió?

A. S. Sim.

J. G. Qual bairro que a senhora mora?

A. S. No Prado, bairro do Prado.

J. G. A senhora mora aqui mesmo, né?

A. S. É.

J. G. Ah, que ótimo! A senhora mora por onde aqui?

A. S. Eu moro no Prado.

J. G. Mas assim... Aqui perto da Praça ou mais longe?

A. S. É... Mais perto da Praça aqui.

J. G. Ah, então a senhora acompanha esse movimento aqui da Praça... Do bairro né?

[Entrevistada acenou positivamente]

J. G. Quanto tempo que a senhora mora aqui na cidade de Maceió?

A. S. Desde que saí da maternidade (risos).

J. G. Desde que nasceu?

A. S. É.

J. G. E aqui no Prado?

A. S. Também.

J. G. Qual a frequência que a senhora usa aqui a Praça?

A. S. Para negociar né? Essa barraca eu já tenho uns seis anos que eu estou aqui negociando na Praça... Só trabalho aqui.

J. G. Todos os dias a senhora vem ou tem um dia da semana que a senhora não vem? Vem todos os dias?

A. S. Assim, como eu trabalho pra mim mesma, aí eu venho... Como é... Assim... Se eu quiser folgar, né? Tirar dois dias, eu tiro. Se eu não quiser, é de domingo a domingo.

J. G. Ah, então geralmente é todos os dias e a senhora que escolhe a folga... Assim, né?

A. S. É.

[...]

J. G. Por qual nome que a senhora conhece essa Praça?

A. S. A Praça da Faculdade.

[Trecho de áudio corrompido]

A. S. Quando eu tenho muita sopa, eu fico até às dez horas, nove horas. Quando eu tenho pouca sopa, eu vou embora cedo.

J. G. E tem gente que fica aqui até essa hora?

A. S. Tem gente que fica até pela manhã... Vendendo. Os trailers abre... Fica até de manhã.

J. G. E tem gente pra comprar?

A. S. É porque aqui é churrasquinho, né? E quando vem pra beber, aí ficam aí até...

[...]

J. G. Tem outro nome que a senhora conhece a Praça?

A. S. Não. O nome dela é Praça Afrân... Afrânio Jorge, né? Mas ninguém num... Num conhece por...

J. G. Só chama...

A. S. É. Praça da Faculdade.

J. G. O que a senhora sabe sobre a Praça? Assim... A senhora sabe alguma história, alguma coisa da Praça...

A. S. Não. Eu só sei que as pessoas dizia antes que ela era muito movimentada, chegava muito parque e aqui era a melhor Praça da... Da cidade de Maceió. Mas ao passar do tempo, né... A falta de segurança e a droga que tem no mundo, as pessoas se desviaram né? Ninguém quer vir mais à Praça.

J. G. Mas a senhora ouve essas histórias pelas pessoas que frequentavam aqui?

A. S. É. Que vem comprar aqui né? E fala isso. Aqui era os melhores parque de diversão... Quando chegava...

J. G. A senhora chegou pegar essa época da Praça?

A. S. Quando eu era criança sim.

J. G. A senhora lembra?

A. S. Lembro.

J. G. E como é que era... [falas simultâneas]...

A. S. Não... Quando dizia assim... Quando dizia assim: olhe, durma cedo e tome banho... Que se não dormir amanhã não vai pra Praça, ver o parque. Eu era a

primeira (risos)... A primeira a dormir, tomar banho, a dormir logo cedo. Na expectativa de no outro dia ir pra Praça.

J. G. E a senhora lembra cada detalhe assim?

A. S. Era parque de diversão... Depois que renovou a Praça, já tem dois anos que o parque... Antes de renovar a Praça ela já tinha anos que o parque não vinha. O parque de diversões. E depois que renovou, já... Já não veio mais. Só vem a feira da... A feira da... Como é o nome dessas feira?

J. G. Feira agrária.

A. S. É isso. Só vem essas feira.

J. G. E o que a senhora acha que é bom na Praça... Assim, hoje?

A. S. Eu acho assim... Que falta mais assim... Divulgamento¹³¹ pra Praça... Eu acho que falta mais assim... Uma estrutura boa, porque aqui ela foi reformada, mas ela ainda falta muita coisa assim, por exemplo, quando chove a estrutura da Praça é encher tudo de água e aqui fica inundado de água. Aí as pessoas não vem lanchar aqui, que aqui fala que é a praça de alimentação, mas não vem aqui até aqui, por causa da... Da... Da água. Se tivesse assim, opção pra praça, as pessoas chegava, como chega assim pra feira pra comprar... Tivesse... Alguma coisa assim pra chamar atenção. Uma criatividade da parte de alguém... Um show, uma coisa assim... Mais festa pras crianças, mais... Alguma coisa assim que... Pra chamar as pessoa. Que até chamando o povo, chama cliente, né?

J. G. Mas assim, o que a senhora... Se for escolher um ponto bom aqui da Praça? Se

¹³¹ Divulgamento = divulgação.

a senhora fosse dizer: isso aqui na Praça é bom.

A. S. Se for pras família o melhor lugarzinho assim é quando... Ali né, nos brinquedo, na parte dos balanço e quando chega aqueles balão... Aqueles brinquedos de pula-pula ou coisa assim, ali pra criança é bom. Agora já pra parte das pessoa mais adulta, esse lado aqui que eu trabalho, depois de umas sete horas da noite pra ir pra o churrasquinho assim, né? Pra quem quer se divertir assim. Aqui é melhor. Agora pelo dia, quem quer lanchar, né? Assim, também é bom, mas... Tem poucas pessoa... Pra lanchar.

J. G. Se a senhora fosse, assim, mandar para uma amiga da senhora que mora longe a foto aqui... Uma foto da Praça, assim... Que a senhora dissesse: a Praça é isso aqui. A senhora mandaria de que espaço aqui da Praça?

A. S. Ah, o espaço da minha barraca aqui que eu trabalho.

(Risos)

J. G. Da barraca, não é isso?

A. S. É. Da Barraca, da primeira barraca.

(Pausa)

J. G. A senhora sabia que essa Praça é uma Unidade Especial de Preservação?

[Entrevistada acenou negativamente]

J. G. Não sabia?

A. S. Não.

J. G. Gostaria de conhecer sobre?

A. S. Sim.

J. G. Bom, vou explicar assim, eh... Fazer um resumo do que seria. Unidade especial de preservação são pontos na

cidade que eles¹³² escolhem, que são importantes e fazem parte da história da cidade para poder preservar como um patrimônio. Então a Praça, junto com, eh... o Museu de História Natural hoje, é um conjunto de Unidade Especial de Preservação que é de responsabilidade do município cuidar. Então sempre o município vai ter que tá tendo reparo... tanto na Praça quando no prédio...

A. S. E o prédio também tá bem acabadinho, né?

J. G. E ele é tombado estadualmente...

A. S. Hã?

J. G. Ele é tombado pelo estado, não pelo município, ele é pelo estado.

A. S. Assim, é acabado por fora né? Eu não sei por dentro... A estrutura... Porque eu ainda não entrei, mas por fora parece ser nada.

J. G. E a Praça a senhora imaginava que fosse preservada?

[Entrevistada pausou para atender cliente na barraca]

[...]

J. G. Queria falar mais alguma coisa que não foi perguntada... Que eu não perguntei?

A. S. A questão também da segurança da Praça, né? Eu sei que é difícil controlar... Assim né... Droga... Roubo... É difícil controlar

J. G. A senhora já foi assaltada aqui?

A. S. Não, mas as pessoas que compra aqui, algumas pessoas diz que já foi... Aqui... Mas aparece, assim, muitos roubo pra comprar, né? Assim... Oferecendo né?

¹³² A prefeitura.

Aí, assim, a questão da segurança da Praça. Eh... É quase inevitável a pessoa controlar roubo, né? Controlar briga. Mas se tivesse mais segurança, mais câmera... Eu acho que... As pessoas que tenta fazer roubo aqui, não faria.

J. G. Mas aqui tem briga também?

A. S. Sempre tem né? Quem bebe, que usa droga, essas coisas... Aí sempre eles briga entre eles, né?

J. G. Entendi.

A. S. Mas isso não é frequente assim não. Mas sempre tem né? Não é todo dia, mas tem.

J. G. Entendi. Mas fora isso, tem mais alguma coisa ou era mais a questão da violência mesmo?

A. S. A violência e a divulgação, que devia ser mais divulgada a Praça.

SILVA, Marcos Rocha da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade.** [nov. 2017]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2017. 1 arquivo .mp3 (5:13 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Marcos Rocha da Silva (M. R.)

Idade: 39 anos

Local de nascimento: São Paulo - SP

Filiação: Otília e José

Local da entrevista: Praça da Faculdade

Ocupação: Taxista

Formação: 2º grau completo

J. G. O senhor mora aqui em Maceió?

M. R. Sim.

J. G. Mora em que bairro?

M. R. No Prado.

J. G. Quanto tempo que o senhor mora aqui na cidade?

M. R. Na cidade ou no bairro?

J. G. Na cidade e no bairro.

M. R. Ah, no bairro dez anos.

J. G. Dez anos... E em Maceió?

M. R. Em Maceió tem... Vinte e cinco anos.

J. G. Qual a frequência que o senhor vem à Praça?

M. R. Todos os dias.

J. G. Todos os dias pelo trabalho, né?

M. R. É. Que aqui tem um ponto de apoio, aí...

J. G. Ah, sim...

J. G. E por qual nome que o senhor conhece essa Praça?

M. R. Por Praça da Faculdade.

J. G. O senhor sabe, assim... Alguma história da Praça, ou coisas que o senhor já tenha ouvido dela... Ou coisas que o senhor viu na Praça?

M. R. Que eu saiba aqui na Praça tem o... A área de lazer, né... Do pessoal do Prado, né? E do pessoal do Trapiche. Se reunia muito aqui, inclusive tem aquele negócio ali que eu esqueci até o nome.

J. G. É o Panteão.

M. R. Isso. Uhun... Que os antigos... Eh... As pessoas mais conceituadas aqui no estado velavam seus parentes aí.

J. G. E é?

M. R. É... (ruídos). É alguma coisa mais ou menos assim, é o que falam, né?

[Falas simultâneas]

J. G. É porque era para eles terem sido [trecho não identificado] dos marechais. Então todo mundo acha que tem, mas não tem. Mas era pra ter sido. Realmente...

M. R. Eu acharia até bom... Ou tirar isso aí, porque [não foi possível identificar o trecho].

J. G. É só o senhor ou tem mais alguém que senhor tem ouvido que acha que não...

M. R. Não tem nenhuma história... Eu só ouvi falar, só junta maloqueiro ali... Se esconde ali atrás. Só dá pra isso mesmo... Isso aí... A finalidade disso aí hoje é pra como se diz... No intuito de esconder marginais... Usar droga aí entendeu? Só isso. A finalidade disso hoje... É pra os marginais.

J. G. Mas as histórias que o senhor houve de antes...

M. R. Sei lá... É que realmente é... Pra os corpos das pessoas mais conceituadas... Sei lá. Inclusive ouvir dizer até que parente de Fernando Collor... Estavam aí também. Mas isso é boato sim.

J. G. Aqui na Praça, o que o senhor diria que é bom?

M. R. O que é bom? Foi a reforma que foi feita, né? A reforma que foi feita foi boa, poderia ter sido melhor (risos). E falta também segurança [não foi possível identificar o trecho].

J. G. Então o que o senhor diria que é ruim na Praça seria...

M. R. Segurança. Segurança e organização.

J. G. Se o senhor fosse tirar, assim... Se o senhor fosse tirar uma foto da Praça e mandar pra alguém pra representar aqui a Praça: olha, essa é a Praça da Faculdade. O senhor tiraria foto de onde?

M. R. Da Praça?

J. G. É. De algum lugar aqui da Praça.

M. R. Rapaz...

J. G. É um lugar que o senhor ache bonito... Legal...

M. R. Rapaz... (não foi possível identificar o trecho). Seria dessa parte aqui mesmo...

[falas simultâneas]

M. R. É... Aquela parte gramada pode ser.

J. G. O senhor sabia que a Praça da Faculdade é uma Unidade Especial de Preservação?

M. R. Unidade de Preservação ambiental você fala?

J. G. Unidade Especial de Preservação, patrimonial.

J. G. Não sabia né... O senhor sabe o que é uma Unidade Especial de Preservação?

M. R. Não.

J. G. Mas o senhor gostaria de saber?

M. R. Sim.

J. G. Pronto. Unidade Especial de Preservação... São locais aqui em Maceió, edifícios prédio ou espaços abertos, como Praça... O cemitério também. Eh... São preservados, eh... No âmbito do município. O município é responsável pela preservação. Eh... Compreende ao patrimônio histórico e cultural da cidade e a Praça da Faculdade faz parte da história da cidade e então ela é tida como patrimônio do município e ela é uma Unidade Especial de Preservação.

SILVA, Maria do Socorro Tenório da. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade.** [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves.

Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (13:20 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Maria do Socorro Tenório da Silva (M.T.)

Idade: 48 anos

Local de nascimento: Maribondo - Alagoas

Filiação: Antero L. da Silva / Maria Nazir T. da Silva

Local da entrevista: Espaço do antigo terminal rodoviário

Ocupação: comerciante

Formação: ensino médio completo

J.G. A senhora é moradora ou trabalha aqui há muito tempo?

M.T. Eu moro na outra rua.

J.G. Mora há muito tempo aqui?

M.T. Moro há uns quinze anos.

J.G. A senhora se lembra da Praça antigamente? A senhora frequentava?

M.T. Não. Não cheguei a frequentar não. Porque antes eu trabalhava... Trabalhava na barraquinha e eu passava o dia todinho aqui, chega ficava enjoada de olhar pra lá.

(Risos)

J.G. A senhora trabalhava...

M.T. Quando tinha o terminal.

J.G. Mas a senhora mora em Maceió ainda?

M.T. Por enquanto, mas eu acho que essa semana ou no restinho do mês no máximo. Porque eu não tô aguentando pagar aluguel não. Aí tô indo pra Marechal.

J.G. Mas a senhora mora aqui há quanto tempo?

M.T. Têm uns 18 anos.

J.G. E a senhora tá aqui na Praça quantos dias na semana?

M.T. Tô aqui de segunda à sexta. Quando tem algum... Um acontecimento na minha casa, alguma coisa pra resolver, aí eu tenho que resolver. Mas o correto é de segunda à sexta.

J.G. E essa Praça a senhora conhece por que nome?

M.T. Eu conheço como a Praça da Faculdade. Mas eu sei que é Praça Afrânio Jorge.

J.G. A senhora já ouviu falar alguma coisa sobre a Praça ou a senhora sabe alguma coisa ou alguma história da Praça?

M.T. A história que eu sei é que antes tinha muitas festas aqui, mas eu não alcancei esse tempo. Logo que reformaram, eu pensei que ia voltar essa época. Que iria ter algum evento, finais de semana... Mas... Não tem nada... (Risos)

J.G. Mas o que a senhora acha disso? A senhora esperava algo?

M.T. Eu esperava que iria... Ter assim... Final de semana iria ter assim... Algumas festas... Eh... Pastoril, essas coisas... Eh... Alguma coisa assim que animasse a Praça, mas não tem.

J.G. E o que a senhora acha... Depois dessa reforma e atualmente o que a senhora acha que está de bom na Praça?

M.T. Melhorou um pouco, no caso melhorou 50% eu vou dizer... (risos) Melhorou 50%. É porque o correto era pra ter pelo menos um guarda municipal pra inibir, porque ainda tem muita coisa errada

aí. É muito maloqueiro... Essas coisas assim.

J.G. Então o que a senhora poderia dizer o que é bom na Praça?

M.T. No caso era ter os vigilantes, ter os guardas municipal, ter alguns eventos, folclore, essas coisas assim, né... Ia animar, ia chamar mais gente pra Praça.

J.G. E o que a senhora diria que é ruim na Praça?

M.T. Não tem segurança. Não tem segurança, não tem um banheiro... Não tem não banheiro não [...] Os banheiros é as árvores. Olha, todo dia essa árvore aí amanhece ensopada... De xixi. Pode olhar. se você voltar, você olha os pés das árvores, como elas estão.

M.T. Quando começaram...

A.C. É uma boa dica até pra não encostar no pé da árvore.

M.T. Oxe¹³³! Quem quiser que sente naquelas grama... Quando você... (pausa) Será que era mentira o que eu ia dizer? (risos) Ô, antes quando fizeram essa Praça ela tava muito bonita... Agora pode olhar, a academia está acabada, os bancos já estão destruídos, tinha... Não sei se você lembra quando fizeram uma... Não sei pra quê fizeram aquilo mesmo...

J.G. Uma estruturazinha...

M.T. Eu não entendi pra quê era aquilo ali. Eu não sei como não aconteceu um acidente. Era pelo dia caindo, aqueles rolos... Eh... Como é que chama hein? Aqueles pedaços de pau.

A.C. Aquelas vigas de madeira.

M.T. Exatamente. Caiu!

A.C. Foi mesmo?

M.T. Foi... E ainda tem banco quebrado lá. A gente só ouviu: Péi! A zuada¹³⁴. E “eita, tá caindo!”. Mentira não, caiu.

J.G. Assim, e se alguém fala da Praça da Faculdade pra senhora, qual a imagem que vem a cabeça?

M.T. A Praça da Faculdade, eh... Eu acho que era pra ser tombada. É uma praça histórica. Pode chegar em qualquer local aqui em Maceió ou fora mesmo, e perguntar: “é na Praça da Faculdade?” (não foi possível identificar trecho) Sabe onde é. Mas ela não é... Não é a palavra... Eh... Não é tão valorizada como ela deveria ser, como ela é conhecida.

J.G. A senhora sabia que essa Praça é uma Unidade Especial de Preservação?

M.T. E é?

J.G. A senhora não sabia...

M.T. Não sabia.

J.G. Mas a senhora sabe o que é uma Unidade Especial de Preservação?

M.T. Não.

J.G. Mas a senhora gostaria de saber?

M.T. Com certeza.

J.G. Unidade Especial de Preservação são alguns imóveis, eh... Alguns prédios ou algumas Praças que o município escolheu...

M.T. Pronto! Que não pode ser... Eh... No caso, aquele cuscuz e aquele prédio ali...

J.G. É como se fosse tombado, mas não é o mesmo valor de um tombamento. É protegido pelo município, com se fosse um tombamento, mas não é.

¹³³ Expressão utilizada no Nordeste, uma abreviação de "oxente".

¹³⁴ Zuada = barulho.

LEITE, Luis Josias. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade.** [mar. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (9:22 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Luis Josias Leite (L. L.)

Idade: não informou

Local de nascimento: não informou

Filiação: não informou

Local da entrevista: banca de revista que é proprietário na Praça da Faculdade.

Ocupação: comerciante

Formação: não informou

J. G. O senhor mora aqui em Maceió?

L. L. Sim.

J. G. Qual o bairro que o senhor mora?

L. L. Prado.

J. G. Aqui no Prado mesmo né? Quanto tempo que o senhor mora aqui no Prado?

L. L. Quinze anos.

J. G. Com que frequência que o senhor vem aqui a Praça?

J. G. (Risos) Todos os dias...

L. L. Eu trabalho aqui, chego de manhã e saio à noite. Inclusive no domingo, não o dia inteiro, mas até dia de domingo eu venho aqui.

J. G. Por qual nome o senhor conhece essa Praça?

L. L. Olha, a Praça, popularmente é conhecida como Praça da Faculdade. Mas eu sei que o nome da Praça não é esse. É Praça... E... Afrânio Jorge... É se você disser isso pra... Poucas pessoas vão... Conhece por esse nome, mas se você colocar no Google você vai achar por esse nome, né?

J. G. E senhor sabe alguma coisa sobre a Praça, alguma história? Sabe contar alguma coisa sobre a Praça?

L. L. Mas no momento atual ou coisas antigas?

J. G. Tanto faz...

L. L. Ah, então, antiga é o que eu tô te falando... É... Como eu não sou daqui, moro aqui há quinze anos, de lá pra cá eu posso te falar alguma coisa.

J. G. Pronto, pode ser.

[...]

J. G. O senhor frequentou a Praça antigamente?

[Pausa, entrevistado atendendo cliente]

L. L. O que eu vou falar da Praça? Eu não tenho o que falar da Praça, assim...

J. G. O que o senhor viveu aqui, o que o senhor lembra que aconteceu...

L. L. Vou dizer... Veja bem, se a pergunta for em geral...

J. G. É em geral.

L. L. Então veja bem... O quê que eu posso dizer dessa Praça? Antes de eu trabalhar aqui eu já conhecia assim... Porque eu moro aqui já há vinte oito anos, né?

J. G. Ah... Sim...

L. L. Aí eu já conhecia a Praça assim... Porque já era uma Praça famosa. Mas eu vou dizer o que eu presenciei, porque eu já conheço as histórias antes disso, mas não foi da minha... Meu conhecimento. O que eu sei é que a Praça da Faculdade, no início dos anos noventa... Foi a época

que eu cheguei aqui. Tinha uma feira de carro livre, era aqui. Isso acabou quando um prefeito interino, com o nome de Pedro Vieira, vocês vão procurar, foi prefeito de... Daqui de Maceió, porque o prefeito na época teve um problema de saúde e terminou o mandato com esse aí. Então veja só, quando ele assumiu a prefeitura, ele decretou um sistema aí que todas as Praças da cidade era cercada. Acabou a feira de carro aí. Essa Praça, ela era cercada, todinha, não só aqui como todas.

J. G. O senhor lembra em que momento foi isso... Em que ano?

L. L. Olha, se não me falhe a memória, foi em noventa e um. Aí foi onde acabou a feira de carros e essa Praça era cercada, e foi onde... Eh... Perpetuou esse... Essa cerca na Praça até o primeiro mandato de Kátia Born. Ele veio... O... Ronaldo Lessa tirou quatro anos, Katia Born entrou depois do Ronaldo Lessa e no segundo mandato ela não fez a manutenção... Retirou as grades.

J. G. Ah sim, retirou a cerca né...

L. L. Aí... Né... No governo dela, quando ela fez isso, aí fez... Aqui tinha uma pista de... De *bicicross*¹³⁵ né? Era o que tinha na Praça. Se passou... Aí... Começou a acontecer assim... Isso é meu ponto de vista, cada um tem sua maneira de ver.

J. G. Sim, sim...

L. L. Já no Final da Katia Bornia, no segundo mandato... Começou esse movimento dos sem terra, ainda era no mandato dela. Essa Praça teve muita manifestação, acampamento, eh... Por

exemplo, teve... [não foi possível identificar trecho]... Aqui, ficou acampado aqui várias famílias mais de trinta dias.

J. G. E o senhor já trabalhava aqui?

L. L. Já, já. Foi no ano de noventa... Da Katia Bornia, do segundo mandato foi no ano de dois... Dois mil e um... Alguma coisa assim. Esse movimento de manifestação me parece que hoje foi transf... Transf... Saíram daqui mais na Sinimbú¹³⁶.

J. G. Isso...

L. L. Saiu o movimento e começou... Acho que foi entre os próprios caras, o pessoal do sem terra, deve ter feito uma combinação entre eles que as manifestações seriam lá e aqui ficou... Eh... Começou a ter... Eh... A feira que dá... Eh... A feira dos sem terra que na realidade é a feira agrária. E eles instalaram aqui e continuam até hoje. Eh... Terminou o mandato da Katia Bornia e no do Cícero Almeida, no governo dele não teve nada... Eh... And... Andou ainda mencionando aqui que ia haver uma reforma na Praça, mas ele não... Não fez. Segundo... É aí já é... Já não tenho essa certeza que eu fiquei sabendo que ele queria acabar com a feira dos sem terra aqui, mas não teve acordo, e me disseram que ele propôs até pros sem terra fazer esse episódio na pecuária, mas os caras não tiveram acordo, como até hoje continua ainda fazendo aqui. Ofereceu toda estrutura, porque quando vinha pra cá tem... Porque quem negocia por aqui, que mora por aqui sabe que fica uma coisa aqui... Né? Além... Não é bom a vinda deles pra cá.

J. G. O senhor acha que não?

¹³⁵ Esporte praticado com bicicletas, uma espécie de corrida em pistas de terra.

¹³⁶ Praça Sinimbú, em Maceió.

L. L. Não. Não é bom sabe por quê? Por diversos sentidos, por exemplo... A feira é muita gente, não tem estrutura, botam os... Os... Em termos de... De... Os banheiros, aqueles banheiros que vem aqui, aqueles banheiros químicos. Eh... No primeiro dia e no segundo eles já não fazem a necessidade totalmente no banheiro, fazem em qualquer lugar. Eh... A manutenção é dada do jeito que os caras... Eh... Olha, só você vendo como é que é. O meio de... De trânsito aqui fica horrível, a barulheira todo mundo que mora aqui se sente mal, porque fica show em todas as noites. Eh... Eu diria... A estrutura em si não está preparada pra isso. Se tivesse tido esse acordo tinha sido melhor, porque lá... Lá tem um parque de vaquejada, deve ter banheiro tem tudo e aqui não teve acordo como definitivo, ficou aí definitivo. Então teve esse prefeito atual que ganhou, fez uma reforma, uma mera reforma e já fez um ano.

J. G. O que o senhor achou dessa reforma?

L. L. A reforma em si, melhorou, em uma parte. Mas assim, na estrutura da Praça. Agora... Vem um porém, vem uma outra coisa que isso é que realmente deixou a desejar. Aqui sempre teve uma Praça assim visada em termos de bandidagem, com a reforma piorou.

J. G. Foi mesmo?

L. L. Piorou porque o seguinte, se você... Quem frequenta aqui sabe. No início até que tinha muita ronda policial, hoje não tem mais. E não venha me dizer que esse um nove zero funciona, que eu já liguei diversas vezes e não acontece, por exemplo tem hora que você, por um milagre você tá aqui e não tá aqui dez, quinze fumando maconha do meu lado aqui que eu sou obrigado a sair daqui pra

ir respirar lá fora porque não aguento ficar aqui.

J. G. É mesmo?

L. L. É. E que isso é constrangedor, por exemplo, essa é uma professora, acabou de sair daqui. Às vezes ela vem pra cá, mas vendo essas coisas quem é que não... Se sente... Não se sente confortável. E confiar, né... Pra você ver, eu tinha um violão que eu comprei, com três meses, ele tava aqui aí a grade era só até aqui. Isso aqui não tinha. Enquanto realmente eu tive que sair por uma ocasião dessa que eu fui lá e voltei meu violão não tava mais. Tá vendo? Por aqui conseguiu, eu ali, acho que vendo que eu tava lá e ele conseguiu entrar. Eu tive que gradear ô... Essa grade se você olha só é até aqui, ô. E essa daqui ainda é a grade da Praça. A Praça era gradeada todinha assim, ela fazia isso aqui, e ia. Aí na hora que retiraram, eu lembro que o serralheiro... Aí eu dei cinquenta reais pra deixar que essa grade serve até de segurança pra mim. Veja só, então com a reforma melhorou estruturalmente porque a Praça tava abandonada, mas... Não foi feito... Eu diria assim... Uma coisa que tinha que ser feito... Porque se você ver... Eh... Como foi construído, passo a passo, a construtora que fez isso aqui, não fez... Fez muito mal feito. Se você olhar onde tem essas gramas aí, abaixo dessa grama não existe terra, era o piso e só fizeram botar... Era o piso, por isso que a grama nun... Essa grama nunca vai ter uma grama legal. Ela não tem... Não quebraram os piso véio¹³⁷ pra poder fazer um... Eh... O a academiuzinha que fez, como é uma Praça abandonada sem segurança, já não existe mais. Se você der uma olhadinha ali, não funciona mais nenhuma, já quebraram tudo. Então assim, por que que eu digo que aqui ficou

¹³⁷ Véio = velho.

uma... Aqui sempre teve maconheiro, mas era um ou dois que ficava lá no meio da Praça...

J. G. Isso o senhor consideraria como um ponto ruim da Praça ou tem outra coisa que o senhor consideraria como ponto ruim?

L. L. Isso é um dos mais ruim. Eh... A droga... Porque veja só, quando a Praça foi inaugurada tinha, eu diria assim, uma quantidade x de senhoras e senhores, de crianças de... De... De moças, de mulheres, que faziam caminhada aqui, e desse x num tem dez por cento mais. Que vem fazer caminhada de tarde... Aqui, bem ali já caiu uma estrutura que fizeram que era bem aqui, num matou gente porque não tinha ninguém debaixo. Era um...

J. G. Era um pergolado.

L. L. Era... Bom, aquilo ali, aquilo foi nove horas da manhã. Aquilo desceu de vez assim, se tivesse alguém ali, tinha sido fatal.

A. C. Caiu aquilo dali?

L. L. De vez assim, sabe uma coisa assim... Parece que foi programado pra cair? A gente tava sentado aqui e se assustou, cara! Só viu rolo de pau rolando assim... Ô... Quebrou uma mesa de concreto, quebrou banco, quebrou tudo.

A. C. Agora que o senhor falou, eu lembrei, mas a gente já sentou ali embaixo, a gente fazendo essa pesquisa aqui, a gente já sentou ali embaixo...

L. L. Pois é, aquilo ali à noite... Eh... Logo no início tinha um cara que improvisava uma academia aqui à noite... Era até bom, porque teve época que vinha mais de cinquenta pessoas que vinha aí com o cara. Cara bem conhecido, no mundo aqui artístico aqui de Alagoas, não sei, se você

já ouviu falar de Mamulengo¹³⁸, se falar você vai ver, é um cara que é forrozeiro... Ele fazia isso... Ele saiu porque não tinha... Os frequentadores foram saindo, porque não dá cara, tem hora que você não tem condições de ficar aqui. Não sei, parece que foi uma coisa programada... Não sei se é... Ôi... Aqui... Tem um sanitário lá, ôi... Aquela região ali, ali tem gente que tá morando já tem muito mais de trinta dias. Agora é que durante o dia vão sair pra roubar pra vir dormir à noite. Venha à noite pra você ver a quantidade de gente que tem aí. Então quer dizer, isso vai constrangendo as pessoas, principalmente de uma certa idade, senhoras que vinham fazer caminhada aqui. Na tarde de domingo, eu cansei de ver, vinham as pessoas aqui não tinha como... (não foi possível identificar trecho) Ficava ali, sentava ali, tirando foto com crianças, família... vinha pra cá sentava ali e tinha nada demais. Então, o seguinte... A reforma, no meu ponto de vista fez o seguinte... Foi possí... Ah... Tá tendo um local é como, por exemplo, eu combino, ele é meu amigo, eu combino com ele, com você aí, vamos se encontrar... Num barzinho tal pra tomar uma cervejinha à noite... E você vai e eu vou. Aqui é como se fosse assim ôi... Tal hora todo mundo vai lá pra Praça pra fumar maconha... E chega um monte de carro e moto e encosta aí, fica cheio e desce e vem pra cá. Agora vem porque tem alguém que vem trazer a... Não só tem consumidor como tem a venda de maconha.

¹³⁸ Herculiano, o Mamulengo das Alagoas, levado por sua mãe, começou a dançar em grupos folclóricos ainda criança, depois nas quadrilhas. Aos 19 anos criou o seu grupo de dança com a coreografia do Mamulengo, o boneco e a boneca, com a intenção de transmitir a cultura popular nordestina da dança e do forró. O enredo do grupo conta a história de um boneco que toma vida com o forró, pois o ritmo da zabumba faz bater o seu coração, o triangulo balança sua cabeça e a sanfona estremece o seu corpo. Quando juntos, os três instrumentos acordam o boneco com o som da música e ele toma vida dançando com a boneca de pano. Herculano é filho de artista plástico, seu pai criou o personagem do boneco e sua mãe, costureira, foi quem montou e costurou. In: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco/es/mapeamento-cultural/artes-cenicas/...-danca-...-grupos-...-mamulengo-das-alagoas>>.

J. G. Entendi. Assim, se o senhor fosse citar uma coisa boa aqui na Praça?

L. L. É que na verdade eu não sou frequentador da Praça né... Eu trabalho e vou pra casa. Mas deixa eu ver o que que eu... Mas você tá falando assim, no meu modo de vista?

J. G. Isso.

L. L. Ah, isso aqui, a única coisa que ainda, que ainda sim se eu tivesse tempo de, pra vir aqui é fazer a caminhada porque realmente ela é grande. Eu não sou um cara que... Por exemplo... Eu não gosto desse negócio de churrasquinho. E tem muito à noite. Isso pra mim não existe, eu não sei como é porque eu nunca vim. À noite é movimentada a Praça por aquele lado de lá, mas em compensação já teve até morte ali.

J. G. Foi mesmo?

L. L. Já sim. Saiu em tudo quanto é... Policial é morto na Praça da Faculdade... Um cara daquele que tinha uma banquinha ali, matou o cara com a arma dele. Então é um lugar assim... Eu não diria Praça da Faculdade da maneira como está, um bom lugar pra você trazer seu filho, qualquer coisa... Sei lá, marcar com a sua garota pra vir conversar no banco, seu amigo... Eu não diria um bom lugar pra isso.

J. G. Então assim, quando o senhor pensa na Praça da Faculdade qual imagem que vem à cabeça?

L. L. Olha, se eu não trabalhasse aqui eu não andava na Praça da Faculdade. Entendeu, eu não tenho uma boa lembrança dela não.

J. G. Entendi. O senhor sabia que a Praça da Faculdade é uma Unidade Especial de Preservação?

L. L. Não. Aí é novidade pra mim.

J. G. Pois é. O senhor sabe o que é uma unidade especial de preservação?

L. L. Mas você tá se referindo a quê? A...

J. G. Patrimônio.

L. L. Ah, pensava que era alguma coisa assim já voltada pra... Já... Como ela tem muita árvore, pensava que era alguma coisa assim. [falas simultâneas] Porque se você for olhar na internet tá escrito assim: "Parque Afrânio Jorge". Pensava que você tava se referindo a isso aí. Eu não sei... Mas quer dizer que isso daqui já se tornou um patrimônio?

J. G. Isso. Eh...

L. L. Eu sei que isso aqui foi tombado (referindo-se ao prédio da antiga Faculdade de Medicina).

J. G. Uhum. Isso. Então, tanto pelo tombamento que... Quando você tomba um prédio, sempre tem algum entorno que entra junto, então a Praça da Faculdade é um conjunto do prédio, mas também pelo município... É protegida pelo município a Praça, o monumento que tá no meio, o mausoléu e o prédio.

L. L. E você veja só, fizeram uma reforma que você vê que fizeram... Quando fizeram a reforma... Mas rapaz é impressionante, olha a capacidade. O cara fez a reforma e botou uma porta... Foi nem uma porta assim de madeira, foi uma porta daquela que você bota no seu quarto. Os caras botaram a porta e antes de inaugurar os maloqueiros¹³⁹ já tinham quebrado e já tava fazendo local de usuário de maconha, até que não tinha jeito e arrancaram a porta e vedaram de alvenaria. Você vê que tá lá, é até do lado de lá.

¹³⁹ Pessoa que não trabalha e vive na rua fazendo o que tiver que fazer para ganhar dinheiro.

J. G. Eu vi que tinha uma porta mesmo ali.

L. L. Que antes ali, antes da reforma... Ali o camarada, sabe o que o cara fez... Um bicho... Eh... O cara morar um bicho de rua ali um tempo... Eh... O cara é assim... O cara que morou tomava conta ali, só entrava ali quem ele quisesse. Tomou conta e dizia que era dono e ninguém entra aqui. Quem ele queria entrava, mas geralmente um cabra desse tem alguém que gosta dele, que vai lá e tudo mais né? E o que acontece, ele morava lá né... E lá era assim, tipo um banheiro público. Ele pegou e limpou e ficou morando dentro. Morador de rua, usuário de droga. E ele tal... Sabe como é que é, esse bichos de rua sempre tem briga, né? Tem os amigos e os inimigos. Uma certa vez de manhã, ele foi pra aquele negócio do churrasquinho ali... Ali tem história viu? Não houve só uma morte não, ali já houve muita morte e muita facada.

J. G. Esse churrasquinho aqui?

L. L. É esse mesmo. Aí num dia de uma certa manhã de domingo eu ia chegando aqui. Ele, ele foi pra aquele negócio, que não era aquelas barraquinhas, mas já existia o churrasquinho ali e depois da reforma que teve aquelas barraquinhas agora. Ele discutiu com um indivíduo da laia dele pra lá e nessa discussão acho que teve... Venho aquelas... Os deixa pra lá né... E ele voltou. Quando ele entrou, o cara veio de lá e eu não sei onde ele arrumou querosene, gasolina ou álcool, sei lá e jogou dentro e dentro tinha uma criança dormindo e a criança eu até conhecia, filho de um morador de rua também. E a criança não morreu quando o cara jogou o negócio e meteu o fogo

dentro, porque... E mesmo assim ele conseguiu abraçar o moleque e saiu... Tirou o menino. Aí pronto. Aí foi... Rendeu como sempre... Aí... Imprensa, um monte de coisa. Aí botaram umas correntes grandes aí conseguiram vedar um portão véio de ferro que tinha lá... Eh... Aí também, pouco tempo depois teve a reforma. Veja só... Tem o negocinho lá, mas aquilo eu achava que com a reforma ia ser uma coisa pro pessoal visitar e coisa e tal, mas se bem que não foi aquilo que a gente imaginava.

SOUZA, Luciana. Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade. [abr. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (5 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Luciana Souza (L.S.)

Idade: 40 anos

Local de nascimento: Maceió - AL

Filiação: não informou

Local da entrevista: Praça da Faculdade

Ocupação: Enfermeira

Formação: não informou

J.G. A senhora é daqui de Maceió mesmo?

L.S. Sou.

J.G Qual o bairro que a senhora mora?

L.S. Eu moro aqui perto do Centro, aí na outra rua.

J.G Há quanto tempo que a senhora mora por aqui?

L.S. Aqui, desde quando eu nasci. No Trapiche, depois Prado e só por aqui mesmo, e agora tô no Centro.

J.G Com que frequência que a senhora vem à Praça?

L.S. Rapaz, antes eu vinha muito viu? Mas hoje foi só uma... Um acaso. Eu tô esperando meu ex, meu ex-marido!

(Risos)

L.S. Eu digo: não acredito não... (risos)

J.G Quando a senhora vem de vez em quando, qual é o motivo?

L.S. Eu vinha quando a gente namorava, há dezoito anos atrás. Agora eu tô vindo pra terminar o negócio. (risos) Aliás, já terminou né? Eu não sei o que ele quer.

J.G Por qual nome a senhora conhece esse espaço? Essa Praça?

L.S. Faculdade.

J.G A senhora sabe alguma história sobre essa Praça?

L.S. Não. Nenhuma.

J.G A senhora acha que...

L.S. Sei que é por causa da Faculdade. Aí o pessoal... Eh... Faz... Eh... Associação porque era Faculdade aí juntou.

J.G A senhora acha que aqui na Praça tem cultura?

L.S. Aqui às vezes vem aquele pessoal né? De folclore, esses negócios assim... Vem aquele pessoal do... Sem Terra né? Eu nunca mais andei aqui mesmo não. Só

foi um acaso mesmo. E fica ali né? Os meninos. Só melhorou bem mesmo o negócio da criança ali né? Que diminui mais a bandidagem aqui que antes era muito.

J.G Se a senhora fosse citar alguma coisa de ruim e alguma coisa de boa aqui na Praça? O que a senhora citaria?

L.S. No caso, de bom foi aquele negócio ali das crianças né? E parquinho que antes não podia nem botar que era assalto. Antes nem podia botar e agora tem né?

J.G E de ruim?

L.S. De ruim agora né... Até o momento eu não vejo não. Antes era só as drogas mesmo né? Que tinha muita ali no coreto e era escura né? No caso eles quebravam as lâmpadas pra ficar escuro né?

J.G Onde é esse coreto que a senhora fala?

L.S. É aquele. A gente chama aquilo ali de coreto. Esse negócio branco.

J.G O Panteão?

L.S. É. A gente chama de coreto. É conhecido como coreto né?

J.G Se a senhora fosse modificar a Praça do jeito da senhora, como a senhora faria?

L.S. Rapaz, pra mim tá bom como tá agora. Porque antes não era não assim. Antes era muita bagunça, muito lixo. Você vê agora que não é, tá mais só as folhas mesmo, que sempre tão... E botaram o

negócio da máquina né? De exercício e ficou bom também.

J.G E o que a senhora acha que mais chama atenção na Praça?

L.S. Aqui acho que agora só mais o pessoal aí da alimentação. Que até trouxe emprego né? Pra quem tá desempregado é bom.

J.G A senhora considera essa Praça um patrimônio?

L.S. Sim.

J.G A senhora acha que deveria ser protegida?

L.S. Devia ser olhada, apesar de que eles tão trabalhando mais nela né? Mas, quanto mais, melhor. Não esquecer né? O que fez... Porque de repente faz e esquece. Aí não adianta.

J.G A senhora sabia que essa Praça é uma Unidade Especial de Preservação?

L.S. Não.

J.G A senhora sabe o que é? E gostaria de saber se não sabe?

L.S. No caso é da parte ambiental né?

J.G Não.

L.S. Não pode derrubar árvore... Essas coisas?

J.G Não. [...]

J.G. Uma Unidade Especial de Preservação é um espaço público, aberto ou edificações históricas que Maceió... A gestão de Maceió escolheu para serem protegidas à nível municipal.

LESSA, Simone. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade.** [abr. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (3:52 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Simone Lessa (S. L.)

Idade: 31 anos

Local de nascimento: Maceió - AL

Filiação: não informou

Local da entrevista: Praça da Faculdade

Ocupação: Cabelereira

Formação: não informou

J.G. Qual o bairro que a senhora mora?

S.L. Ponta Grossa.

J.G. Há quanto tempo?

S.L. Desde quando nasci.

J.G. Com que frequência que a senhora vem à Praça?

S.L. É porque depende. Tem vez que é toda semana, tem vez que eu passo mais de um mês pra vir.

J.G. Por qual motivo a senhora vem?

S.L. É mais pra trazer as crianças. Tem esse e tem outro também.

J.G. Por qual nome que a senhora conhece esse espaço?

S.L. Aqui é a Praça da Faculdade.

J.G. A senhora conhece por outro nome?

S.L. Não.

J.G. A senhora sabe alguma história sobre a Praça?

S.L. Não.

J.G. A senhora acha que nessa Praça existe algum tipo de cultura ou que a senhora consideraria como cultura?

S.L. Cultura aqui... É uma Praça que eu sei que ant... Antes né... Ainda tem às vezes, vem muito parque né? As pessoas sempre vinham pra cá no fim de ano... E agora tá tendo muita... Eh... Jogos né? O pessoal tá socializando mais.

J.G. A senhora poderia citar o que a senhora acha bom e o que a senhora acha de ruim aqui na Praça?

S.L. Aqui de bom... É que depois da reforma né? Ficou um local melhor, mais habitável né? Antes tinha muito assalto porque tava muito escuro também. E aqui falta policiamento.

J.G. Se eu fosse perguntar: “como a senhora que fosse essa Praça?”, como seria a resposta?

S.L. Eh... Aqui... É a questão mais da segurança.

J.G. O que a senhora acha que mais chama atenção aqui na Praça?

S.L. O espaço... É o espaço dela que é...

J.G. A senhora considera que essa Praça seja um patrimônio?

S.L. É.

J.G. E a senhora acha que deveria ser protegida?

S.L. Deveria.

J.G. A senhora sabe que a Praça é uma Unidade Especial de Preservação?

S.L. Unidade Especial de Preservação... Você fala a parte ambiental né?

J.G. Não. Patrimônio.

S.L. Patrimônio?

J.G. Do espaço.

S.L. Ah, aqui pelo... Pela... Pelo tempo que a Praça existe assim, né? Pela... Muita gente frequentou até hoje... Deveria ser. Aqui né, uma Unidade...

J.G. Mas a senhora sabe o que é ou gostaria de saber?

S.L. Pode ser.

J.G. Unidades Especiais de Preservação são espaços abertos, praças, mirantes e edificações históricas que o município elegeu para ser... Como se fosse um patrimônio do município. O município é quem cuida desses espaços.

E a senhora sabia que a Praça da Faculdade é uma Unidade Especial de Preservação?

S.L. Não.

BARRETO, Solange. Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade. [abr. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (00 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Solange Barreto (S. B.)

Idade: 50 anos

Local de nascimento: Maceió - AL

Filiação: não informou

Local da entrevista: Praça da Faculdade

Ocupação: Professora

Formação: não informou

J.G. Qual o bairro que a senhora mora?

S.B. Aqui mesmo no Prado.

J.G. E há quanto tempo a senhora mora aqui?

S.B. Desde que nasci.

J.G. Com que frequência que a senhora vem à Praça?

S.B. Ah, depois que ele chegou... Várias. Assim, depois que ela foi remodelada, principalmente. Antes eu vinha, assim, mas eu vinha pouco. Porque era meio esquisito aqui né? Aí depois que reformularam ela aí ele sempre vem. Quase toda semana eu trago ele pra bater bola.

J.G. Sempre nesse mesmo horário?

S.B. Geralmente à noite, porque ele estuda à tarde né? Aí de manhã eu também tô ocupada e não posso. Aí noite... Agora assim, quando é nas férias dele, aí eu venho assim direto sabe? Porque ele gosta de bola aí eu venho à tarde, venho à noite...

J.G. Por qual nome que a senhora conhece essa Praça?

S.B. Praça Afrânio Jorge né? Que o pessoal aí chama mais de Praça da Faculdade por causa da Faculdade de Medicina.

J.G. A senhora sabe alguma história sobre a Praça? A senhora conhece alguma coisa sobre...

S.B. Não... Eu sei assim, a história que meus pais me contaram que ela é bem antiga. Quando eu era pequenininha eles diziam que me traziam praqui¹⁴⁰ que tinha uma festa de natal que era muito assim... Famosa, mas eu não lembro porque eu era pequenininha demais. Aí eles diziam que até esse centro aí né? Faziam uma lapinha... Assim... Era bem animado. E depois disso aí ela ficou assim... Ficou meio abandonadina, aí depois que remodelaram o pessoal começou a frequentar de novo.

J.G. E a senhora acha que essa Praça tem algum tipo de cultura?

S.B. É o que falta, eu creio, porque assim, tem aqueles brinquedinhos que final de semana eles colocam ali para as crianças e tudo... Agora a única cultura que eu tô vendo que tá sendo interessante que eu levo ele de vez em quando é o museu aí que abriram da Ufal que ele adora. Assim... Eu já fui e já levei ele várias vezes. Só que teve agora final de semana e eu nem... Nem fui, porque tava muito chuvoso. Mas assim, as vezes que teve eu levei e assim, foi a única atração boa que eu achei.

J.G. E aqui no espaço da Praça o que a senhora acha de bom e o que a senhora acha de ruim?

S.B. De bom do espaço aqui é que ela é espaçosa, né? Tem as quadras... Às vezes ele brinca ali nas quadras de bola,

¹⁴⁰ Praqui = para aqui.

aqui tem o gramado que às vezes ele brinca com os coleguinhas. O de bom é isso né? Que ela ficou bem espaçosa mesmo, ficou ótima. Agora ruim assim, o que... A gente não se sente tranquila né? Por exemplo, quando a gente traz um celular, uma coisa né? Aí eu tenho que trazer o relógio pra monitorar a hora né? (risos) É... Por causa da... Eh... Às vezes assim é negócio de drogas, essas coisas... Ainda existe. E aí é meio desconfortável por isso.

J.G. Insegurança, né?

S.B. É. Eu acharia que deveria ter assim, um guarda municipal... Um posto assim, né? Deveria ter. Assim... Um PMbox¹⁴¹, alguma coisa assim e não tem. Pra gente se sentir mais segura.

J.G. E se eu fosse perguntar à senhora como gostaria que fosse a Praça?

S.B. Assim, só em questão de segurança mesmo, mais segura, né? E assim, um espaço de lazer, assim... Tipo assim, museu como esse aqui que tá tendo eu acho bom. E é um negócio de cultura pra eles, né? Pra eles não ficarem o tempo todo em internet. Porque se deixar, eles ficam o tempo todinho em internet.

J.G. A senhora considera a Praça da Faculdade um Patrimônio?

S.B. Com certeza. Porque ela é bem antiga, é tradicional aqui. Desde eu

pequeninha eu lembro. A minha mãe me trazia.

J.G. Mas a senhora acha que ela deveria ser protegida pelo município?

S.B. Com certeza, porque assim, ela é um bem público e ela deveria ser mais conservada, mais preservada. Porque faz parte da nossa história daqui de Alagoas. Eu acho que é uma das mais antigas aqui das mais tradicionais.

J.G. A senhora sabe o que é uma Unidade Especial de Preservação?

S.B. Não.

J.G. A senhora gostaria de saber sobre?

S.B. Gosto.

J.G. A senhora sabia que a Praça é uma Unidade Especial de Preservação?

S.B. E é? Essa Praça aqui?

J.G. Isso. Unidade Especial de Preservação são espaços públicos, espaços abertos aqui em Maceió ou edificações históricas que o município elegeu para ser protegido pela gestão do patrimônio municipal. Então assim, essa Praça e o prédio e o Panteão é um conjunto histórico que é protegido pelo município. É uma Unidade Especial de Preservação.

SANTOS, Ivanildo Antônio da Silva. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade.** [abr. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (10:24 min.).

¹⁴¹ Posto policial.

Nome: Ivanildo Antônio da Silva Santos (I. S.)

Idade: 42 anos

Local de nascimento: São Paulo - SP

Filiação: Elza Júlia da Silva Santos e Fernando Antônio Lopes dos Santos

Local da entrevista: Praça da Faculdade

Ocupação: Educador social

Formação: Ensino Superior Completo

J.G. Qual o bairro que o sr mora? Mora aqui em Maceió mesmo?

I.S. Ponta Grossa.

J.G. Há quanto tempo o sr. mora na Ponta Grossa?

I.S. Rapaz, já tá com um tempinho viu, cara... Já tá com uns... Uns trinta anos.

J.G. Com que frequência o sr. vem à Praça e por quê?

I.S. Na realidade como a gente tá... Como eu aqui próximo, aí sempre eu venho treinar eles aqui, que eu também sou professor de capoeira e venho aqui pra treinar eles... Porque o espaço que a gente tem é lá no núcleo cultural¹⁴² e não dá né? Como é mais próximo aqui do trabalho, então a gente vem pra cá. E tá com uns dois meses que eu tô utilizando a Praça, mas eu já tô vendo também já algumas modificações... Aí eu só topei porque você disse que é por conta da Praça.

J.G. Ah sim... Legal. E por qual nome que o sr. conhece essa Praça?

I.S. Praça da Faculdade.

J.G. E tem algum outro nome por qual o sr. conheça?

I.S. Não. Desde criança eu só vejo como Praça da Faculdade.

J.G. O sr. Sabe alguma coisa ou tem alguma memória sobre a Praça? Memória atual ou antiga... Algo que já ouviu falar...

I.S. Bom... Essa Praça aqui... Eh... Traz na minha recordação porque foi onde eu me alistei, né? Eu jurei bandeira aqui nessa Praça. E a junta militar era bem aqui próximo. Eh... Pelos parques né? Eh... Dois pontos fortes: o parque, quando vem pra cá, e... Eh... A feira né? A feira agrícola.

J.G. O sr. tem mais alguma memória, alguém contou alguma coisa?

I.S. Não, não.

J.G. O sr. Acha que nessa Praça existe algum tipo de cultura?

I.S. Só quando a gente... Pronto, um exemplo, ela tá com alguns... Algum tempo, acho que ela tá nem com um ano que ela foi totalmente reformada aqui, mas se você olhar tá toda né... Deteriorada de novo. Quando eu comecei o projeto, aqui era coberto. Aqueles equipamentos ali, as pessoas vinham também pra fazer exercício, até eu também vinha pra cá, trazia uma turma também, que eu gosto de fazer uma

¹⁴² Núcleo Cultural da Zona Sul de Maceió é um espaço de arte e cultura que envolve diversos grupos ligados a cultura popular e afro.

caminhada funcional. Que é uma caminhada que a gente faz pra... Diferente um pouco da normal. E eu trazia aqui alguns grupos de pessoas, principalmente os idosos pra utilizar o aparelho. E agora você vê né? Foi tomada por... Moradores em situação de rua, pessoas em situação de rua, como tá ali, que... Como eu trabalho no... Como educador social, eu trabalho no Centro POP¹⁴³ com pessoas de rua e justamente quando eu chego aqui e vejo eu os moradores em situação de rua de lá vem pra cá e ficam aqui. Aí é sofá, é colchão, é lixo pra todo canto... Eh... Literalmente a Praça abandonada né? Só funciona... É como se fosse assim: do coreto pra lá, ele funciona, porque têm os *fast food*, aqueles carrinhos... E... Eh... Pra cá já tem um abandono, né?

J.G. Se fosse perguntar o que o sr. Acha que tem de bom na Praça?

I.S. Revitalização, uma fiscalização também... E a gente tem como exemplo também alguns bairros que dão certo isso aí, principalmente, eu posso... Citar aqui o Benedito Bentes, que eu conheço também o bairro, que tem aquela Praça maravilhosa lá, que tem várias atividades, tem vários... Como é que eu digo? Incentivo e motivação, né? Pega os grupos culturais e colocam na Praça... Aqui a gente tem uma Praça pequena que é próximo onde eu moro também, mas é uma Praça que ela tem um... Uma

movimentação muito boa, que é a Praça Santa Tereza. Inclusive toda sexta feira projeto com os grupos culturais, a galera que pratica *skate*, a galera da capoeira com a gente também faz apresentação, faz roda lá... E justamente, quando eu trouxe o grupo de capoeira pra cá era pra dar aquela animada no ambiente, na Praça, dar vida...

J.G. Mas como foi que surgiu essa ideia de trazer pra cá?

I.S. Então, justamente pra divulgar o trabalho, já que a gente tá, por exemplo, iniciando o projeto, ao invés de fazer na Santa Tereza que a gente já é pioneira lá, a gente começou a expandir pra cá.

J.G. O que o sr. acha que mais chama atenção aqui no espaço da Praça?

I.S. As árvores né... a própria estrutura da Praça também... A ideia foi boa de revitalização, o que falhou foi a questão da fiscalização né? Porque tinha que ter um órgão pra fiscalizar a Praça, revitalizar... Tem essa questão de... De cuidar mesmo da Praça e também incentivar propostas que colocassem os grupos culturais aqui, atividades culturais aqui em toda a Praça, porque a Praça é enorme, dá pra se ter bastante atividade, porém o incentivo do poder público, até da própria... Da secretaria de cultura não tem.

J.G. Se o sr. fosse perguntado sobre uma nova revitalização, como gostaria que fosse a Praça?

¹⁴³ Centro POP - Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua.

I.S. Rapaz, eu gostaria que fosse do jeito que ela é. Porque você vê que... Aqui vem famílias... Olha lá. Aqui vem famílias, vem pessoas fazer caminhada, fazer *cooper*, fazer atividades, então... Do jeito que ela é, contanto que tivesse uma política firmada pra ela né? Pra não deixar ela morrer, porque ela aos poucos está sendo esquecida e quem tá tomando conta são as pessoas que usam droga, as que usam bebida alcóolicas, enfim, né...

J.G. O senhor considera essa Praça um patrimônio? Considera que a Praça é um patrimônio cultural?

I.S. Com certeza.

J.G. O sr. acha que deveria ser protegida?

I.S. Com certeza. Não só essa Praça da Faculdade como muitas outras, né? A própria Praça, a Praça do Moleque Namorador também que tem um fator histórico muito importante... E outras praças também.

J.G. Entendi. O sr. sabia que essa Praça é uma Unidade Especial de Preservação?

I.S. Não, não sabia.

J.G. O sr. sabe o que é ou gostaria de saber?

I.S. Sim.

J.G. Então, uma Unidade Especial de Preservação são espaços públicos aqui em Maceió ou edificações que são eleitas pela prefeitura para serem protegidas como um patrimônio. Então essa Praça... Ela já é um patrimônio municipal e ela tem

essa olhar da prefeitura ou deveria ter... No caso né? Então ela é uma Unidade Especial de Preservação, ela, o prédio da antiga Faculdade de Medicina e o Panteão, aquele prédio ali no meio. Então, esse conjunto é uma Unidade Especial de Preservação.

O sr. gostaria de acrescentar algo mais sobre a Praça?

I.S. É... Dentro dessa informação que você me passou, o que me vem à cabeça é o seguinte... Eh... Existem vários... Vários projetos como esse aí, essa indicação da Praça, né... A gente sabe que... Como é que eu digo... A gente sabe que as leis eh... Como é que eu digo, rapaz... As leis, os projetos existem, a questão é colocar em prática, né? Porque assim, vamos supor, a... A dificuldade que eu vejo aqui em Maceió, eu acho que em todo Brasil, é o seguinte, tá pra se ter a nova eleição, o prefeito, ele tem esses projetos, tem tudo né... [trecho não identificado] quando ele sair. Se ele continuar, ele pode até fazer acontecer o projeto lá dele, mas se ele... Mudar de prefeito aí já não é, então essa é uma grande preocupação é que seja hereditária para outra gestão, cada gestão tem a sua, então o que me preocupa é isso. Ele ser indicado, ai vamos supor que ele chegue e perca, né... E aí? O outro não vai assumir nessa gestão. E isso são... Uma deficiência muito grande. E eu acho que não só da prefeitura de Maceió, mas de todas as outras né?

J.G. Entendi. O sr. conhecia a Praça antes da gestão do Rui Palmeira?

I.S. Sim.

J.G. O que o senhor acha da diferença entre antes e agora?

I.S. A diferença foi não só na Praça, mas em outras Praças, nas escolas e tal... Deu aquela roupagem nova, né... A Praça já existia, né... Agora veio com uma roupagem nova. A grande falha foi essa, a falta de fiscalização.

SANTOS, Zoraide. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade.** [mai. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (7:20 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Zoraide Santos (Z. S.)

Idade: 39 anos

Local de nascimento: Palmeira dos Índios - AL

Filiação: Helena e Donize

Local da entrevista: Praça da Faculdade

Ocupação: desempregada

Formação: não informou

J. G. A sra. Mora aqui em Maceió mesmo?

Z. S. Moro.

J. G. Qual bairro?

Z. S. Levada.

J. G. Há quanto tempo a senhora mora na Levada?

Z. S. Quase um ano.

J. G. Com que frequência que a senhora vem à Praça?

Z. S. Acho que umas duas vezes por semana, eu vinha mais, né... Que eu venho pegar meu menino aqui, mas... Agora eu tô vindo menos, porque meu menino tá [trecho não identificado].

J. G. Por qual nome que a senhora conhece essa Praça?

Z. S. Praça da Faculdade.

J. G. Tem algum outro nome que a senhora conheça?

Z. S. Não... Eu sei que ela tem outro nome, agora eu não sei qual, eu não lembro no momento.

J. G. A senhora sabe alguma coisa sobre a Praça... Alguma história que contam...?

Z. S. Assim... Antes tinha parque, mas no momento não tô vendo mais parque. E mais que eu me lembre não.

J. G. E dona Zoraide, a senhora acha que essa Praça tem algum tipo de cultura?

Z. S. Cultura? Não, tem não.

J. G. O que a senhora acha de bom aqui na Praça?

Z. S. É... Eu acho bom aqui, eu gosto de ficar aqui com meu menino. Às vezes eu venho no sábado, venho no domingo, por causa do parque... Às vezes vem os outros meninos, jogar bola...

J. G. E de ruim o que a senhora acha aqui na Praça?

Z. S. É... Assim... De vez em quando eu vejo assim, né... Um pessoal usando droga ali. Por isso que eu não venho muito aqui mais.

J. G. Entendi. E o que mais chama atenção aqui no espaço da Praça pra sra.?

Z. S. Como assim? Não entendi.

J. G. O que mais a sra. diria assim... Que mais chama atenção aqui?

Z. S. Esse negócio aqui... Pode ser né? (a entrevistada se referiu ao escorrega de concreto com fôrma de cuscuz)

J. G. E se fosse perguntar assim... Como a senhora gostaria que fosse a Praça?

Z. S. Ah... Não... Eu acho que tá bom assim. Tá bom, só precisa mais de segurança. Acho que tem que ter um posto policial.

J. G. A senhora considera que essa Praça é um patrimônio e que deve ser protegida?

Z. S. Eu acho que sim, porque ela é grande e no final de semana o pessoal... Pais de família que tem criança vir até aqui não precisa sair, se deslocar pra outro lugar, né? Acho que é bom aqui.

J. G. A senhora sabia que essa Praça é uma Unidade Especial de Preservação?

Z. S. Não.

J. G. A senhora sabe o que é uma Unidade Especial de Preservação ou gostaria de saber?

Z. S. Preservação é aquilo que tem um museu ali?

J. G. Hum... Também, mais ou menos. Uma Unidade Especial de Preservação são praças, espaços públicos e edificações aqui em Maceió que foram escolhidas para serem protegidas pelo município. Então assim, eh... o município fez uma votação e escolheu o que tem história pra Maceió... E elegeu como Unidade Especial de Preservação o prédio da antiga Faculdade de Medicina e aquele prédio ali...

Z. S. Que é fechado?

J. G. Isso, que é fechado, eles formam um conjunto que é uma Unidade Especial de Preservação, que chamam de UEP. A senhora gostaria de acrescentar alguma coisa sobre a Praça?

Z. S. Não.

A. C. Seus filhos estudam aqui há quanto tempo já? Sempre foram do colégio aí?

Z. S. Sempre. Esses quatro anos, ele tem cinco, ele entrou com dois, mas eu sempre vinha trazer o outro... No outro colégio.

A. C. Então a sra. frequenta aqui há uns dez anos?

Z. S. Veja bem, já tem uns quatro anos que eu tava, que eu tô agora né? Eu morei antes. Aí eu me mudei pra outro lugar, pra o clima bom, aí voltei. Aí tem quatro anos, mas antes meu pai morava

ali perto do hospital, aí quando ele morava lá eu sempre vinha pra cá.

J. G. Então a senhora também tem família aqui?

Z. S. Não, porque no momento eles foram tudo simbora¹⁴⁴. Entendeu? Mas moravam.

A. C. Então quando a senhora era pequena ficava por aqui também?

Z. S. Sempre, sempre. Eu sempre vim... Sempre vim aqui na Praça.

A. C. E como era antes?

Z. S. Teve um tempo que tava muito... Acontecendo muita coisa, crime... Aí parei de vir aqui à noite. E tinha parque né? Mas assim... Foi baleado alguém, aí parei de vir aqui.

A. C. A sra. é de setenta né?

Z. S. Não, de setenta e nove.

A. C. Ah, setenta e nove.

J. G. Na época das festas de Natal....

Z. S. Foi, sempre venho.

J. G. E a sra. lembra como era a Praça antes?

Z. S. Como era? Não tinha nada né... Não tinha banco... Não tinha nada, Tinha só era essa... Aquilo ali que era aberto né (o Panteão)... Essas coisas... Só mais quando tinha parque, era bem mais movimentado.

J. G. E o Panteão quando era aberto, a senhora lembra como era ele?

Z. S. Não. Eu não lembro não. Já vi quando ele tava aberto assim... Mas não funcionava né... Só quando o pessoal usou pra fazer coisa errada. Aí por isso mais ou menos que eu acho que fecharam né?

J. G. E antes da reforma aqui na Praça a sra. [trecho não identificado]

Z. S. Sim, sim. Antes dessa reforma que já tá assim ô...

J. G. O que a sra. achou dessa reforma?

Z. S. Não... Foi boa né? Só que é tipo assim... Teve uma época que ficou bem movimentado, só que depois parou. Eu acho que por falta de segurança mais né? Aí o pessoal fica com medo. Aí hoje ficou normal, mas aí né menos pessoas. Quando inaugurou foi muita gente aí depois parou... Mas eu acho que por falta de segurança, mas se tivesse mais segurança, o pessoal vinha mais. É o meu ponto de vista né?

BARBOSA, Mônica da Silva. **Entrevista com atual usuário da Praça da Faculdade.** [mai. 2018]. Entrevistadora: Jéssica Gonçalves. Maceió, 2018. 1 arquivo .mp3 (4:34 min.).

Dados do entrevistado

Nome: Mônica da Silva Barbosa (M. B.)

Idade: 26 anos

Local de nascimento: Maceió - AL

Filiação: Maria Glória S. Melo e Edis Barbosa Melo

Local da entrevista: Praça da Faculdade

¹⁴⁴ Simbora = eles foram embora.

Ocupação: Funcionária pública

Formação: Ensino superior completo

J. G. Qual o bairro e cidade que a sra. mora?

M. B. Barra Nova [trecho não identificado].

J. G. Há quanto tempo?

M. B. Que eu moro lá?

J. G. Isso.

M. B. Quatro anos.

J. G. Com que frequência que a sra. vem à Praça?

M. B. Todos os dias.

J. G. Por qual motivo?

M. B. Pegar o ônibus.

J. G. Por qual nome que a sra. conhece essa Praça?

M. B. Praça da Faculdade.

J. G. A senhora conhece alguma história sobre a Praça... Alguma coisa... Alguma informação?

M. B. [silêncio]... Não.

J. G. A sra. acha que essa Praça tem algum tipo de cultura?

M. B. Sei não, acho que tem.

J. G. Poderia dizer o que a sra. acha... Considera...?

M. B. Aquelas coisas que tem feira... Eh... Que vem banda daqui mesmo... Acho que só isso, não sei de outras coisas não.

J. G. O que a sra. considera ruim na Praça?

M. B. Hun... Eu não ando aqui na Praça...

J. G. E de bom? Se tivesse alguma coisa de boa aqui na Praça?

M. B. Ah, é bom... A estrutura da Praça é boa... Hun... Acho que o verde também tá maltratado, acho... Acho que é ruim, a natureza mesmo, a questão da natureza, mas... Segurança também... Acho que não tá tão...

J. G. O que mais chama atenção pra senhora aqui na Praça? [silêncio] A senhora bateu o olho na Praça e... Ah, isso está me chamando atenção aqui na Praça.

M. B. Ah, só aquela área ali mesmo do... De academia... De... É, de exercício.

J. G. Se a sra. fosse perguntada sobre como gostaria que fosse a Praça, a sra. responderia...

M. B. Que tivesse mais verde, que tivesse coisa pra criança também, que tivesse um brinquedo pra criança... Que tivesse algum tipo de segurança a mais.

J. G. A sra. considera essa Praça um patrimônio e que deveria ser protegida?

M. B. Sim, sim.

J. G. A sra. sabia que essa Praça é uma Unidade Especial de Preservação?

M. B. Não.

J. G. A sra. sabe o que é?

M. B. Não

J. G. Gostaria de saber sobre?

M. B. Gostaria.

J. G. Então, Unidade Especial de Preservação são espaços ou edificações aqui em Maceió que foram eleitos para ser protegidos pelo município. É como se fosse um bem tombado, entendeu? É um patrimônio cultural... Então, essa Praça junto com esse prédio e o Panteão, forma um conjunto de Unidade Especial de Preservação do bairro.

A. C. O prédio da Faculdade... De Medicina e esse mausoléu aqui atrás.

M. B. Ah, sim.

ANEXO

ANEXO A – Lei Municipal nº 248 de 1952 dá novas denominações a Praça Siqueira Campos e a Av. 5 de Julho situadas no Prado.

Paulo Valente

Lei n.º 248 - de 20 de outubro de 1952.

Dá novas denominações à Praça Siquira Campos e à Av 5 de julho, situadas no Prado.

A Câmara Municipal de Maciço deuta e em sanciona a lei seguinte:

Art. 1.º - Passam a denominar-se Dr. Afonso Jorge a atual Praça Siquira Campos, e Siquira Campos a atual Av 5 de julho, no distrito do Prado.

Art. 2.º - A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3.º - Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Maciço, 20 de outubro de 1952.

a) Abelardo Pontes Lima

Prefeito

Jose Lourenço de Souza

Secretário Geral, subst.

Publicada na Secretaria da Prefeitura Municipal de Maciço em 20 de outubro de 1952.

a) Paulo Valente Juca

Chefe de Expediente, subst.

ANEXO B – Lei Municipal nº 4.067 de 1991 que revoga a lei nº 248/1952 de 20 de outubro de 1952 que denominou de Praça Afrânio Jorge passando a atual logradouro a sua denominação original de Praça da Faculdade no bairro do Prado.



ESTADO DE ALAGOAS

Câmara Municipal de Maceió

LEI Nº 4.067

Maceió 29 de Outubro de 1991.

Faço saber que a Câmara Municipal de Maceió aprovou e eu, seu Presidente, PROMULGO nos termos do artigo 36, § 6º da Lei Orgânica do Município de Maceió, a seguinte Lei:

Revoga Lei que menciona e dá outras providências.

Art. 1º - Fica revogada a Lei nº 248/52, de 20 de Outubro de 1952, que denominou de PRAÇA AFRÂNIO JORGE, passando a atual Edgradouro à sua denominação original de PRAÇA DA FACULDADE, no bairro do Prado, nesta / Capital.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

S.S. da Câmara Municipal de Maceió, 29 de outubro de 1991.

WALTER LARANJEIRAS

PRESIDENTE

Publicado na Secretaria da Câmara Municipal de Maceió, aos vinte e nove dias (29) do mes de outubro do ano de hum mil novecentos e noventa e um (1991).

TEREZA HOLANDA

DIRETOR SUPERINTENDENTE

ANEXO C – Comprovante de envio do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa da Ufal.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió.

Pesquisador: JESSICA DE CASSIA SILVA GONCALVES

Versão: 1

CAAE: 68731817.0.0000.5013

Instituição Proponente: Universidade Federal de Alagoas

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 053879/2017

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió. que tem como pesquisador responsável JESSICA DE CASSIA SILVA GONCALVES, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal de Alagoas em 24/05/2017 às 08:53.

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões,
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

ANEXO D – Declaração de cumprimento das normas da resolução 466/12, de publicização dos resultados e sobre o uso e destinação do material/dados coletados enviados ao Comitê de Ética em Pesquisa para aprovação das entrevistas na Praça da Faculdade.

DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS DA RESOLUÇÃO 466/12, DE
PUBLICIZAÇÃO DOS RESULTADOS E SOBRE O USO E DESTINAÇÃO DO
MATERIAL/DADOS COLETADOS

Jéssica de Cássia Silva Gonçalves tendo como orientadora a Prof.^a Dra. Josemary Omena Passos Ferrare, pesquisadores do projeto intitulado **A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió**, ao tempo em que nos comprometemos em seguir fielmente os dispositivos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/MS, asseguramos que os resultados da presente pesquisa serão tornados públicos sejam eles favoráveis ou não, bem como declaramos que os dados coletados para o desenvolvimento do projeto, os questionários e ainda podendo ser fotos e filmagens, serão utilizados para investigação de vestígios no sentido de revelar a chave de entendimento de uma sociedade num determinado período de tempo através de análise e, após conclusão da pesquisa, serão utilizados na dissertação de mestrado em curso e ainda transcritos e armazenados no grupo de pesquisa Representação do Lugar (RELU) para consulta posterior.

Maceió, 21 de Maio de 2017.

Jéssica de Cássia Silva Gonçalves

(Assinatura dos pesquisadores)

ANEXO E - Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (T. C. L. E.).

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) Jarbas Louisa da Silva está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió, recebendo da Sra. Jéssica Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se basciam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu mnemônico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantém a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto à equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu


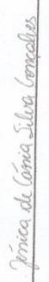
DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.
Telefones p/contato: (82) 9.9322-4530 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danos durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Retórica, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 3214-1041

Maceió,

	
Assinatura ou impressão dactiloscópica d(o/a) voluntário(o/s) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura de(s) responsável(is) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) Maria Inês de S. Santos está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió, recebendo da Sra. Jéssica Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se basiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu mnemônico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura present, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantém a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu

DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Endereço: Av. Lourival Melo Motz, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.

Telefones p/contato: (82) 9.9522-4530 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas Prédio da Retoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária. Telefone: 3214-1041

Maceió,

<u>Maria Inês de S. Santos</u>	<u>Jéssica de Lima Silva Gonçalves</u>
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntário(a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do(s) responsável(is) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) Marcia da Silva Gonçalves, está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió, recebendo da Sra. Jéssica Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu mnemônico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo de pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantém a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto à equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu

DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:
Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Endereço: Av. Lourival Melo Motz, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.
Telefones p/contato: (82) 9.9522-4530 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Retoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 3214-1041

Maceió,

<u>Marcia da Silva Gonçalves</u>	<u>Jéssica da Silva Gonçalves</u>
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntário(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do(s) responsável(is) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) Adriana Silva Cordeiro, está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo **A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió**, recebendo da Sra. Jéssica de Cassia Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu memórico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu

DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:


Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.

Telefones p/contato: (82) 9.9322-4530 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 3214-1041

Maceió,

	<u>Adriana Silva Cordeiro</u>
Assinatura ou impressão dactiloscópica d(o.a) voluntário(a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do(s) responsável(ais) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.



Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:
Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.
Telefones p/contato: (82) 9.9322-4530 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 3214-1041

Maceió,

Assinatura ou impressão dactiloscópica d(O,S) voluntário(O,A) ou responsável legal e rubricar as demais folhas
Nome e Assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) Joice de Cássia Silva Gonçalves está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo **A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió**, recebendo da Sra. Jéssica de Cássia Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu mnemônico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto à equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) ADRIANA VENÂNCIO DA SILVA está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió, recoberto da Sra. Jéssica de Cássia Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu intemômico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma intercorrência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto à equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu

DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço das responsáveis pela pesquisa:
Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Marins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.
Telefones p/contato: (82) 9.9922-4330 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Retorta, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 3214-1041

Maceió,

<u>Adriana Venâncio da Silva</u>	<u>Jéssica de Cássia Silva Gonçalves</u>
Assinatura ou impressão dactiloscópica d(o,a) voluntário(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do(s) responsável(ais) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) MARCOS ROCHA DA SILVA está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió, sob a orientação da Sra. Jéssica de Cássia Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alterando para a importância da preservação desta e do seu memômico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejari, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto à equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.


Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu

DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:
Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP. 57072-970.
Telefones p/comitaz: (82) 9.9322-4330 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou dúvidas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 3214-1041

Maceió,

	<p><i>Marcia de Lorna Silva Gonçalves</i></p>
<p>Assinatura ou impressão datiloscópica d(o)a voluntário(a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas</p>	<p>Nome e Assinatura do(s) responsável(ais) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)</p>

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) M^a do Socorro T. da Silva, está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió, recebendo da Sra. Jéssica Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu memórico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa, poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu

DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.

Telefones p/contato: (82) 9.9322-4530 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danos durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária. Telefone: 3214-1041

Maceió,

<u>M^a do Socorro T. da Silva</u>	<u>M^a do Socorro T. da Silva</u>
	Nome e Assinatura do(s) responsável(is) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) Flávia Jovias Souto, está sendo convidado(a) a participar como voluntário (a) do estudo **A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió**, recebendo da Sra. Jéssica de Cassia Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu mnemônico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e ressignificação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto à equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Endereço: Av. Lourival Melo Moura, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.
Telefones p/contato: (82) 93322-4530 / (82) 9-9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danos durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Retórica, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 3214-1041

Maceió,

	
Assinatura ou impressão dactiloscópica d(o)a voluntário(a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do(s) responsável(is) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) IVANILTO ANTONIO DA S. SANTO, está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo **A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió**, recebendo da Sra. Jéssica de Cássia Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu mnemônico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto à equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:
Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.
Telefones p/contato: (82) 9.9322-4530 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 3214-1041

Maceió,

<u>Ivanildo Antonio</u>	<u>Jéssica de Cássia Silva Gonçalves</u>
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntário(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) Assis J. S. está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo **A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO**: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió, recebendo da Sra. Jéssica de Cassia Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu memmônico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a rebrida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.


Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu

DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:
 Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
 Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP- 57072-970.
 Telefones p/comam: (82) 9.9322-4530 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danos durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
 Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
 Prédio da Retórica, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
 Telefone: 3214-1041

Maceió,

	<u>Princesa de Cassia Silva Gonçalves</u>
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o.a) volumar(o.a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do(s) responsável(ais) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) Simone Leitura, está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió, recebendo da Sra. Jéssica de Cássia Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu memórico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto à equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu

DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço das responsáveis pela pesquisa:
Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.
Telefones/plcontato: (82) 9.9322-4530 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danos durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Retoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 3214-1041

Maceió,

	
	Nome e Assinatura do(s) responsável(ais) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)


Assinatura ou impressão dactiloscópica d(o)a voluntário(o)a ou responsável legal e rubricar as demais folhas

DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:
 Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
 Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Marins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.
 Telefones p/contato: (82) 9.9222-4330 / (82) 9.9948-5183

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danos durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
 Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
 Prédio da Retórica, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
 Telefone: 3214-1041

Maceió,

	Nome e Assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)
Assinatura ou impressão dactiloscópica d(o,a) voluntário(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) Silvana Maria Leite Brand está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo **A PRACA ALÉM DO MONUMENTO**, a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió, recebendo da Sra. Jéssica de Cassia Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se basciam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu memnônico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma intercorrência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações colhidas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) Jessica dos Santos está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo **A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió**, recebendo da Sra. Jéssica de Cássia Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu mnemônico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e ressignificação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto à equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP: 57072-970.
Telefones p/contato: (82) 9.9322-4530 / (82) 9.9948-5183

**ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 3214-1041**

Maceió,

<u>Jessica dos Santos</u>	<u>Jéssica de Cássia Silva Gonçalves</u>
Assinatura ou impressão dactiloscópica d(o,a) voluntário(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do(s) responsável(ais) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

+

1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

O Sr. (a) Xl Mônica da Silva Barbosa, está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo A PRAÇA ALÉM DO MONUMENTO: a representatividade da Praça da Faculdade como patrimônio cultural do Prado em Maceió, recebendo da Sra. Jéssica Silva Gonçalves, estudante no mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), responsável por sua execução, as seguintes informações que farão entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo objetiva responder em que se baseiam a identidade e memória da Praça da Faculdade, alertando para a importância da preservação desta e do seu mnemônico, como patrimônio cultural do bairro do Prado e de Maceió.

Que os resultados que se desejam alcançar são o conhecimento da história, do cotidiano, da população e da cultura presente, possibilitando compreender a identidade e a memória da Praça em relação ao seu passado, presente e futuro como base para entendimento e conhecimento do que deve ser protegido, com intenção de promover e difundir, viabilizando a preservação e reapropriação do lugar.

Que a coleta de dados começará em agosto e terminará em setembro do ano de 2017, podendo ser alterado caso haja alguma interferência externa.

Que a participação do (a) Sr. (a), por meio de entrevista, no referido estudo será na intenção de se entender qual a minha memória em relação à Praça da Faculdade, qual a sua relação atual com a referida Praça e o quanto conhece esse patrimônio.

Que os incômodos e riscos que poderá sentir com a participação são inibição/constrangimento diante de um observador, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder, perda de tempo, fadiga no caso de uma entrevista prolongada, entre outros.

Que para se evitar os riscos o responsável pela pesquisa poderá interromper a qualquer momento a entrevista, não usar as informações coletadas sem que seja consentido e não insistir na resposta de qualquer uma das perguntas. Caso tenha ocorrido algum incômodo ou risco, o responsável pela pesquisa prestará a assistência que se fizer necessária na intenção de saná-los.

Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que não diretamente são: entendimento e divulgação dos aspectos que mantêm a Praça da Faculdade hoje como um patrimônio histórico cultural e o benefício de participar do processo de ações para preservação da mesma.

Que será informado do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da participação não permitirão a identificação da pessoa, exceto à equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.

2

Que será indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso em DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL., CEP: 57072-970.
Telefones p/contato: (82) 9.9322-4530 / (82) 9.9948-5183

**ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 3214-1041**

Maceió,

<u>Xl Mônica da Silva Barbosa</u>	<u>Mônica de Lórcia Silva Gonçalves</u>
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntário(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)